
Judith James
ASA QUEBRADA

Asa Quebrada

Judith James

Sinopse

Ambientado durante o começo caótico do governo de Napoleão, esta saga conta a história de Gabriel St. Croix, um sobrevivente da rua à procura de um lugar para pertencer. Abandonado quando criança, ele cresceu em um bordel e nunca conheceu a amizade ou carinho. Escondendo cicatrizes físicas e emocionais por trás de uma fachada de gelo, seu único relacionamento é com um jovem menino, a quem ele passou os últimos cinco anos protegendo da realidade brutal de seu ambiente. Mas, isso tudo está prestes a mudar. A família do menino o encontrou, e eles estão vindo para o levar para casa.

Sarah Munroe se culpa pelo desaparecimento de seu irmão. Quando ele é localizado, são e salvo, apesar de onde tem vivido, Sarah promete ajudar o homem que o salvou e protegeu da melhor maneira que pôde. Com paciência amorosa, ela ajuda Gabriel a enfrentar seus demônios e lhe ensina a confiar na amizade e no amor. Mas quando o passado o alcança, Gabriel o deve enfrentar por conta própria. Tornando-se um mercenário, pirata, e jogador profissional, ele viaja para Londres, França, e a Costa Barbéria em uma tentativa desesperada de encontrar Sarah novamente. No caminho, porém, ele vai descobrir que a jornada mais perigosa e a maior aposta de todas está dentro dos lugares mais escuros de seu próprio coração.

Este livro é dedicado aos meninos perdidos.
Deus os abençoe.
Que encontrem um lugar para pertencer, e alguém para amá-los à medida que eles merecem.

Prólogo

Vestindo um novo terno, sapatos apertados, piscando por causa dos raios do sol, seus olhos estão grudados na porta preta e ameaçadora. A aldrava, uma gárgula sorridente, o está observando, com olhos vivos e um sorriso malicioso. Isso é ruim! Um lugar ruim! Ele choraminga com medo quando a porta se abre. Eles o querem deixar aqui. Ele sabe disso. Desculpe, desculpe, desculpe! O que quer que ele tenha feito, não o fará novamente. Nunca! Por favor! Eu não gosto daqui! Mas eles o empurram e ele é impotente para resistir. — Bonita criança! — Ele ouve quando a porta preta se abre. Eles o agarram, mãos ávidas o puxam para o lado de dentro.

Ele está correndo tão rápido quanto pode por corredores tortuosos, passando por portas abertas, com medo de olhar para dentro. Ele pega vislumbres, rostos vermelhos bravos, sorrisos, chicotes, correias e carne nua, e alguém grunhindo. Ele ouve gemidos, sussurros sibilantes, gritos feios de prazer e de dor enquanto tenta freneticamente achar um modo de sair. Algo horrível, mal, está logo atrás, tentando pegá-lo, agarrando o seu salto de sapato, arrancando sua camisa. Ele evita e torce, muito apavorado para girar ou olhar. Se o fizesse, cairia nele, e estaria perdido.

Nenhuma porta, nenhuma fuga, mas ele corre, respiração ofegante e agitada, coração martelando e chacoalhando em seu peito. Adiante, a figura de uma mulher gira em sua direção, acenando. Esperança. Se ele a pudesse alcançar, tomar a sua mão, ela o levaria deste lugar. Uma explosão de velocidade, mão estendida. Ele é empurrado de volta barbaramente, seu tornozelo é pego em um aperto que queima sua carne e gela sua alma. Ele ainda luta, dedos arranhando, se prendendo ao tapete, se agarrando ao chão enquanto é inexoravelmente arrastado de volta para a porta preta aberta. Sem som ele grita, grita e grita.

***

Gabriel está curvado em seus joelhos contra a pedra fria de uma ruela antiga fedorenta com o cheiro de urina, vômito e salsicha cozida. Uma porta bate ao longe. O som do amaldiçoar de um homem e depois, de uma mulher, seguido por bofetões, gritos, e então silêncio. Longe, o som de um violão chega até ele, melancolia no ar da noite fria. Existiam sons no edifício atrás dele, mais íntimos, mas amortizados por pedra, argamassa e paredes de tijolo espessas.

Ele se voltou e tomou um longo trago da garrafa ao lado dele, enquanto

olhava, sem foco, para o céu distante.

Uma vez, anos atrás, antes que toda a sensação de maravilha lhe tivesse sido tirada, ele subiu perto dali, em uma noite fria de agosto, e tropeçou em um reino encantado de fadas. As luzes mágicas dançavam acima, fluindo através do céu, deixando trilhas arqueadas de cor e fogo em seu rastro. Ele pediu desejos durante esse espetáculo, um depois do outro, e sonhou por algum tempo que eles poderiam se realizar. Criança estúpida!

Agora o céu da noite era preto, frio e indiferente. Aliviado apenas por reluzir fragmentos de sóis severos e distantes que não ofereciam nenhum calor, nenhuma iluminação, e nenhum conforto. Desesperado para escapar dos pesadelos que o perseguiram em seu sono, acariciou a lâmina seguramente apertada entre seus dedos, estremecendo quando o aço frio deslizou delicadamente pela carne tenra. Existia um pouco de *frisson* na dor, quase prazer, como vida carmesim escoada em uma faixa delicada, lentamente cercando o seu pulso. Novamente, o aço beijou a carne. Não muito fundo. Não agora. Não ainda. Morto por dentro, inanimado e vazio, as pulseiras carmesins ofereciam uma prova necessária de que no momento, pelo menos, ele estava ainda neste mundo.

Estendendo os braços para fora, ele os girou experimentalmente, à esquerda, à direita, seus pulsos mal visíveis na luz pálida, entretanto seus olhos estavam acostumados à escuridão. O sangue espessou, diminuiu a velocidade, quase parando. Linhas escuras e grossas misturavam-se com prata fina e branca, em um padrão complicado de desafio e desespero. Ele se permitiu outro trago, um prazer solitário, um conforto pequeno em uma noite fria e cavernosa. Ele sentiu a umidade no vento inconstante quando ergueu uma mecha de seu cabelo e bateu contra sua bochecha. Era uma carícia fria que o gelou até o osso. Olhando para cima, ele viu nuvens movendo rapidamente e correndo através da noite, como pequenas criaturas assustadas tentando escapar de alguma besta implacável e faminta.

Abaixando contra o vento, ele rolou sobre suas costas, dedilhando a lâmina. Ele a desenhou suavemente através de sua bochecha, de um lado para outro. Seus lábios curvados em um sorriso. Ele soube que não faria isto. Ele não tinha nenhuma habilidade se não as de um prostituto. Nenhum recurso, nada de valor além do corpo e seu rosto, e enquanto vivesse precisaria deles, mesmo sendo traiçoeiros e degradantes como eram. Quanto à morte, bem… existia o menino para considerar. Não entendia realmente, como ele o deixou vulnerável deste modo. Tinha um plano, dinheiro acumulado e escondido, uma meta, e sempre

existiu alguma medida pequena de controle. Poderia recusar uma coisa se quisesse. Eles o castigariam, sim. O fariam pagar e lamentar isso, mas tinham um negócio e ele era valioso, e nunca tinham ido muito longe.

Então a criança apareceu, e algo dentro dele, algo fraco e traiçoeiro, o havia tomado. Ele quis… precisava… proteger o menino, mantê-lo seguro e inocente. Bem, tão inocente quanto uma criança podia ser perto do enxofre, refletiu, com um sorriso e outro trago. Eles acharam isso divertido, mas mais importante, acharam lucrativo, e então permitiram, porque sabiam que Gabriel faria qualquer coisa para proteger o menino. E então, ele tinha qualquer coisa e tudo.

Ele parou, sentando com uma perna curvada. Guardando a lâmina em uma manga do casaco, embrulhou seus braços ao redor dos seus joelhos e descansou seu queixo. Um arrepio o atravessou. Sua tarefa estava quase feita. Parecia que o menino tinha uma família. Ele supôs como todos os pequenos meninos estúpidos perdidos que sonhavam com uma família que iria achá-lo, movendo céu e terra até ele estar seguro novamente em casa. Nunca aconteceu, entretanto. Mas desta vez, contra todas as probabilidades, parecia ser verdade.

O pequeno Jamie, bem, James, agora supôs, tinha uma família que o procurava nos últimos cinco anos, e o acharam, ou assim os mensageiros tinham dito. Existiam dois deles agora, postados na frente do estabelecimento de Madame para ter certeza que a criança não estaria perdida novamente. Eles estavam chegando, esta família, um homem e uma mulher, vindos da Inglaterra. Eles chegariam antes da semana terminar.

Bom! Ele estava contente pelo menino. Ele não o podia manter seguro por muito mais tempo. Ele era uma criança bonita, crescendo suculenta e doce. Existia uma oferta já. Ele logo valeria mais do que a obediência de Gabriel, e então estaria perdido. Agora, ele podia voltar para casa, são e salvo, chamuscado pelas chamas talvez, mas não consumido.

Quanto a ele, bem, quanto mais cedo o pirralho se fosse, melhor. Ele estaria livre afinal. Livre para partir, para cuidar dos seus próprios e melhores interesses… Ah, Cristo! Por que se preocupar em fingir? Pegando a garrafa com dois dedos, ele voltou a beber novamente, drenando as últimas poucas gotas antes de lançá-la para os paralelepípedos abaixo. Ele riu em uma alegria bêbada pelo som que a garrafa fez quando quebrou e se dispersou em milhares de pedaços minúsculos. Tome seu prazer onde puder, menino. Você é nada mais que um qualquer, um gigolô. Não existe nada por que viver, ninguém que se importa, e seus prazeres são raros.

Ele se acomodou de volta com um sorriso. Ele era tão estúpido quanto

qualquer um deles. Ele se permitiu fingir que o menino Jamie era sua família. Deu a ele uma razão para continuar, um dia após o outro, e entretanto estava contente, verdadeiramente contente, e profundamente aliviado que o menino logo iria embora, e temia isto, também. Era um pavor profundo, um terror abafado no estômago de retornar ao vazio, solitário e desolado, onde viveu a maior parte de sua vida.

Talvez, depois que o menino se fosse, ele acharia a coragem para se dar alguma paz. Não aqui, entretanto. Não. Ele tinha uma memória distante de estar perto do oceano, a pele picando, o cheiro e gosto de sal. Era a única reminiscência pacífica que possuía. Ele guardou isso ciosamente, embelezando com memórias obtidas emprestadas de livros e histórias das pessoas, até que adquiriu um brilho e familiaridade que o fazia se sentir em casa. Era para onde iria quando chegasse a hora. Ele viajaria para o oceano, se deitaria e deixaria a água lavá-lo até ficar limpo. Ele estava muito cansado. Oh, Cristo! Ele não estava chorando, não é?

Como se zombando, uma gota de chuva, gorda e gélida, espirrou contra sua face, se misturando com suas próprias lágrimas amargas e quentes. Foi seguida por outra, e então outra. As nuvens estavam correndo sobre sua cabeça agora, e um trovão gemeu e murmurou ao longe. Bom Deus, muita bebida podia torná-lo um bobo sentimental! Precisando urinar, cansado de autopiedade, cansado até o osso, ele se arrastou até ficar sobre os seus pés.

Olhando uma última vez para o céu bravo, ele esboçou uma elegante e zombeteira reverência para qualquer sádico todo-poderoso que governasse o universo. Cruzando seus braços acima do peito, a camisa molhada com sangue, chuva, e lágrimas, ele andou em direção aos sons de riso estridente, e dos gemidos suaves de prazer e dor de homens e mulheres. Abrindo a porta, andou para dentro. Úmido e fervendo, cheirando a uísque, rum, tabaco e sêmen. Cheirava sexo e desespero. Ele sorriu. Cheirava como a casa.

Capítulo 1

Sarah, Lady Munroe, também era conhecida como a Condessa Cigana, um apelido dado a ela por causa de sua ascendência desgraçada, e também por seu comportamento ainda mais desgraçado. Menos de cinco anos atrás, o mundo educado tinha ficado chocado e excitado quando ela deixou o marido de idade avançada apenas uma semana depois de suas núpcias. Fôra extensamente espalhado que ela se vestiu como um homem, trabalhando com piratas, e que entre seus numerosos amantes estava o próprio meio-irmão, Ross. Tudo menos a última parte era verdade.

Ela olhou agora para o irmão, com compaixão. Sua luxuosa e bem equipada carruagem sacudiu e dançou, fazendo-os ranger dentes e ossos, enquanto eles empreendiam sua apressada viagem para Paris. Há dez anos, as ruas desta cidade se tingiram de vermelho com o sangue derramado, quando seus cidadãos se voltaram contra a aristocracia em um excesso de patriotismo e fervor democrático, cortando muitos deles em pedaços. Agora, à beira de um novo século, estes idealistas sanguinários, finalmente saciados e chocados pelos esforços daquela matriarca voraz, "Madame Guilhotina," procuravam por confiança e ordem. Sua atenção tinha se voltado para um jovem corso pálido, Napoleão Bonaparte. Brilhante, carismático, e politicamente astuto, ele estava rapidamente se tornando uma força a ser reconhecida no Continente, e uma causa de grande preocupação para a Inglaterra.

Nada disso provocou qualquer choque negativo no comércio e na frequência dos bons bordéis parisienses. Incerteza, perigo e a guerra eram afrodisíacos, e bordéis estavam operando a toda capacidade, suprindo para os bem-aventurados e fornecendo diversões deliciosas adaptadas a qualquer necessidade, não importando orientação política ou preferência sexual. Era justamente para tal lugar, de Madame Etienne, *Maison de Joie*, que Ross e Sarah agora se apressavam esperançosos de achar seu irmão mais novo.

— Oh, Deus, Ross, você realmente pensa que é ele? Podia ser afinal depois de tantos anos? — Sarah fechou os olhos, desesperadamente querendo acreditar nisto, e com medo do que significava se fosse verdade. O pensamento da criança inocente com quem brincou de soldadinhos de metal, vivendo aí nestes últimos cinco anos, a enchia de horror.

Ross estendeu a mão, batendo levemente na dela. — Eu tenho uma razão

muito boa para esperar que seja, minha querida. Nossos agentes fizeram um trabalho completo investigando. Essa criança tem a idade e coloração certas, e segundo eles, existe uma notável semelhança familiar. Eles puderam verificar como veio de Londres até o Continente. Ele chegou a Madame Etienne um mês depois que James desapareceu.

Ele olhou para fora da janela preocupado e muito mais ciente do que Sarah, do que isto significaria. — Nós devemos estar preparados, Sarah. Ele provavelmente não vai nos reconhecer, e ele não será a criança de que se lembra. Ele passou indubitavelmente por uma provação. Sem dúvida, ele foi vítima de muitas provações….

— Shhh, — ela interrompeu, segurando sua mão. — Pense somente, Ross, que afinal, depois desse tempo todo, nós o achamos. Se ele não lembrar, então nós lembraremos a ele. Se ele estiver machucado nós o curaremos, e por Deus, nós o traremos para casa!

Inclinado nas almofadas, Ross movimentou a cabeça de acordo, um pouco de sua ansiedade diminuindo. Ela teria sido um comandante excelente, refletiu. Ela tinha a habilidade de olhar para uma situação complexa e achar seu âmago. Ele pensou sobre o que ela disse e rezou para Deus que fosse tão simples.

O dia quente de primavera deu lugar às sombras mais frias do final da tarde enquanto eles se dirigiam à cidade, em silêncio, perdidos em seus pensamentos. Era uma cidade de contrastes. Os belos boulevards verdes com brotos da primavera estavam alinhados com imponentes casas cercadas com grades pretas de ferro forjado e janelas encaixadas com cores fortes. Dispersos entre elas estavam habitações abandonadas, deformadas e saqueadas, com portões quebrados e paredes caídas, destroços da revolução e guerra civil.

À medida que eles chegavam ao centro da cidade e passavam por ruelas estreitas cheias de curtidores e peixeiros, o fedor que vinha deles se juntou ao ruído de carruagens e o grito de comerciantes, em uma mistura nociva de cheiro e barulho, que deixou Sarah se sentindo nauseada. O congestionamento crescente ficava mais pesado enquanto avançavam por bairros movimentados com as lojas e restaurantes, de onde vinham o perfume de flores, pão recentemente assado, e os odores pungentes de tabaco, café, e perfume. Em todos os lugares, multidões discutiam, regateavam, e socializavam. Isso tudo a lembrou de uma grande besta belicosa. Essa besta engoliu o seu irmão.

Eram mais de quatro da tarde, e a cidade ia se acalmando enquanto os seus habitantes buscavam o jantar, quando finalmente chegaram à casa de Madame Etienne. A elegante casa de cidade, com sua fachada de tijolo creme e janelas

de um rosa desbastado, empoleirada em um canto alto de uma colina, como se guardando o amontoado de ruelas e ruas estreitas abaixo. Existia uma sacada grande no segundo andar e uma menor no terceiro. Um porteiro de libré estava de pé. Uma aldrava na forma de uma gárgula grotesca era a única sugestão de que a casa era mais do que uma benigna, sóbria e privativa casa.

Sarah estremeceu. — O quão inócuo parece, — meditou em voz alta. Devia parecer mais ameaçadora, funesta e escura, com torres crenuladas, como a casa de uma bruxa, ou o castelo do mal de um conto de fadas. Suas palmas coçavam, e ela teve que se concentrar para respirar. Ross, com o rosto sombrio, a ajudou a descer da carruagem. Um diminuto homem ruivo avançou para apertar a mão de Ross.

— Sr. Giles, de Bow Street, senhor. Meu companheiro, Sr. Smythe, está lá dentro com o menino.

O primo de Sarah e o melhor amigo de Ross, chamado pelos mais conhecidos de Gypsy Davey, organizou a papelada que precisaram para viajar à França, e ele foi o primeiro a sugerir que procurassem os serviços dos agentes de Bow Street. Era algo relativamente novo no mundo da execução da lei, os agentes eram conhecidos por trabalhar em missões particulares e sua reputação era excelente. O investimento tinha valido a pena. Em apenas quatro meses eles produziram resultados onde os últimos quatro anos haviam sido estéreis.

— Sr. Giles, eu posso lhe apresentar minha irmã, Lady Munroe?

— Uma honra, Madame, — Sr. Giles disse com uma reverência. — Não são muitos que se preocupariam com um rapaz que ficou em um lugar como este.

Sarah endureceu. — Por que não, senhor?

— Sem ofensa, milady, só falando a verdade de Deus.

— Como está o rapaz? — Ross cortou a conversa antes de Sarah poder responder.

— Ele parece surpreendentemente bem, senhor, dadas as circunstâncias. Não o mais bem educado, um pouco arrogante, mas o rapaz tem coragem. Ele não parece estar muito gasto. Corando, ele lançou um olhar em direção a Sarah. — Peço o seu perdão, Madame. Nós devemos entrar, senhor? Madame. Ele está esperando na sala de visitas com o Sr. Smythe. A velha bruxa, Madame Etienne, está na biblioteca.

Um mordomo cheio de pompa, duro, formal, e elegantemente vestido, os conduziu por um corredor até um espaçoso salão com um teto alto e pisos de mármore preto e branco. As paredes estavam cobertas com pinturas representando algumas das cenas mais notórias de mitos clássicos. Eles o

seguiram por um salão suntuosamente decorado com papel de parede de seda, pintando com homens envolvidos em acrobacias eróticas com uma variedade de companheiros, masculinos e femininos. A impressão geral era de uma libertinagem opulenta.

A biblioteca foi um alívio bem-vindo da lascívia calculada do resto da casa. Painéis de carvalho, contendo paredes entalhadas, uma lareira imponente, e mobília confortavelmente designada com ricos brocados e veludos. Existia uma escrivaninha grande, e atrás estava sentada uma pequena mulher de cabelo prateado, que se não fosse o cintilar de avareza e desprezo em seus olhos, poderia ser confundida com uma viúva ou a tia de alguém. Ela não se incomodou em levantar, mas fez um gesto régio para Ross e Sarah ser acomodarem.

— Chá? Conhaque, talvez?

— Nós não viemos aqui para socializar, Madame Etienne. — Ross disse.

— Não? Bem, então, vamos aos negócios. Você deseja ver o menino. Primeiro, deixe-me dizer a você que este assunto tem sido um grande incômodo e eu devo esperar compensação, seja o menino relacionado com você ou não. Você também deve saber que custou muito para alimentar, vestir, e… para treinar.

Ross ligeiramente endureceu, e se debruçou adiante. — Seja muita cuidadosa, Madame, — suavemente advertiu. — Se este menino é meu irmão, quer dizer que você sequestrou, e manteve preso, um herdeiro da aristocracia inglesa. Você o dará para mim imediatamente, sem pergunta, e minha irmã e eu o levaremos para casa, ou dou a você minha palavra, que mais que certamente verei você… Compensada.

Momentaneamente aborrecida, Madame Etienne recuou, piscando, e então se recompôs, seu sorriso malicioso substituído por um olhar de inocência ferida. — Mas, *monsieur*, isto é *ridiculous*! Eu não sequestrei o menino. Eu o salvei! Eu não o encarcerei. Eu lhe dei uma casa! Você faz tais ameaças! Para mim, que cuidou da criança e o alimentou e o vestiu quando ele não tinha nenhuma família para lhe cuidar. Claro, se ele for seu irmão, você o deve levar. Eu só quero o bem do menino.

— Nós desejamos vê-lo, Madame. Agora!

Madame Etienne fez um gesto para o empregado que estava calado ao lado da porta. — Traga o menino, Henri.

Um silêncio desconfortável se seguiu, aliviado apenas pelo monótono tiquetaque do relógio e os sons distantes de Paris. Todos os olhos se voltaram

quando a porta foi aberta com um leve clicar, e um menino jovem, delicado, de cabeça baixa, e pequeno, entrou andado indeciso. Ele estava acompanhado por um corpulento homem moreno de cabelos castanhos que pareceria estar mais confortável em um ringue de boxe. — Boa noite, chefe, milady. Sr. Smythe, à sua disposição. Eu posso apresentar o jovem James aqui? — Ele falou, encorajando o menino para frente com uma mão tranquilizadora em seu ombro.

Sarah e Ross se levantaram, atordoados que o momento finalmente chegara. Não existia nenhuma dúvida. Ele estava mais alto e seu rosto perdera as feições infantis, mas os olhos verdes brilhantes e a sugestão de sardas estavam inalterados. Era uma criança bonita, a imagem cuspida de seu pai.

Olhos estreitados com hostilidade, o menino olhou para a alcoviteira antes de girar e examinar os estranhos que o mandaram buscar. Seu olhar era direto e muito seguro, e mostrava uma mistura de suspeita e curiosidade.

Ross notou com alívio, e um pouco de surpresa, que não existia nada de servil no rapaz, nenhuma sugestão de depravação. Existia precaução e desconfiança, mas nenhum medo. Sr. Giles estava correto. De alguma maneira, notavelmente, o menino não parecia sofrido. — Boa tarde, James. Você sabe quem somos, e por que nós estamos aqui? — Ele perguntou, quebrando o silêncio.

— Gabriel diz que vocês são os meus pais e que vieram para me levar para casa, — Jamie respondeu com uma sugestão de desafio.

— Nós não somos seus pais, James, mas somos sua família. Meu nome é Ross. Eu sou seu meio irmão e o Conde de Huntington. Esta é a sua irmã, Sarah, Lady Munroe, e nós procuramos por você há muito tempo.

— Levou um tempo muito longo para me acharem, — Jamie disse, sem se impressionar.

— Sim, Jamie, nós sabemos, — Sarah interrompeu. — Você se lembra de mim? Nós costumávamos brincar de soldados juntos, muito tempo atrás. — O menino olhou para ela com um cintilar de interesse mas agitou sua cabeça, com um não. Sarah avançou impulsivamente, envolvendo-o em seus braços. — Bem, eu me lembro de você, Jamie, e estou muito contente que nós afinal o achamos.

O rosto de Jamie ficou vermelho, e depois de um momento de rendição, ele se afastou para longe.

Ross deu-lhe um tapinha no ombro. — Eu sei que nós parecemos estranhos agora, rapaz, mas isso mudará logo. Dê um pouco de tempo. Nós somos da família, e você está seguro agora. Isso é tudo o que importa no momento. Nós estaremos mais bem familiarizados quando chegarmos em casa. Sr. Smythe?

Por favor informe ao Sr. Giles, e peça-lhe para alertar os cocheiros.

— E Gabriel?

— Gabriel?

— Eu não vou partir a menos que ele venha também, e não jantei ainda, — o menino declarou enfaticamente. Seu lábio tomou um riste teimoso como se preparasse para uma batalha.

Sarah estendeu uma mão para arrepiar seu cabelo, mas ele se afastou. — Acalme-se agora, — disse com a voz tranquila. — Quem é Gabriel, Jamie?

A Madame, que tinha assistido tudo com olhos calculistas, respondeu por ele. — Ele é um de meus empregados premiados, altamente buscado tanto pelos homens como pelas mulheres que frequentam este estabelecimento. — O menino a olhou cautelosamente.

— Nos deixe agora, Madame, — Sarah comandou. — Nós falaremos em particular. Meu irmão está com fome. Veja que uma refeição seja preparada para ele.

Estalando de indignação por ser expulsa de sua própria biblioteca, a velha alcoviteira concordou, certa que existia dinheiro para ser feito aqui, apesar das ameaças do Lorde arrogante.

— Agora então, Jamie, — Sarah disse, — diga a nós sobre Gabriel. É ele outro menino que vive aqui, um amigo seu?

— Gabriel não é um menino é um homem. Ele é meu irmão mais velho. Ele cuida de mim e me ensina coisas.

Ross abaixou de forma que ele e Jamie ficaram olho no olho, e o apertou pelo ombro. — Como ele cuida de você, James? O que ele ensina a você? Ele já machucou você?

O menino bufou de desgosto e se soltou do aperto de Ross, agora bravo. — Gabriel não me machucaria. Ele é meu amigo! Ele não deixa ninguém me machucar. Quando o alemão tentou, ele…Não importa.

Sarah deu a Ross um olhar de advertência. — Você é muito sortudo, Jamie, por ter um amigo tão bom.

— Eu sei. — Jamie disse, seu lábio inferior tremendo.

— O que está errado? — Ela suavemente perguntou.

— Nada, — ele revelou. — Só que às vezes faço trapalhadas. Eles o machucam porquê de vez quando cometo um engano ou faço alguém ficar bravo. Ele diz que está certo porque é maior que eu e não se importa, que eu não devia me preocupar porque não é minha culpa… Mas eu penso… que é por minha culpa. — Sua voz era só um sussurro agora, o tique taque do relógio em um

contraponto. — Ele nunca chora, entretanto. Ele diz que eu não devia chorar.

— Oh, Jamie! — Sarah o juntou em um abraço, seu coração quebrando. — Está tudo bem chorar. Às vezes você pode.

Ross, distintamente desconfortável, limpou sua garganta e levantou regiamente sobre seus pés, agradecido e contente por deixar Sarah guiar por esses caminhos pouco conhecidos e perigosos. Uma empregada colocou sua cabeça na sala. — O menino vai jantar, então?

— Não! — Ross rosnou. — Nós vamos deixar este lugar imediatamente.

— Eu não vou sem Gabriel. Você não pode me obrigar. — Ross rilhou os dentes e se absteve de dizer, que realmente, podia. Ele estava cansado deste lugar, desesperado para remover o menino tão depressa quanto possível e o levar de volta ao ar limpo de Cornwall. — Você é um bom rapaz, Jamie, e é bom que seja leal aos seus amigos, mas Gabriel tem sua vida aqui, e a sua é conosco agora, — ele disse pacientemente.

— Ele diz isto, também. Mas eu não irei. Não sem ele.

O Sr. Smythe interrompeu. — Seu perdão, meu senhor, mas uma refeição está providenciada na sala de estar para o jovem mestre. Eu ficarei contente em acompanhá-lo, se você desejar.

Jamie olhou avidamente em direção à porta, seu estômago rosnando. — Eu estou com fome, — ele informou.

— Sim eu posso ouvir. Você não vai fugir, James?

— Não, claro que não! Você está aqui para me levar para casa. Gabriel disse que eu devo ir com você, assim irei… Se ele vier também.

— Entendo…Bem, então…o Sr. Smythe acompanhará você enquanto sua irmã e eu discutimos com seu… amigo. Você estará perfeitamente seguro com ele.

Ross olhou tristemente para Sarah quando Jamie deixou o quarto. — Gabriel disse, Gabriel pensa, Gabriel, Gabriel, Gabriel. Isto é um emaranhado. Eu não quero chatear o menino, mas, Bom Senhor! Nós dificilmente podemos levar para casa um *gigolô* completamente crescido, não importa o quão bom amigo ele tem sido.

— Por que não podemos?

— Eu imploro seu perdão?

— Por que não podemos? Você viu Jamie, Ross. Ele ainda é inocente quieto, intocado. É um milagre! Quando eu penso no que poderia ter acontecido… — Um soluço rasgou sua garganta, e Ross desajeitadamente bateu levemente em suas costas e lhe passou um lenço. Ela piscou e sorriu, tocando de leve seus

olhos. — Desculpe, não é assim que eu queria agir, mas confesso que estou um pouco exausta. Ross, este homem, Gabriel, *gigolô* ou não, esteve aqui por Jamie quando nós não podíamos estar. Ele o defendeu e protegeu, com um custo para ele mesmo. É devido só a ele que Jamie continuou a ser uma criança; que ele foi poupado dos horrores que nós temíamos ter acontecido.

— Seu ponto de vista é bom, Sarah. — Ross bateu levemente em sua mão. — Claro que sou agradecido, e ele será elegantemente recompensado. Bem o suficiente para que possa escolher viver como lhe agradar.

— Jamie quer que o levemos para casa, Ross. Que prejuízo isto pode fazer? Se ele tem cuidado dele estes últimos cinco anos, ele dificilmente o vai prejudicar agora.

— Pense, Sarah! Não é de um menino que nós estamos conversando. Ele é um homem crescido. Eu posso assegurar a você que ele não é um inocente. Pelo amor de Deus, minha querida, a senhora disse que ele é um *gigolô*!

— Ele é o amigo e o herói de Jamie, — ela obstinadamente insistiu. — Pelo menos, nós o pudemos encontrar.

— Muito bem, — Ross grunhiu, — mas prometo a você que será inútil. A alcoviteira não o desejará liberar, e ainda que queira, ele provavelmente pode não querer vir conosco.

— Talvez, Ross; entretanto, será este Gabriel que recusará, em lugar de você, e isso será mais fácil para Jamie aceitar.

Madame Etienne entrou regiamente na biblioteca vários minutos mais tarde. Restabelecendo-se atrás de sua escrivaninha, ela deu a Ross um olhar azedo. — Bem, *monsieur*, eu confio que você esteja se sentindo em casa. A única coisa que não fez foi reivindicar uma de minhas senhoras. Talvez um de meus cavalheiros fosse mais do seu gosto. Seu jovem herdeiro, ele é seu herdeiro, não é? Seu amigo, Gabriel, poderia se adaptar… a qualquer um de vocês, — ela sorriu, — ou ambos. Não? *Cest bien*.

— Madame, se você sabe o que é sábio, fechará sua boca suja e nunca mais falará de meu irmão novamente, exceto para fazer os acordos para sua partida imediata. Você também fixará um preço neste homem Gabriel, e o trará para nós agora.

— Eu terei muito prazer em deixar você ter Gabriel, por um preço. Você o pode ter pela noite. Ele é altamente qualificado e muito versátil, eu asseguro. Ele é muito procurado por nossos clientes, masculinos ou femininos, não importam os seus gostos.

Ross respondeu friamente, cada palavra claramente enunciada, — Madame

Etienne, minha paciência é pouca e está por um fio. Quanto quer por este homem para livrá-lo de qualquer obrigação que tenha com você?

— Eu não estou preparada para o liberar, *monsieur*. Ele traz muito dinheiro para este estabelecimento.

— Se é isso, Madame, então quaisquer obrigações devem ter sido resolvidas há muito tempo, — Ross respondeu mansamente.

— *Au contraire, monsieur*. — Seu sorriso era maligno; ela usou sua voz doce. — Como você pensa que ele protegeu o seu herdeiro precioso? Toda vez que alguém queria chicotear ou acariciar uma criança, Gabriel pagou à casa para ele ser deixado só. Ele deve estar contente por ver o pirralho indo embora. Agora ele ficará rico.

Ross ficou de pé. — Eu adverti que não falasse do meu irmão novamente, ou então isto se tornará um assunto para a polícia.

— Não, não, *monsieur*, seguramente não! Eu me desculpo. Eu guardarei minha língua e você refletirá no embaraço que seu herdeiro sofreria se as circunstâncias se tornassem públicas. Eu estou certa que nós podemos chegar a um acordo satisfatório. Dez mil libras, *monsieur*, e você o pode ter.

— Você está sendo engraçada, mulher!

— Eu asseguro, Senhor Huntington, eu não estou. O prazer da noite não vem barato aqui. Porque é dificilmente mais do que Gabriel gastou durante anos mantendo seu precioso pequeno irmão puro e intato.

— Muito bem, — ele disse firmemente, — mas ele não deve saber. Eu não posso imaginar que aprecie ser regateado, comprado ou vendido, como um pedaço sangrento de carne.

— Oh, ele está acostumado a isto, eu asseguro, *monsieur*. Ainda, eu temo, ambos ficaremos desapontados. Ele certamente se recusará. Henri! Vá e ache *Monsieur* Gabriel. Diga a ele que os ingleses estão indo, e o desejam encontrar.

Capítulo 2

Gabriel estava confuso e ressentido; a família de Jamie o surpreendeu pedindo para o ver. Ele não tinha esperado que soubessem qualquer coisa sobre ele, ou se importassem, se soubessem. Ele supôs que Jamie deva ter dito algo, que estavam curiosos, este senhor inglês e sua senhora. Ele esperou ser poupado de qualquer despedida. Ele se ressentiu ser exibido como um animal de jardim zoológico para sua diversão e edificação, mas estava curioso também, para ver o tipo de pessoas que atravessou o oceano para reivindicar um menino, que tipo de pessoas o tinha perdido em primeiro lugar.

Ele estava esperando os clientes de hoje à noite e já tinha começado com o conhaque, o álcool o anestesiando, o distanciando, fazendo isso tudo um pouco mais suportável. Nunca inibiu sua apresentação. Na verdade, ele a realçava, o ornamentava com uma encantadora despreocupação de comportamento pelo qual era famoso e bem pago. Era melhor trabalhar hoje à noite, qualquer coisa para encher o vazio que se vinha alargando de forma alarmante dentro dele. Ele os odiou, mesmo sem os ver, por levar o menino. Ele os odiou pelo que mais temia, porque o fariam ver Jamie pela última vez, e trairia o menino e um pouco do seu orgulho, porque tinha pedido ao Criador para ser indiferente pelos que eram deixados para trás.

Ele respirou fundo, se preparando, então abriu a porta e entrou na sala. A cadela o olhava com olhos alegres. Ela esperava entretenimento. Um senhor, alto e elegante com características que lembravam os militares, estava levantando, seus olhos mostrando certo alarme, um sorriso cortês de boas vindas colado em seu rosto. Gabriel o favoreceu com um sorriso feroz.

A Lady também se levantou. Ele conscientemente a considerou. Desproporcionalmente alta, vestida de forma imprópria, uma criatura um pouco masculina com um ar de saúde e vitalidade, ela parecia ter perdido o espartilho e a maquiagem, seu cabelo castanho caía solto em cachos revoltados. Uma amostra de sorriso, seus olhos sugeriam inteligência, e insinuavam generosidade e bom humor. Com olhos de gato, de um âmbar colorido e sardas espalhadas, ela era uma mulher extremamente bonita. Isso causou uma labareda pequena de interesse genuíno, mas ela o olhou fixamente como todas as mulheres faziam, e muitos homens. Misericordiosamente, não existia nenhum sinal do menino.

Ignorando a mão oferecida por Ross, ele se moveu para permanecer de pé contra a parede. Com uma pose negligente, o rosto pálido impassível, os exóticos olhos caídos olhando para cada um deles com amargo cálculo e desprezo sem disfarce, enquanto arrumava as dobras abundantes de renda em seus pulsos.

Fixamente, Sarah o estudou cuidadosamente. Este era o homem que Jamie considerava como família, que o abrigou a um custo considerável e por motivos próprios, nestes últimos cinco anos. Era difícil de imaginar este homem de olhar duro e reluzente mostrar uma exibição de generosidade estranha para alguém, quanto mais para uma criança, e era impossível imaginar que o poderiam levar para casa.

Seus olhos percorreram o seu comprimento. Ombros largos, ele era alto e magro, e apesar de sua postura lânguida e roupa elegante, existia algo infinitamente duro e frio, quase cruel sobre ele. Ele vestia um casaco de seda preta, decorado com pavões em azul e ouro. Suas pernas eram encaixadas em calças afinadas e compridas e botas de couro suave. Corando, Sarah ergueu o olhar e se fixou em seu jaleco. De brocado de ouro e botões de seda, combinavam com a gravura em seu casaco. Renda debruçada nos punhos da manga emolduravam mãos longas, bonitas, e dedos de aparência habilidosa que fariam inveja a um músico.

Ele não usava um plastron e sua camisa de linho estava aberta, expondo a linha elegante de sua clavícula, e a coluna forte de seu pescoço e garganta. O cabelo cor de café caíam sobre seus ombros. Emaranhados com fios cor de canela e caramelo, emolduravam as maçãs do rosto e uma boca ranzinza. Seus olhos eram chocolate escuro, sofridos, mas vivos, com inteligência, e emoldurados por pestanas cheias. Um nariz direto orgulhoso e uma mandíbula firme o salvou de uma beleza muito feminina. O efeito geral era de sensualidade e perigo. Ele era empolgante.

Com o coração batendo, com falta de ar, sua reação a ele a atordoava. Afastando os olhos, ela tentou diminuir a velocidade com que estava respirando, se dominar. Pressionando os pés firmemente no chão, dando boas-vindas à solidez embaixo dela, girou em direção a Ross, forçando se ater à sala, de volta para a conversa. Para sua surpresa, não tinha se passado muito tempo. Ela aventurou um olhar rápido de volta. Ele a olhava com olhos que já viram tudo, olhos que sabiam demais. O olhar que deu a ela era frio, desdenhoso, e um pouco triunfante. Ah, bem. Tinha sido extremamente rude olhar fixamente, entretanto, em verdade, ela tinha sido incapaz de fazer qualquer

outra coisa. Claramente, pega com a mão na massa, ela deu um leve encolher de ombros e lhe lançou um sorriso pesaroso, a surpresa em seus olhos quando ela retornou de onde estava.

Gabriel desviou sua atenção da menina, ligeiramente desconcertada. A bruxa estava cacarejando sobre algo. Estavam todos olhando fixamente para ele agora, esperando por algum tipo de resposta. — Bem, ele demorou a responder, — eu estou aqui. O que quer comigo? Meu tempo é valioso, *monsieur, madame*. Cheguem ao ponto, por favor. — Ele falou sem o menor sotaque e sua voz, funda, fresca, e ligeiramente exótica, era tão sedutora quanto o resto dele.

Ross, com seu hábito inato de cortesia seriamente testado pela falta de civilidade do outro, se recusou a ser apressado. — Sim, claro. Eu imploro seu perdão. Eu sou Lorde Huntington, e esta é Lady Munroe. James é meu irmão.

— Sim, sim, claro, e você veio para levá-lo para casa, não? Muito bom. Todos nós ouvimos a história. Tem sido a conversa aqui por dias. Agora, se você me der licença, tenho assuntos urgentes para tratar.

— Espere, *monsieur*, existe mais. — Ross seguiu adiante, apesar de suas reservas terem crescido, desde que esta criatura instável entrou na sala. — James se tornou muito afeiçoado a você. Realmente, ele não fala de outra coisa. Ele solicitou que venha conosco. Nós esperamos que você concorde.

Gabriel ficou atordoado. Era a última coisa que esperava. Ele se aprumou instintivamente, esmagando uma punhalada súbita de esperança. A não ser por uma piscadela, nenhum rastro de sua luta transpareceu em seus traços impassíveis. Tirando suas mãos dos bolsos, ele as cruzou acima de seu peito e inclinou sua cabeça para um lado. Sua resposta foi leve e divertida. — Você não parece com um sodomita, milorde. Entretanto… nunca se pode dizer, ou talvez você esteja pensando em sua esposa, sim? Eu sou muito qualificado em tais assuntos é claro, e posso dar prazer a você isoladamente, ou juntos. Talvez…

Ross permaneceu, boquiaberto com a surpresa, e Sarah explodiu em uma risada surpreendente. — Bem, Ross… eu ouso dizer que nós fomos postos, inteligentemente, em nosso lugar! Sua boca está boquiaberta.

Ross estalou a boca fechando, não mais propenso a cortesia. — Sarah, já é tempo de partimos.

Madame Etienne assistiu com indiferença divertida. Olhava para a jovem lady inglesa com nova apreciação, e se serviu de uma bebida. Era tudo muito divertido, mas ela tinha um negócio para gerir. Não havia nenhum lucro aqui. Ela deixaria Gabriel classificar os ingleses. — Eu tenho outros assuntos para

tratar, — murmurou, levantando-se com a bebida na mão. — O pirralho estará a caminho. Toque por Henri quando vocês estiverem prontos para ir.

Gabriel começou a andar em direção à porta, também, mas Sarah se moveu para bloquear seu caminho. — Um momento mais de seu tempo, *monsieur*, *s 'il vous plait*. Nossos negócios ainda não estão concluídos. O senhor Huntington e eu somos irmão e irmã, não marido e esposa. Eu asseguro que nós não temos nenhum projeto impróprio para sua pessoa, isoladamente ou junto, como eu estou certa que está bem ciente. É um assunto simples, realmente. Jamie nos deixou claro que você agiu como seu protetor, e ele o considera seu amigo mais querido. Naturalmente, nós somos muito agradecidos. Ele também deixou claro que não deixará este lugar sem você.

Isso o surpreendeu. Ela notou isto no súbito apertar de suas mãos e no rubor leve em suas bochechas. Ela, realmente, devia parar de olhar fixamente para o homem. Era imperdoavelmente rude. — Nós podíamos forçar a questão, claro, — ela continuou, — mas eu estou certa que pode entender as reticências em fazer isso. — Ela se aproximou, sua voz mais rouca, suave e pleiteando. — Seguramente, *monsieur*, como alguém cuidou de James de coração, alguém que o abrigou e o protegeu, você consideraria vir conosco, pelo menos para ajudá-lo nesta transição A respiração de Gabriel se acalmou. Milagrosamente, lhe estava sendo oferecida outra chance, e apesar de seus melhores esforços para detê-la, a esperança nasceu novamente. Ele soube que não devia confiar nela. Sedutora vil, ela o traía toda vez, o deixando fraco e ferido, de modos muito cruéis para suportar sem os paliativos familiares como conhaque e sangue. Ele também reconheceu, do fundo de sua alma, que se a recusasse agora, a oferta não viria novamente.

Ele olhou diretamente para ela, seus olhos intensos, incertos, e naquele momento Sarah viu a máscara, o artifício, e as defesas cuidadosamente construídas, uma vulnerabilidade dolorosa. Cuidadosamente para não mostrar que percebeu, ela lutou para lhe dar o que precisava, algo que ele podia confiar.

— Nós pagaríamos a você, claro, — ela disse brilhantemente.

Seus olhos faiscaram com interesse súbito. Inclinando-se em direção a ela, murmurou em um sussurro pecador, — E quais são meus serviços dignos para você, *ma belle*?

— Eh! — Ross começou.

— Dez mil libras, *monsieur*, — ela respondeu, dando um passo atrás. A sensualidade do homem era uma força potente!

— Realmente, — Ross grunhiu, decidindo que seria melhor tomar o comando agora, antes que a situação ficasse pior. Dez mil libras, para um reluzente *gigolô* consumado, porque Sarah e James desejavam isto. Ainda por cima, Sarah o queria levar para casa, para ele fazer parte da multidão de velhacos e excêntricos que ela chamava de família. Bem, o homem se colocou entre James e aqueles que o teriam devorado. Sarah raramente errava sobre as pessoas, ele reconheceu, e deviam ao homem muito mais que dinheiro. Era um preço pequeno para pagar por sua tutela, porém pouco convencional, do jovem James nos últimos cinco anos.

A criatura o estava estudando, olhos cobertos, os lábios enrolados em um sorriso cínico, antecipando sua afronta e recusa. Filhote de cachorro insolente! Ele tinha muito que aprender. — Dez mil libras por um ano de emprego, metade agora, o resto quando terminar o ano. Você será empregado como companheiro do James e tratado como um cavalheiro em minha casa, desde que você se comporte como um. Eu esperarei, no mínimo, o respeito e deferência que um convidado devia mostrar a seu anfitrião.

Gabriel hesitou. Era uma soma considerável. Suficiente para comprar uma confortável casa, viajar para todos os lugares sobre os quais leu, deixar sua vida com Madame e nunca mais retornar. — Não sou um pouco velho e… Experiente, meu senhor, para ser o companheiro de um menino de dez anos de idade?

— Você é, realmente, — Ross disse. — Como minha irmã explicou, *monsieur*, nós estamos principalmente preocupados em poupar James de qualquer preocupação ou medo desnecessário, depois de tudo pelo que passou. Ele se sente seguro com você. Sua presença o tranquilizará enquanto se ajusta a estar em casa novamente. Nós não exigimos nada mais do que isto.

— E este acordo, Lorde Huntington, será por escrito, assinado e testemunhado?

— Sim, claro. — Como Ross falou, *Monsieur* Henri chegou com Jamie e o Sr. Smythe.

— Gabriel! — Jamie entrou na sala, inconsciente de seus novos irmão e irmã, tagarelando excitadamente sobre o agente de Bow Street, Sr. Smythe, e oh, sim, sua nova família, que veio para levá-lo para casa. Sarah e Ross assistiram com assombro como o elegante, cínico, libertino que eles acabaram de convidar em sua casa se transformava diante deles.

Um sorriso genuíno, doce iluminou seu rosto quando ele se abaixou até ficar ao nível do menino, arrepiando o seu cabelo, dizendo com uma risada gentil,

— Calma *mon vieux*. É geralmente muito útil para a arte de conversação tomar uma respiração de vez em quando, não é?

Obedientemente Jamie inspirou profundamente antes de falar, — eu disse ao meu irmão, que está lá, e à minha irmã, Sarah, que está ali e ele é um milorde e ela é uma milady, eu disse a eles que você tem que vir, também, Gabriel, então você estará vindo conosco. — Ele olhou esperançosamente Ross e Sarah. — Ele está vindo conosco, não é? Gabriel, você virá?

Suspirando, Gabriel se endireitou e levantou, apertando o ombro de Jamie com uma graciosa mão de dedos finos. Ele olhou além do menino para encontrar o olhar de Ross, seu próprio um pouco divertido, e ligeiramente desafiante. — Sim Jamie. Eu suponho que irei. Deve ser uma aventura.

Capítulo 3

Eles vieram pegar Gabriel na manhã seguinte. Sarah estava mais tranquila dele não ter mudado de ideia. Ela estava quase certa que ele iria. Ross estava aliviado com a sua aparência. Seu terno era elegante, mas simples. A maquiagem de kohl dos olhos e a profusão extravagante de renda tinha sumido, e seu cabelo estava cuidadosamente amarrado com uma fita.

Jamie, energizado e excitado, tinha ido a um restaurante, tomado café da manhã, ficou no hotel experimentando pela primeira vez limonada e chocolate quente. Emocionado com a ideia de viajar pelo mar, ele insistiu em regalar Gabriel com todos os detalhes e observações que podia administrar, enquanto Ross entregava um contrato e deixava na escrivaninha.

— Me desculpe, *monsieur*. Eu não perguntei o seu sobrenome. Se você o fornecer, eu colocarei em nosso contrato agora.

— *St. Croix* servirá como qualquer outro, Huntington, — Gabriel disse com um encolher de ombros. Ele sorriu em partes iguais de maldade e malícia. — É o nome da rua na qual fui abandonado quando criança.

— *St. Croix*, então. — Ross adicionou o nome e assinou, passando a caneta para Gabriel, que assinou com um floreado. Sr. Smythe e Sr. Giles, que os acompanhariam a cavalo e viajando a bordo da escuna da sua senhoria, serviram como testemunhas. Se eles vissem qualquer coisa de estranho em seu patrão trazer para casa um habitante de um bordel notório de Paris, como o companheiro pago do jovem senhor, eles foram cuidadosos em não mostrar.

A jornada para Calais tomou a maior parte do dia. Era empoeirada e quente, e depois do inicial arranjo na carruagem, existia pouco para dizer. A presença de Gabriel não era fácil. Chocante e magnético, sua tentativa para subjugar sua aparência só o fez mais atraente, como suas maçãs do rosto e boca cheia parecendo mais pronunciadas, com o cabelo amarrado para trás do seu rosto. Sarah se sentiu inconscientemente acostumada. Ela tentou pensar em algo para dizer, mas parecia haver pouco em comum entre eles com exceção de Jamie, e as circunstâncias dos últimos cinco anos não eram tema para conversas leves. Suas tentativas em discutir o tempo ou seu destino encontraram com uma cortês, mas apática, resposta. Ela se perguntou se ele estava tendo dúvidas, e tentou imaginar como se sentiria em uma situação semelhante. Como um estranho, pensou, desajeitada, defensiva, e resolutamente desconfortável.

Durante muito da jornada ele parecia estar dormindo, ou pelo menos tentando. Jamie tinha decidido se sentar ao lado dele, acotovelando-o com frequência enquanto subia por cima dele tentando ver pela janela, e constantemente o empurrando acordado. Sempre paciente e bem humorado com o menino, retrocedia para que pudesse ter um espaço privado. Se não fosse pelas constantes observações e perguntas de Jamie para os três, não teria havido nenhuma conversa, mesmo.

Foi um alívio para todo mundo quando chegaram a Calais e puderam se livrar dos bairros sufocantes da cidade. Uma vez a bordo, o irreprimível Jamie implorou para que lhe mostrassem o funcionamento do navio. Gabriel o acompanhou na visita, prestando muita atenção às respostas que o menino recebia do capitão e da tripulação, enquanto os enchia com perguntas. Durante os dois dias seguintes, ele pareceu tão fascinado quanto Jamie pela pequena escuna.

Gabriel se adaptou ao mar como se tivesse nascido para isto. Ele não teve nenhuma dificuldade em manter o equilíbrio, ou o conteúdo de seu estômago enquanto o navio rolava e se lançava embaixo dele. Quando um tempo tempestuoso se aproximou, ele encontrou o caminho para o convés, virando seu rosto para o vento que chicoteava sobre o baluarte e o convés, molhando suas roupas e cabelo e espirrando em suas mãos e rosto. O vento era como música doce para ele, o pequeno navio parecia cantar enquanto assobiava e gritava através do equipamento, desencadeando um selvagem balançar de bandeiras e flâmulas batendo loucamente. Ele se sentiu em casa, em seu elemento. O oceano chamava por ele, e algo ressoou profundamente.

Virando-se, ele ficou surpreso por encontrar Sarah no convés, segurando no tombadilho. Assim que ele a viu, se virou para partir.

— Por favor, não vá por minha causa, *monsieur*. Eu apreciaria a companhia. É magnífico, não é? — Ela perguntou com um brilhante sorriso, quase gritando se esforçando para ser ouvida sobre o barulho do vento. — Eu me sinto tão viva quando está assim, como se fosse uma parte disto. Eu sinto que poderia voar.

— Eu fico surpreendido, *mademoiselle*, que seu irmão, ou o capitão, permitam isto, — ele disse amargamente.

Ela sorriu e afastou para longe uma mecha perdida do cabelo. — Oh, Ross sabe que é melhor não me proibir, e eu estou bem familiarizada com o oceano. Esta é sua primeira vez no mar?

— Sim, *mademoiselle*, — ele disse.

— Por favor, me chame Sarah.

— Não, *mademoiselle*.

— Bem, pare de me chamar *mademoiselle* de qualquer modo, Gabriel, porque, de fato, sou uma viúva.

— Eu sinto muito, senhora, — ele disse com uma reverência elegante, impressionante dado o balanço do convés. — Eu posso observar que parece bastante com um tipo alegre de viúva para mim?

— Bem, — ela disse, — em verdade eu não gostava de Lorde Munroe, e embora não o desejasse morto, seria um hipócrita em dizer que me causou qualquer sofrimento sua partida. — Inclinada no convés, ela fechou seus olhos e levantou seu rosto para o vento.

Ele não pôde deixar de notar que a umidade estava fazendo seu vestido se agarrar ao corpo de uma forma interessante. Ele sentiu um lampejo de fome que o alarmou. Não podia se permitir qualquer interesse. Acostumado a controlar suas respostas, respirou fundo e suprimiu isto. Se ela realmente fosse uma senhora, não apreciaria ou responderia às atenções de um *gigolô*. Se ela não fosse, descobriria que não deixou Madame Etienne para ser um *gigolô*, para ela, ou para qualquer outra pessoa. — Eu acredito que fui trazido aqui para entreter seu irmão, senhora, não você. Se me dá licença, eu acabei de tomar ar. — Virando-se, ele partiu.

— Bem!" Sarah disse para si mesma com um bufar e uma piscadela, momentaneamente aborrecida por sua rudeza. Não obstante, realmente era um dia magnífico e com a tempestade chicoteando, uivando, e arrastando seu cabelo, se esqueceu do aborrecimento de *Monsieur St. Croix*. Deixando sua cabeça cair para trás, riu ao vento.

Virando-se para um último olhar, Gabriel ficou extático. Ele a tinha considerado bonita, em lugar de bela, mas naquele momento ela pareceu elementar, como alguma deusa antiga do mar, e sentiu algo perigoso se agitar por dentro.

***

Com a tempestade, a jornada de Paris até Falmouth levou um pouco mais de cinco dias. Quando Gabriel chegou a sua nova casa, sentiu uma crescente sensação de admiração. O grande solar de dois andares estava em um penhasco, alinhado ao longo de uma extensão selvagem de costa, acima de falésias que caíam puras nas areias claras e costa rochosa abaixo. De frente para o canal, com bancos de janelas por toda a parte para capturar a vista do oceano e o nascer e pôr do sol. Aproveitava o seu aspecto, com terraços e

jardins cercando a casa, e sacadas largas limitando o segundo andar. Ele notou numerosos caminhos já gastos ao longo da extremidade do penhasco que levava até a praia selvagem. Árvores de magnólia cremosa e o penetrante almíscar de pinho e mar, juntaram-se em uma fragrância arrojada que o lembrou, de alguma maneira, Lady Munroe. Ele supôs que estava tão perto do céu quanto era provável conseguir.

Foi-lhe dado um quarto próximo ao de Jamie, e foi apresentado como — *Monsieur St Croix*, um amigo da família, da França. — Jamie veio para o salvamento novamente enquanto faziam um tour pela casa, agindo como amortecedor muito necessário, puxando Gabriel junto pela mão, tagarelando excitadamente sobre seu quarto e fazendo perguntas para todos os três. Era uma casa acolhedora e confortável. O andar principal tinha um projeto aberto e arejado consistindo de uma galeria longa com quartos interligados. Com as portas abertas, podia—se mover livremente da sala de música para a biblioteca e para o salão. A mobília era robusta e convidativa tanto para o relaxamento como para uma conversação em grupo, fornecendo um refúgio quieto para apreciar a vista. O efeito geral era aberto, eclético, e incomum, não diferentemente de seus habitantes.

Sarah encontrou-se olhando Gabriel curiosamente, tentando avaliar suas reações, de fato ela tinha feito um pouco do jogo dele. Ele piscou várias vezes durante a conferência de Ross sobre a canalização e o aquecimento interior, sinalizando o que ela pensou ser, um interesse agudo. Ele pareceu ter pouco interesse na sala de música, olhando cortês e entediado, enquanto ela mostrava os vários instrumentos, mas quando ela se curvou para ajudar Jamie a devolver um violino para seu estojo, o viu do canto de seu olho, com os seus dedos apoiados sobre o teclado com o que poderia ter sido um olhar melancólico.

Pega em seu estudo de seu enigmático novo amigo, Sarah foi finalmente recompensada na biblioteca. Gabriel caminhou devagar ao longo das prateleiras de livros, seu dedo indicador traçando as capas e lombadas enquanto olhava os títulos, o interesse acendeu, flamejando em seus olhos. Ela observou como seu rosto relaxou em um sorriso leve, e se aventurou a falar. — É uma coleção impressionante, não é?

Ele virou para ela com um sorriso animado que fez seu coração tremular. — É verdade *mademoiselle*. Eu estou autorizado a para fazer uso dela?

— Mas claro! Esta é sua casa, agora. Você é bem-vindo a usar a biblioteca sempre que desejar. Talvez você gostasse de levar alguns livros para manter em seu quarto.

Seu sorriso alargou tanto que a atravessou rapidamente. — Obrigado, *mademoiselle*, eu ficaria encantado.

Ela decidiu não o corrigir. Se ele desejasse sorrir para ela, a podia chamar de lady, ou *mademoiselle*, ou qualquer nome que o deixasse satisfeito.

As esperanças de Sarah de que a conversa na biblioteca sinalizava uma relação mais confortável entre eles foram, depressa, desfeitas. Jamie cresceu em tamanho e confiança enquanto a primavera decisivamente mudou para o verão. Ele era uma criança deliciosa, rápida de sagacidade e curiosa, e a combinação de bom ar limpo, comida abundante, exercício, e segurança, o ajudou a se adaptar depressa ao seu novo ambiente. Ele mostrou pouco efeito visível dos anos em que tinha estado fora, sua recuperação era surpreendente, mas Gabriel lutou para se ajustar.

Ele não tinha nenhuma reclamação sobre seu tratamento. Sarah parecia não abrigar nenhuma hostilidade com respeito a sua rudeza a bordo navio. Seu sorriso era amigável, e ela continuou a fazer esforços para o incluir na conversa. Ele se achou observando-a quando sabia que ela não estava olhando, notando com certo grau de surpresa que frequentemente vestia roupas de homens, e às vezes andava descalça. Ninguém pareceu observar isto, nem mesmo seu irmão.

Ele permaneceu um personagem solitário, evitando companhia, entretanto Jamie frequentemente buscasse a sua. Ele era generoso com seu tempo com o menino. Eles foram explorando juntos, aprendendo a pescar, subindo falésias, e explorando as muitas cavernas que pontilhavam o contorno da costa, mas comia sozinho em seu quarto a menos que Ross insistisse que se juntasse a eles. Seus modos eram impecáveis, mas ele permaneceu retraído e não se aventurava em conviver com os outros. Quando perguntado diretamente, suas respostas eram frias e cortadas, e entretanto tinha uma sagacidade inteligente, que usou para manter a distância entre ele e os outros.

A verdade era, que mesmo na casa de Madame, ele raramente falava com alguém. Ele não era pago para dar sua opinião, e com exceção do menino, mantinha os seus pensamentos para si mesmo. Suas interações sociais envolviam os ritos de sedução e a negociação de pagamento. Elas não o prepararam para a hora de jantar com os Huntingtons, com a brincadeira relaxada e discussão alegre a que se entregava, durante as refeições. Quanto mais ele estava cercado por esta atmosfera relaxada, mais perdido e bravo se tornava, até que não se relacionava com ninguém exceto Jamie. Existiam momentos em que ele sentiu desespero, como suas piores noites em Madame,

quando percebeu que não pertencia a lugar algum.

Ao longo das próximas semanas o ritmo da casa se tornou familiar para ele. Sabia o momento em que as luzes e o fogo eram acessos. Huntington e sua irmã se instalavam na biblioteca a maioria das noites para conversar e comparar seus dias. Algumas noites, entediado e só, incapaz de dormir, ele se sentava na varanda larga, olhando o céu, se abraçando contra o ar da noite fresca enquanto ouvia o zumbido da conversação distante. Eles o convidaram para juntar a eles, claro, várias vezes. Eles não eram nada mais que corteses, mas ele não tinha nenhum desejo de se empoleirar, desajeitado e calado, um cuco feio sujando o ninho, deteriorando a intimidade da noite. Ele preferia se sentar na escuridão, escutando o murmúrio suave de vozes e riso. Isto o esquentava de alguma maneira, como estar sentando perto de um fogo em uma noite fria. Muito depois deles saírem, muito depois que as últimas brasas morriam no fogo, permanecia, se balançando silenciosamente de um lado para outro na escuridão, frio como pedra.

Capítulo 4

Ross e Sarah estavam sentados na biblioteca, apreciando um conhaque e conversando diante do tabuleiro de xadrez. — Jamie está se adaptando notavelmente bem, não pensa assim, minha querida?

— Oh, sim, Ross! Eu juro que cresceu umas três polegadas desde que chegou em casa. Ele é um menino delicioso, curioso, ávido, cheio de energia e bom humor. Eu desejaria que mamãe e papai o pudessem ver.

Ross vacilou, desconfortável com o tópico. — Quem sabe, Sarah? Talvez possam. Eu espero, pelo menos, que possam descansar em paz, sabendo que ele retornou para casa.

Sarah sorriu. — Tê-lo de volta é uma bênção e um milagre. Vê-lo inteiro e feliz é…Oh, Ross, nós devemos tanto a Gabriel!

Ross grunhiu, mas não negou. — Ele não está se comportando como eu esperava. Realmente, suponho que não tinha nenhuma ideia do que esperar.

— O que você quer dizer?

— Bem, por uma coisa: parece que não está dando em cima das empregadas… Ou dos meninos do estábulo.

— Bom Deus, Ross! Isso foi cruel e desnecessário! Você não poderia estar falando de Jamie, se não fosse por ele!

— Eu sinto muito, minha querida, — Ross disse, um pouco mortificado. — Ele é tão mal humorado que ajo como um asno às vezes. Ainda assim não esperava que ele se tornasse um monge, ou um recluso. Tem mais de três meses, Sarah. Ele não parece feliz aqui. Não se pode dizer que ele está se ajustando. O que você me diz dele?

— Gabriel? Eu acho que ele é magnífico, dolorosamente bonito, e muito perdido. Eu não sei como o alcançar, isso me parte o coração.

Ross bateu levemente em sua mão, um pouco alarmado. Apesar do seu breve casamento, a experiência de Sarah com homens era bastante limitada, e às vezes era bondosa demais para o seu próprio bem. Não importando o que o homem fez para ajudar James, havia algo calculista e frio em seu olhar quando se encontraram a primeira vez, lembrando a Ross os olhos de um mercenário. — Eu sei que você é grata, minha menina, como eu sou. Ele tem sido o anjo da guarda de Jamie, mas você deve ter cuidado, entretanto, em não o romantizar. Ele é, receio, muito duro e muito perigoso, mesmo sendo jovem.

Mais tarde aquela noite, Sarah se virava e revirava, inquieta com o calor opressivo. O dia tinha sido abafado e a noite ofereceu pouco alívio. Apesar das portas e janelas abertas, não existia nenhuma sugestão de uma brisa e a água estava parada como vidro. Lançando fora as cobertas, ela se levantou e saiu para a sacada. A noite parecia adornada, estrelas reluzindo e cintilando, refletidas como em um espelho na superfície do oceano abaixo. Ela ofegou de prazer e se imaginou num magnífico salão de baile celestial. Perdida em fantasia, ela começou a balançar ao som de uma melodia de outro mundo que pendia no ar, fascinante sedutora, e mágica. Música de fada, Davey a chamaria. Seu devaneio foi quebrado, quando percebeu que a música, lânguida e delicada, era real.

Apressadamente usando uma camisola e um robe, desceu as escadas. Os sussurros etéreos do som tomaram substância e imediatismo enquanto descia. Estava vindo da sala de música, onde podia ver uma leve luz debaixo da porta. Ela se perguntou quem podia estar tocando. Ross era hábil com violão e alaúde, mas nunca tivera talento para o teclado, e Davey não era esperado de volta por mais outro mês. Pensando que ele havia retornado mais cedo, um sorriso de boas-vindas iluminava seu rosto quando abriu a porta. Ela parou surpresa; sua boca formou um O. Gabriel estava curvado sobre o teclado, olhos fechados em concentração, seus belos dedos acariciando as chaves com delicada arte enquanto seguia o ritmo da música.

Ele estava desalinhado e descalço, sua camisa e casaco abertos. Longas mechas do cabelo se agarravam aos seus ombros no calor pegajoso. Uma garrafa de conhaque empoleirada precariamente na extremidade do piano. Ele pareceu desavisado de sua presença, e ela observava o jogo dos músculos junto de sua clavícula e ombros com fascinação, com os seus dedos inteligentes criando magia, tecendo-a no ar da noite quieta. Ele levantou sua cabeça de repente, e olhou diretamente para ela. Seu rosto estava desprotegido, seus olhos ansiosos e distantes, como se estivesse metade lá e metade em um lugar distante, escutando uma melodia além deste mundo. Ela estava hipnotizada, movida de um modo que não podia ser descrito. Seus olhos presos a observaram por vários momentos antes de se mover para longe.

— Eu sinto muito. Eu não quis interromper. Eu ouvi a música e pensei… Gabriel, você toca graciosamente!

Ignorando-a, voltou sua atenção para o teclado, tomando um gole de conhaque com uma mão enquanto a outra continuava acariciando as teclas, produzindo melodia assombrosa.

— Onde…Como você aprendeu a tocar tão perfeitamente?

Continuando a tocar, ele a observou com olhos velados. Irritado por sua intrusão, a querendo chocar e afastar decidiu dizer a verdade.

— Quando eu tinha mais ou menos quatorze, *mignonne*, fui vendido para um protetor muito rico, um nobre, *Monsieur Le Comte De Sevigny*. Eu fui enviado para diverti-lo, e atender suas necessidades. — Ele lhe deu um sorriso leve, sardônico.

— Você entende o que estou querendo dizer, *mademoiselle*? — Sua voz era suave e uniforme, e seus dedos continuavam tocando à medida que falava. *Non*? Deixe-me explicar. Ele me ensinou como o agradar. Existem muitos modos que um menino pode dar prazer a um homem, com as mãos e com… bem… Basta dizer, eu aprendi todos. Eu quis. Era melhor lá do que em Madame Etienne, e só existia ele para agradar. Ele me apresentou como seu pajem, e me educou como imaginava que um pajem devia ser. Divertia-se em me vestir com uma libré, me ensinou modos adequados, ler e escrever, dançar, até montar. Eu tive um professor de música. Eu tinha algum talento, como vê. Foi-me ensinado o violino, o teclado, e o violão, de forma que pudesse distrair o meu mestre em todos os seus sentidos. Surpreendentemente, ainda me sinto quase agradecido por isto. — Seus dedos moveram-se através do teclado em um elegante floreado.

Sarah tragou, chocada, sem saber o que dizer, mas hipnotizada o assistia tocando. — Você não ficou muito tempo lá, ficou?

— Não, — ele disse com uma risada suave. — Dois anos. Longos o suficiente para aprender os princípios sexuais, musicais, literários, coisas que Madame negligenciava, mas que aumentou o meu valor para ela, sem dúvida. — Isto foi seguido por um floreado de notas, e um sorriso feroz. — À medida que fiquei mais velho, parece que perdi um pouco de meu charme, — ele olhou para ela com um sorriso morto, — e fiz algo que o aborreceu terrivelmente.

— O quê? — Ela perguntou, ofegante.

— Eu fugi, — ele disse, sua voz tão fria e distante quanto seu sorriso. — Ele foi terrivelmente rude e não me agradou. Ele me castigou, claro. Ele bateu em minhas mãos até ficarem tão inchadas que achei que nunca mais tocaria novamente. Ele sabia quanto isso significava para mim. Eu penso que queria quebrar os meus dedos, — adicionou ligeiramente, — mas ele estava com medo do que Madame iria querer por causa disso. Ela tinha uso para minhas mãos, mesmo que ele não tivesse. — Ele começou a tocar uma melodia vivaz agora. — Ele me bateu, claro, chicoteou meu traseiro até estar sangrando e em carne

viva, e então me passou para seus amigos antes de me mandar para… a casa… onde o Madame me ensinou como agradar senhoras e cavalheiros.

Sua voz, ao longo da recitação, permaneceu suave e fraca, gotejando uma sedução prática, mas seus olhos eram sombrios. Isso a gelou. Ela ofegou, horrorizada, tentando não imaginar aquele jovem tão só e desesperado, e tentando não imaginar que esse podia ter sido o destino de Jamie, se não fosse este homem. As notas continuaram, melancólicas, desgarradas, e então pararam. Ela não sabia o que dizer para ele. Desculpe, ela pensou. Desculpe por abrir feridas antigas.

Ele olhou para ela enquanto tomava um gole de conhaque. — Eu faço você se sentir desconfortável, *mignonne*? — Ele sussurrou no silêncio.

— Sim! Muito!

— Ah, você está chocada, sim? Você deve aprender a ter cuidado com o que pede, *ma cheri*. Ele tornou a tocar, uma melodia gentil, pensativa.

— Mas você nunca parou de tocar, entretanto. — Ela observou.

Ele encolheu os ombros. — Havia instrumentos para tocar na casa de Madame. Isso proporcionava uma diversão pequena. — E quando a…?

— Eu estou muito cansado, Lady Munroe.

— Sarah, por favor.

Ele hesitou. — Sarah, eu sinto muito se perturbei o seu sono. Perdoe-me se fui buscar o meu. — Ele levantou, enganchando a garrafa de conhaque entre seus dedos, preparando-se para partir.

— Não, — ela revelou. — Eu perturbei você. Eu me desculpo. Por favor, não pare por minha causa. — Movendo-se para a porta, ela voltou para o olhar. Ele parecia um anjo, frio, distante, sobrenatural em sua beleza.

Quando ele estava certo que ela se foi, curvou sua cabeça acima do teclado novamente. Ela ainda podia ouvir as notas adoráveis, enquanto elas se penduravam no ar, assombrando-a enquanto ia para o quarto.

Capítulo 5

A manhã seguinte amanheceu nítida e clara, os ventos mais frios do outono se mostravam presentes na brisa do verão. Gabriel se aproximou da sala de café da manhã, desconfortável e bravo consigo mesmo. Ele teve a intenção de chocá-la, puni-la pela intrusão, e adverti-la para ficar longe. Em vez disso, ele se desnudou diante dela. Ele sabia que ela devia estar enojada. Respirando fundo, ele abriu a porta.

— Você parece bem esta manhã, — ela disse. Seus olhos eram quentes e acolhedores.

Surpreso, não conseguiu suprimir o leve sorriso no canto da boca.

Sarah limpou a garganta. Seus sorrisos, por mais raros que fossem, a deixavam com a sensação de estar tonta e com falta de ar. — Eu quero me desculpar por interrompê-lo ontem à noite, Gabriel. Eu devia ter batido, mas a música era tão bonita que eu... Bem, eu… — Agitada, ela sacudiu o jornal e o levantou em frente ao rosto. Depois de um momento, ela inquiriu educadamente por detrás dele, — Você gostaria de uma seção?

— Não, obrigado. — A sala estava tão quieta que o relógio no aparador podia ser ouvido tiquetaqueando ao longe, imperioso e exigente. — Você toca algum instrumento, Sarah?

Derrubando o jornal, ela o recompensou com um sorriso atordoante. — Sim, eu amo tocar. Minha mãe era parte cigana, sabe. Ela era uma *virtuose* no violino, e meu pai amava tocar, também. Eu não reivindico uma grande habilidade, mas eu juro que não careço de entusiasmo. Talvez permita me juntar a você algum dia. Ross é muito ocupado, frequentemente, e eu aprecio muito tocar com outra pessoa.

Ele movimentou a cabeça, pouco disposto a parecer um idiota, e fez um esforço um pouco mais que o habitual para conversar, comentando estranhamente sobre o tempo e contando uma das aventuras suas e de Jamie, para o seu deleite.

Ele escapou para a praia assim que pôde, tentando dar sentido às últimas vinte e quatro horas. Ele havia se revelado para ela, pelo menos em parte, e ela havia inesperadamente respondido. Chocada, sim, mas aparentemente sem julgamentos, ela o saudou esta manhã como se nada tivesse acontecido. Tinha notado seu interesse antes. Muito mais sutil que o que estava acostumado, era

verdade, todavia, muito familiar. Ela era uma viúva, afinal. Provavelmente não estaria sem um homem por muito tempo. Indubitavelmente, ela o desejava como as outras mulheres haviam desejado. Isso explicava por que escolheu ignorar a história sórdida que compartilharam em seu último encontro. Aliviado por ser capaz de caracterizar seus motivos, resolveu mantê-la à distância. Se quisesse ter qualquer tipo de vida para si, precisava do dinheiro que Huntington prometeu, e a última coisa que precisou era de qualquer tipo de embaraço com a irmã do homem.

Depois do café da manhã, Sarah foi para os estábulos e selou o seu garanhão. Ele se agitou e bateu os pés, e bufou. — Oh pare com isto, — ela estalou, cavando um cotovelo afiado no seu lado quando ele tentou apertá-la contra a parede. Grunhindo, ele se rendeu, permitindo que se a sela e colocasse sela e a rédea. Ela montou, e o deixe dançar e bufar por alguns momentos. Ele era um macho, afinal, e aquele tipo de coisa pareceu importante para ele. Uma vez que isso estava feito, soltou as rédeas e se debruçou para frente, persuadindo-o em um galope cheio.

Ela pensou em Gabriel. Ela ficara admirada com sua arte. Ele tocava como um anjo, com uma paixão e gênio melancólico que nenhuma quantidade de treinamento podia instilar. Ele a chocou ontem à noite. Ela sabia no fundo que tinha sido sua intenção, é claro, mas nunca tinha se aprofundado sobre isso, pelas mesmas razões que se recusava a se permitir a maioria dos pensamentos desagradáveis, que a faziam se sentir desconfortável.

Ontem à noite, ele a tinha feito completamente ciente do mal que alguns homens infligem aos inocentes, o mal que lhe foi imposto, e o destino que aguardou a Jamie. Ele a compeliu a reconhecer isto, sentir isto, e fez seu coração congelar. Ela imaginou o quão só ele devia se sentir com todas aquelas memórias terríveis que ninguém queria ouvir, presas dentro dele. Gabriel tinha falado com ela ontem à noite, entretanto, e ele foi quase cortês com ela esta manhã. Ela o tinha tentado alcançar por mais de três meses, desde que trouxeram ele e Jamie para casa no início de maio, e ontem à noite, finalmente, ele abriu uma porta. Ela estava determinada a não deixar que ele a fechasse novamente.

Se por fortuna, infortúnio, ou destino, a vida de Gabriel estava destinada a se cruzar com a de Sarah novamente, antes da noite chegar. Ross insistiu que ele viesse jantar. Tendo ouvido com tolerância marcada, enquanto Jamie se mostrava eloquente sobre os pontos mais finos de balística e tática navais, ele usou uma enxaqueca na primeira oportunidade, e se desculpou. Decidindo parar

para um momento na sala de música, ele se virou para encontrar justamente no caminho a cada vez mais irritante… E atraente, Lady Munroe.

— Por que você me segue, senhora? Seguramente você devia estar na ceia com sua família.

Sarah piscou em consternação. Ele era tão formal e frio como sempre. Era como se sua conversa na última noite e nesta manhã nunca tivesse acontecido. — Eu quis me desculpar novamente, *monsieur*. E espero que você continue a fazer uso da sala de música. Eu não o interromperei novamente, prometo.

— Mas você está fazendo isso agora, Lady Munroe, — ele disse friamente.

— Eu. ... — Ela piscou, nervosa. — Eu sinto muito, não percebi.

— Suas desculpas não são necessárias, — insistiu bruscamente. — Peço que ignore o caso. Se me perdoa… — Ele se moveu para ultrapassá-la.

— Um momento, *monsieur*, — ela pleiteou, apertando seu antebraço. — Eu o chateei. Eu não queria. Eu me preocupo que você não esteja feliz aqui.

Ele ficou ereto ao seu toque, sua masculinidade faminta e corajosa. Cristo! Seu irmão devia insistir para ela se vestir como uma mulher. Aquelas pernas bem formadas e longas, encaixadas em calções apertados, podiam levar um homem à distração. — Eu não tenho muito prazer em qualquer lugar, *mignonne*, — ele amargamente respondeu, tentando se afastar dela. — Qual a sua preocupação?

— Não existe nada que possamos fazer, Gabriel, para você se sentir mais bem-vindo?

Ela iria arruinar tudo. Ele a queria, embora estivesse tão saciado e cansado de sexo que geralmente tinha que se distanciar de seu corpo a fim de não se permitir qualquer tipo de estimulação. Ele a queria muito, de um jeito que nunca esperou, e a odiou por isto. — Você pode parar de me seguir. Você age como uma cadela no cio, — ele ralhou, de repente enraivecido. Segurando seu pulso em uma mão e sua garganta com a outra, a prensou com seu corpo duro contra a parede, moendo seus quadris, seu pênis duro contra o seu estômago.

— É isto o que você quer, *mignonne*? — Ela ficou rígida, chocada, ofegante. Percebendo que a segurava pela garganta, moveu sua mão para segurar sua mandíbula, forçando sua boca com um beijo brutal, desapaixonado, a castigando. — É o que você quer. Você não é diferente dos outros. Eu posso cheirar isto.

Inclinando-se nela, soltou-a do seu aperto e sussurrou em sua orelha, — eu sou um *gigolô*, querida, e você certamente está me pagando bem o suficiente. Eu sou tão qualificado para agradar uma mulher como para agradar um homem.

Alguns dizem que melhor. — Ele provocou o seu lóbulo com respiração quente e a língua vibrante. — Você está molhada para mim, *mignonne*? Eu lhe devo mostrar o que prazer verdadeiramente significa? — Forçando a mão para baixo, ele esfregou-a contra a protuberância em seus calções, abafando um gemido. — Eu estou pronto para você, *ma cheri*. Sinta-me, — ele sussurrou. — Nós devemos ir para meu quarto, ou o seu? Ou talvez aqui mesmo, com seus irmãos apenas um grito longe. Isso excita você?

Ele estava certo, maldito! Ela o queria. Mas não assim! Deus sabia que ela se excitou ao sentir o seu corpo apertado duramente contra o seu; seu sexo, potente e sondando; seus sussurros suaves e língua hábil. Para sua vergonha e horror, estava molhada para ele. Ela o odiou naquele momento. Ela empurrou seu braço como se de repente libertada de uma força inexorável, e puxou sua mão para longe.

Ele afrouxou seu aperto, a firmando para que ela não caísse, e a deixou ir. Ele recuou, respirando tão pesadamente quanto ela. Ela olhou para ele, seu cabelo desgrenhado e sua boca machucada de seu beijo. Seus olhos, cheias de lágrimas não derramadas, estavam bravos e inconfundivelmente feridos, e ele sentiu uma punhalada breve de remorso.

— Eu estava só tentando ajudar, — ela disse friamente. Juntando a sua dignidade, e o que restava de seu juízo, ela girou subindo os degraus.

— Então, porra, fique longe de mim, — ele grunhiu para ela dando a volta. — Foda-se! Foda-se! Foda-se! — Ele entrou na sala de música e encostou-se à porta. Fechando-a atrás dele, deslizou para o chão. Por que ela não o deixava só? Por que ela tinha que atormentá-lo? Ela diria ao seu irmão agora. Huntington o faria partir, e o faria pagar. Seria melhor ir agora, imediatamente. Mas para onde? Não existia nenhum passado para o qual podia retornar, nenhum futuro que possivelmente podia imaginar.

Levantando-se cansado, pegou o conhaque que tinha deixado na noite anterior, e fez seu caminho desalentado para seu quarto. Um fogo crepitava na lareira, trazendo luz e calor para aliviar o frio da noite. Inclinando a cabeça para trás, ele tomou um gole saudável, na esperança de se aquecer por dentro. Não podia entorpecer sua dor, entretanto. Nem sequer tocou nela. Permaneceu cru e dolorido e pulsando, como seu pênis. Ele se acariciou, procurando conforto e libertação, tentando imagina-la deitada embaixo dele, morna e suave de boas-vindas, mas tudo o que podia ver eram seus olhos, feridos e bravos, e se sentiu enjoado de vergonha.

Negando qualquer liberação através do álcool ou sexo, ele lançou a garrafa

contra a parede, a vendo se quebrar em milhares de pedaços de cristal, cada um pegando o brilho do fogo, faiscando escarlate e carmesim com sua própria chama interna. Fascinado, ele levantou-se da cama. Substituindo o conhaque sacrificado por uma garrafa de uísque do gabinete de bebidas, sem se importar com os cacos que esmagava debaixo de seus pés descalços, cruzou o quarto e pegou um fragmento, examinando-o, segurando-o à luz, admirando sua forma e a sensação dele entre as pontas do dedo.

Ele se sentou de pernas cruzadas na frente do fogo, fazendo uma careta ligeira, um meio sorriso em seu rosto enquanto apertava um caco de vidro contra seu pulso até que o sangue saísse vermelho rubi. Cuidadosamente desenhou uma linha, e então parou para um gole de uísque, outra linha, outro gole, continuando até que algo se aliviou dentro dele, permitindo que o uísque e o conhaque fizessem seu trabalho, permitindo a ele, finalmente, escapar para os seus pesadelos e um sono problemático.

Mãos ásperas e frias o acariciaram o acordando. — Toque de alvorada *mon ange*. — Um sussurro glacial, divertido. Ele estava correndo, correndo tão rápido quanto podia, descendo pelos corredores. As portas antigas abriam-se enquanto ele passava, silvando vozes que o chamavam, braços estendendo as mãos para agarrá-lo, vozes que grunhem com paixão torta e promessas doentias enquanto procurava freneticamente a porta que o deixaria sair, mas não conseguia achar. Não existia nenhuma fuga da coisa terrível, faminta que se aproximava dele. Ele a viu à frente, afastando-se, preparando-se para partir. Ele gritou e ela se virou para olhar, seus olhos frios, condenando, e ele sabia que era um maldito. Um frígido punho fechou ao redor do seu tornozelo, arrastando-o, gritando e chutando, para baixo, para baixo, para baixo…

Capítulo 6

Gabriel levantou-se tarde na manhã seguinte, triste e doente, agradecido que alguém veio e retirou todos os rastros dos excessos da ontem à noite. Ele estava quase aliviado quando, no final da tarde, um empregado veio lhe dizer que sua presença era necessária no estúdio do Lorde Huntington. Ele sabia que ela contaria ao irmão. Ele a assaltou, a segurou pela garganta em sua própria casa a poucos passos de sua família. Ele esteve esperando por isso o dia todo. Ele estava prestes a ser exilado de uma casa de onde ele nunca pertenceu em primeiro lugar.

Incompreensivelmente nervoso, lutando para se proteger do que estava por vir, respirou fundo antes de bater e entrar no estúdio. A sala estava cheia de paisagens marinhas, mapas e quadros. Havia modelos de navios de vários tipos em exibição, como também um globo magnífico. Ross estava atrás de sua escrivaninha, emoldurada pela janela e o sol da tarde Ele segurava um chicote em uma mão. Gabriel engoliu em seco e se concentrou em respirar. Ele não sabia se poderia aceitar isto. Não deste homem, nem de qualquer outro homem novamente, mas soube que merecia isto. Ele se prendeu por um momento a uma esperança selvagem. Talvez o castigo bastasse. Talvez ele não fosse mandado embora. Sem palavras removeu seu casaco.

Ross estava atordoado, mudo. Seguramente por Deus ele não pensou que pediu para vir aqui… Para… Bom Deus! Que tipo de criatura depravada ele trouxe para sua casa? Ele apertou o chicote convulsivamente em sua mão, e só então compreendeu. O rapaz viu o chicote e pensou que tinha sido chamado para um castigo. Aliviado e horrivelmente envergonhado, depressa lançou o chicote sobre a escrivaninha e falou em sua voz mais dura, — Seu perdão, jovem. Eu tenho negócios para discutir com você, entretanto estou ciente que todo mundo nesta casa toma uma atitude descuidada em relação a vestuário e comportamento, eu sinto que é razoável esperar por um grau de formalidade onde com efeito é o meu lugar de negócios. Amavelmente ponha o seu casaco e sente-se. Quando terminarmos, você pode passear pelos corredores, vestido como quiser.

Sentando-se, ele acrescentou azedamente, — Francamente, Gabriel, não esperava que estivesse aprendendo os hábitos ruins de minha irmã. — Ele estava ciente que soou como um asno pomposo, mas realmente, era o melhor que

conseguir dadas as circunstâncias. Perguntou-se fugazmente que delito o sujeito cometeu para imaginar que merecia um açoite, mas optou por não saber.

Gabriel, cujo rosto tinha estado branco e estirado, agora corava em um rosa claro enquanto afundou devagar em uma cadeira. Ela não disse a ele. Ela não disse coisa alguma!

Tendo salvado ambos de um grande embaraço, Ross sentiu mais que direito que precisava de uma bebida forte. Despejando dois copos de seu melhor porto, deu um para Gabriel e se acomodou em sua cadeira, assistindo e estremecendo quando o rapaz bebeu o porto como se fosse água, sem respeito pela genealogia ou vindima.

— Bom Deus, homem! Isto é ambrosia sublime e complexa! Mostre-lhe algum respeito. É para tomar um gole e ser saboreado, não negligentemente lançando.

— O que você quer comigo, Huntington?

— Eu decidi, depois de pensar muito, que James se ajustou bem o suficiente às suas novas circunstâncias para considerar manda-lo para a escola. Ele é um menino extremamente brilhante, ávido para aprender, e como você apreciará, ele não teve a oportunidade para fazer amigos apropriados. É evidente que vai depressa ultrapassar o seu tutor. E a propósito, como ele aprendeu a ler e escrever tão bem em inglês e em francês?

Com as mãos apertando ao redor de seu copo agora vazio, o estômago de Gabriel ficou apertado e agitado. Então seria mandado embora afinal. Ele encolheu os ombros. — Divertiu-me o ensinar. Como você disse, ele aprende depressa. — De fato, ele amou ensinar a Jamie. Ele o tinha feito se sentir útil e importante, e compartilhou vivamente com a maravilha e excitação do menino. Os livros eram acessórios familiares para os clientes de Madame, e sua biblioteca era bem provida. Para ela eram adereços, usados para cria um clima de boas-vindas e conforto para aqueles que queriam um pedaço do familiar servido com seu vício. Para Gabriel eles eram vida e morte, uma porta através da qual podia escapar para ideias e aventuras, outras terras e lugares, conversar com grandes mentes e brincar com grandes ideias. Era o único lugar que oferecia alguma fuga. A constante barragem de perguntas de Jamie o dirigia para lá repetidamente à procura de respostas, e como ele o ensinava em francês, a habilidade de Gabriel em inglês rapidamente se desenvolveu.

Ross pensativamente movimentou a cabeça. O homem tinha profundidades escondidas, sem dúvida. Eles lhe deviam muito. — Eu estou debatendo se o deixo tentar por uma estação. Ele está ávido para fazer isso. Ele quer conhecer

outros meninos de sua idade, e acredito que seria o melhor. Ele é meu herdeiro, e também tem bens legados por meus pais. Ele deve aprender a tomar seu lugar. Eu não o vou forçar, entretanto. — Ele se debruçou, os dedos batucando sobre a mesa. — Eu estou ciente que você o conhece melhor do que eu. Qual a sua opinião sobre o assunto?

Gabriel piscou, verdadeiramente surpreso. Com a exceção das perguntas constantes de Jamie, ninguém jamais lhe perguntou sua opinião sobre qualquer coisa antes vir para esta casa estranha e imprevisível. Ele levou algum tempo, se esforçando para responder tão honestamente quanto podia. — Eu penso que ele perdeu sua chance de ser uma criança, e não existe nada que você ou sua irmã, podem fazer para mudar isto, mas ele ainda pode ser um menino normal. Deixe-o conviver com outros meninos de sua idade, se este é o seu desejo. Ele é, entretanto, uma criança bonita, Huntington, e deve ser protegido. — Ele deu a Ross um olhar desafiador, mas o homem mais velho só movimentou a cabeça e gesticulou para ele continuar.

— Ouve-se coisas sobre alguns destes lugares. Seria uma pena tirá-lo de uma prisão intacto, só para ser atormentado na escola.

Ross se moveu desconfortavelmente. Ele próprio passara algum tempo na escola. Grande para sua idade, e bem educado em autodefesa, ele tinha se defendido bem o suficiente, mas reconheceu o que Gabriel quis dizer. — O que você sugere, então?

— Pareça simples, Huntington. Ache algum lugar seguro e perto de casa. Faça sentir sua presença e deixe-o saber que ele pode partir a qualquer hora que desejar. — Gabriel tomou o remanescente de sua bebida e levantou para sair. — Se isso é tudo é?

— Não, não é. Se sente, por favor.

— Eu prefiro permanecer em pé. — Disse sem rancor.

— Eu também desejo discuti sua situação, Gabriel.

— Isso não será necessário, — ele respondeu, a voz cortada. — Com Jamie na escola, você não vai precisar de mim aqui. Eu concordo que é o melhor. Pague a mim um terço dos que nós concordamos. Bastará.

— Você é tão ansioso para nos deixar? — Ross perguntou, para sua própria surpresa. — Alguém o maltratou aqui? Ofendeu você em de qualquer maneira?

— Não.

— Então sente-se…Por favor, e deixe-me ser claro. Meu irmão, desde que eu possa achar uma situação da natureza que você sugeriu, estará em casa toda quinzena como também nos feriados e férias. Ele estará esperando vê-lo aqui, e,

bem. . . odeio ser indelicado, mas eu devo lembra-lo que nosso acordo escrito é para um ano inteiro. Se você escolher pôr fim a isto prematuramente, não sou obrigado a pagar a você qualquer coisa. Veja agora, rapaz, — Ross cedeu, — seguramente você pode nos tolerar mais, por causa do jovem James.

Gabriel assentiu com firmeza, sabendo que havia sido primorosamente manipulado em fazer exatamente o que ele mais queria. — Você e sua irmã têm muito em comum, — ele observou friamente.

Ross sorriu e levantou seu copo em saudação. — Obrigado. Agora de volta aos negócios. É minha intenção que continue sua educação como um cavalheiro. — Ele levantou sua mão pedindo silêncio antes de Gabriel poder protestar. — Eu não o quero ofender. Você está sendo apresentado como um amigo da família. É assumido que é um parente distante, logo, você deve ter as habilidades necessárias e treinamento. É claro que tem modos primorosos quando os escolhe usar, e o tutor do James me disse que você tem uma educação clássica pelo menos igual à da maioria dos janotas passando por cavalheiros nos dias de hoje. Compreendo que você é em grande parte autodidata. Isto lhe dá muito crédito, dadas as suas circunstâncias. Minha irmã diz a mim que é um músico consumado, outra realização notável. Ela é bastante qualificada, e me assegurou que não existe nada que um mestre de música local possa lhe ensinar. Não posso deixar de me perguntar o que você teria conseguido se sua educação tivesse sido mais ortodoxa. Agora então, — ele disse, batendo os dedos, — você dança?

— Sim, era parte do meu treinamento.

— Mmm, bem. Monta?

— Eu monto… eu sei… Faz alguns anos.

— Era bom nisto?

— Eu era.

— Excelente! Não é o tipo de coisa que se esquece. Vamos para os estábulos depois de nossa reunião e acharemos uma montaria apropriada. Você pode se defender? Você tem algum treinamento em boxe ou esgrima, alguma experiência com espada ou pistola?

— Eu posso usar meus punhos, e um punhal, — ele respondeu sombriamente.

Uma inflexão leve em sua voz fez Ross lhe dar um olhar afiado. — Realmente?

Gabriel voltou seu olhar com o mesmo olhar frio que Ross lembrava de sua primeira reunião. Como um militar decorado, capitão do mar e aventureiro, ele viu aquele olhar muitas vezes antes. O sujeito sabia como matar, não havia erro

sobre isto. Um homem perigoso, este jovem. Melhor não esquecer isto. Ele se perguntou, não pela primeira vez, por que o deixava próximo de sua irmã, de seu irmãozinho. Ainda, assim não era nenhum hipócrita. Só um homem perigoso podia ter mantido James seguro naquele inferno de onde foi arrancado.

Quando ficou claro que não existia nenhuma explicação a seguir, Ross continuou, — Bem, sim, claro. Ahem… Gostaria, porém, de vê-lo treinado nas artes de combate cavalheiresco, também. Eu tenho um amigo querido, um companheiro e sócio de negócios, Gyspsy Davey. Ele está atualmente no mar mas o esperamos em casa mais dia menos dia. Ele ficará conosco durante o outono e o inverno. Esta é uma circunstância fortuita para você, meu jovem, pois são poucos, se houver, homens vivos que poderiam ser melhores que ele com espada ou pistola. Ele também é hábil no combate corpo a corpo e, er…punhal.

— Pedirei para avaliar sua habilidade e treina-lo se ele estiver de acordo. Espero que aprecie o seu tempo e lhe mostre o maior respeito. Se tudo correr bem, e estiver interessado, ele pode até lhe ensinar sobre a vida no mar. O mar pode ser bom para um homem se for ousado e habilidoso. O capitão Jenkins ficou favoravelmente impressionado com você na travessia. Ele observou seu interesse e sentiu que você poderia ter aptidão. Sabe, ele me perguntou se você era um aspirante à marinha? Em todo caso, você quererá alguma forma de carreira útil apropriada para um cavalheiro, e eu não o posso imaginar no clero, — ele disse com uma risada.

Gabriel não sabia. Até onde sabia, nunca tinha sido notado por nada, além de seu corpo e seu rosto. Ele nunca seria elogiado por nada, exceto isso, ou sua habilidade com suas mãos, sua boca, ou seu pênis. Ouvindo Huntington listando suas realizações e planejando seu futuro quando ele tinha esperando raiva e retribuição, o deixou se sentindo abalado e confuso. Ele não conseguia entender esse novo mundo, por mais que tentasse.

Ele não teve nenhum mapa, nenhuma bússola, nenhuma ideia do que esperar. Ele acordara esta manhã sentindo vergonha e auto aversão, esperando castigo e exílio. Parecia que Sarah escolheu clemência, e agora seu irmão estava oferecendo presentes. Conhecia os perigos da aceitação fácil, e auto ilusão, mas era incapaz de recusar. Nada disso apareceu em seu rosto. — Sim, senhor. Claro. Obrigado.

Ross movimentou a cabeça, surpreendido e contente. Ele reconheceu que honraria e a apreciação não era coisas triviais, vindo deste homem. Ele estava começando a apreciar o que Sarah viu em seu jovem amigo espinhoso. Existia

um potencial enorme dentro dele, os ingredientes de algo bom. Ele sabia, entretanto, muito melhor que Sarah, o que a crueldade, violência, e luxúria podiam fazer com um homem, o quão improvável era o rapaz pode se libertar. Ainda assim, ele devia dar uma oportunidade como ele fez com James, e Ross era um homem que sempre pagou suas dívidas.

Várias horas mais tarde, Gabriel virou sua montaria e voltou para a casa. Inclinando-se para frente, deu impulso para o cavalo e disparou praia abaixo. Ele sentiu uma alegria intensa, áspera, uma alegria rude e desconhecida, e se divertiu com a sensação de liberdade e poder enquanto o chão passava debaixo dele. Ele diminuiu a velocidade do grande animal para uma caminhada enquanto se aproximava da casa. A maré estava chegando agora, como era à noite. Relutantemente, ele retornou o cavalo para o estábulo, removeu a sela, e cuidou dele.

Ele se sentiu um pouco culpado por ter perdido o jantar novamente. Depois da generosidade de Huntington devia ter demonstrado boas maneiras pelo menos, mas quis montar o cavalo, e evitar Sarah. Com seus pensamentos voltados para ontem à noite, seu humor exuberante se esvaiu e seu prazer se perdeu. Ele não a podia evitar para sempre, mas também não sabia como a olhar. Ele não era um homem mau, mas ontem à noite com ela, tinha sido, e ela não merecia isto. Ele não entendeu por que ela manteve para si mesma o acontecido, mas estava agradecido. Ele soube, instintivamente, que se ela tivesse que contar a Ross, já o teria feito. Ontem à noite ficou entre os dois, e assim permaneceria.

Capítulo 7

Embora os dias ainda estivessem abafados, o fim de agosto estava se aproximando e as noites prenunciavam a próxima estação. O ar estava ficando frio, e a noite se infiltrava quando Gabriel voltou para casa. Ele podia ouvir o som da rebentação quebrando contra o precipício, colidindo e crescendo contra as pedras abaixo. Ele se sentou durante algum tempo na borda do precipício, pernas pendentes, sentindo o poder embaixo dele. Deitando, ele fechou seus olhos e deixou sua mente vagar, escutando o fluxo e refluxo das ondas, contente, por uma vez, em sua vida; em paz.

Ele não soube quanto tempo permaneceu lá antes que a fome e o frio o levassem de volta. Olhando para cima, podia ver que as luzes estavam apagadas ou diminuídas ao longo da casa. Estava quieto, a maior parte do pessoal e família tendo ido para a cama. Sua indiferença por companhia e luta constante para dormir o deixaram propenso a divagações noturnas. A cozinha, a biblioteca, a sala de música, ele não tinha nenhuma dificuldade para encontrar o caminho na escuridão.

Tendo perdido o jantar, se dirigiu à cozinha, estômago rosnando, só para parar de repente na entrada. Sua nemesis estava sentada à mesa, uma caneca de café na mão, vestida de uma forma monstruosidade pregueada, com um xale envolvendo seus ombros. Ele quis ir embora. Ele quis dizer que sentia muito, implorar seu perdão e a agradecer por sua paciência. Ao invés disso, ofereceu a ela uma referência zombeteira. — *Mademoiselle*, como sempre, está à altura da moda pelo que vejo. — Ela sorriu apreciativamente, a única mulher que tinha encontrado sem um único traço de vaidade.

— Sim, eu sei. Eu devo parecer um espantalho. Mas eu estou bem, confortável e aquecida. Você perdeu a ceia.

Bem, confortável e aquecida. Sim, ela era isto, meditou, e ainda poderosamente inquietante. — Eu estava montando. Perdi a noção de tempo.

— Ah, bem, você está com sorte, eu acho. Há presunto, torta e maçãs, no balcão. Eu não o manterei longe de sua refeição.

Ela pegou a sua xícara, se preparando partir, e ele se viu desesperado para detê-la. — E você?

— Eu?

— Você não pode dormir? Eu não esperava encontrar alguém aqui nesta hora.

— Oh, não, não é isto. Eu estava dormindo até meia hora atrás. Eu despertei e desci, vim pegar suprimentos para observar as estrelas.

— Observar estrelas?

— Sim! — Ela disse. Seu rosto iluminou e quase dançou com excitação. — Vai acontecer uma chuva de meteoro durante as próximas noites, acontece nesta época todo ano e hoje à noite será especialmente grande, porque não há praticamente nenhuma luz da lua. Haverá estrelas cadentes voando através do céu. Centenas delas! Eu estou juntando suprimentos assim posso assistir ao show com conforto, — ela disse satisfeita. — É melhor antes de amanhecer. — Ela estava tentando seu melhor para permanecer educada e distante como ele estava, determinada a não se intrometer em seu isolamento e não parecer que o estava castigando por seu comportamento na noite passada. Ela simplesmente não era muito boa nisto.

Olhando para seus olhos brilhantes, Gabriel sentiu seu coração sacudir e vibrar em seu peito. Ela realmente era a mulher mais singular que já encontrara.

— Você gostaria de ver? — Ela perguntou impulsivamente. — Nós podíamos assistir juntos. — Ela lamentou as palavras assim que as disse.

— Onde? — Ele abruptamente.

— Do meu quarto, tenho um telescópio e um pequeno observatório na minha sacada, — disse orgulhosamente. — A visão é magnífica.

Ele se perguntou o porquê do convite, especialmente depois da noite passada. Ele a encontrou esperando por ele. Ela não disse ao irmão sobre que aconteceu, e agora o convidou para seu quarto no meio da noite. A compreensão o atingiu, e sentiu uma pontada de decepção. Ela aceitou sua oferta. Parecia que ela não tinha se importado com o seu tratamento áspero. Ele sabia que algumas mulheres gostavam disso, mas não esperava isto dela. Bem, o que ele esperava? Ele era um *gigolô*, afinal, e pediu isto. Ele deliberadamente mostrou o que ele era, e dificilmente a podia culpar por aceitar o que tinha oferecido. E ele a queria. E lhe daria o que quer que quisesse, e tomaria qualquer coisa que ela permitisse.

— Bem? — Ela ainda estava esperando por sua resposta.

Ele fez uma reverência zombeteira. — Eu sigo onde minha senhora me levar.

Ela sorriu novamente. — Excelente! Eu gosto de estar preparada assim posso me adaptar e realmente apreciar isto. Ross diz que se você vai fazer uma coisa, faça isto bem. Eu sei que ele quer dizer encargos aduaneiros e responsabilidades e tais, mas acredito que isso se aplica igualmente bem aos prazeres e divertimentos, não é?

— Indubitavelmente, *mignonne*.

— Estique seus braços.

Reconhecendo a voz de comando, ele gentilmente estendeu seus braços, se perguntando que prazeres e divertimentos tinha em mente, que ordens daria a ele esta noite, e por que isso o fazia se sentir tão… triste. Seus pensamentos foram rudemente interrompidos por uma bandeja grande.

— Devagar, não solte isto. Preste atenção, Gabriel!

Mal humorado agora, ele assistiu como ela empilhou, uma faca e colheres, metade de um presunto, a torta e maçãs que ela tinha separado mais cedo, um pedaço de queijo, e depois de um rearranjo das coisas, uma tigela de miudezas.

— Você consegue? Pode levar isso tudo? — Recusando-se a falhar em sua primeira missão, ele grunhiu e assentiu com a cabeça.

— Certo, isto deve nos suprir generosamente. Vamos embora. — Ela pegou um jarro de vinho que estava debaixo da mesa. Falando em uma voz baixa, quase um sussurro, ergueu uma luminária com a mão livre. — Siga-me.

Ele fez, com água na boca enquanto observava o contorno vago de seu quadril balançando debaixo de seu vestido informe enquanto subia os degraus na frente dele. Se não estivesse levando a bandeja ele teria agarrado seus quadris e a puxado contra ele, roçando seu sexo inchado contra o traseiro redondo. Suas mãos coçavam e seu pênis contraia-se em antecipação.

— Mais um lance, — ela sussurrou, quando alcançaram o andar térreo.

Mais um lance. Fazia muito tempo desde que ele teve uma mulher. Ele sentiu um breve lampejo de remorso por estar quebrando a confiança de Huntington tão longo depois dela ter sido dada, mas o homem merecia isto. Ele era um bobo para deixar um *gigolô* em qualquer lugar próximo a irmã, e um tolo maior se não pudesse ver que ela estava longe de ser a inocente que parecia.

— Aqui estamos. — Uma porta foi aberta, derramando uma luz suave no corredor escuro.

Gabriel a seguiu, olhando curiosamente para ele. Um fogo ardia alegremente na lareira, dispersando o frio e adicionando luz ao quarto. Havia várias luminárias e velas, algumas delas acesas. Existiam estantes de livros e um violino, uma estátua negra pequena do que parecia ser uma deusa antiga, conchas, e pedras, penas e esquisitamente pedaços de madeira seca. Ele notou uma escrivaninha e vários gabinetes de curiosidade que teria gostado de explorar se não tivesse outras coisas em mente.

A mobília era sólida, robusta, e aparentava ser confortável. Tapetes suaves e tapeçarias coloridas misturavam tudo, criando uma impressão de calor e boas-

vindas. Era o tipo de quarto onde um homem podia relaxar e ficar um tempo. Uma cama grande na parede oposta, paralela a um assento embutido na janela, capturou sua atenção. Espremidos estavam travesseiros, livros e roupas descartadas, uma colcha de veludo jogada para trás, expondo o que pareciam ser lençóis de seda. Parecia confortável e convidativo. Ele imaginou que ainda podia ver a impressão de seu corpo nos lençóis, e seu corpo vibrou em expectativa.

Sarah fez um gesto para colocar a bandeja na mesa baixa. — Vai ficar bem, por enquanto. — Esticando-se para alcançar, abriu as portas para um grande armário, retirando um cobertor de lã macia.

Suas terminações nervosas zumbiam com a expectativa enquanto seu corpo parecia primorosamente vivo. Suas narinas inalaram, capturando seu odor, limpo, almiscarado, com sugestões de fumaça, sal e especiarias. Ele estava intensamente consciente de sua roupa, acariciando e constrangendo, sua ereção pesada e túrgida, contraindo e inchado contra suas calças. Sem perceber, mudou, se metamorfoseou, se tornou lânguido, sedutor, seus olhos cobertos de sensualidade, seus lábios entreabertos, cheios e convidativos.

Sarah estava tentando abrir as portas para a sacada, lutando com o cobertor e quase tropeçou na camisola informe, um pouco aborrecida por ele estar de pé, lá, parado, em vez de ajudar. — Traga a bandeja, por favor, Gabriel. — Meu Deus, o que estava errado com ele? Ele não podia ver que ela precisava de ajuda?

Distraído, ele fez o que foi solicitado. Ele teria pulado para a cama, mas a iria servir em qualquer lugar, e de qualquer modo que lhe agradasse, de pé, sentada, ou deitada na pedra fria. Saindo para a sacada, ele parou de repente, girando sua cabeça espantado. Lera em algum lugar de como proprietários em terras árabes transformavam seus telhados em jardins deliciosos, oásis fantásticos e particulares, abertos ao céu. Ele imaginou que poderiam parecer como algo assim.

A sacada era larga e sólida, e percorria o comprimento do quarto. Pareceu flutuar sobre o oceano, como a proa de um navio, e ele imaginou que podia sentir o balanço das ondas abaixo deles. Um carvalho antigo surgia na escuridão na extremidade norte à sua esquerda, seus galhos sombreavam o segundo andar e se erguiam acima do telhado. O balaústre fora ajustado em intervalos regulares com luminárias largas de latão à óleo. Algumas estavam acesas agora, fornecendo um brilho suave e moderado. Havia arbustos, ervas, e plantas exóticas em vasos ao longo da parede e nos cantos, misturando-se com a

brisa num aroma inebriante que o lembrava dela. Os bancos de pedra equipados com almofadas acolchoadas enfileirados em direção do mar aqui e ali, e o que parecia ser um balanço centrado.

Sem dizer nada, Sarah avançou e tomou a bandeja de sua mão firme, deixando-a em uma mesa de pedra baixa próxima ao balanço, enquanto ele continuava a se maravilhar com o pequeno mundo mágico em que tinha entrado. Voltando seu rosto para o céu, sua pele pinicava com temor supersticioso. O teto abobadado acima dele brilhava e reluzia, pulsando com uma beleza antiga, movendo algo profundo e atávico, dentro de si. O pequeno espaço encantado de onde ele assistiu não era diminutivo ou diminuído pela majestade da noite, mas de alguma maneira realçado, frágil, quente, humano, e ainda mais precioso por causa disto. O efeito geral era de flutuar, como se fossem parte da noite, velejando no meio das estrelas.

Ele se virou para olhá-la, seus olhos cheios de admiração, e então se moveu para examinar um instrumento colocado em uma plataforma saliente. Parecia o focinho de um canhão pequeno montado em um tripé. Estendendo uma mão tentando alcançá-lo, ele olhou para ela. Ela sorriu e acenou com a cabeça, e reverentemente ele tocou o instrumento, arrastando as mãos ao longo do seu comprimento, examinando o mecanismo de enfoque, tubos, espelhos, e montagem. — É real? Funciona?

Seus olhos cintilando com excitação juvenil, e seu coração pulou uma batida. — Sim, funciona. Você usou um antes?

— Não, eu li sobre eles, entretanto.

— Aqui, então, deixe-me lhe mostrar. Vamos começar com a lua. — Cuidadosa para não tocá-lo, Sarah mostrou como focar e alinhar o instrumento com a fina lâmina da lua. De pé ao lado do seu ombro, ela explicou que se tratava de um telescópio de reflexão de vinte e quatro polegadas, feito por Sir James Short, da Escócia. Ela estava prestes a regalá-lo com as vantagens e desvantagens de refletir versus refratar dos telescópios, quando percebeu que ele estava extremamente absorto no que fazia para prestar qualquer atenção.

Ela se contentou em vê-lo. Era a primeira vez que o viu completamente desprovido de máscara ou artifício. Ele era como um menino ansioso em seu entusiasmo, extasiado com as maravilhas reveladas pela lente, e ela viu derrubadas todas as paredes que feridas e crueldade, abandono e traição haviam construído ao seu redor, em um espírito alegre e sensível que havia dentro dele, e percebeu que estava em perigo de cair completa e desesperadamente apaixonada por ele.

Gabriel foi apanhado em uma excitação de descoberta diferente de qualquer coisa que já conhecera. Aprender com os livros era uma coisa, mas realmente ver, com os próprios olhos… A lua empreendeu um caráter agora. Era um lugar. Tinha montanhas e vales! Ele os viu claramente, contra a sombra que obscurecia tudo menos a borda crescente. Ele se perguntou o que pareceria quando cheia. Ele devia pedir a ela para lhe mostrar. Certamente ela o deixaria olhar novamente. Poderia ser capaz de achar Marte, o planeta vermelho? Ele começou a realinhar o telescópio, começando a sua procura, quando ela falou sobre seu ombro, — Venha, Gabriel. É hora.

— Mas eu quero…

— Você vai perder as estrelas cadentes. Elas começaram. Você tem que assistir o céu inteiro agora, ou sentirá falta delas. — Esquecendo que prometera não tocá-lo, pegou em sua mão, puxando-o para longe. — Você pode voltar a usá-lo, Gabriel, em qualquer noite clara, mas isto só vêm uma vez por ano. Ninguém mais vê, exceto Davey.

Quem era Davey? Gabriel perguntou-se, não pela primeira vez.

— Por favor, Gabe! Eu quero que outra pessoa veja isto comigo, para saber.

Ele reconheceu seu apelo em um nível tão íntimo que quase ofegou. Quantas vezes ele olhado o céu em temor e admiração, apenas para achar a beleza diminuída e oca que ecoava, perdida dentro dele, sem ninguém para compartilhar? Ele entendeu seu convite agora. Ela o trouxe aqui para compartilhar seu tesouro, para transformá-lo em um presente para outra pessoa… Para ele.

Ele se sentou ao lado dela no balanço, perto, mas não tocando, e ela espalhou o cobertor de lã em cima de suas pernas. Mastigando uma maçã e fazendo justiça ao excelente queijo local, ele felizmente aceitou o jarro de vinho quando ela passou para ele. Inclinando-se para trás contente, ele usou uma perna para empurrar o balanço para frente e para trás enquanto esquadrinhava o céu, ávido para aceitar tudo. Ficaram assim por horas, em um silêncio amigável, quebrado por breves rajadas agudas de excitação.

— Você viu isto? Você viu?

— Deus, sim! Foi incrível!

Finalmente, juntando coragem, ele disse o que precisava dizer, perguntou o que precisava saber. — Você não disse nada para o seu irmão, sobre ontem à noite.

— Por que eu diria a Ross sobre um assunto particular entre você e eu?

— Cristo, Sarah! Eu ataquei você!

— Bem, eu dificilmente chamaria assim. Oh, meu Deus! Olhe! A oeste, você viu? — Ela pegou com urgência em seu cotovelo.

— Por que, Sarah? Por que não disse a ele?

Ela voltou o olhar para ele. — Porque ele não precisava saber, e não teria entendido. Ele teria exagerado, e como disse a você, não considerei isto como assunto dele.

Seu olhar encontrou o dele, firme e claro, e ele desesperadamente quis beijá-la.

— Sarah, Eu…Eu quero dizer o quão arrependido estou. — Maldição, mas isto foi difícil! Ele se sentiu exposto e vulnerável, e odiou isto. — Eu agi como um animal, e você não mereceu isto. Você devia ter contado a ele e ter me expulsado da maldita casa — Exasperada, ela olhou para ele, cavando um cotovelo afiado em suas costelas. — Gabriel, estamos perdendo a melhor parte, e você não devia usar essa linguagem! Você está fazendo muito rebuliço. Você me agarrou e me beijou e eu sinto muito em lhe dizer, você não foi muito bom nisso apesar de toda sua jactância. Você não me causou nenhum dano. Nenhum mesmo, exceto para meu orgulho. — Seus olhos se suavizaram e sua voz ficou gentil. — Eu sinto muito, também. Eu provoquei você, estou sempre metendo o meu nariz onde não devo. Eu não quis dizer causar a você qualquer angústia.

Ele percebeu que ela estava segurando sua mão, ou ele a dela, e a dor que passou por ele estendeu de seu peito até sua região lombar. Com uma perda de palavras, as lágrimas picando no canto de seus olhos, ele estava tremendamente aliviado quando ela ofegou em assombro.

— Oh, meu Senhor!

Virando para seguir o seu olhar, seus olhos se iluminaram com maravilha com as bolas de fogo formando riscos azuis, amarelos, e verdes através do céu. Eles se viraram para olhar um para o outro, ainda segurando as mãos, sorrindo de admiração e excitação. Foi o momento mais bonito de sua vida. Era algo que ele nunca teria feito, nem sequer imaginado possível, sentando debaixo das estrelas com uma jovem senhora, de mãos dadas. Era algo que amantes, namorados, pessoas que gostavam um do outro, faziam. Sua mão era suave, forte, fria, e ele acariciou seu pulso com a ponta do seu dedo polegar, inconscientemente sensual. Delicadamente traçando os nós de seus dedos, ele deu um aperto suave em sua mão e ela girou, sorrindo, e suavemente o apertou de volta.

Ele sentiu quando ela adormeceu, sua cabeça descansando contra seu ombro, seu corpo, suave e morno, apertado contra seu lado. Deslocando-se para dar

lugar para ela, passou seu braço em volta dos seus ombros e contentou-se em segurá-la, enquanto o amanhecer fazia sua primeira aparição no céu do leste. Ela dormia, um sorriso satisfeito em seus lábios. Traçando a linha de sua mandíbula com os nós dos dedos, não tocando muito nela, ele se curvou e roubou um leve beijo, sorrindo quando seu nariz se enrugou em protesto sonolento.

Colocando um braço suavemente debaixo de seus joelhos, ele a juntou em seus braços enquanto a casa começou a despertar. Embalando-a contra seu peito, apreciando a sensação dela, enterrou seu rosto em seu cabelo e a levou cuidadosamente para seu quarto, deitando-a na grande cama com um sorriso sentido. Isto não era de maneira alguma como imaginou que sua noite ia terminar, quando tinha visto os lençóis amarrotados. Ele colocou o cobertor ao redor dela, permitindo que seus dedos passassem entre os cachos castanhos em sua testa. Retrocedendo para a sacada fechou as portas atrás dele. Deslizando facilmente para o chão com a ajuda do grande carvalho, voltou para os estábulos, surpreendido por se achar assobiando. Ele não sabia que soubesse.

Capítulo 8

Gabriel encontrou Ross no café da manhã, aliviado por poder enfrentá-lo com a consciência limpa. Bem, um pouco pelo menos. Ele supôs que o conde não teria muito prazer em saber sobre sua visita noturna ao quarto de dormir de sua irmã. Ainda, que a noite tivesse terminado com inocência suficiente. Inocência — era um sabor novo e arrojado, e ele gostou disso tremendamente.

Ele passou a maior parte das próximas duas semanas na companhia de Jamie. Lorde Sidney, um vizinho distante com seus dois sobrinhos, estava hospedando um tutor de Oxford de algum renome. Jamie tinha sido convidado para frequentar, junto com os sobrinhos de Sidney, e Ross esperava que isso ajudasse a avaliar a prontidão de Jamie para educação formal.

Algo dentro de Gabriel se aliviou desde sua tarde no estúdio de Ross, e sua noite com Sarah. Ele juntou-se a eles nas refeições, era um companheiro de jantar cortês e divertido, e até mesmos se juntou a eles na sala de música uma noite, acompanhando-os facilmente, no piano. Huntington tocou o violão como um cigano, e Sarah apresentou encantos sobrenaturais no seu violino. Ele ficava surpreendido com o prazer que lhe deu se juntar em ponto e contraponto, tocando notas e ritmo em algo maior que a soma de suas partes. Ele não retornou ao quarto de Sarah, mas pensou que, quando a lua estivesse cheia, poderia olhar em seu telescópio.

No final de semana, ele acompanhou Ross e Jamie até Lorde Sidney. Aceito pelo que parecia ser, um parente distante estrangeiro que estava visitando, provocou uma certa agitação entre as jovens senhoras da casa e uma indagação por parte de Lorde Sidney, sobre as suas perspectivas. Ele observou com um sorriso saudoso quando Jamie se juntou rapidamente com a ninhada de Sidney, impacientemente irritando para se livrar dos adultos e ter suas próprias aventuras. Gabriel não teve amigos enquanto crescia, e se enchia de satisfação por saber que as coisas seriam diferentes para Jamie. Ainda assim… iria sentir faltar dele.

Eles fizeram uma tentativa de conversação na volta, mas sem a conversa entusiasta do Jamie tagarela, logo se estabeleceu um silêncio sociável. Gabriel se sentiu perturbado por deixar o menino para trás. Sua tutela de Jamie tinha sido a coisa mais importante em sua vida, a única coisa importante por muitos anos. Ele construiu sua vida em torno de o proteger. Jamie o ancorou,

afastando-o da direção da autodestruição. Ele estava um pouco consternado como facilmente o menino disse adeus, claramente impaciente e ávido para retornar a seus novos amigos. Suspirando, ele agitou sua cabeça, ganhou um olhar rápido de Ross.

— O pequeno ingrato praticamente nos lançou porta a fora. Mal podia esperar para se livrar de nós, hem?

Ambos os homens repentinamente caíram no riso e Gabriel sentiu uma onda morna de apreço. Era preciso admitir que para um asno pomposo, Huntington não era um tão ruim. E no melhor dos humores quando se aproximaram da casa, ele notou uma grande corveta de três mastros no porto abaixo. — Isto é um dos seus, Huntington?

— Em? O que? Que diabo! É aquele velhaco, Davey, em casa afinal! Eu aposto que ele já está na casa azucrinando Sarah com presentes e com intermináveis histórias de bravura.

Gabriel se endureceu na sela, fazendo seu cavalo dançar e bufar em protesto.

— Venha, rapaz, você está para conhecer um deleite, — Ross disse sorrindo, enquanto persuadia seu cavalo a um galope.

A casa fervilhava de excitação, toda concentrada no grande carismático que estava na biblioteca, enquanto os empregados e Sarah se aglomeravam ao seu redor.

De ombros largos, olhos alegres, com cabelo de um carvão preto trançado, ele tinha um nariz quebrado e uma cicatriz arrojada que o marcava da mandíbula até a maçã do rosto. Ele era uma figura extremamente romântica. Vestido todo de preto, com botas de couro e calções, ele tinha toda a aparência de um pirata.

— Bem, se não é Gyspsy Davey, retornando do mar, e virando a minha casa de cabeça para baixo.

— Ross! — O gigante de cabelos escuros disparou, andando a passos largos através da sala, e lançando seus braços ao redor dele, o erguendo do chão.

Rindo, Huntington entusiasticamente retornou o outro abraço do outro homem. — Você demorou, seu bastardo espertalhão! Eu estava começando a temer que estivesse balançando na ponta de uma corda em algum lugar, velho pirata!

O homem que chamavam Gyspsy Davey colocou um dedo contra seus lábios e piscou. — Shhh, meu querido. Não na frente das crianças, e é corsário, por favor. — Virando-se para olhar Gabriel, ele sorriu e curvou-se. — E quem é esta bonita criança, Huntington?

Gabriel retornou o arco, respondendo antes que Ross pudesse, com olhos

fixos, a voz fria e perigosa, — Por que você pergunta, meu querido? Você gosta de confusão?

— Oh, ho! O que é isto? Huntington, o filhote tem dentes!

— Sim, ele tem, Davey. — Ficando próximo a Gabriel, Ross deu um amigável aperto em seu ombro. — Eu espero que possa ensiná-lo a usá-los.

Inclinando sua cabeça para um lado, Davey olhou para Gabriel novamente, avaliando-o. — Bem, parece que você tem um pouco de espírito, pelo menos. Se você tiver qualquer habilidade, eu poderia considerar ensinar uma coisa ou duas, como um favor para o meu amigo velho aqui. O que você diria disso?

Gabriel quis dizer-lhe para se foder, e mostrou isso claramente em seus olhos, mas ele não envergonharia Sarah ou Ross, insultando um amigo em sua casa. Lembrando-se do que Ross disse sobre este homem, lutou para conter a raiva de seu comentário descuidado, e mais o ponto que seu interesse óbvio em Sarah, gerou. — Eu diria, *monsieur*, que esperaria mostrar-me mais apreciativo de qualquer coisa que poderia se importar em me ensinar.

Davey o olhou com interesse renovado, um brilho especulativo em seus olhos. — Seu nome?

— Gabriel, *monsieur*.

— Ah, um colega francês, sim? Bem, Gabriel, vou ficar em meu navio no momento. Fique disponível de manhã e nós veremos se vale a pena. — Girando para Sarah, se curvou galantemente. — Sarah, meu bem, devo fazer meu encargo aduaneiro com seu irmão. Se você me der licença, eu continuarei meu conto na ceia.

Ross e Davey retrocederam para o estúdio, deixando Sarah sozinha com Gabriel pela primeira vez em mais de duas semanas. Ela ficara um pouco surpresa ao acordar na sua cama depois da chuva de meteoro. Ele deve tê-la carregado para lá, e este pensamento a fez corar. Ela lamentava que não estivesse acordada para apreciar a experiência. Ele pareceu hesitante, quase tímido em sua companhia desde então, mas isso era uma vasta melhora sobre o frio e grosseiro anteriormente, pensou com um sorriso.

Algo fundamental tinha mudado entre eles desde seu encontro áspero no corredor. Ela apreciou sua desculpa, mesmo que nunca realmente tivesse temido que ele a fosse prejudicar. Sua frieza e desprezo eram o que a tinham ferido, e isso desapareceu desde sua visita à sacada. Eles compartilharam algo mágico aquela noite, e tinham semeado as sementes de uma amizade frágil, mas incipiente. Eles tinham sido cuidadosos um com o outro desde então, nenhum deles querendo presumir ou impor.

Tendo adquirido o hábito de estudá-lo, Sarah não tinha perdido a reação irritada de Gabriel com o comentário descuidado de Davey. Ela sabia, melhor que a maioria, como isso o teria atingido. Não devia ter sido fácil para ele se despedir de Jamie também, ela refletiu. Com um sorriso de simpatia, se aproximou para passar o seu braço pelo dele. — Você não deve se importar com Davey. Ele é um pouco selvagem e tende a dizer qualquer coisa que o agrade, mas tem um coração de ouro e não existe um amigo mais verdadeiro. Venha, caminhe comigo, e diga-me o que aconteceu na casa de Lorde Sidney. Jamie está feliz lá? O que acha?

Ele respondeu suas perguntas o melhor que pôde, acalmado por seu toque. Enquanto caminhavam, percebeu que tinha muitas perguntas também. Como este homem que chamavam de Gyspsy Davey se encaixava com Sarah e sua família? Como tinham perdido Jamie em primeiro lugar, e por que levou tão tempo para encontrá-lo? Ela realmente tinha sido casada antes? Condicionado a aceitar qualquer destino que lhe fosse enviado, ele se programou a ser insensível a menos que o assunto pudesse diretamente o afetar. Agora estava percebendo que existiam muitas coisas que precisava saber. — Quem é ele, Sarah? Este homem? O que ele é para sua família? Todo mundo fala dele.

— Davey?

— Sim.

— Bem, ele tem sido uma parte de minha vida desde que posso lembrar. Ele é de descendência huguenote, um primo em segundo grau do lado da minha mãe. Sua família deixou a França para a Irlanda quando as perseguições começaram. Seus pais foram mortos em alguma fútil escaramuça de fronteira e ele veio viver conosco. Eu lembro dele sendo muito divertido, e maldosamente aventureiro. Ele era como um irmão mais velho para mim, mas era bastante selvagem, sempre fora com os ciganos, ou entrando em alguma encrenca atrás da outra. Nós tivemos algumas grandes aventuras juntos enquanto crescíamos, e claro, ele e Ross se tornaram companheiros imediatamente.

Gabriel bufou, — Isto está um pouco difícil de acreditar, *mignonne*.

— Oh, mas é verdade! Eles eram mais íntimos que irmãos. Eles ainda são. Eles costumavam velejar e se aventurar o tempo todo, mas Ross se estabeleceu um pouco nos últimos anos. Eu não sei se Davey vai. Ele é desgostoso com a política e religião e doente pelo que viu ser feito com os irlandeses e seu próprio povo. Ele é chamado Gyspsy Davey por suas aventuras de infância, e porque está sempre inquieto e mudando de um lugar para outro. Ele está bastante orgulhoso de se chamar um homem sem país ou religião. — Ela sorriu.

— Isto é terrivelmente conveniente para um corsário e um contrabandista, sabe, ele se sente livre para tomar comissões onde, e como, lhe agradar. Meu irmão está seriamente preocupado que ele está se tornando muito ousado. Ele não estava brincando sobre vê-lo balançar com uma corda no pescoço.

Gabriel tentou imaginar o reservado e imaculado, Lorde Huntington tomando parte em pilhagem e aventura em alto mar, com pouco sucesso. — E ele vive com vocês quando não está no mar?

— Ele vive conosco quando quer. Nós somos sua família, e ele é nosso.

Encorajado, ele conseguiu fazer mais uma pergunta antes de serem chamados para o jantar. — Eu tenho querido dizer obrigado, *mademoiselle*, por compartilhar seu observatório comigo. Foi uma noite que nunca vou esquecer. Eu estava me perguntando se poderia visitá-lo novamente, quando a lua estiver cheia, para ver com seu telescópio.

— Claro, — ela disse com um sorriso brilhante. — Como eu disse antes, você é bem-vindo a vir sempre que quiser.

— Obrigado, *mademoiselle* — Sarah, por favor.

— Obrigado, Sarah.

Sentindo caridade com o mundo, ele entrou para jantar. Pondo de lado seus medos por Jamie e seu alarme pela admiração óbvia de Sarah por seu primo bonito, relaxou e apreciou o bom humor, pronta sagacidade, e vinho fino, escravizado enquanto Davey os regalou com contos de batalha e aventura, portos exóticos, e fugas de última hora em alto-mar.

Atormentado por uma crescente inquietude de vários dias agora, Gabriel já estava esperando por Davey, pescando distraidamente na doca, quando o sol nasceu na manhã seguinte. Ele estava pronto para trabalhar arrastando corda, bombeando porões, limpando decks e fazendo outro trabalho servil. A tripulação heterogênea de Davey o saudou com assobios e gargalhadas, sorrindo e dando beijos. Ele não teve nenhuma dificuldade de os ignorar. Não era seu hábito se preocupar com o que os outros pensavam. A opinião da tripulação não significava nada para ele. Não foi o comentário de Davey que o irritou ontem à noite. Em outras circunstâncias, poderia ter achado divertido. Mas ele fez isto na frente de Sarah, e para melhor ou pior, sua opinião importava. De alguma maneira, tinha chegado a importar muito.

Era meio-dia antes de Davey vir e lhe bater no ombro, enviando-o a seu caminho. A tripulação, diante de sua completa e absoluta indiferença, há muito havia abandonado seu assédio. Com os músculos doloridos, cansado e faminto, ele retornou a seu quarto. O sono ainda lhe escapava. Veio para ele aquela

noite, entretanto, e os sonhos também.

O menino está perdido, em algum lugar da casa grande, perdido e o chamando. Ele busca freneticamente, correndo por corredores infinitos, rasgando portas abertas, a caça de quarto em quarto, doente com o medo. Ele o encontra, choramingando, apavorado, encolhido diante de um sátiro de rosto vermelho. Ele o conhece bem. O alemão. Enfurecido, agarra seu punhal, apunhalando e apunhalando, lâmina afiada se enterrando na carne, mergulhando através da cartilagem e tecido, moendo contra osso, repetidas vezes enquanto o menino soluça em terror e sangue jorra e jorra no assoalho.

Ele olha em volta. O menino desapareceu. Existe sangue em suas mãos, mas a urgência e ira vão desaparecendo. Ele está mais tranquilo agora flutuando, desapegado. Ele vê a cama. Luxuosa, opulenta, de seda vermelha e cetim, uma mulher nela, linda e grosseira, vestindo apenas meias-calças, pernas abertas em convite, seus dedos ocupados puxando, pegajosos com seus próprios sucos. — Venha, — ela diz, comandando, não convidando.

Despertando com um gemido, seu coração batendo com ira e medo, Gabriel levantou da cama e perambulou inquieto pelo quarto. Ele parou perto da janela, inclinando sua fronte contra o vidro frio, seu corpo ainda tremendo. Soltando um suspiro que era meio soluço, meio riso, ele apalpou até que achar seu conhaque. Ele tinha bebido menos estas últimas semanas, mas sempre teve certeza que precisava ter um suprimento pronto, perto da mão. Nunca se sabe. Ele se aproximou do fogo, mexendo e adicionando outro tronco, tentando repelir o frio súbito que o ocupou.

Parecia que quanto mais tempo ficava sem dormir, mais vívidos seus pesadelos se tornavam, e que quanto piores se tornaram, mais ele evitava dormir. Ele esperava que aquelas horas de trabalho árduo comprariam um pouco de sono sem sonhos, mas não conseguia escapar do ciclo vicioso que roubava suas noites de descanso ou paz. Ele era grato por isto de uma maneira estranha. Ele estava se esquecendo ultimamente, apanhado em um mundo de fantasia, fingindo que tinha um lugar aqui. Era tolo e perigoso. O sonho serviu como uma lembrança, muito necessária, de quem era e de onde veio. Ele bateu seu punho na parede, abrindo os nós dos dedos, o choque afiado de dor ajudando a se recuperar. Este lugar era a fantasia, só os sonhos eram reais. Melhor que não esquecesse isto.

Sabendo que não dormiria mais esta noite, ele vestiu um par de calções. Negligenciando colocar botas ou abotoar sua camisa, saiu e desceu o precipício íngreme até a praia. Ainda agitado, o sonho tinha sido malditamente

real, começou a se aplicar na garrafa a sério. O vento chicoteando seus cabelos e a camisa ao redor ele, sombrio e cansado, olhou em cima em direção à casa. Estava quieto e frio hoje à noite, não retendo nenhum calor ou alegria que tinha estado lá mais cedo. Tudo tinha passado, evaporando, como se nunca tivesse existido.

Bebendo da garrafa, ele notou com surpresa enfadonha que a lua estava quase cheia. Refletia sobre a superfície da água quieta, uma estrada brilhante, linda, fantasmagórica, acenando a viajantes imprudentes para um mundo assombrado de mistério e imaginação. Dupla cadela! Ele estremeceu e levantou sua garrafa em saudação antes de começar a voltar, não realmente ciente de como administrou o caminho íngreme no estado em que estava, não realmente ciente de onde estava ou o que estava fazendo, até que se achou de pé debaixo do carvalho alto, olhando em seu quarto.

Melhor não acordá-la, melhor sair, mas ele estava exausto e frio, ossos gelados profundamente, e ele não estava muito bêbado para temer o que poderia fazer se estivesse sozinho esta noite. Suspirando, ele se deixou deslizar para o chão, sabendo que não deveria estar lá, mas incapaz de sair.

Bem, ela tinha prometido a lua, disse a si mesmo com uma risada bêbada. Descalço, com a garrafa na mão, conseguiu subir sobre os galhos mais baixos. Em pouco tempo, ele alavancou-se pela balaustrada e para a sacada, sem derramar uma gota. Sua porta estava aberta pela brisa, e ele a empurrou mais, permanecendo ali de pé por vários momentos, emoldurado pelo luar, observando-a dormir.

Bem isto era malditamente desapontador! Se uma moça lhe fazia um convite, ao menos podia ser ficar acordada e esperar por ele. No geral ela era uma boa menina entretanto, pensou caridosamente. Ela o deixou usar seu telescópio de Sir James Short; ela não era uma tagarela, e sempre cheirou muito bem, realmente. Ele se aproximou da cama, até estar de pé sobre ela.

Sua pele brilhava como alabastro ao luar, e ela sorria em seu sono, suave e inocente. Seus peitos, entretanto, cheios e redondos como…melões, suculentos e carnudos, destinados a extinguir a sede do companheiro, subindo e caindo com sua respiração, convidando um homem a acariciá-los, beijá-los… agora eles eram francamente pecadores! Ele estendeu uma mão instável, e então a puxou para trás. Melhor não acordá-la, melhor partir, mas ele estava exausto e frio, os ossos gelados profundamente, e não estava muito bêbado para temer o que poderia fazer se estivesse sozinho esta noite. Suspirando, se deixou deslizar para o chão, sabendo que não devia estar lá, mas incapaz de partir.

Despertando de um sonho, Sarah se moveu um instante, sonolenta, antes de despertar. Havia alguém em seu quarto! Ela se ergueu cautelosamente no cotovelo, se esforçando para ver. Uma chama minúscula lambida na grelha, lançando mais sombra que luz. Gabriel estava sentando no chão ao lado de sua cama. Um joelho estava preso ao seu peito e ele tinha uma garrafa em uma mão, descansando em seu colo.

Ela o estudou cuidadosamente. Camisa aberta, ele estava com o peito nu e desalinhado, seu cabelo em mechas selvagens sobre seus ombros. Seus olhos estavam desfocados, olhando para dentro. Ele parecia perdido em um transe, contemplando alguma dor do passado, a mágoa claramente visível em seu rosto. Queria estar brava com ele. Ele tinha claramente estava bebendo e lhe deu um susto, mas parecia tão cansado e perdido. Ela sentiu uma combinação estranha de piedade, luxúria, e o desejo de confortar.

Quando ele finalmente percebeu que ela estava acordada e o olhando, ele a reconheceu com um sorriso triste, entortado, e uma saudação instável.

— Você está bêbado!

— Completamente raposa, — concordou com um sorriso cordial.

— Como você entrou aqui?

Ele entortou um dedo em direção à sacada. — Árvore.

— Você subiu naquela árvore neste estado?

— Mmm, — ele concordou. — A árvore, o precipício, os degraus. Desde que estou bêbado, o que importa?

— Você é um idiota! Você poderia ter morrido!

— E você, *mignonne*, é muito astuta. — Sua cabeça estava começando a clarear. Quanto mais bebia, mais demorava para colocá-la clara e a manter lá. — Eu não devia ter vindo.

— Por que fez você, Gabe? O que está errado? — Ela suavemente perguntou.

— Um sonho ruim, — ele disse cansado. — Nada mais.

— Bem, agora que você está aqui, por que não me fala sobre isto? Poderia ajudá-lo a dormir.

— Cristo, mulher, eu vim aqui por um pouco de paz, para escapar dele, não me chafurdar nele! — Ele se pôs de pé. Isto tinha sido claramente um engano.

— Você honestamente não pensa que pode escapar disto o ignorando, ou indo embora, não é?

Não, ele nunca pensou assim. Só esperava. Ele esperava que pudesse escapar durante algum tempo, correndo para ela, e esperando que fosse a coisa que o destruiria no fim. Ele sabia disto. Ele se virou, olhando para ela na

escuridão. — Quer que eu lhe diga então, Sarah? Você realmente quer saber? Você gostaria de saber o que eu estava fazendo na noite antes de você e seu santo irmão chegarem à casa de Madame Etienne?

Seu silêncio o impeliu.

— Eu seria leiloado naquela noite, meus serviços pela noite, pelo lance mais alto. Eu fiz o meu melhor para apelar, como manter metade dos lucros para mim. Eu era um bem muito valioso lá, sabe. Eu fiquei surpreendido porque ela me soltou.

Ele andou na sua direção, seu corpo tenso, vibrando. Sua voz se tornou fria, deliberadamente sedutora e atraente. — Era um marido e uma esposa, ou um homem e sua amante, um par brincalhão. Eu era o criado mau. — Apesar de sua tensão óbvia, sua voz soou divertida. — Queimando com luxúria pela minha condessa altiva. Saboreando-a, dando-lhe prazer, coisa em que sou muito bom, quando seu marido chega, pegando-nos no ato. Naturalmente, ele estava furioso e determinado a castigar ambos. Eu, o empregado insolente, era ensinado para lamentar minha impertinência. Estando ligado à cama e chicoteado por sua senhoria enquanto sua senhora ajoelhada entre suas pernas, vigorosamente chupando seu pênis. Felizmente, ela seria suficientemente completa que ele não estaria propenso a completar seus projetos amorosos em minha pessoa.

Silêncio. Continuou sem cessar, com exceção de sua respiração. Ele sabia que a tinha chocado, estrangulou algo delicado que tinha crescido entre eles, e ele não tinha terminado ainda. — E você sabe o que mais, minha querida? — Ele perguntou, sua voz zombando. — Eu apreciei muito. — Ele não estava seguro do que esperava dela — horror, condenação, e desgosto, certamente não uma resposta tão fria e destacada como a sua.

— Bem, agora, se você apreciasse isso, não estaria tendo pesadelos, não é?

A raiva explodiu através dele, demolindo anos de controle duramente conquistado. A garrafa voou de sua mão, quebrando no canto como uma parte distante de seu cérebro notando que vidro quebrado estava se tornando um hábito, uma forma diferente de conforto. Maldita seja! Maldita seja! Ele respirou fundo, então outra vez, apertando seus punhos, recusando-se a olhá-la para que não provocasse mais violência. Rigidamente se voltou em direção à sacada e desapareceu na noite.

Capítulo 9

Gabriel passou o resto da noite caminhando na areia. As ondas crescentes ressonavam como o tumulto dentro dele, permitindo-lhe reafirmar uma certa medida de equilíbrio para seus nervos quebrados. As noites sem sono não eram nada de novo para ele, e bem antes do amanhecer retornou para Davey, gastando várias horas esfregando os decks e subindo cordames, agradecido por qualquer atividade, quanto mais árdua melhor. Entorpecendo sua mente, ele canalizou seu desânimo e confusão em esforço físico, até que Davey o repreendeu severamente e o mandou para casa. Ele se encolheu ao pensamento de ver Sarah, novamente.

Ele tinha sido despido antes, de muitas formas, mas nada o tinha feito se sentir como se sua pele tivesse sido arrancada, vulnerável e exposto, como ela o tinha visto ontem à noite. Se pudesse voltar atrás, o faria. Ele teria ficado em seu quarto, brincando com vidro ou aço, e depois se ocupando. Agora ela sabia muito, e quando ele olhasse em seus olhos, ele veria o seu verdadeiro eu refletido de volta. Era quase demais para aguentar.

Tinha a intenção de ir para seu quarto, não querendo enfrentá-la, mas seu corpo, faminto exigindo ser alimentado, o traiu. Bem, pensou com humor sombrio, nada novo sobre isso. Em todo caso, não a podia evitar para sempre. Se arrastando, foi para a sala do café da manhã. Naturalmente, ela estava lá. Ela não ofereceu nenhuma saudação quando ele entrou, e ele evitou seus olhos. Ele se moveu rigidamente para o aparador e encheu o prato. O álcool o podia ter enfraquecido, mas as horas a bordo do navio de Davey deixaram seu corpo voraz. Ele demorou a se sentar, esperando que ela se levantaria e partiria assim que se juntasse à ela na mesa.

— Gabriel, se apresse. Não é como se você fosse tão delicado ao redor de sua comida. Ou talvez como diz Davey… Verde sobre as brânquias por um excesso de bacanal?

— Eu não estou de ressaca, *ma cheri*.

— Bom, e você não caiu e rachou sua cabeça nas pedras enquanto descia da minha sacada? — Ela docemente perguntou.

— Não, a não ser que isto seja o inferno, e você, um dos servos de Lúcifer.

— Talvez este seja o céu, e eu sou um anjo, — ela disse com um sorriso irônico.

— Não, *mignonne*, eles nunca me permitiriam lá.

— Hum, talvez não. Davey diz que as pessoas mais interessantes estão destinadas a ir para o inferno. Eu gostaria de pedir a sua ajuda com algo, se pudesse.

Ele ousou olhar para ela então. Seus olhos eram claros e sinceros, brilhando com excitação mal reprimida. Ele piscou, confuso, e perguntou-se se tinha sonhado com a noite passada. Talvez nunca tivesse acontecido.

— Gabriel? Você está sonhando acordado? Se estiver muito cansado, tudo bem. Pedirei ao Sr. Simmons para me ajudar.

— Ajuda com o que, Sarah? — Ele perguntou, trazendo seu prato para a mesa e sentando-se em frente a ela.

Inclinando-se sobre a mesa, excitada agarrou seu antebraço, seu toque provocou uma dor esquisita em seus nervos desgastados. — Eu organizei uma surpresa para meu irmão, um garanhão árabe e duas belas éguas. Davey os trouxe com ele. Eu os estava querendo trazer hoje. Eu posso lidar com o garanhão, ou com as éguas, mas não com todos. Davey prometeu manter Ross ocupado, assim posso colocá-los nos estábulos.

Ele deixou seus olhos se deleitarem um momento na fenda do seu seio enquanto ela se inclinava sobre a mesa. Ele se imaginou enterrando seu rosto lá, envolto em seu calor e seu odor, suas mãos segurando seus seios, seus dedos e polegares…

— Gabriel? Você está bem? — Ela levou sua mão, lisa e fresca, contra sua fronte, sentindo sua temperatura.

Ele reprimiu um gemido e suavemente a removeu. — Uma leve enxaqueca? Ele mentiu enquanto sua ereção se esticava dolorosamente em sua calça. — Nada que um café e comida não curarão.

— Você poderia considerar…cortar um pouco, do álcool, — ela disse cuidadosamente.

— Sarah, — sua voz continha uma nota de advertência. — Você gostaria da minha ajuda, ou não?

— Sim, por favor, — ela disse humildemente.

— Tudo bem, me dê um momento para terminar meu café. Vá em frente se quiser. Eu irei logo. Eu preciso ah… usar o reservado.

— Oh, sim, claro. Bem, então, vou na frente e você me alcança.

Ela se levantou em um salto e ele percebeu que ela estava tão nervosa sobre este encontro quanto ele, incerta quanto à sua reação. Não sabia ao certo o que fazer, ele a observou deixar a sala, mudando de posição em sua cadeira

enquanto ajustava seus calções apertados.

Gabriel se orgulhava do seu controle. Ele tinha aprendido como produzir uma ereção à vontade, e como suprimir uma. Não estava funcionando muito bem com Sarah, entretanto, ele notou azedo. Uma vez que ela se foi, ele deixou a mesa, retornando a seu quarto. Lançando-se na cama, livrou seu órgão pulsando. Inchado com a necessidade, acariciando e bombeando, imaginando-a deitada despretensiosa e disposta em baixo dele, se libertou.

Sarah esperava por ele na borda do penhasco, recostando-se em seus cotovelos, pernas penduradas ao lado, pensando na noite passada. Depois que ele partiu, ficou deitada em sua cama muito abalada para se mover, chocada com o que ele disse a ela, e atordoada pela profundidade de sua raiva. Tinha sentido que ela não era a causa, mas certamente tinha sido o catalisador. Ela lamentou como lidou com isso, tinha realmente confundido tudo, o repelindo quando claramente viria à procura de algum tipo de conforto.

Queria ajudá-lo. A princípio, foi por causa do que ele fez por Jamie, mas isso logo mudou. Quanto mais o conhecia mais se sentia atraída por ele, até que invadiu seus pensamentos, dia e noite. Ela já estava mais do que meio apaixonada. Vendo-o ontem à noite, só e perdido no chão ao lado de sua cama, ela não queria nada além de o tomar em seus braços e segurá-lo apertado. Talvez devesse ter feito isso, em vez de fazer perguntas. Por que tinha que ser tão complicado? Ela se preocupou com ele o resto da noite, e ficou tremendamente aliviada ao vê-lo seguro, e inteiro, esta manhã.

Levou um pouco mais de um quarto de hora para alcançá-la. Ela virou sua cabeça para observar sua aproximação. Seu passo era longo e ele se movia com a mesma graça fluída que tanto a fascinou quando o viu pela primeira vez em Paris. Ele despertou uma sensualidade intensa nela que nunca suspeitou possuir. No café da manhã, ela ficou estudado os seus lábios, pelo amor de Deus! Fechando os olhos por um momento, ouviu sua voz novamente, fresca, sedutora, *eu a estava provando, agradando, eu sou muito bom nisso*. Sentindo uma punhalada de culpa e vergonha, ela se levantou, determinada a banir a memória, e suas reações.

— Bem, Gabriel, devo dizer, que parece muito melhor.

— Sim, eu me sinto muito melhor, obrigado. O café, — disse com uma sugestão de um sorriso. Eles continuaram caminho abaixo juntos, um silêncio constrangedor entre eles. — Eu suponho que deva me desculpar, Sarah, por meu comportamento ontem à noite.

Ela parou de caminhar e se virou para encará-lo. — Mais como um grande

bobo, eu diria.

— Eu realmente sinto muito.

— E devia sentir. Levei meia hora para limpar aquela bagunça, e cortei meu polegar fazendo isso. — Ela levantou seu dedo abusado para ele ver.

— Não vai… não acontecerá novamente. — Ele iria se certificar disso. Estas visitas ao quarto dela eram muito perigosas para seu equilíbrio. Elas teriam que parar.

— Bem, se irá ou não, eu não limparei novamente. Se você fizer bagunça, Gabriel, você deve ficar para limpar.

Ele olhou para seus punhos. — Eu sei. Eu somente…

— Sim, — ela suspirou, — eu sei. Eu chateei você terrivelmente e você teve que partir. Eu tenho que aprender a não me intrometer nos assuntos particulares das pessoas. Eu me desculpo por isto. Novamente. Eu não queria. Parece que nós dois continuamos repetindo os mesmos enganos.

Encontrando seu olhar, ele viu ansiedade e preocupação em seus olhos. Não era o que esperava, mas isso não devia ser uma surpresa, quando tudo sobre Sarah era tão… inesperado.

— Amigos? — Ela estendeu sua mão para ele, um olhar expectante em seu rosto.

Seu convite quase o destruiu. Inexplicavelmente, ele quis chorar. Ele ficou lá no meio do caminho, dolorido e inepto, sem ideia de como prosseguir.

Sorrindo, e levantando brincalhona suas sobrancelhas, Sarah falou devagar e cuidadosamente, como se fosse um simplório, — Gabriel, aqui é onde você diz amigos, e trocamos um aperto de mão cordial, deixando toda a desagradável noite de ontem para trás.

Ele piscou, então sorriu em gratidão e alívio, tomando sua mão e curvando galantemente. — Amigos.

Quando seu humor aliviou e a tensão entre eles evaporou, o sorriso juvenil que ele deu a ela era tão genuíno e tão bonito que enrolou os dedos dos pés, e fez seu brilho por toda parte. Imensamente contentes um com o outro, eles continuaram o resto do caminho até Davey, tagarelando sobre cavalos e compositores, e telescópios e a lua.

Amigos. Era uma palavra tão simples. Ela era a única que já se importou em saber mais sobre ele do que podia ver. A única que já perguntara, e em resposta, ele contou coisas que nunca contou a ninguém. Ele percebeu que queria conta-lhe sobre seu sonho. Ele precisava saber se ela ainda lhe daria boas vindas, ainda o aceitaria, se soubesse, realmente soubesse, o que sua vida tinha sido.

Ele permitiu que ela vislumbrasse o horror escuro do seu passado e menina tola, mas sábia em todos os aspectos, exceto nisso, ela estendera sua mão em amizade. Ela sabia o que significava, tanto quanto alguém podia, mas não sabia o que significava para ele. Nunca existiu alguém para compartilhar pensamentos ou ideias, esperanças e sonhos, medos, mágoas ou tristezas. Até Sarah, ninguém se importou.

Ele esperou três dias, com medo de testar os limites desta nova amizade, com medo de cometer um engano, mas na quarta noite ele foi até ela, como uma traça atraída para chama.

Capítulo 10

Sarah estava dormindo quando ele chegou, e algo estava diferente. Levou um momento antes de perceber que o assento da janela estava forrado com almofadas, peles e cobertores. Um embornal de vinho, também tinha sido deixado. O gesto oferecia conforto a ele e convidava a ficar, e se tranquilizar. Ele não estava acostumado que alguém fosse atencioso com seu conforto, o que o convenceu que sua oferta de amizade e boas vindas que viu em seus olhos, era genuíno. Escolhendo não despertá-la, ele se instalou entre as peles, caindo em um sono profundo e muito necessário, sem sonhos, mas saiu discretamente ao amanhecer.

Ele veio muitas vezes depois disso, não mais hesitante de sua acolhida. Ele ficava por horas em sua sacada, assistindo a majestosa dança das constelações enquanto giravam lentamente sobre sua cabeça. Parecia-lhe que sempre houve outros mundos ao seu redor, só que fora do seu alcance, inesperados e invisíveis. Estavam se abrindo para ele agora. Sarah os estava abrindo. Falaram durante muito tempo à noite, suas vozes se juntando em riso fácil e debate animado. Pela primeira vez, Gabriel compartilhava suas opiniões e ideias. Eles discutiram os filósofos, Voltaire e Hobbes, Locke, e Rousseau. Eles discutiram compositores, Haydn, e o prodigioso Mozart, e Sarah descobriu, para o seu deleite, que Gabriel era tão talentoso com violino e violão como era com o piano.

Gabriel se sentiu intoxicado, como se tivesse atravessado por um espelho de conto de fadas em um mundo encantado. Ele sabia que estava apaixonado por ela, profundamente, docemente, loucamente apaixonado. Seu mundo tinha sido escuro e incolor antes dela entrar em sua vida, destituído de qualquer emoção forte, exceto ódio, desespero ou medo. Ela abriu seus olhos para admirar, lhe deu boas-vindas em sua casa tão calorosamente quanto o fez para seus irmãos, ou Davey. Ela encheu todos os seus pensamentos e seus sonhos ardentes, mantendo os pesadelos à distância, lhe dando uma razão para acolher o sono, em lugar de temê-lo. Ele sempre foi respeitoso, cuidadoso nunca arriscando o laço crescente entre eles, e estava verdadeiramente feliz pela primeira vez que em sua vida.

Os próximos meses passaram como um borrão de atividade. Seus dias foram passados sob a tutela de Davey. Um mestre duro, Davey insistiu que Gabriel

aprendesse ao seu próprio modo a respeito do navio, mandando-o para o alto, subindo as blindagens no topo de mastros com mais de cento e cinquenta pés acima do convés até que estivesse a vontade observando do alto. Aprendeu como montar, reefeirar e enrolar uma vela, a se equilibrar nos apoios de pés do mastro, enquanto o navio girava em círculos vertiginosos.

Equilibrando-se no convés e no trilho estreito, praticou com espada curta, cutelo, florete, e uma espada curva que Davey chamava de katana. As longas semanas de atividade física extenuante endureceram e afiaram seu corpo, esculpindo-o em um monte de músculo e nervos, e graça fluída. Suas primeiras experiências o tinham ensinado a desconfiar de seu corpo, a se distanciar dele, separar mente e sensação. Agora, seu treinamento com Davey o forçou a fundir mente e corpo — focando, presente, e ciente. Enquanto seu treinamento continuava, se tornou mais confortável e à vontade consigo mesmo. Ele apreciou a dor gentil que drogou seus braços e pernas depois de uma longa sessão. Ele apreciou o modo que seu corpo reagia e se movia, tão rápido quanto o pensamento, e se encontrou correndo, saltando, e subindo, pela pura alegria disso.

O foco que lhe permitiu sobreviver à sua infância desastrosa, agora o ajudava a ser um com sua arma, como Davey o ensinou a canalizar sua raiva e paixão na lâmina em uma vida, respirando a dança da beleza, aço e morte. Um atleta natural e sedento para aprender, ele se derramou no ritmo do mar, do navio e da espada, até que eles fossem uma extensão de si mesmo, tão natural para ele como respirar. Ele exultou nisso, e apesar de seu início tardio, ele logo se superou.

Gabriel era tão suscetível ao charme perverso de Davey como eram Sarah e Ross. Ele valorizava a opinião do homem, compreendendo o que Davey esperava dele, e se encontrou capaz de se encaixar com a sortida coleção de inadaptados e excêntricos que compunham a tripulação de Davey, de um modo que o iludiu em outros cenários. Ele sabia que se sobressaía nas coisas que Davey lhe ensinou, e humor irreverente do homem e cinismo desencantado da vida atingiram um acorde que ressoou profundamente dentro de si. Davey era tão suficientemente bandido que Gabriel se sentiu confortável, em algumas ocasiões, para compartilhar uma pequena parte do seu passado. Davey recebeu essas revelações com humor às vezes, mas nunca com choque.

Sua relação com Davey era mais fácil e mais relaxada que a que ele tinha com Ross, que se comprometera a o instruir em questões de propriedade, e assuntos de comércio e investimento. Ele suspeitava que o homem mais velho

estava tentando prepará-lo para que tirasse o maior proveito de suas dez mil libras quando terminasse o acordo entre eles, e o pensamento o deixava desconfortável. Ele também sentiu que estava sendo medido contra um pouco de padrão que não entendia, não podia se relacionar, e não podia alcançar. Nunca lhe ocorreu que estes sentimentos de ser julgado e achado carente poderiam envolver seu próprio interesse na irmã de Ross. Ele respeitava, admirava, até gostava de Ross, mas nunca se sentiu completamente à vontade em sua companhia, e o espantava como os dois homens, que pareciam tão diferentes em temperamento, eram amigos tão próximos.

Tanto quanto os dias de Gabriel eram cheios de desafio, trabalho duro e esforço físico, suas noites eram cheias de magia. Algumas noites todos se reuniam no terraço inferior. Davey vinha com um ou dois de sua tripulação esfarrapada, ou amigos ciganos do outro lado do rio. Eles cantavam e tocavam ao longo da noite, bebendo uísque e vinho e levantando suas vozes em gargalhadas, conversa e canções. Trocavam palavras e melodias, desafiando um ao outro por qualquer momento, humor ou imaginação que seja; eles faziam música selvagem e bonita contra um fundo do mar e céu, em uma comunhão calorosa e maravilhosa que deixava Gabriel se sentindo exausto, feliz, e repleto.

Na maioria das noites ele esperava, ofegante e excitado, que o sol se pusesse, que a lua se erguesse, e a casa se acomodasse para a noite. Então subia o carvalho para o quarto de Sarah, observando o céu e conversando, ouvindo a sua voz rouca de excitação, assistindo com fascinação enquanto seus olhos brilhavam de paixão, iluminados de dentro, e observando com inveja como a brisa da noite acariciava suas bochechas, arrepiando seu cabelo e tocando com as gavinhas como ele desejava fazer.

Nas noites mais frias, se instalou no lugar que ela tinha providenciado no assento da janela. Ele lhe contou mais sobre seu tempo no castelo. Como ele amou os estábulos e os cavalos, e o que significou para ele descobrir música e aprender a ler e escrever. Com o tempo, hesitante e cuidadoso, lhe contou mais *De Sevigny*, como teria feito qualquer coisa em seu poder para lhe agradar para que ele pudesse ficar, como tentou escapar, e como em ambos os modos, atolado em vergonha e confusão, ele foi um participante ativo em sua própria ruína. Disselhe quão mal tinha se sentido, o quanto ele odiou Sevigny e a si mesmo, e o quanto odiou voltar para a casa de Madame.

Sarah raramente dizia muito quando ele lhe contava estas histórias, apenas ficava na escuridão escutando, um comentário suave de vez em quando. — Você

o amou porque ele fez essas coisas possíveis: os livros e a música. Ele lhe deu o único prazer que já conheceu.

— Sim.

— Mas ele não se importava com você. Não era nada. Você era só uma coisa para ele. Algo para usar. E ele deixava você fazer essas coisas, montar e tocar e aprender, para fazer de você uma coisa mais valiosa.

— Sim, — ele murmurou.

— E então, você tomou o que podia, o que quis e precisava, e depois você partiu. Ou pelo menos, tentou. Você sobreviveu a ele. O que mais poderia ter feito, Gabriel?

Ele balançou sua cabeça na escuridão, incerto, nunca tendo pensado sobre isso desse modo antes. — Eu não sei. — Ele adormecia lá, frequentemente, mais aquecido e pacífico do que em seu quarto confortável. Ele imaginou que possuía algum encanto poderoso, protetor, porque os pesadelos nunca pareciam o encontrar ali, nem mesmo quando abria a porta para memórias amargas.

A medida que os dias ficavam mais curtos, e a primeira geada cobriu o chão, ele se encontrava subindo o grande carvalho quase todas as noites. Uma noite, quando o vento soprava frio e o primeiro granizo batia contra a janela atrás dele, ela o convidou para compartilhar um lado da grande cama. Sem fôlego, cuidadoso para não interpretar mal, ele aceitou, deitando cuidadosamente ao lado dela por cima das cobertas, um braço de distância. Nessa atmosfera íntima e rara, ele disse a ela que Davey era apaixonado por ela, e ela o chamou de bobo confuso. Ele reclamou de seu arrogante irmão mais velho, e descreveu com entusiasmo o sentimento que teve da dança sangrenta e controlada de violência, do metal, e da mente que Davey lhe ensinava. Uma noite ele perguntou sobre seu marido.

— Você realmente foi casada, Sarah? Eu tenho dificuldade de imaginar isso.

— Eu também, — ela disse com um tremor.

— Você me disse, no navio, que não se importava muito com ele.

— Eu… eu não me importava com ele.

— Eu não pensaria que… eu fico surpreso que Ross, ou seus pais, a forçariam a se casar com alguém de quem você não gostava.

— Não… não foi assim, Gabriel. É…é uma história bastante longa e complicada.

— Eu sinto muito, *mignonne*. Eu não quis me intrometer. — Enquanto o silêncio se estendia entre eles sentiu como era difícil revelar memórias dolorosas para outra pessoa. Ela não queria contar a ele sobre isso, que a fazia

se sentir exposta de um modo que não gostava, e verdadeiramente apreciou, pela primeira vez, o quanto devia ter custado a ele responder a todas as suas perguntas. — Não é uma coisa fácil, conversar sobre o passado, é? — Ela disse calmamente.

— Não, *mignonne*, não é.

Alcançando através do espaço que os separava, ela encontrou sua mão e a apertou com força, fazendo seu coração bater de modo selvagem em seu peito. — Aconteceu muito depressa, — ela disse, — e durou apenas uma semana. Eu tinha dezesseis anos de idade. Meus pais… Seu navio naufragou. Eles… Eles se afogaram. Quando isso aconteceu, Davey estava fora no mar, procurando por Ross. Ross tinha sido declarado morto, uma vítima da guerra, mais de um ano antes, mas Davey não aceitara isso. — A rápida e aguda onda de dor a surpreendeu, trazendo lágrimas para seus olhos. Ela pensava que já tinha se livrado dessa dor. Ela nunca tinha falado sobre isso antes. Fazia Ross ficar desconfortável, e até Davey se fechava se ela falasse disso. Ela não tinha percebido o quão perto pairava a superfície de seu ser.

— Eu não sei se você está ciente, mas Ross é meu meio irmão. Sua mãe foi a primeira esposa do meu pai. Ela veio de uma família muito poderosa, assim como meu pai. Eu não sei o que ela era. Ross… Bem, ele realmente não fala dela, embora me tenha dito uma vez que ele se lembrava dela como sendo muito fria. Eu não acho que eles fossem muito próximos. Em todo caso, depois que ela morreu, meu pai conheceu minha mãe. Ela era da Bohemia, eles se apaixonaram loucamente, e se casaram.

— A família do meu pai ficou furiosa. Ela era estrangeira e tinha algum sangue cigano, e eles achavam que ela estava muito baixo dele. Ela disse a mim uma vez, que eu fui nomeada como Kali Sara, a deusa Romani. Ninguém se importou. Eu era só uma fêmea. Jamie era um assunto diferente, mas pelo menos Ross era herdeiro, e isso era adequado para todo mundo. Quando Ross foi declarado morto… — Ela respirou fundo. — Quando Ross foi declarado morto e Jamie se tornou o herdeiro do meu pai, eles se enfureceram. Eles o chamavam "o pirralho cigano." Meu tio estava furioso, e quando meus pais morreram… Ele se tornou guardião de Jamie, e meu, também. Ele me queria fora do caminho o mais depressa possível, suponho, então ele poderia ter o controle total sobre Jamie sem nenhuma interferência. Ele me casou com um velho amigo seu, Lorde Munroe. Eu odeio o nome. Eu o odiei — Ele… Como ele era?

— Ele tinha sessenta e dois anos de idade, malvado, vicioso, fedorento e azedo, com dentes podres. Quando ele tentou me beijar eu engasguei — Sua

primeira experiência, então, não foi o que você teria desejado.

— Não, Gabe, não foi — Ela estava envergonhada de discutir isso com ele, mas afinal ele havia compartilhado sua vida e ela não podia recusar. — Foi malditamente desagradável. Ele veio ao meu quarto, bêbado como um soldado, arrastou-me para a cama e pulou em cima de mim. Ele era um homem muito grande e eu mal conseguia respirar. Quando eu tentei protestar ele me deu uma bofetada, e quando ele... bem, basta dizer que foi doloroso, e sujo, e terrivelmente embaraçoso, e não posso dizer que estava ansiosa para repetir isso.

— Você fez?

— Sim, três vezes, cada vez pior que a última, embora pelo que ouvi desde então, eu estava sendo muito melodramática. Parece ser o modo geral de coisas entre maridos e esposas.

— Não me admira que nunca me tenha faltado clientes. — Era uma observação irrefletida e ele a lamentou no momento em que disse, e desesperadamente buscou um modo de se desculpar por isso, mas seu riso assustado era genuíno, e ela olhou para ele com um sorriso divertido. Seu coração se aliviou quando percebeu que, aparentemente, e inadvertidamente, ele havia feito algo direito, ou pelo menos não tinha feito nada errado. — O que aconteceu então, Sarah? Como ele morreu? Como você o deixou?

— Meu tio apareceu. Ele veio dizer que Jamie desapareceu a caminho do internato. Eu não acreditei nisso. Eu… Oh, Deus, Gabriel! Nós tínhamos sido tão felizes juntos, meus pais, Ross, Jamie, Davey, e eu. Nós nos amamos tanto, e em um ano todos tinham ido! — As lágrimas escorriam por suas bochechas agora.

Desacostumado a oferecer conforto, Gabriel recorreu aos métodos que usou com Jamie. — Eu sinto muito, *mignonne*, — ele disse, esfregando suas costas e batendo levemente no seu ombro.

— Foi um tempo muito tenebroso. Eu… Eu acho que no meu pesar por meus pais, e por Ross, fiquei entorpecida. Eu parei de me importar, parei de prestar atenção. Pobre Jamie, precisou de mim e eu o desapontei. Se eu tivesse pensado… Se só eu tivesse…

— Shhh, *mignonne*, não foi sua culpa, — disse suavemente, pondo seus braços ao redor dela. Soluçando, não sendo mais capaz de conter a culpa e dor que tinha segurado por tanto tempo, ela não resistiu quando ele a puxou para seu colo, balançando-a de um lado para outro. Ele a segurou assim por vários minutos, deixando-a chorar, acariciando o seu cabelo e batendo levemente em

suas costas enquanto ela ensopava sua camisa com suas lágrimas. De repente ficou ciente dela de um modo diferente, morno, suave, e vibrante, ele gemeu e mudou de posição, rezando para ela não notar sua excitação desenfreada. Cristo, ele era um animal! Cuidadosamente mudando suas costas para um lado da cama, usou sua camisa para enxugar suas lágrimas, e então, arrepiando seu cabelo, como costumava fazer com Jamie. — Melhor agora?

— Sim, eu sinto muito. Eu não sou normalmente assim…

— Eu sei, *mignonne*. Eu sei que você não está sendo a mesma, — disse com um sorriso.

— Gabriel, eu não sei se alguma vez agradeci a você. Se realmente disse a você o quão agradecida sou pelo que você fez por Jamie.

Ele a silenciou, envergonhado e desconfortável. — Shhh, Sarah, pare com isso, por favor. Não é necessário. Seu irmão me ajudou tanto como o ajudei.

— Não, Gabe, — ela disse, se abraçando. — Você pode não querer ouvir, mas preciso dizer. Quando meu tio veio, quando disse que Jamie se foi, eu acordei do aturdimento em que estava, mas era muito tarde. Eu sabia que ele estava por trás disso. Então escapei do meu marido vestida como um menino do estábulo e roubei um cavalo. Eu voltei para cá para me esconder e esperar por Davey. Eu velejei com ele por dois anos, sabe, enquanto nós procurávamos por Ross e Jamie, e todo dia eu ficava doente de medo, tristeza e culpa. Nós achamos Ross, graças a Deus. E então nós só tivemos notícias de Jamie depois de cinco anos longos. Eu mal podia acreditar. Eu agradeci todos os deuses e todos os anjos. Choramos de alegria. E então nos disseram onde ele estava. Eu fiquei doente de medo, Gabriel.

Ela olhou diretamente em seus olhos. — Eu não podia parar de imaginar os horrores que ele devia estar passando. Eu pensei sobre isso, e sonhei com isso, e sabia que era minha culpa. Eu sabia que não importava como ele poderia estar ferido, assim era porque eu falhei com ele. Não consegui protegê-lo quando ele não tinha mais ninguém no mundo.

— Sarah, não! Você era só uma criança, uma jovem solteira. Você nunca teria tido permissão para ser sua guardiã, e você não poderia tê-lo mantido seguro.

— Eu podia ter ido embora com ele, o escondido.

— Por que faria tal coisa? Pegar um menino que acabara de perder seus pais e viver como uma fugitiva, abandonando sua herança, colocando-o em risco? Você não tinha nenhum modo de saber que seu tio era capaz de tal coisa.

Ela não tinha resposta para isso. Ela precisava de tempo para pensar sobre isto. — Eu sei disso, Gabriel. Você fez o que eu não podia fazer. Assim que eu o

vi, saudável, curioso e orgulhoso, eu sabia que algo, alguém, tinha intervindo, o tinha protegido e o manteve a salvo. Era incrível, um milagre. Você fez isso, Gabriel. E eu nunca fui tão grata a ninguém em minha vida.

— Então foi por isso que você me trouxe aqui.

— Se você quiser dizer aqui para Cornwall, então sim. Foi por isso. Você salvou meu irmão. Isso faz de você um membro da família. Ross ou Davey nunca lhe dirão isso, mas eu sei que eles sentem o mesmo.

— Que outro motivo há para aqui? — Ele calmamente perguntou.

Ela pareceu surpreendida, nervosa. — Por que… aqui em meu quarto, é claro.

Ele insistiu na pergunta. — E por que me trouxe aqui, para seu quarto, Sarah?

— Eu realmente não sei, Gabriel. Eu não queria parecer… Acabou acontecendo.

Hesitante em insistir, ele decidiu deixar de lado. — Diga-me o resto, *mignonne*. O que aconteceu com seu marido e seu tio?

— Eles morreram.

— Sarah...

— Quando encontramos Ross, ele era um prisioneiro de guerra. Ele poderia ter sido resgatado se… Bem, parece que meu tio sabia desde o princípio. E era bastante provável que estivesse envolvido na morte dos meus pais, também. Eles… Eles afundaram perto da costa, não muito longe daqui, e não há nenhuma dúvida de que ele era responsável pelo que aconteceu com Jamie. Disseram que salteadores o pegaram, que ele os irritou de alguma maneira, ou eram particularmente malignos. Em todo caso, o tiraram de sua carruagem e o penduraram em uma árvore, deixando sua bolsa em volta do seu pescoço. Foi uma grande propaganda para os salteadores de estradas locais, pois suas vítimas ficaram muito corteses e rápidas em entregar suas bolsas por muitos meses depois. Eu tenho certeza que foi Ross, ou Davey, ou os dois. Eles se recusam a discutir isso comigo, embora eu seja a única que estava aqui quanto tudo aconteceu. Costumava ficar tão brava! Eu senti que tinha o direito de saber.

Gabriel gemeu, percebendo que havia muita coisa sobre Huntington que não sabia, nunca suspeitou. — Você tinha, *mignonne*, você tem, — ele disse, acalmando-a. — Eles pensam que te protegem. Eles não entendem.

— Eu sei, — ela suspirou. — Eu estou tão cansada disso tudo agora… Eu não acho que realmente me importo mais. Meu marido morreu de causas naturais algumas semanas depois que o deixei, deixando-me o título de

condessa, e duas propriedades pequenas. Eu estava fora no mar com Davey e não ouvia falar dele por vários meses. Eu estou segura que morreu por uma combinação de amargura, bílis, e apoplexia; mas, de acordo com sua família e a sociedade educada, foi por vergonha e um coração quebrado causado por meu comportamento escandaloso.

— Criança malcriada, — ele sussurrou com um sorriso.

Ela sorriu de volta para ele. — Mas houve algo de bom nisso, entretanto.

— O que, *ma cheri*?

— Bem, horrorizou todo mundo. Não o que meu marido ou meu tio fizeram comigo, mas o que eu fiz com eles. Eu me tornei uma pária social, e de um modo estranho, isso me libertou.

— Libertou? — Ele estava achando difícil seguir suas palavras, quando a maior parte de seu ser estava focada na mão, lisa e morna na sua.

— Sim, livre. Pense sobre isso, Gabe! — Ela se virou para encará-lo, ávida para compartilhar esta nova ideia. Ele apertou sua mão, não ansioso para escapar dela. — As pessoas como nós, pessoas que foram forçadas a sair do mundo que conheciam por hábito ou nascença, empurradas ou forçadas, ou talvez apenas porque quiseram mudar suas vidas, conseguem ver que as regras desses mundos não têm nenhum significado intrínseco, não têm nenhuma verdade fundamental. Uma vez que você reconhece isso, está livre. Livre para escolher o que faz sentido, livre para ser você mesmo em vez do que outros esperam que seja. Em vez de saber seu lugar, você pode conhecer a si mesmo!

Ele inclinou a cabeça para trás, pego pela ideia, considerando por algum tempo antes de responder. — Mas e se o eu que você encontrar é alguém que não goste, *mignonne*?

Ela deu uma risada baixa, que enviou uma onda de doce excitação por sua espinha.

— Você está falando de si mesmo, Gabriel? — Ela disse, o sono a agarrando. — Porque se for, eu terei que discordar. Eu posso ser um pobre juiz de caráter, mas acho que gosto de você muito. — Ela pontuou aquela declaração surpreendente com um pequeno suspiro, enrugando o nariz e adormecendo.

Sentindo-se cansado, ele deitou ao lado dela, saboreando suas palavras, *eu acho que gosto de você muito*, e saboreando a sensação da sua mão na dele, enquanto seu dedo polegar riscava padrões em seus nós dos dedos. Ficou espantado ao pensar que apenas seis meses atrás, ele tinha estado morto por dentro, só e sem amigos, trocando o seu corpo por dinheiro e favores, e temeroso da chegada do amanhã. Agora aqui estava ele, deitando

confortavelmente na cama de uma mulher adorável, de mãos dadas, como amantes, conversando como velhos amigos, e adormecendo juntos como um velho e feliz casal.

Um súbito aperto de medo o agarrou, torcendo-lhe seus órgãos vitais e lhe apertando a garganta. Não podia ser real. Tal vida nunca foi para ele. Certamente, não com uma mulher assim. Ela era limpa e doce, amável e saudável, tudo o que ele não era. Ele precisava fazer um balanço, diminuir a velocidade desta corrida impetuosa em direção à destruição. Ele se concentrou em respirar até que seu pânico retrocedeu. Se ele fosse cuidadoso, a poderia manter como amiga. Mas ele tinha que ter cuidado para não mirar muito alto, não querer demais, ou perderia tudo.

Capítulo 11

Apesar das melhores intenções de Gabriel, estava ficando cada vez mais difícil para ele se manter dentro dos limites da amizade. Tanto e quanto era invocativa e recompensadora a intimidade da amizade para ele, também era um macho saudável no auge de vida, e em condição máxima. Ele também era um homem profundamente sensual, uma coisa que achara ser uma maldição ao responder repetidamente há sensações e situações que não queria ou apreciava. Em resposta, ele aprendeu a se apartar, se distanciar, de forma que o sexo se tornou um exercício mecânico obscuro, uma apresentação poderia convocar à vontade, e se despedir com a mesma facilidade. Ele percebeu cedo em sua vida que era a única coisa pela qual era querido, tudo o que tinha de valor para alguém, além de Jamie. Se tornou sua forma principal de se relacionar com os outros, e isso o deixava bravo, envergonhado e totalmente só.

Sarah esperava mais dele, queria sua companhia da maneira que ninguém mais já quis. Ele queria ser ouvido, queria que alguém se importasse com o que pensava, o que fazia, e quem era, e ela lhe ofereceu todas essas coisas. Ela o viu como algo melhor do que era, não como um bem danificado, ou um gigolô amargo e zangado. Havia momentos em que se viu através dos olhos dela e sabia que o considerava valente, forte, gentil, por causa de seu irmão. Ela não tinha nenhuma ideia que seu resgate de Jamie tinha sido largamente um ato egoísta, tão necessário para sua própria sobrevivência como tinha sido para o menino. Mas quando se olhava desse modo, se via querendo ser aquele homem.

O que iria ela pensar se soubesse o que ele fazia com ela em seus sonhos, como a fazia clamar, esquecer o marido repugnante, esquecer de tudo. Ela ficaria aborrecida e desapontada se soubesse. Ele percebeu, tardiamente, que ao se permitir sonhar com ela, acordado ou adormecido, ele só estava piorando as coisas. Determinado a cortar as visitas até que tivesse algum controle, sua resolução durou dois dias, e então se viu mirando a lua como um filhote perdido de cachorro embaixo da sacada novamente. Enfeitiçado e atormentado, se preparou para sabotar tudo o que tinha construiu em sua vida durante o último semestre, em desafio a todas as suas próprias regras, ele decidiu fazer o que tinha estado sonhando fazer nos últimos meses. Ele decidiu que iria beijá-la. Uma parte dele clamava em alarme, gritando que estava para cometer o maior engano de sua vida, mas quando tomou o caminho familiar na noite estrelada,

ele ignorou, prometendo a si mesmo que se fosse um engano, ela o perdoaria.

Sarah esperou por ele, aconchegada em sua cama, escondida embaixo de um monte de cobertores e livros, com sua feia camisola. Um fogo acesso contra o frio de novembro. Ela observava incerta à medida que ele se aproximava. Havia algo incomum com ele esta noite. Seus olhos brilhavam e parecia irritado, inquieto, quando parou ao lado de sua cama. Ela não o tinha visto assim desde que parou com a bebida, há várias semanas agora. Não desde que lhe falou do seu pesadelo, e entretanto, ele parecia um pouco instável, diferente de alguma maneira, mas não parecia ser por ter estado bebendo.

— Posso, *mignonne*? — Ele perguntou, gesticulando para a cama.

— Claro. — Ela levantou suas pernas e moveu seus livros e almofadas, abrindo um espaço para ele. — Eu não pensei que viria. — Era uma pergunta tanto como uma declaração.

Escolhendo ignorar isto, ele se acomodou ao lado dela. — O que você está lendo, *cheri*? — perguntou, sua voz suave e sedutora.

Ela estremeceu com o tom. De repente, percebeu que ela estava jogando um jogo perigoso convidando este homem para seu quarto, sua cama. Exceto que não tinha sido um jogo. Pareceu natural e certo, e de alguma maneira inocente. Mas o homem ao seu lado agora não era inocente, e ele a olhava com olhos que eram quentes e famintos. Ele alcançou sua mão e ela segurou sua respiração quando arrancou o livro de seus dedos congelados, e o jogou no chão. Ele a manteve cativa com os olhos, intencional e predatório, e seus lábios curvados em um sorriso lento enquanto desenhava um caminho ao longo da curva do seu braço com a ponta do dedo, suave e rapidamente, através do material fino da camisola. Sensual, sem pressa, seus dedos perversos localizaram os contornos de seu corpo, apenas relando em seu cotovelo, seu ombro, a curva de um peito, deixando deliciosas sensações de prazer e antecipação em sua vigília.

Atordoada, incapaz de mover, ela soube que estava vendo uma parte dele que nunca tinha visto antes. Ela achou que a tinha visto na primeira noite em que se encontraram na biblioteca de Madame; ela viu um *flash* dele, quando a quis castigar e a advertir para ficar longe, mas isto era outra coisa, outra pessoa, e entretanto, se procurasse no rosto familiar, não existia nenhum rastro do homem que tinha vindo a conhecer. Ela estava deslumbrada, incapaz de se afastar enquanto ele movia seu corpo mais intimamente, seus dedos traçando seu decote agora, acariciando suavemente de um lado para outro, enganchando e puxando a camisola, enquanto seu coração batia acelerado em seu peito e seu corpo tenso e doído, desejava o seu toque. Ela fechou os olhos lutando contra as

lágrimas, enquanto dedos inteligentes ligeiramente roçavam o inchaço do seu seio, e então apertavam ao redor de seu botão. Ela ofegou. Livrando-se de seu feitiço e assustada com suas próprias reações, ela tentou afastá-lo. — Não, Gabriel, pare!

Perdido na sensação, ele estava apenas vagamente consciente de sua luta, e levou um momento para parar. Quando o fez, a luxúria foi substituída pela raiva. *O que ela esperava, convidando-o para sua cama? O que ele esperava, que ela daria boas-vindas?* Ele sabia que ela ficaria aborrecida, mas isso o feriu, todavia. Bem, ele veio por um beijo, e um beijo teria. Puxando-a asperamente para baixo dele, ele segurou suas mãos acima de sua cabeça e saqueou sua boca, reivindicando o prêmio pelo qual veio. Deixando-a abruptamente ir, ele se sentou, de costas para ela, e lutou para dominar a si mesmo. Ele sabia que devia se desculpar. Ele sabia que devia partir. Mas naquele momento, ele tinha medo de olhar para ela e era incapaz de falar. Eles ficaram sentados no que parecia ser uma eternidade, perdidos em um mar de silêncio.

Finalmente ela falou, — Eu pensei, que com toda a sua vasta experiência, você faria um trabalho melhor que isto.

Ele virou para olhá-la, e respondeu com uma voz tão fria quanto ele próprio. — É a segunda vez que você reclama dos meus beijos, *mignonne*. Eu certamente não vou aborrecer você com eles novamente. — Levantando da cama, ele se moveu em direção à sacada, hesitou, e girou ao invés para espreguiçar na cadeira da janela. Agarrando o frasco de vinho, tomou um gole, fez uma careta, e cansado se debruçou, descansando sua cabeça contra a parede. Ela estava ainda conversando com ele, pelo menos. Ele poderia também esperar até ela o expulsasse.

Sarah notou com alguma satisfação que desta vez ele não foi embora. Ela decidiu recompensá-lo. — Não foi o beijo que me aborreceu, Gabriel. Foi a maneira com que foi entregue.

— O que você esperava, *mignonne*? Eu sou um *gigolô*, embora ambos escolhemos esquecer isto, às vezes.

— Você era um, — ela permitiu. — O que isso tem a ver com o beijo?

Ele ergueu seu olhar para ela, subjugado por sua inocência e entristecido pela enormidade do abismo entre eles. — Eu sou muito fluente quando se trata de sexo, minha querida, acredite em mim. — Olhando, continuou, — Mas beijar bem, é algo que amantes fazem, amados, maridos e esposas, não prostitutas e seus clientes. É extremamente íntimo e pessoal, você vê. — Ele a olhou

novamente, com a sugestão de um sorriso. — Você é, de fato, *mignonne*, a única mulher que eu já beijei, mas acho que não foi memorável. Minhas desculpas, *mademoiselle*, — ele esboçou uma reverência zombeteira, — por arruinar o trabalho.

Algo doce e doloroso lhe atravessou o peito. Ela olhou para ele, dissoluto, debochado, e dolorosamente bonito. Vulnerável e só, ele a desafiou com seu humor e seu orgulho. Ela o considerava magnífico. As lágrimas brotaram em seus olhos e ela lutou para contê-las. Ele não apreciaria sua piedade. — Estou honrada, — ela disse, ignorando seu escárnio.

Gabriel a observou com perplexidade, então alarmado, enquanto ela lançava as cobertas para o lado e atravessava o chão gelado, parando a um braço de distância. Ela estendeu seus dedos, ligeiramente tocando sua mandíbula, e ele praticamente sibilou em sua respiração. — Não, *mignonne*, — ele suplicou. Ele pegou sua mão suavemente, afastando-a. — Não, Sarah, — ele sussurrou com a voz rouca.

— Então como você aprenderá a me beijar corretamente? — Ela persuadiu. — Deixe-me mostrar a você, Gabe. É só um beijo. Cedendo aos impulsos quentes e ideias selvagens que a atormentavam toda vez que olhava para sua boca bonita, ela deu outro passo na direção onde ele estava sentado, espremido como algum gato selvagem em seu assento de janela.

Hipnotizado, ele não fez nenhum protesto, nenhum movimento para detê-la.

Lentamente, deliberadamente, ela colocou uma mão em seu ombro para se estabilizar, e ergueu sua camisola com a outra, alto o suficiente para permitir a ela balançar sua perna para se escarranchar, enquanto se acomodava em seu colo.

Uma onda quente passou por ele, afugentando cada vestígio de fadiga, toda dúvida persistente ou pensamento de advertência. Seu corpo parou acordado e ele gemeu baixinho quando agarrou seus quadris.

— Shhh, — ela o acalmou, tomando suas mãos e colocando-as em ambos os lados do assento, — Isto é uma lição sobre beijar, Gabriel. Você promete se lembrar?

— Eu tentarei, *mignonne*, — ele conseguiu dizer, mas sentia mais como uma tortura, quando usou suas mãos trêmulas para se preparar.

Ela se mexeu em seu colo, fazendo-o pulsar com uma dor feliz, seu membro inchado doía quando ela levantou as mãos de seus ombros para enredá-las em seu cabelo. — Você tem um cabelo bonito, — ela murmurou. — Como chocolate e mel, caramelo e canela. Quando eu o vi pela primeira vez, pensei em doces, e

eu quis saborear você. — Ele gemeu em antecipação, enquanto ela continuava acariciando seu cabelo, a parte de trás de seu pescoço, acariciando-o com os lábios, respirando suavemente contra sua bochecha. Suavemente, gentilmente, ela beijou sua testa. — Feche os olhos, Gabriel.

Ele fez, e sentiu as pontas de seus dedos delicadamente traçando seu rosto, sua testa, suas bochechas e mandíbula, a coluna de sua garganta. Seus lábios macios seguindo seus dedos gentis, tortura requintada. Mordiscando, esfregando o nariz, eles puxaram sua orelha e um parafuso de desejo, afiado como uma faca, apunhalando seus sinais vitais enquanto lutava para respirar. Cristo! Ninguém nunca…Ele não tinha nenhuma ideia…Ela não tinha nenhuma ideia do que estava fazendo com ele.

Desacostumado a ser abraçado ou beijado com ternura, sofrendo de fome por afeto, desesperado para abraçá-la, ele tentou deslocá-la, movê-la para baixo dele, mas ela segurou seus ombros, empurrando-o de volta. — Não, Gabriel, apenas beijando. Você prometeu. Fique quieto, e me deixe beijar você. — Sua voz era morna, zumbindo em sua orelha, intercalada com beijos suaves e úmidos que lhe roubavam a respiração e enrolava seus dedos do pé. — Aproveite. Você não tem que fazer nada. Você não tem que ir a lugar algum. Só relaxe.

Sua voz o encantou. Sua língua rodou quente em sua orelha e ela mordiscou seu lóbulo, fazendo-o gemer, mas fez como ela disse, seus beijos, seus dedos, drogando-o em uma doce rendição. Ele esqueceu onde estava. Tudo ao seu redor retrocedeu até existir só o seu sussurro, o seu toque, seus beijos dolorosos e doces. Depois de uma eternidade de embriaguez e desejo louco, seus dedos prenderam sua boca e ela finalmente, misericordiosamente, trouxe os lábios para os dele. Soluçando com alívio e fome, ele a agarrou de modo selvagem, suas mãos fortes e habilidosas tremendo quando ele a puxou para mais perto, saqueando sua boca, bebendo seu odor, a saboreando, doce como o pecado. Ele mergulhou sua língua no fundo de sua boca, buscando-a, achando-a. Eles empurraram e pararam, o movimento dos lábios, língua, e boca, combinado com os de seus quadris, moendo e oscilando juntos.

Ele diminuiu a velocidade e então se acalmou. Mesmo não sendo muito experiente na arte de beijar, ele era, não obstante, um homem sensual. Ele achava isso uma maldição, até aquele momento. Agora se rendeu a ela, confiou nela, suavizando seu beijo enquanto lhe acariciava os lábios com sua língua, arrastando sua boca firme e cheia de um lado para outro, gentil e lentamente, então dura e profundamente. Boca, língua, sussurros suaves e carícias tenras,

eles continuaram durante muito tempo na noite adentro, drogados e perdidos um no outro.

Foi Sarah que finalmente quebrou o feitiço. Afastando-se com uma risada trêmula, ela deitou sua cabeça contra seu ombro e o abraçou. Ele a abraçou de volta e puxou suas costas contra seu peito, afundando-os no assento da janela, embalando-a, quentes debaixo dos cobertores. — Céu doce… Eu… O que foi isto?

Ele não tinha nenhuma palavra para responder. Ele não sabia mais do que ela. Ele nunca experimentara nada tão poderoso em sua vida inteira. Tudo que sabia era que o seu mundo tinha virado de cabeça para baixo e pelo avesso, e nada jamais seria o mesmo novamente. Como o amanhecer quebrando acima do horizonte.

Sarah se afastou, ligeiramente envergonhada, e enquanto suas mãos fossem firmes e gentis, sustentando-a e a guiando na escuridão matinal, ele era incapaz de encontrar seus olhos.

Ele se levantou, suas pernas tão fracas que mal conseguia ficar de pé. — O sol está quase em cima, — ele disse, amaldiçoando-se por ser incapaz de achar qualquer coisa melhor para dizer, depois de receber tal presente. Eu… Davey está me esperando.

Sua respiração ficou presa em sua garganta. Ele estava corando, desajeitado e vulnerável e claramente confuso, não tinha certeza do que deveria fazer. *Como você conclui uma noite como esta*? Ela não sabia. Impulsivamente ela se moveu em seus braços resistentes e o abraçou ferozmente, plantando um beijo firme em sua bochecha. — Melhor você ir, Gabe. Obrigada, por ontem à noite. Eu sinto muito sobre o que disse antes. Você beija como um anjo!

Abaixando sua cabeça embaraçado, absurdamente contente por suas palavras, ele conseguiu dar um grunhido e um leve apertou em troca, antes de bater uma retirada precipitada, de volta para o mundo de violência, aço relampejando, e um controle de ferro, de volta para um lugar seguro.

Mais tarde, cansado de uma noite sem dormir, com os músculos doendo por uma sessão particularmente cansativa com Davey, Gabriel se precipitou pela praia, os cascos do cavalo batendo na arrebentação, o frio úmido o vigorando e limpando sua cabeça. Parando perto de um grande afloramento de rocha, lisa e acessível na maré baixa, ele desmontou, e caminhou sobre cracas e conchas até chegar na borda.

Quando o vento o golpeava, ele fechou os olhos e firmou seus sentidos. Ele escutou o estrondo das ondas enquanto avançavam e retrocediam, silvando e

chiando, sussurrando segredos profundos, e pela primeira vez naquele dia, ele se permitiu pensar sobre ontem à noite. Seus lábios se curvaram em um sorriso feliz. Ele sentiu vontade de dançar e de cantar. Ele sentiu como se pudesse voar. Ele pensou em Sarah, e seus olhos risonhos, seu sorriso acolhedor, e seu toque gentil. Sua generosidade o surpreendeu. Tudo o que ele tinha pedido a ela, ela tinha dado livremente, com abertura e bondade. Mas Deus, aqueles beijos! Eles eram o tipo de beijos que uma mulher dava a seu namorado. Pela primeira vez, permitiu-se esperar que talvez, por mais improvável que parecesse, ela estivesse começando a cuidar dele da mesma maneira que ele se importava com ela.

Quando era mais jovem, costumava fingir que havia sido deixado na Madame por acidente, e rezava para que alguém o estivesse procurando, que iria achá-lo logo e o levaria para casa. Ele aprendeu o modo das coisas depressa o suficiente, e logo nada o podia chocar. Ele parou de fingir, e parou de rezar depois disso. Ele não procurou por nenhuma clemência e não tinha mais nenhuma expectativa. Agora, ele agradeceu ao Deus misericordioso por lhe enviar algo tão dolorosamente doce e bonito como Sarah e seus beijos, e rezou sinceramente para que ela permitisse que a beijasse novamente.

Ela permitiu. Ele a beijara muitas vezes depois disso, cada vez que conseguia, os doces e lentos beijos roubados sob a lua e estrelas. Beijos quentes e profundos quando ele a cumprimentava. E beijos rápidos e furtivos na cozinha, nos estábulos e nas escadas. Empregou completamente seu talento para a sensualidade e a sedução para dominar esta nova arte, à moda com mãos lentas e boca doce, uma comunhão inebriante cada vez que seus lábios tocavam os dela. Ele sabia que a agradava, e isso o emocionava quando ela gemia e se agarrava a ele, retribuindo a paixão dele com a sua própria. Era alegre, inocente, uma primeira vez para ambos, e cada beijo se tornou uma lembrança, sem manchas, pura, pertencendo apenas a eles.

Capítulo 12

Sarah assistiu Gabriel mover-se enquanto praticava com Ross empurrando e aparando, com o vento chicoteando seu cabelo nos ombros. Os meses de trabalhar com Davey o esculpiu. Poderoso e magro, seu corpo estava em forma, macio e lustroso com músculo e nervo, seu estômago chapado e duro. Ele se movia como um dançarino, flexível, gracioso, e mortal, enquanto ela o observava, hipnotizada, e inconscientemente lambeu os lábios.

— Você gosta do que você vê, priminha? — Davey sussurrou em sua orelha, a surpreendendo. Rosnando para ele, o rosto em um vermelho profundo, não respondeu. Com sorriso de conhecimento, ele puxou seu cabelo e se preparou para sair.

— Espere! Davey?

— Sim, querida?

— Você… você gosta dele?

Ele docemente sorriu. — Sim, prima. Eu gosto dele. Eu gosto dele muito. Mas não na medida que você, eu penso. — Dando uma piscada, ele saiu.

Durante as semanas seguintes, a casa se encheu de barulho e gargalhadas quando Jamie voltou para casa para celebrar o Natal. Alegre e entusiasmado, ele os regalou com histórias de aventuras com seus amigos novos, brincadeiras feitas com o indigesto professor, e as travessuras das bobas filhas de Sidney. Ele cresceu em tamanho e confiança nos últimos quatro meses, e enquanto ele estava claramente encantado por estar em casa, havia uma nova reserva em sua maneira, refletindo seu crescente senso de si mesmo como um jovem, ao invés de um menino. Inclinado a esquecer um passado que não tinha lugar em sua nova vida, apanhado na excitação, memória curta e alegria interminável da juventude, o imediato era tudo o que existia para ele. Ele tinha amigos de sua própria idade agora, e pelo menos por enquanto, eles eram muito mais excitantes para ele do que Gabriel, Ross ou Sarah.

Gabriel não podia deixar de notar que Jamie não o procurava mais como costumava fazer, e se perguntou se tinha se tornando um embaraço para o menino, uma recordação triste de tempos difíceis. Lembrou-se que não era nem um convidado nem um membro da família, mas um empregado pago cujos serviços não seriam precisos por muito mais tempo. Obstinadamente determinado a apreciar qualquer tempo que ainda tivesse com Sarah, ele

enterrou todas as dúvidas e medos, e não deixava nenhuma de suas preocupações a mostra.

Ao longo dos dias até o Natal, a casa foi decorada com visco e guirlandas, houve banquetes, visitas, danças, e muito divertimento com os habitantes da vila e a pequena nobreza local. Gabriel ficou surpreso, envergonhado, e profundamente comovido quando Ross e Davey o presentearam com uma bela lâmina de Toledo, feita para combinar sua altura e alcance. Ele ficou sem palavras quando Sarah lhe deu um lindo violino feito por um velho mestre de violino cigano. Ele estava envergonhado por não ter nenhum presente para retribuir. Ele nunca tinha comemorado qualquer feriado, não sabia o que esperar, e certamente nunca tinha recebido presentes antes.

Sarah aliviou seu desconforto alegando que ele lhes deu o presente da música, e então foi assim que se encontrou no centro das atenções nas soirées e danças ao longo do feriado, encantando família e convidados com sua arte e habilidade. Não estando acostumado a atenção ou aplausos, ele achou claramente desconcertante a princípio, mas logo aprendeu a administrar uma resposta cortês, embora um pouco concisa, para os parabéns e a admiração.

Quando Ross hospedou um grupo de amigos e vizinhos para a Noite de Reis, Gabriel foi ansiosamente procurado pelas jovens locais, para seu grande desgosto, e a diversão da família. Bem educado e cortês, dançou com vários pares, fornecendo mais material de sonhos para os próximos anos. Ele estava, não obstante, desconfortável em tais reuniões, e aliviado quando a temporada acabou e ele pôde retomar seu treinamento com Davey, o boxe com Ross, e suas noites com Sarah. Seu único lamento foi o retorno de Jamie à casa de Sidney.

A quietude foi benéfica a todo mundo depois do alvoroço dos feriados, Davey e Ross se sentaram para apreciar um conhaque na biblioteca. Ross podia ver Gabriel e Sarah pela porta aberta do corredor, cabeças curvadas juntas enquanto tocavam um dueto no violino. Ele não pôde deixar de notar que eles eram praticamente inseparáveis estes dias. Somente meio prestando atenção em uma das histórias escandalosas de Davey, seu olhar indo de sua irmã até seu protegido.

Para lhe dar crédito, Gabriel parecia estar se comportando como um cavalheiro, algo surpreendente dadas às circunstâncias. Ele era claramente atencioso e respeitoso com ela, e indubitavelmente sua cabeça estava acima dos calcanhares no amor. Quanto a Sarah, ela praticamente brilhava sempre que ele estava na redondeza. Ross suspirou e esfregou sua têmpora. O rapaz estava gravemente danificado, era completamente inadequado, e ele não queria vê-la

ferida.

— Eles fazem um bonito par, não é? Ele é louco por sua irmã. Você percebe isso, não é, Ross?

Ross piscou, dando a Davey um olhar azedo. Tinha esquecido que ele estava na sala. — Ele a segue aonde quer que vá.

— Bem, pelo menos você sabe que ele não é um tratante.

— Droga, homem; Isto não é divertido!

— É para mim. Você está tão confuso e preocupado como uma solteirona. Ela tem estado sozinha há muito tempo, Ross. Ela não encontrou um homem que a interessasse desde aquela caricatura de casamento, cinco anos atrás.

— Eu pensei, uma vez, que talvez você e ela…

— Ah, sim, bem…Essas coisas acontecem. Um homem espera muito tempo, você vê, e algum outro da mesma categoria ganha o prêmio. Ela só tem olhos para ele. Você não é mais cego do que eu.

Ross suspirou. — Eu temi isto.

— O que teme? Ele é um rapaz razoável, a trata bem o suficiente, pelo que eu posso ver.

— A coisa é, Davey…Ele não é exatamente o que parece. Suas circunstâncias, seus antecedentes, não por culpa própria, foram terríveis. Eu temo que ele tenha sido danificado… além da conta.

— Aye, bem, todos nós também, meu amigo. A vida faz isso.

— Cristo, homem, nós o achamos em um bordel! Ele cresceu lá e não era empregado como um menino do penico ou um cozinheiro. Ele cuidou de James, e Sarah insistiu que nós o trouxéssemos para casa conosco.

— E então? A menina tem bons instintos e você nunca foi de julgar um homem pelo que está além do seu controle ou por causa da sua criação. Ou ele estava feliz lá?

— Não, eu penso que não, eu acredito que ele ficou lá para proteger Jamie.

— Hmm, então você tem uma dívida significativa, daí sua boas-vindas a sua casa.

— Mas não a minha irmã! Eu não o culpo por isso, Davey, mas se soubesse as coisas por que ele passou… o que fez.

— Talvez eu faça; talvez eu não faça. — Davey deu de ombros e se serviu de outro conhaque, oferecendo um para Ross. — Qual é o seu ponto?

— Eu tenho medo que ele esteja danificado de modo que não possa ser reparado, e que ela tenha o seu coração quebrado tentando reparar.

— Ela é uma mulher, meu amigo, não uma criança, e uma viúva também. Ela

deve decidir isso, não é?

— Eu tenho certeza que ele já matou antes.

— Bem, céus, Ross! Nós também! Certamente ajudará com seu treinamento.

— Você o esteve treinando por quatro meses até agora. O que você acha dele? Você gosta dele?

— Aye, bem o suficiente, velho amigo. Ele é um bom rapaz. Esperto como nenhum outro que eu já treinei. Faminto, curioso, ágil como um gato, e muito rápido para aprender. Eu gostaria de tê-lo protegendo as minhas costas como algum da minha tripulação.

Ross levantou as sobrancelhas com surpresa. — Grande elogio, realmente, Davey! Ele é tão bom assim?

— Aye, irmão, tão bom quanto você na mesma idade, e considero que ele será melhor que nós dois em pouco tempo. E lhe digo mais. Eu conheço a força quando a vejo, Ross, e aquele garoto tem um núcleo de aço. Ele parece decente o suficiente para mim, e não só por causa do que fez por Jamie. Nós dois vimos rapazes não mais velhos do que ele, nascidos na fortuna e privilégio, dadas todas as oportunidades, e o que eles fizeram com isto? Eles humilharam a eles mesmos e outros. Por quê? Porque eles estavam entediados e chateados. Porque eles podiam. Gabriel pode ter crescido em um inferno, mas medirei um homem por como ele lida com a adversidade, e pelo que eu posso ver, ele fez tudo certo para si mesmo. Ele é um rapaz decente, Ross. Muito mais do que muitos que encontrei. Se viver uma vida, como a que você diz que viveu, não o destruiu, não posso imaginar como qualquer outra o possa fazer.

Ross soltou um suspiro profundo. — Você está certo, Davey. Eu gosto do rapaz, também. É apenas difícil por ser minha irmã. Eu ouso dizer que teria me alarmado igualmente se ela estivesse caída por você.

Davey jogou sua cabeça para trás e soltou um riso alto. — Maldição, homem! Nós precisamos achar uma mulher para você antes que se transforme em um velho excêntrico. Eu juro! Eu estou aqui para salvá-lo. Venha, vamos até à viúva Creswell e nos percamos em saias e bebida alcoólica.

— Aye, vamos, mas existe um assunto que gostaria de discutir primeiro. Chegou à minha atenção que houve vários contrabandos recentemente.

— Realmente? E como isso chamou a sua atenção? Poderia ser o vinho que tivemos no jantar? Seu chá da tarde? Ou foi aquele charuto que você está fumando?

— Eu estou falando sério, Davey. Estou ciente que você tem levado Gabriel com você, e eu prefiro que não faça isso.

— O quê? Você me disse para treiná-lo e agora não quer que eu o leve para o mar?

Ross riu. — Você quer levá-lo para o mar? Você quer dizer que o quer transformar em um contrabandista, Davey, e o apresentar à pirataria, também, sem dúvida.

— Tsk-tsk! Corsário, criança. Faça um esforço para acertar a denominação.

— Não obstante, Davey, eu não o trouxe aqui para sua cabeça acabar em um laço.

— O rapaz aprendeu muito, Ross. Ele precisa de uma chance de pôr isto em prática. Não vai machucá-lo aprender maricultura, não é provável que seja um daqueles cortesãos bonitos e emplumados que você vê em Londres, com uma espada balançando entre suas pernas fingindo que é seu pinto, furando a si mesmos com ela e emaranhado nos vestidos das senhoras. Ele vai querer um ofício, e eu posso prometer-lhe que ele não é adequado para ser um maldito contador, ou oficial de justiça de alguém!

— Eu digo novamente, contrabando e pirataria não são opções.

— Bem, lamento muito ouvir você dizer isso, mas ele é um corsário. O rapaz ama a água, ele está em casa em um navio, e é um marinheiro capaz. Tenho a intenção de o promover a aspirante logo. Se ele continuar assim será capitão um dia. Você sabe tão bem quanto eu o que um bom prêmio pode fazer para ajudar um jovem a ter um bom começo de vida.

— Faça o que sabe, eu nunca entendi exatamente que tipo de corsário você é, Davey. Britânico? Francês? Americano?

— Bem, agora, isso depende, não é, Ross? Quando estou nas Américas…Bem, você não quer saber sobre isso. Se as coisas ficarem desconfortáveis aqui, eu posso voltar para o Mediterrâneo. Provou ser um território de caça altamente lucrativo no passado, e eu tenho uma carta do governo contra os franceses. Desde que os corsários parecem ter abandonada sua frota lá à procura de glória mais perto de casa, deve ser uma excelente hora para arrancar um suculento prêmio francês ou dois. Você devia juntar-se a mim, Ross. Faria bem a você. Você está me lembrando, cada vez mais de minha velha tia solteirona estes dias.

— Eu acabei com tudo isso, Davey. Eu perdi meu gosto pelo caos. É um jogo perigoso que você joga, e não tem o direito de levar Gabriel para ele. O tenente Brey está vasculhando a costa com o Hindy querendo fazer nome e fama. Ele pretende pôr um fim ao contrabando nesta área, particularmente desde o assassinato de um de seus homens. Você é bem relacionado. Se você fosse pego

poderia ir embora, mas o rapaz seria pendurado ou transportado. Pare com o contrabando no momento. Leve-o com você quando estiver em negócios legítimos. Talvez nós o possamos transformar em um capitão mercante.

— Se você quiser a minha ajuda, sugiro que não me insulte. Aquele papagaio do Brey, e sua desleixada barcaça não são páreo para o *L'Esperance*, e você sabe bem disso. Eu estarei esperando para agarrar um suculento frango francês ou dois na primavera, mas enquanto isso, o comércio livre com Guernsey é gordo e lucrativo, o suficiente para pagar os meus homens e financiar suas aposentadorias. Você fala isso por si mesmo. O rapaz tem idade suficiente e ele não tem nenhum desejo de ser obrigado a fazer o que não quer, Ross, e tanto quanto eu estimo sua opinião, eu vou fazer o meu treinamento como eu entender.

— Os tempos estão mudando, Davey. Você não estava aqui no ano passado quando aqueles tolos em Lottery assassinaram um agente alfandegário. Foi um negócio ruim, arruinou tudo ao redor para aqueles que costumavam fazer vista grossa, ou que tomava parte pessoalmente do negócio. Eu conheci este sujeito, Brey. Ele não é bobo, e você seria sábio não o menosprezando.

— Ross, meu garoto, não vamos discutir. Eu prometo que vou pensar nisso, mas por enquanto, o que diz de nós colocarmos isso de lado a favor de uma mulher quente e uma cerveja gelada?

— Aye. Um homem tem necessidades. Dê-me um momento para terminar este charuto e me juntarei a você.

— É justo. Eu devo verificar as crianças? — Davey saiu para a sala de música para se juntar a Sarah e Gabriel enquanto esperava.

Ross os observou pensativo pela porta aberta. Sua inocente, completamente não convencional irmã viúva estava em conversa profunda com um bonito, doce e mortal ex—gigolô, e o encantador pateta, mas, inegavelmente atraente-capitão-contrabandista-pirata. Ah, bem. Ele encolheu os ombros, se preparando para sair. Se alguém tentasse prejudicá-la, eles seriam cortados em files e fritos antes de caírem no chão, e com isso, ele devia estar satisfeito.

Capítulo 13

Qualquer que seja o que Davey pensou sobre as advertências de Ross, não o fez desistir do lucrativo comércio livre que mantinha o seu navio pronto e sua tripulação satisfeita. Agora Gabriel já tinha estado fora, no mar, várias vezes. Houve ocasiões em ficaram fora por vários dias, navegando de um lado para outro, levando, através do canal, a lã da Inglaterra até a França, estando de volta, em Guernsey, sob a cobertura da noite com remessas de conhaque, gim, e tabaco. Ele tinha se familiarizado com o sistema de cavernas e túneis que faziam deste trecho de costa o paraíso dos contrabandistas, e o pesadelo para muitos navios que afundavam em seus recifes. Sua cabeça fria, sagacidade rápida e disposição para dar uma mão ganhou o respeito de Davey e da tripulação e, após duas promoções a aspirante da marinha, suas lições agora incluíam navegação, astronomia náutica, e trigonometria. À medida que suas lições em navegação e espada continuavam rapidamente, ele se encontrou respondendo à aprovação nos olhos de Davey com uma sensação crescente de realização e orgulho.

Brilhante e provocante, feroz e mortal, cobalto, prata, ou fosforescente verde, Gabriel amava o oceano com todas as suas variáveis facetas, mas Sarah reivindicou sua alma. Ela nunca estava longe de seus pensamentos, e as aventuras que alimentavam seus dias ficavam verdadeiramente vivas quando ele as podia compartilhar com ela. Tendo passado quase dois anos com Davey e seus homens, Sarah tinha suas próprias histórias sobre portos exóticos e noites selvagens de música e dança em costas distantes. Embora ela amasse o oceano tanto quanto Gabriel, ela tinha encontrado pouca alegria na época, consumida naqueles dias escuros pela culpa, pesar por seus pais e Ross, e medo por Jamie. Enquanto escutava Gabriel contar suas histórias, ela viu o velho desejo e excitação retornarem, e não demorou muito para que a convencesse a acompanhá-los em alguns passeios curtos, para o deleite de Davey e sua tripulação.

***

Treinar, velejar, beijar e conversar com Sarah, tudo parecia estar indo bem para Gabriel enquanto o inverno dava lugar à primavera. Ele não conseguia entender por que seus sonhos, que por vários meses agora retrocederam para um pesadelo estranho ou ocasional, retornaram a assombrá-lo com ímpeto. Ele

sonhou com Sevigny, frio e terrível em sua raiva, acordando-o de seu sono, *Acorde, mon ange*, determinado a castigá-lo, marcá-lo, humilhá-lo por ter ousado partir, e então o passando para seus amigos como uma coisa sem valor. Ele sonhou com as mãos cruéis o segurando abaixo, braços fortes a prendê-lo apertado e a invasão brutal. Ele sonhou com sangue e ódio selvagem; e outra vez sonhou que estava caminhando na lua e podia ver a Terra, impossivelmente bonita, brilhante com calor e luz, longe, além do seu alcance, enquanto vagava em uma paisagem totalmente frígida e completamente só.

Algumas noites não sonhava em absoluto, e deitado mas acordado, em sua cama, contemplando o futuro, um doente e terrível medo apertando o seu peito. Com a chegada da primavera seu contrato com Ross estaria encerrado e não existia nenhuma razão para ficar. Jamie se ajustou tão bem às suas novas circunstâncias que ninguém jamais teria achado que ele não tinha sido criado nelas. Ele não precisava mais de Gabriel. Na verdade, eles não passaram mais que algumas horas juntos nos últimos seis meses.

Ele sabia que deviria estar fazendo planos sobre para onde iria e o que faria com seu dinheiro, mas pensar sobre isso o deixava desconfortável. Ele não discutiu com Ross sobre isso, temendo o lembrar, preocupado que pudesse apressar sua partida, algo que estava sendo cada vez mais difícil de imaginar. Ele sentia que pertencia àquele lugar, não mais como alguma relação distante ou um amigo da família, e logo seria tempo de ir. Ele seria elegantemente pago e poderia organizar sua vida à medida que o agradasse. Ele devia se considerar afortunado, mas tudo o que queria era ficar com Sarah.

Fevereiro se transformou em março e ele ficava taciturno e isolado, muito parecido ao que tinha sido em sua chegada. Enquanto noites inquietas continuavam a cobrar o seu pedágio, Sarah lhe perguntou repetidamente se existia alguma coisa errada, mas ele negava, pouco disposto a ter seus pesadelos e preocupações se intrometendo no tempo que lhes restava.

Apesar de suas negações, Sarah estava preocupada. Ele tinha voltado a ter aquele olhar machucado e assombrado mais frequentemente. Hoje à noite, quando ele veio para seu quarto, puxando-a para baixo ao lado dele no assento da janela, seu beijo delicioso tinha sido extravagante e luxuriante, mesclado de conhaque e tabaco. Ele tinha aquela borda frágil e amarga, que notava quando ele bebia em excesso, algo que parecia estar fazendo mais frequentemente depois de um período de abstinência relativa.

— Diga-me no que estou aborrecendo você, Gabriel, — ela implorou. — Eu sei que existe algo. Você está tão quieto estes dias, e parece tão distante…

— Eu sinto muito, *mignonne*. Não é nada… Realmente, estou meramente cansado, e um pouco duro e dolorido. — Ele se moveu, aliviando suas costas e torcendo seu pescoço.

— Aqui, deixe-me. — Movendo-se para ficar atrás dele, ela começou um carinho gentil e rítmico.

Surpreendido, seu primeiro instinto foi resistir, mas sentiu-se muito bem, e se achou encostando nela ao seu toque.

— É Davey que o está aborrecendo, Gabe? Talvez Ross devesse falar com ele?

— Não, *mignonne*… Jesus, isso parece bom!

Ela aprofundou seu toque, sua massagem com seus dedos ágeis e calmantes, relaxou seus músculos tensos. Ele gemeu com prazer enquanto ela movia as mãos do seu pescoço até seus ombros. — Talvez você esteja gastando tempo demais aqui e não está conseguindo dormir o suficiente. Talvez você deva ir para sua cama mais cedo por algumas noites.

— Cristo, não! — Ele disse, voltando-se para ela. — Este é o único lugar em que acho alguma paz a noite, *ma cheri*.

Ele não ofereceu nenhuma resistência quando ela agarrou seus ombros e o voltou contra ela, suas mãos retomando sua mágica. O silêncio continuou por vários minutos, pontuados por ocasionais gemidos felizes de prazer, quando músculos doloridos pelo trabalho duro, ficaram aliviados e soltos. Depois de um tempo, ela passou seus braços ao redor de seus ombros e apoiou seu queixo sobre sua cabeça. — Agora, me diga o que está aborrecendo você, — ela persuadiu.

Fechado os olhos, Gabriel saboreou o sentimento quando ela passou as mãos pelas suas maçãs do rosto, as pontas dos dedos. Ignorando a pergunta, ele tomou seu rosto em sua palma, beijando seus dedos, pegando-os com seus lábios enquanto colocava um por um em sua boca, chupando e arreliando com sua língua quente e molhada. Tremores passaram por ela, que se inclinou sobre ele, suave e febril. Ele abriu os olhos pesados, cobertos com o olhar de fome crua. Gemendo, ela procurou seus lábios, puxando sua camisa solta, tentando puxá-la de seus ombros, querendo sentir a sua pele. Sem pensar, tonto com a necessidade, como embriagado com o álcool e o desejo, ele a ajudou.

Sarah ofegou com choque e piedade. Uma parte distante de seu cérebro notou com surpresa surda que ela nunca antes o tinha visto sem camisa. Agora ela entendeu por quê. Suas costas estavam cruzadas com cicatrizes de chicotadas, espancamentos, cortes, e queimaduras. Ela levantou seus olhos para os dele e

eles reluziram de volta, frios, bravos, e muito perigosos. Ele ficou de pé sem dizer uma palavra, alcançando sua camisa e tirando-a de suas mãos, e então ela viu seus pulsos.

— Meu Deus, Gabriel! O que aconteceu com você? E o que você fez a si mesmo? Ela estendeu a mão para o braço, mas ele se afastou, seus pulsos estavam entrecruzados com cicatrizes, a maioria velha e curada, mas havia uma linha vermelha irritada no pulso direito que devia ser recente, talvez daquela noite. Chocada com a profundidade que o desespero poderia levar um homem a se mutilar dessa forma, ela considerou, pela primeira vez, que ele poderia realmente estar fora de seu alcance, que era muito mais perigoso do que tinha imaginado, e precisava de muito mais ajuda do que ela poderia oferecer.

Gabriel sentia como se estivesse doente. Vergonha e humilhação torciam suas entranhas. Ele nunca quis que ela soubesse, cuidando para que ela não visse. Ele sempre usava uma camisa, cobrindo as costas e os pulsos até nos dias mais quentes. Ela o fizera esquecer de si mesmo, e sua reação tinha sido tudo o que ele temia: horror, piedade e desgosto. Enquanto lutava para se controlar, sentiu uma onda de raiva fria contra todos que o haviam usado, contra um deus indiferente ao seu destino, e contra ela.

Uma calma gelada o envolveu. — Vamos, *mignonne*. Eu pensei que você soubesse, eu negligenciei lhe dizer? Talvez eu tenha feito. Foi uma das partes mais desagradáveis de uma infância que ambos gostamos de fingir que nunca tive.

— Diga-me, — ela sussurrou roucamente.

Ele agarrou a garrafa de vinho que ela mantinha perto do assento da janela e tomou metade, limpando seus lábios com as costas da mão, então se sentou, de pernas cruzadas parecendo despreocupado e perigoso, na extremidade de sua cama. — O que você quer saber minha querida? Eu devo dizer a você que existem aqueles que gostam de infligir dor e humilhação aos outros, aqueles que pagam para assistir isso, ou fazer a eles mesmos? Eu era o menino para chicotear, minha querida, antes de ser um gigolô. E seguramente disse a você sobre Sevigny, o quão bravo eu o deixei.

— Eu… Eu não sabia. Eu não percebi que… eu não tinha nenhuma ideia.

Ele levantou-se e começou a caminhar na direção dela, um ar de ameaça o cercando. Ele parou na frente, olhos vítreos, músculos rígidos, respirando severa e rapidamente. — Você deu um bom olhar, *mignonne*? Eu confesso que fui pego pelo momento, e esqueci o quão inocente você é. Para a maior parte dos

meus clientes, tais marcas adicionavam uma certa… iguaria, para os atos. Certamente nenhum deles parecia se importar. Sabe? Você não percebeu? Você não tinha nenhuma ideia? Então é tempo de você saber. Eu certamente tentei dizer a você, mas como você é tão lenta para compreender, deixe-me ser perfeitamente claro. Eu fui treinado para favorecer tanto a homem quanto a mulher, com boca, e mãos, e língua, de qualquer maneira que eles poderiam desejar. Eu fui tomado e usado em todos os sentidos imagináveis.

Ele agarrou seu pulso e puxou-a para perto, sussurrando suave e roucamente em sua orelha. — Eu já me vesti como uma mulher, *mignonne*. Eu posso me fazer parecer tão bonito e desejável quanto você. — Ele mordiscou o lóbulo da sua orelha enquanto ela esteva congelada no lugar, e então beliscou duro, puxando contra ele. Com sua mão ávida, ele forçou suas unhas para cortar um arranhão dentado através de seu peito — eu também posso tomar dor, e tornar isto um prazer.

Livre de qualquer feitiço que a tinha mantido congelada no lugar, ela lutou para se soltar. Ele a largou abruptamente e ela tropeçou de volta, massageando seu pulso.

— *Voilà* — ele disse, abrindo seus braços. Fiz você entender agora. Isso é o que eu sou, *mignonne*. Isso é quem eu sou. Agora você sabe. Nenhum de nós o deveria esquecer.

— E quanto a isto, Gabriel? — Ela perguntou, apontando para seus pulsos. — Ninguém fez isto com você. Você fez aquelas marcas a si mesmo, não é? Por quê? Por que você faria tal coisa?

Ele piscou e tropeçou. — Porra, Lady Munroe! Por que você deve ser tal cadela tão intrometida? Você nunca pode me deixar sozinho. O que você fará quando eu partir? Quem você vai torturar? — Ele agarrou a garrafa abandonada e esboçou uma reverência elaborada. *Au revoir, ma belle.* Durma bem. Que os voos de anjos cantem pelo resto do seu repouso, et cetera, et cetera.

Ela não tinha palavra para ele, chocada e confusa, atordoada por sua violência mal controlada e agitada pelas cicatrizes em seus pulsos. Ela sentia muito por ter perguntado, lamentando reabriu velhos ferimentos, e lamentando o que ele disse a ela. Ele partiu, como veio, pela sacada e para a noite afora, e tudo o que ela sentiu foi alívio.

Capítulo 14

Gabriel caminhou até a praia, bebendo do uísque sem expectativa de alívio. Ele estava oco do lado de dentro, e o vinho não fez nada para encher seu vazio. Teve pouco poder sobre ele agora, não fez nada para acalmar as extremidades rotas de sua alma. Que faz um homem quando a medicina não mais ajuda, quando nada acalma sua dor?

A maré estava subindo, e a rebentação chiou de modo selvagem, uma comparação com a selvageria em seu coração. O vento pego em seu cabelo, chicoteava na praia longa contra suas bochechas e boca. O céu reluzia e o luar brilhava através da baía, rebatendo a noite com um opalescente brilho de prata, fazendo isso parecer bonito e vazio, como o rosto de uma boneca de porcelana. Lembrou a ele da noite, quase um ano atrás, quando ele aguardava sua chegada.

Bem, aqui estava ele agora, no mar, como sempre quis. O menino estava seguro e feliz. Era o tempo de partir. Que tipo de idiota ele tinha sido para imaginar, até por um momento, que isso existiria de algum outro modo? Movido de uma ruela da parte de trás de um bordel para uma propriedade rural não mudou o que ele era, mas Deus amaldiçoado seja por isso, por que fez ele teve que dizer a ela? Que compulsão doentia e triste o deixou revelar essas coisas?

Porque você está sozinho, ele respondeu a si mesmo. Tão malditamente cansado de ficar sozinho. Bem, ele tinha se garantido agora. Milady sol, Sarah, tinha sido convenientemente chocada e, justiça seja feita, tinha que admitir que ela não se chocava facilmente. Pelo menos agora ela sabia. Não restavam mais ilusões para nenhum deles.

Balançando a cabeça com uma risada amarga, ele virou a garrafa e deixou o remanescente do vinho descer garganta abaixo, antes de abandonar o recipiente vazio na areia. O vento ficou forte. As nuvens se movimentavam no céu e o luar iluminava as pedras irregulares ao longo da costa. Sua pele picava de excitação, e ele estava pleno de uma exaltação curiosa. Curvou-se para remover as botas e continuou andando ao longo da praia, cada vez mais e mais perto da água, até ficar com ela pelos joelhos. O frio seco o chamuscava, afiado como uma faca. Ele estremeceu de dor antes de fechar os olhos deliberadamente e se submeter, esperando até que pudesse sentir o sensual o puxar da rebentação enquanto o sugava pelos tornozelos, acariciando e persuadindo, o tragando para cada vez mais adiante, um passo, então outro.

Pego em seu feitiço, ele balançou com as ondas, abraçado pelo mar frio e o ar da noite. Olhando, ele podia ver nuvens de fósforo e espuma. Ele deu mais um passo adiante, querendo ser uma parte do grande mistério que espumava e zumbia ao seu redor. Ele quis nadar, o mais longe que podia, meio seguro que se tivesse a coragem, se fosse forte o suficiente e nadasse o mais longe possível, poderia alcançar alguma costa distante onde seria bem-vindo e encontraria a paz.

— Gabe? Gabriel? — Uma voz flutuava acima da água, insistente e preocupada. — Gabe? — Um pouco mais nítida agora, cortando claramente através do silvo e do estrondo da rebentação na areia. Ele girou devagar em sua direção, balançando com a força da água, confuso, como se não a reconhecesse.

— É bonito, não é? Maior que qualquer catedral.

Ele respondeu com um aceno confuso de cabeça.

Descalça, segurando sua ridícula camisola acima das ondas o melhor que podia, ela andou na água, silvando de dor. Ela estendeu sua mão. — Venha. Vamos dar um passeio.

Ele a observou em silêncio, seus olhos assombrados distantes e confusos.

— Gabriel, por favor venha. Eu estou congelando!

Ele estendeu sua mão lentamente, até as pontas de seus dedos pegaram as dela. Um *frisson* pulsou por ele, fazendo seu coração bater.

Enlaçando seus dedos dele em sua mão, Sarah o levou em um aperto firme e o arrastou em direção à costa. — Vamos caminhar, — ela disse novamente.

Ele examinou seus olhos, surpreendido, concentrado agora, e conseguiu dar uma cínica saudação com sua mão livre. — Como minha senhora ordenar.

Ela sorriu quando saiu da água, e algo que apertava dentro dela, se aliviou. Ele voltará, daquele lugar escuro e distante que o tentou reivindicar. Ela não soltou o aperto de sua mão enquanto caminhavam de volta para casa, nem mesmo quando ele se inclinou para recuperar suas botas.

— Você me seguiu, *mignonne*?

— Não, Gabriel. Eu tive vontade de dar um passeio e um mergulho rápido, com minhas roupas de dormir nesta noite gelada. Claro, que segui você, seu tolo! Você tem sorte de não ter quebrado o seu pescoço descendo aqui bêbado como um…

— Por quê? — Ele perguntou com a voz rouca.

— Você me assustou, — ela disse simplesmente. — Eu não gostei do modo como você parecia, como se estivesse perdido, como se não estivesse realmente lá. Eu estava preocupada com você. Eu também queria me desculpar.

Eu não tinha nenhum direito de lhe questionar, Gabe. Eu continuo dizendo que eu vou parar, mas ainda, de alguma maneira eu nunca paro. Eu sinto muito.

— Não, — ele implorou. — Por favor, Sarah, não o faça… Eu… — lutava para achar as palavras certas, para deixar que ela soubesse o quão agradecido estava por ela se importar a ponto de vir atrás dele. Ninguém, exceto Jamie, tinha se importado se ele vivesse ou morresse. Significava tudo. Sarah apertou sua mão, depois passou seu braço pelo dele e o puxou para mais perto. — Você está tremendo. Vamos levar você de volta antes que pegue um resfriado. — Inclinando-se, ela tentou compartilhar o pouco calor que tinha. Ela podia sentir a batida rápida do seu coração, o sangue que pulsava através de seu braço, vibrante e vivo, mas sua pele estava fria e úmida. Ele cheirava a vento e mar, e ela o quis beijar, lhe dar um tapa e sacudir. Impulsivamente, ela parou e lançou seus braços ao redor do seu pescoço, puxando sua cabeça para um beijo abrasador, antes de o afastar. — Bobo! Idiota! Homem estúpido, estúpido! O que você estava pensando? Não me assuste aquele modo novamente! Prometa-me!

— Eu prometo, — ele sussurrou, suavemente contra seus lábios. Ele retornou para seu quarto, desta vez pela escada, lábios azuis, e tremendo de frio. De modo profissional e eficiente, ela o embrulhou em um cobertor e virou-se para acender o fogo, ordenando que removesse rapidamente suas roupas molhadas e entrasse na cama. Ele fez como ela mandou, subindo em sua cama embrulhado no cobertor por causa da modéstia, enquanto ela colocava suas roupas molhadas na frente do fogo.

— Debaixo das cobertas, Gabe, — ela disse, puxando os cobertores de volta e ajeitando os travesseiros. Aquecendo um copo de conhaque em suas mãos, se sentou ao lado dele na cama. — Beba isto. — Seus dedos deslizando em sua sobrancelha.

Gabriel estava gelado até os ossos, lhe estremecia o corpo, mas estava curtindo a experiência de ser cuidado. Ele engoliu o líquido ardente e se acomodou no ninho que ela tinha feito para ele, virando-se para o seu lado, e fechando os olhos para evitar seu olhar.

Preocupada com o fato de que os calafrios continuavam sem cessar, Sarah deixou cair sua camisola encharcada no chão e se arrastou para debaixo dos cobertores para o aquecer. Com apenas um lençol entre eles, o envolveu apertado contra ela, vigorosamente esfregando seus ombros, braços e costas, enquanto seu corpo estremecia com o choque frio e atrasado.

Sentiu-se aliviada quando ele saiu de seu quarto mais cedo, dominada pela

dor dele e assustada pela raiva e violência mal controlada, que brilhava sob sua superfície. Ela também tinha vislumbrado a desolação em seus olhos, e tinha ficado aterrorizada ante a ideia do que ele poderia fazer, sozinho e perdido, na noite. Ela o abraçou mais forte, seu nariz pressionado nos cabelos úmidos, contente por ter seguido seus instintos, contente por tê-lo perto e seguro ao lado dela, sentindo como se tivesse ganho alguma batalha, arrebatando-o das mãos de algum inimigo invisível, maléfico e totalmente implacável.

Gabriel relaxou contra ela quando o quarto se aqueceu, e o conhaque e seu calor começaram a espantar o frio de seu corpo. Falando no silêncio, ele respondeu à pergunta que ela lhe tinha feito uma vida atrás.

— Às vezes eu sinto nada, Sarah. Às vezes eu me sinto tão vazio que penso que estou morto. Quando eu sinto a dor, quando vejo o sangue, sei que estou vivo.

Abraçando-o apertado, ela respondeu, doce e rouca em sua orelha, — Se você se sentir assim… Quando você se sentir assim, venha me ver, e eu vou lhe dar um beijo que enrolará seus dedos do pé, e então você saberá, maldição, que você está bem vivo, Gabe.

Com uma risada suave, ele puxou sua mão para seus lábios e a beijou, e então a colocou confortavelmente contra seu coração.

— O que você quis dizer, mais cedo? Quando você disse que estava partindo?

Ele se mexeu desconfortável, e suspirou. — Vou partir daqui a uns dois meses, *mignonne*, um pouco menos.

Alarmada, ela se levantou, debruçando-se sobre ele, tentando ler seu rosto na penumbra. — Indo? Por que você partiria? Aonde você iria? Eu pensei que você gostava daqui. Eu pensei que você tinha prazer em.…

Ele tinha. Ele era. — Eu não sei ainda, Sarah, não pensei muito sobre isso. Londres, talvez.

— Eu não entendo. Por que você quer nos deixar, Gabe?

— Eu não quero.

— Então, por que iria? — Ela perguntou, descansando a mão em seu ombro.

— Eu assinei um acordo com seu irmão, Sarah. É março já, e nosso acordo termina em maio. Ele não vai me querer aqui depois disso. Isso sempre esteve implícito.

— Para quem? Eu o quero aqui, — ela disse relaxando, lhe abraçando quando se acomodou contra ele, — e você está errado sobre Ross. Ele quer

você aqui, também. Ele pode ser um pouco arbitrário, e suponho que não sentiu a necessidade de discutir isso com você. Ele acabou assumindo que você aprenderia a gostar daqui e iria ficar. Ele e Davey têm grandes planos para você. Davey quer que você seja um aventureiro corsário, e Ross tem planos de que seja um capitão mercante respeitável. Eles brigam sobre você como se fossem velhas comadres.

— Realmente? — Ele perguntou, surpreso.

— Oh, sim. É muito cômico. Oh, Gabriel! É isso que tem estado aborrecendo você? Eu sinto tanto! Eu pensei que você soube.

— Eu não tinha nenhuma ideia, — ele sussurrou.

Atraindo-o para mais perto, ela murmurou em sua orelha, — Esta é sua casa agora, Gabriel. Nós somos sua família. Não fuja de nós.

Preso em seus braços, aquecido por suas palavras, ele caiu em um profundo e curativo sono. Ele despertou na manhã seguinte, nu e aconchegado na cama. Seus braços a abraçavam, seus membros jaziam entrelaçados, e seu rosto estava enterrado em seu cabelo. Desorientado, desesperadamente tentou localizar a rota que o tinha colocado lá. Quando a memória o inundou, seu rosto ficou quente pelo embaraço. Seu membro estava duro, inchado e dolorido, e ele lutou contra o desejo de se esfregar contra ela. Seria um retorno pobre aos cuidados que teve ontem à noite. Ele apertou os dentes e cuidadosamente se libertou, tentando não a despertar.

Foi o primeiro bom sono que teve em semanas. Bocejando e se esticando no ar frio matutino, ele pegou suas roupas. Ele olhou para ela ternamente enquanto se vestia. Ela pareceu uma criança perdida, enrolada na grande cama sozinha. Apesar de seu embaraço, um peso grande tinha saído de dentro dele, e ele não tinha nenhuma ideia de como agradecer a ela por isto.

Quando Sarah despertou uma hora mais tarde, sorriu ao ver que ele reacendera o fogo para ela, e foi pegar a camisola onde a deixou secando na véspera. Ele verdadeiramente a assustou ontem à noite. Poderia ter se afogado naquelas águas frígidas, acidentalmente, ou de propósito. Ela tinha sido covarde demais para lhe perguntar. Tudo o que conseguiu foi envolvê-lo e o manter seguro. Agora, ela se perguntava o que fazer. O bom senso, guerreava com instinto e desejo, lhe dizendo que ao permitir Gabriel em seu quarto, em sua cama, ela estava arriscando mais do que a descoberta e a boa opinião das pessoas que se importavam com ela. Ela arriscava quebrar dois corações.

Ela sabia que ele estava se apaixonando por ela. Ele sabia sobre prazer, mas nada sobre generosidade, e tinha uma visão distorcida de si mesmo. Era

provável que se apaixonasse por qualquer uma que mostrasse carinho e aceitação, porque ele não conhecia ou entendia seu próprio valor. Tentando ser honesta, ela admitiu que o quis desde o primeiro momento em que o viu na biblioteca de Madame Etienne. Seus beijos a derretiam por dentro e por fora, deixando-a quente, pesada e querendo mais, mas ele tinha conhecido um excesso de luxúria e sexo, era intimamente familiarizado com isso; ela se preocupava de que não fosse de uma amante que ele precisava, e sim, de uma amiga.

Ele era tão vulnerável, tinha tido tantas chances de se abrir com ela. *Bem, droga! Quem mais teria tempo para o conhecer, apreciar e estimar tudo que ele era? Quem teria um maior cuidado com o seu coração do que ela?* Ela tinha crescido para cuidar muito dele, e ele cresceu para confiar nela. A profundidade de sua dor e raiva a assustava às vezes, assim como a profundidade de seus sentimentos por ele, mas ela tinha ido muito longe para voltar atrás agora, não sem o ferir terrivelmente. Para melhor ou pior, eles estavam embarcados em uma jornada juntos. Seu coração se recusou a abandoná-lo, e seus instintos lhe diziam que ele valia qualquer risco. Não existia nenhum lugar para ir, a não ser adiante.

Capítulo 15

Quando Gabriel veio, hesitante para seu quarto na noite seguinte, ele ficou no assento da janela como era seu hábito ultimamente, mas Sarah bateu levemente no lado dela na cama. Não precisando de nenhum encorajamento, ele se deitou ao lado dela, pegando-a em seus braços e a beijando profundamente. Ontem à noite não tinha sido um sonho então. Ela conhecia mais sobre ele do que qualquer outro e, ainda assim, aqui estava, em sua cama, em seus braços, beijando-a. Mudando de posição para puxá-la para debaixo dele, soltou um gemido involuntário quando um espasmo de dor ocupou suas costas. Ele tinha praticado como um demônio nos últimos meses, em parte para afiar sua habilidade, mas, principalmente, porque permitia que escapasse de suas preocupações e seus medos.

— Você tem se excedido, Gabriel, — Sarah repreendeu, afastando-se. — Você fará a si mesmo um dano sério, se não for mais cuidadoso.

— Tolice, meu doce. É tudo sua culpa. Você está me envelhecendo antes do tempo.

Sentando-se, ela afastou seu colarinho. — Tire sua camisa. Eu posso ajudar você como ontem à noite.

— Eu estou bem, *cheri*, e ontem à noite, como recordo, foi uma bênção misturada.

— Tudo bem, faça do seu jeito. Se você prefere ficar duro e dolorido do que me deixar ajudá-lo, é sua escolha.

Ele supôs que houvesse alguma lição que ela queria que aprendesse, mas ele não estava com disposição para isso. Não obstante, depois de vários minutos de silêncio incômodo, ele se sentou de repente e tirou a camisa. — Está bem, mulher, você está feliz agora? Pode olhar bem. — Ele anunciou deitando-se de costas, enquanto ela permanecia calada, suas costas claramente expostas como não tinham estado na véspera.

Ele se encolheu e endureceu quando as pontas dos dedos localizaram suas cicatrizes, as massageando suavemente. Ela trabalhou devagar, aliviando músculo nodoso com golpes profundos e suaves, puxando e empurrando para liberar a tensão. Ela movia as mãos mais para baixo enquanto sentia que ele começava a relaxar, trabalhando os músculos na parte inferior das costas; seus movimentos lentos e seguros, permitiam que os dedos sentissem os nódulos,

diferenciar e responder com atenção a tensão muscular e da alma.

Enquanto seus dedos faziam sua mágica, algo bem no fundo de Gabriel se soltou e relaxou. Seu toque era calmante e curativo e ele suavemente dormiu.

Acordou em uma cama vazia. Ela estava sentada no assento da janela, pernas enroladas debaixo dela, cabeça inclinada em direção à luz da vela, perdida em um de seus livros. Ele se permitiu o prazer de a assistir enquanto mordia o lábio em concentração e batia os dedos impacientemente. Algo que ela lia a estava incomodando, pensou com um sorriso. Ele observou seus dedos fascinado, enquanto virava as páginas, dedos gentis, dedos hábeis. Ele se lembrou deles se arrastando por suas costas, e fechou os olhos, imaginando-os circulando sua cintura, acariciando sua barriga. Seu corpo ficou tenso novamente, desta vez de fome. Tremendo, ele respirou fundo e abriu os olhos, encontrando os dela.

Ela o saudou com um sorriso ensolarado. — Bem vindo de volta, Gabe.

Ele se permitiu um grunhido, pouco disposto a se virar ou falar, a evidência de sua estimulação pronunciada e inconfundível.

— Sente-se melhor?

Ele torceu seu pescoço e os ombros, e então se esticou da cabeça até os dedões do pé, terminando com um gemido de prazer. Seus dedos eram mágicos. Suas dores haviam desaparecido e ele se sentia calmo e contente. Ele agarrou um travesseiro para colocar ao lado dele antes de se vira para olhá-la. — Muito melhor, *mignonne*. Eu juro que você deve ser uma bruxa, não, uma deusa, como seu homônimo.

Ela fechou o livro e voltou para a cama, entrando sob as cobertas para se aquecer. Ele a puxou para seus braços e a beijou, as camadas de cobertores, cobertas e roupas entre eles lhes dando tanto uma sensação de inocência, como permitindo a indulgência em seus sentidos.

Muito mais tarde, ofegante e atordoada, Sarah aventurou uma pergunta, — Gabe?

— Mmmm?

— Há mais alguma outra coisa que você precisa me dizer?

Depois de um momento de silêncio, ele suspirou e rolou sobre suas costas. — Você sabe a maior parte, *mignonne*, mais que qualquer outro.

— Eu só quero estar certa que sabe que pode me dizer qualquer coisa.

Silêncio se prolongou entre eles, o vazio cheio com o som da rebentação, colidindo contra as pedras abaixo. — E se eu disser a você que matei um homem?

— Não faria você diferente de muitos outros homens que eu conheço.

— E se eu disser que cortei sua garganta e o deixei para morrer em uma ruela?

— Eu quereria saber o porquê. Ross matou antes, várias vezes, mas ele não vai falar sobre isso. Ele era um soldado, é claro, e eu disse a você sobre meu tio. — Ela se inclinou sobre ele, descansando o braço em seu peito, distraidamente traçando uma linha imaginária de sua clavícula com as pontas dos dedos. — Davey matou também, mas conta. Se isso o aborrecer, poderia querer discutir isso com ele.

Ele a olhou com espanto. — Nada choca você, Sarah?

— Sim, claro! Eu estou chocado com o que algumas pessoas fazem com crianças, com os desamparados… Quem você matou, Gabriel, e por quê?

Segurando a mão dela, apertou-a contra seu peito, de repente inundado pelas lembranças. O gosto e o cheiro do medo e do sangue eram acre em suas narinas, cobres e úmidos em sua língua. Seu coração batia mais rápido enquanto as lembranças da raiva gelada e da sede de sangue o lavavam. — Foi alguns meses antes de vocês virem por seu irmão. Ele era um alemão, um comerciante rico de Brest. — Sua voz era plana, destituída de emoção, mas ele agarrou sua mão como um torno, trazendo lágrimas aos seus olhos. — Ele era um dos camaradas *De Sevigny*. Frequentava a casa de Madame quando estava em Paris. Ele começou a vir cada vez mais frequentemente. Eu estava com ele uma noite, no salão quando Jamie entrou me procurando. — Sarah ofegou.

— Nós não estávamos… nós estávamos só conversando. Eu expulsei Jamie, mas era muito tarde. Eu podia ver, o interesse e a fome. Ele começou a fazer perguntas, fazer ofertas para Madame. Eu podia vê-la calculando tudo. O que custou isso? O que custou aquilo? Ele continuou vindo, perguntando. Você não quererá saber, Sarah.

— Gabriel, me diga! — Ela estava frenética e doente de medo. — O que aconteceu? O que aconteceu com Jamie? Eu tenho que saber!

— Shhhh, — ele soltou sua mão e se aproximou acariciando suas costas, sua voz dolorida pela emoção novamente, enquanto tentava acalmá-la. — Nada aconteceu com ele, Sarah. Ele levou um susto. Isso é tudo. Eu estava indo para meu quarto e ouvi alguns barulhos. Eu pensei ter ouvido a voz de Jamie. Eu fui verificar, e aquele pedaço de merda estava lá com suas mãos nele.

— Oh, Deus!

Gabriel a abraçou mais apertado. — Ele estava malditamente bêbado para fazer qualquer coisa, mas o assustou, *mignonne*. Isto é tudo. Eu juro. Eu cheguei lá a tempo. Eu… Eu tinha o hábito de levar uma faca. Eu não sei, algo saltou

para fora de mim… uma raiva… eu coloquei a minha mão sobre sua boca e o arrastei para o beco, e cortei sua garganta, Sarah, sem pensar duas vezes. Eu não quis que Jamie visse, mas ele me seguiu e viu o corpo. Ele sabia o que eu tinha feito. Acho que isso o chocou mais que qualquer outra coisa. Eu ainda o posso ver. Seus olhos estavam enormes e ele não podia parar de tremer. Quanto ao resto, eu não acho que ele realmente entendeu o que estava acontecendo, graças a Deus.

Eles se abraçaram, confortando-se um ao outro, enquanto ele continuou, — Eu cuidei das coisas. Não é difícil dispor de um corpo em Paris à noite, e fiz Jamie prometer nunca contar. Eu disse a ele que seria minha cabeça, se ele dissesse. Eu sinto muito, *mignonne*. Se Jamie carrega cicatrizes de Madame Etienne, elas são por minha causa.

— Não! Ele teve muita sorte por ter você, Gabriel.

— Eu não tinha que matá-lo. Eu podia tê-lo deixado na ruela, protegido Jamie com mais cuidado, mas eu quis. Eu sabia que ele continuaria vindo. Eu… Eu apreciei isso, Sarah.

— Bom! Eu teria feito o mesmo! Você fez bem; o que me preocupa é que você nunca mais perca o sono por causa disso novamente. — Arrepiando seu cabelo, ele lhe deu um pequeno soco no ombro. — *Bon Dieu* que moça sanguinária você é! Lembre-me de não cruzar o seu caminho. Mas não é tão fácil, *cheri*, matar um homem. Se pensa muito mais depois do fato, do que quando acontece.

— Eu não duvido, Gabe. Converse com Davey; ele o ajudará.

— Obrigado, *mignonne*, talvez eu vá. — Deixando-a ir, ele se levantou e se espreguiçou, torceu e ajustou seu pescoço e ombros, com o brilho rosado da madrugada tentando entrar no quarto. Ele ficou surpreso com o quão bem ele se sentia. Todas as dores de seu corpo haviam sucumbido aos dedos mágicos, e aquelas do seu coração… Bem, era dito que a confissão fazia bem à alma. Abaixando-se ao lado da cama, ele acariciou o cabelo dela. — Você está bem, Sarah? *Merde*! Eu preciso aprender a manter minha boca fechada. Nem todos os segredos precisam ser ditos.

Sorrindo ela alcançou e tocou sua bochecha, seus lábios. — Os escuros precisam, Gabe. Eles mantêm as pessoas separadas, e é só contando que eles perdem seu poder.

Ele percebeu que não tinha mais segredos dela. Ela os tinha levado todos, retirando um a um, e então, ela reivindicou a ele, lhe dando tudo o que já sonhara, uma casa, uma família, um amigo… alguém para amar. Seu coração

estava transbordando. Tomando ambas as suas mãos, ele se debruçou e ternamente a beijou. — Eu amo você, Sarah, — ele sussurrou. Ele não estava pensado, ou nunca teria arriscado, mas ela não se afastou.

Com um sorriso radiante e olhos cheios de ternura, ela o abraçou ferozmente, e disse as palavras que ninguém jamais tinha falado antes, — Oh, Gabriel! Eu amo você!

Ajoelhou-se ali, junto à cama, enquanto o balançava nos braços. Abalados pela emoção, não falaram, não se beijaram, apenas se abraçaram, nenhum deles queria desistir, mas logo não tiveram escolha. O dia estava quase sobre eles, e a casa estava começando a se mexer.

— Deus, Sarah! Eu não sei se a posso deixar, — disse, com a voz instável. — Há tanta coisa que quero dizer… dizer a você… eu…

— Shhhh, — ela sussurrou, beijando seus lábios. — Você pode me dizer hoje à noite. — Seus olhos estavam quentes e cheios de promessa.

Repleto de esperança e alegria. — Sim, mignonne, conversaremos… vou contar… esta noite. Exultante, Gabriel saiu do quarto, procurando por Davey, procurando algo, qualquer coisa, para passar as horas até que estivesse quente em seus braços novamente.

Sarah ficou deitada na cama, os olhos bem abertos, muito depois dele ter partido. Ela sentiu uma conexão com ele tão profunda que transcendeu qualquer coisa que já conheceu. Ela o amava. Ela sempre o amara. Em algum nível reconhecera isso, e o reconhecera, no momento em que o viu pela primeira vez, em pé, orgulhoso e ferido, na biblioteca de Madame Etienne. Sentia-se amedrontada e emocionada, como se estivesse à beira de um precipício, preparada para voar. Ela não sabia o que iria acontecer a seguir, mas sabia que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Ela pensou sobre que ele lhe disse ontem à noite, ainda horrorizada em quão perto Jamie chegou de algo tão vil, que o teria mudado para sempre, sua inocência roubada, sua confiança no mundo, e nele mesmo, destruídos. Mas ele teve um protetor. Por fim compreendeu totalmente, visceralmente, em seu estômago, em seu coração seus pulmões, o que Gabriel tinha tentado tão dificilmente dizer a ela. — Oh, meu Deus! — Ela gemeu em voz alta, abraçando-se. Para ele nunca existiu nenhum protetor, ninguém para o salvar, nunca.

Ela chorou por ele, pela infância que nunca teve, a dor e a tristeza que suportou, sozinho e sem amigos. Ela gritou de pena, e sabia que não a agradeceria, e com gratidão, que de alguma maneira, por alguma fonte de força

interna, ele tinha conseguiu sobreviver a isto e se tornado um homem decente, sensível, notável, por quem tinha se apaixonado. Ela jurou que ele nunca mais ficaria sozinho ou sem amigos novamente.

No final da tarde, exausto pelo trabalho, seu corpo clamando por dormir depois das noites inquietas que gastou preocupado com a partida, Gabriel se dispensou de seus encargos aduaneiros, e se arrastou para sua própria cama abandonada para um sono de uma tarde atípica. Ele sonhou, claro, com o alemão, irrompendo as veias de sangue e fúria incandescente, a culpa quando se viu, selvagem e meio louco, refletida nos olhos atingidos de um menino pequeno. No meio a tudo isso ela veio. Ela permaneceu atrás dele e colocou seus braços ao seu redor, sussurrando para ele e tirando sua dor, levando-o sem esforço daquela ruela suja de sangue, o afastando com ela para um sono profundo e pacífico.

Capítulo 16

Gabriel acordou revigorado e ansioso para o anoitecer. Sarah havia dito que o amava. Havia pouco sobre ele que ela não sabia. Ele não tinha certeza se ela realmente entendia o que tinha tentado dizer a ela. Achava difícil acreditar que pudesse amá-lo, querê-lo, ou permitir que ele a tocasse se entendesse completamente, mas não mentiu para ela, nem escondeu nada dela. Ele tinha sido tão honesto como podia, e se ela preferisse ignorar certas coisas, ou fingir que ele era algo melhor do que era na realidade, ele não iria discutir. Ele não se permitiria planejar ou esperar além do presente, mas ele iria aproveitar cada momento com ela que pudesse roubar.

Ele não conseguiu vê-la naquela noite. Davey precisava de sua ajuda. Uma grande quantidade de lã britânica tinha chegado inesperadamente, e estava esperando em uma enseada isolada para ser trocada por uma pequena fortuna em conhaque e chá. Eles se esgueiraram sob a cobertura da escuridão, pegando a brisa noturna e cortando silenciosamente através das águas tranquilas da baía. Uma vez que estavam bem encaminhados, Gabriel reuniu coragem e procurou Davey no tombadilho superior.

— Foi uma noite boa, não é, rapaz? — Davey lhe deu boas-vindas com um sorriso alegre. — Sinto cheiro de lucro e aventura no ar, hoje à noite. Mas você tem algo mais em mente, eu acho. Desembucha.

— Há um assunto particular que gostaria de conversar com você, Davey, quando tiver tempo.

— Não há tempo como o presente, meu garoto, está linda senhora está bem encaminhada, venha comigo para minha cabine, vamos compartilhar um conhaque e você pode contar ao doce Davey todos os seus problemas. — O sujeito estava tão esquisito quanto um gato em uma sala cheia de cadeiras de balanço, Davey pensou com um sorriso. Encaminhou-o para uma poltrona confortável em frente à sua mesa, e serviu-lhes um conhaque. Divertido, esperando alguma revelação ofegante sobre seus sentimentos por Sarah, ele ficou um pouco surpreso quando Gabriel finalmente deixou escapar seus negócios.

— Eu matei um homem, Davey, há pouco mais de um ano, quase na frente de Jamie, sonho com isso o tempo todo. Sarah disse… disse que eu deveria falar com você sobre isso.

— Diga-me. — Davey recostou-se na cadeira, cruzando os tornozelos sobre a mesa, e tomou um gole de conhaque, enquanto observava atentamente seu pupilo. Sarah diz. Assim, que é à maneira dela, pensou. — Ora, continue, rapaz.

Gabriel falou sobre o alemão, seu interesse óbvio em Jamie, e como achou que ele tentaria molestar o menino. Ele foi um pouco mais sincero com Davey do que tinha sido com Sarah sobre algumas coisas, e menos sobre outras. O resultado era o mesmo. Ele matou um homem no auge da ira, e apreciou isso. Davey fechou seus olhos, movimentando sua cabeça enquanto Gabriel falava, como se escutasse alguma música interna. Ele parou quando Gabriel terminou sua história, e tomou um gole do conhaque, fazendo sinal para que seu protegido fizesse o mesmo. Ele pensou um momento antes de responder. — Um homem pode matar por muitas razões, Gabriel. Para defender a si mesmo ou seu país, para proteger o que é seu, suas propriedades, sua mulher, ou aqueles que dependem dele; para vingar uma injustiça… alguns bobos até matam para vingar a honra por qualquer coisa, real ou imaginária. — Ele encolheu os ombros. — Geralmente, aceitamos essas razões como justas e dignas, mas outros matam por ganância ou ganhos, por raiva ou ciúme, mesmo por prazer ou esporte. Eu tenho sido um mercenário, rapaz, e eu vi homens matarem e serem mortos, para todas essas razões. — Ele balançou suas pernas para baixo e se inclinou para frente na mesa, um dedo distraidamente circulando a borda de seu copo. — Às vezes, é um negócio de sangue frio, e outras vezes não é. Às vezes, um homem odeia. É fácil matar quando você odeia, e há alegria nisso.

Ele olhou diretamente nos olhos de Gabriel. — Você matou para proteger os seus. Não há nenhuma vergonha nisso como se você gostasse, e suspeito que devia odiá-lo muito. — Ele encolheu os ombros, ainda tocando o copo. — No entanto, não o matou até que ele tivesse posto suas mãos no menino. Eu não me preocuparia muito com isso. Pelo que estava em jogo, eu teria feito o mesmo. Mas… Uma palavra sábia, Gabriel, em? O ódio é uma coisa poderosa. Rasteja para dentro de um homem quando ele está vazio, o enche, finge ser seu único amigo, e então o corrói de dentro para fora, matando os sentimentos dignos que tem, não deixando nenhum espaço para paz ou prazer, felicidade ou o amor… Se um homem tem ódio em seu coração, é melhor não alimentá-lo. Deixe-o morrer de fome, solte-o do seu aperto, o deixe morrer antes de matar você. — Ele permaneceu e bateu Gabriel no ombro. — Agora, isto foi o suficiente do meu tagarelar, rapaz. Nós temos uma festa do chá para participar.

Um contingente fortemente armado de homens da alfândega junto com o Tenente Brey e o administrador estavam escondidos esperando com a lã, nas sombras da angra. Uma mudança brusca de planos precipitou um passeio louco pelo convés. Davey gritava ordens e o L'Esperance se inclinou enquanto se dirigia à direita, de volta para o alto mar. Suas velas afrouxaram e agitaram por um momento enquanto se esforçava para recuperar a brisa, então tremulou, estalou, e ondulou avançando adiante, correndo com o vento, com o Tenente Brey em perseguição. Foram vinte e oito horas de perseguição antes dele desistir.

Amaldiçoando e rindo, Davey passou para Gabriel o leme e tomou seu copo enquanto via a chalupa desaparecer sob o horizonte. — *Bon Dieu*, mas ele é um bastardo tenaz! Isso foi muito perto, meninos. A discrição é a melhor parte da coragem, e como nós já estamos a meio caminho da França, eu acredito que devamos fazer nossos negócios em uma costa diferente nos próximos dias. Deixem aquele vira-lata ofegante apanhar outro odor. Eu não tenho nenhuma intenção de voltar para casa sem um lucro.

***

No fim, ventos fortes, pedras traiçoeiras, e oportunidades de ganho ao longo das costas francesa e irlandesa resultaram em um atraso não planejado, mas em um muito lucrativo retorno para casa, e levou quase três semanas antes de Gabriel ver Sarah novamente. Ele estava em seu elemento, e glorificado pela vida no mar. Davey deu a ele o leme frequentemente. Ele foi designado para uma das vigílias, obrigado a reunir os homens à noite, e assumir o comando para conseguir água na praia. Foi sua primeira vez em uma posição de liderança. Os homens o aceitaram prontamente, e ele se mostrou hábil e bem.

Sarah tinha razão sobre conversar com Davey. O conselho direto e análise tranquila do homem mais velho agiram como um bálsamo. Gabriel sonhou com o alemão só uma vez desde que estava no mar. Ele sonhou com Sarah todas as noites. Em seus sonhos ela lhe dava boas-vindas em sua cama, e não existia nada entre eles, estavam nus. Sentia saudades dela, terrivelmente. Ele observara, de olhos arregalados, espantado, como metade da tripulação, enquanto uma baleia magnífica, de quase sessenta pés de comprimento, emergia na proa. Davey a identificou como uma cachalote, e Gabriel se virou de prazer para compartilhar o momento com Sarah, antes de perceber que ela não estava lá. Cada vez que ele tinha um pensamento emocionante ou via algo digno de nota, se apagava de alguma forma porque ela não estava lá para compartilhar.

Louco para a segurar, sofrendo de fome por seus beijos, todo o seu ser estava tremendo de emoção quando finalmente avistaram o porto e a casa. Tinha tanto que contar a ela. Ele determinadamente baniu a ansiedade rastejante, que lhe sussurrava que com o tempo e a distância ela poderia ter mudado de ideia, e o que tinha sido dito no calor do momento podia agora ser lamentado. Ele ficou absurdamente satisfeito ao vê-la esperando-o na doca, vestida com calças e botas, o cabelo castanho descendo pelas costas. Ela estava lá agitando, com a variedade heterogênea de trabalhadores, comerciantes, namorados e esposas que vieram recebê-los em casa. Seu coração inchou no peito e a respiração ficou presa em sua garganta, quando lhe ocorreu que sua namorada o estava esperando. Vindo cumprimentá-lo desta forma, ela reconheceu isso, a ele e a todos os presentes, colocando todos os seus medos em repouso.

Sarah o devorou com os olhos. Ele estava acenando para ela, um sorriso deslumbrante no rosto. Ela assistiu com um enorme sorriso quando Davey lhe acenou para sair, e ele saltou sobre a balaustrada e para o cais, pousando como gato gracioso, entre o riso dos homens. Ele andou a passos largos em sua direção com um sorriso ávido e ela se apressou para o seu abraço, lançando seus braços ao redor do seu pescoço.

Puxando-a contra seu forte e musculoso corpo, ele a abraçou violentamente, balançando-a de um lado para o outro, enquanto a tripulação aplaudia sua aprovação.. — Deus, como eu senti sua falta, *mignonne*!

— Eu também senti, — ela disse sem fôlego. — Eu podia matar Davey. Onde você estava? Eu estava tão preocupada com você!

— Nós tivemos um pequeno problema e acabamos na costa francesa, Davey tinha alguns negócios lá e, em seguida, na Irlanda; por isso, a viagem se tornou um pouco mais do que a aventura que alguém esperava, — ele disse com um sorriso. Ele a soltou abruptamente enquanto olhava para Ross descendo o cais. — Falarei sobre isso mais tarde, *mignonne*, — ele disse, dando-lhe um aperto de despedida. — Seu irmão não parece satisfeito. — Ele não estava certo se Ross os vira, mas ele estava destinado a ouvir sobre isto, em breve.

Sarah seguiu seu olhar. Ross caminhava em direção a eles, os olhos duros e o rosto sombrio.

— Sarah. — Ele deu seu um aceno com a cabeça curto e girou sua atenção para seu companheiro. — Gabriel! Eu tenho negócios com Davey. Eu gostaria de falar com você logo depois. Encontre-me em meu escritório dentro de uma hora, por favor. — Dito isso, ele girou sobre o calcanhar e marchou para o

saveiro de Davey, onde os dois homens logo estavam em uma profunda discussão acalorada.

Agitado, Gabriel se virou para olhar para Sarah. Ela fez uma careta, suspirou colocando seu braço no dele. — Ele irá saber mais cedo ou mais tarde, Gabriel.

Ele sabia que esse dia chegaria se continuasse a perseguir seus sentimentos por Sarah, mas esperava adiar pelo maior tempo possível. — Você percebe, se ele não me estrangular, vai me por a caminho ao pôr-do-sol.

— Tolice, Gabriel! Ele não é o ogro que você pensa e, em todo caso, você não fez nada de errado.

Apresentando-se no estudo de Ross exatamente uma hora depois, Gabriel rezou para que ela estivesse certa. Ross estava de pé, com os braços cruzados atrás das costas, claramente agitado. — Entre, Gabriel, sente-se. Não querendo antagonizar o irmão de sua amada mais do que já tinha, Gabriel fez como lhe foi dito.

— Eu vou dizer a você a mesma coisa que eu disse a Davey, — Ross disse, andando de um lado para o outro. — Eu não trouxe você para minha casa para vê-lo acabar balançando no fim de uma corda. Você é um jovem e, sem dúvida, propenso a fantasias e fraquezas que a maioria dos homens jovens compartilham. Você deseja aventura e emoção descuidando das consequências. Você olha para Davey, e pensa como ele é fascinante, romântico, mas não existe nada romântico em balançar na brisa, o mijo escorrendo pelas pernas enquanto você anula as entranhas e lentamente sufoca até morrer. Você já assistiu um homem pendurado, Gabriel?

— Não, senhor, — Gabriel respondeu, completamente confuso.

— Não? Eu pensei que era uma forma comum de entretenimento na maioria das cidades. Poderia ter sido esclarecedor para você.

— Eu duvido que acharia divertido tal espetáculo, meu senhor.

— Você gostaria disso menos, rapaz, se fosse o centro da atenção. — Ross parou de andar e se inclinou para frente, colocando ambas as mãos na escrivaninha. — Você quase entrou em uma armadilha três semanas atrás, Gabriel. Você teria sido enforcado, se tivesse sido capturado. Teria sido muito triste para James e Sarah. Eu sugiro que pense sobre isso.

— Eu não sou uma criança, Huntington.

— Não, você é um homem crescido e eu não posso lhe dar ordens. Você vai tomar suas próprias decisões. Eu estou bem ciente disto. Eu simplesmente pergunto se vai considerar o que estou dizendo.

— Eu tomarei isto sob deliberação, meu senhor.

— Bom! Agora, para o assunto em questão. Eu fui chamado para resolver alguns negócios urgentes. Eu espero ficar fora mais ou menos dois meses. Eu teria indo antes, mas não quis deixar Sarah e a casa desprotegida. Davey tem seu próprio negócio para atender, como você está sem dúvida consciente. Ele pode não estar disponível. Jamie pode ficar com Sidney até o meu retorno, e eu espero, realmente, insisto, que você permaneça na propriedade. Eu já informei Davey que você estará ajudando Sarah com a administração da propriedade, e não estará disponível para ele até o meu retorno. Ela não deve ser deixada desprotegida em minha ausência. Está claro?

— Certamente, você pode confiar nisso.

Ross deu-lhe um olhar amargo. — E quem a protegerá de você?

Gabriel corou. — Você deve saber que eu me importo profundamente com ela, Huntington. Eu nunca iria machucá-la.

— Você está me dizendo que sua amizade por ela é inocente?

Gabriel tomou seu tempo e pensou cuidadosamente antes de responder, não querendo mentir, ou o antagonizar. — Se você está perguntando se nós somos amantes, então a resposta é não, — ele disse, seu olhar fixo e direto.

Ross acenou com a cabeça. — Eu não quero vê-la machucada.

— Nem eu.

— Bom. Então nos entendemos. Bem, eu devo partir na primeira luz. Meu administrador cuidará da maior parte da gestão diária da propriedade, mas espero que você ajude Sarah a supervisionar e resolver quaisquer disputas. Eu também queria perguntar se você quer que eu invista o seu dinheiro enquanto estou em Londres, como discutimos no passado.

— Eu apreciaria isso, Huntington. Sim.

— Bom. — Ross subiu e estendeu a mão. — Eu gostaria de discutir alguns detalhes de última hora com vocês dois, depois do jantar. A partir de amanhã, você será o homem da casa.

Gabriel deixou o estúdio com sentimentos mistos. Ficou aliviado por não ter sido feita menção de sua partida, orgulhoso por Ross depositar tanta confiança nele, e alegre, porque depois de três semanas de intervalo, estivesse prestes a ter Sarah apenas para ele. Ele também se sentia culpado. Ele não mentira para Ross. Ele e Sarah não eram amantes. Ainda não. Mas eram namorados, estavam apaixonados, e ele decidiu ao vê-la esperando na doca, que ela era um prêmio pelo qual iria lutar, fosse ele digno dela ou não. Ele tinha a intenção de fazer tudo o que pudesse para torná-la completamente sua.

Gabriel e Sarah permaneceram fechados com Ross até tarde da noite, analisando as finanças, disputas dos inquilinos atuais e uma miríade de outros detalhes. Isso fazia girar a cabeça de Gabriel de tal forma, que estar no mar em um convés agitado nunca tinha feito. Desde que partiu com Davey, a única coisa que queria era voltar para Sarah e continuar a conversa que havia sido interrompida há três semanas, mas quando Ross terminou, era quase amanhecer e portanto impossível. Ele sorriu, exausto, e se virou para ela. — Eu sinto muito, Sarah, há tanto que quero dizer a você.

— Você dirá a mim hoje à noite. Não saia ainda, Gabriel, há algo que quero lhe dar. — Ela esteve na frente dele, um sorriso tentador em seu rosto, a mão estendida. Ele desviou o seu olhar e sentiu uma emoção estranha, tenra e hesitante, tanto nova quanto dolorosa, que não podia definir. Era um par de protetores de pulso. Feitos de couro preto, com fivelas de prata na forma da lua crescente, tinham desenhado uma serpente celta, e marchetado com estrelas de prata. Ele olhou em cima.

— Eles são…

— Eu sei o que eles são, Sarah. Obrigado. — Ele pegou seu lábio inferior com seu dedo polegar, suavemente a puxando para seu beijo, suspirando suave contra sua boca.

— Boa noite, *ma cheri*.

— Boa noite, Gabriel. Bem-vindo à casa.

Ele dormiu até a tarde do dia seguinte. Era um alívio bem-vindo não ter que praticar ou se reportar para Davey. Por mais que gostasse da companhia do homem, os últimos oito meses tinham sido uma maratona de atividades cansativas, pouco sono, e sempre algo novo para aprender. Era um prazer culpado, mas indubitável para se mentir deitado, antecipando a noite adiante. Ele viu Sarah no jantar e lhe contou sobre a baleia que viu, mais longa que o navio, e sobre sua conversa com Davey. Ele lhe contou como estava feliz por encontrá-la esperando por ele nas docas. Eles foram para a sala de música depois do jantar, falando entre si por meio de ritmo, cadência e harmonia suave, e quando a casa grande se acalmou para a noite, ela se retirou para seu quarto, e ele caminhou inquieto ao longo da borda do precipício, esperando até ficar escuro, quando então, ele poderia subir o carvalho grande para seus braços novamente.

Capítulo 17

Sarah esperou, ansiosa e ávida para ter Gabriel para ela. Ele disse que a amava, ela respondeu igualmente, e agora tudo mudara. Não havia como fingir que eram apenas amigos. Ela sentiu falta dele, de seu corpo, quente e sólido ao lado dela à noite; sentiu falta de sua voz, terna e sedutora quando ele a provocava; ela tinha perdido seus beijos preguiçosos, doces e profundos, enrolando os dedos dos pés e derretendo suas entranhas. Ela ansiava e temia, seu toque, sabendo que a levaria para além de toda restrição, para um lugar do qual não havia volta.

Era cada vez mais difícil para ela dizer a diferença entre certo e errado, o que ela temia e o que ela desejava. Quanto mais ela o desejava, mais temia que, se cruzassem aquela fronteira tentadora, houvesse dor no outro lado. Preocupava-se com o fato de que ele precisava de um amigo, não de um amante, e temia que a visse como outra em uma longa fila de pessoas que o usaram. Ela temia que sua amizade fosse destruída, que onde houvesse algo amável, assasse a haver amargura, desilusão e arrependimento.

Ela também tinha sido atingida pela visão dele nas docas, bronzeado e ajustado, seu cabelo escuro listrado pela luz solar e seus olhos cintilantes excitados, no quão bonito ele era. Poderia ter qualquer mulher que quisesse. Se sua vida tivesse sido diferente, ele teria escolhido alguém como ela? Uma viúva detestável, xereta e excêntrica, de ossos largos, extremamente alta, e descuidada com sua aparência? Dificilmente parecia provável.

Essas reflexões foram interrompidas com o aparecimento dele em sua sacada. Ele ficou de pé, emoldurado à luz da lua. Uma brisa da primavera brincava com seu cabelo, e seus olhos brilharam com calor e fome. Sua camisa estava aberta e seu olhar percorreu seus olhos, sua boca, seu torso, tenso e lustroso, seu estômago estriado de músculos, sua pele alabastro no luar. Parecia uma estátua grega trazida à vida. Ela gemeu de frustração. Nenhuma mulher deveria ser tão tentada. Nenhuma mulher lhe poderia resistir. Ele sorriu e entrou no quarto. Viu que suas mangas estavam enroladas e que usava os protetores de pulso; ela devolveu o sorriso com outro, de felicidade.

Ele se aproximou de sua cama sem dizer uma palavra, e deslizou ao lado dela, segurando-a em seus braços. Ele tinha a intenção de dizer que a amava; queria agradecê-la pelo presente, mas no momento em que seus braços lhe

tocaram o pescoço, esqueceu todas as suas palavras cuidadosamente planejadas e baixou a boca para a dela em um beijo febril. Rosnando com prazer e necessidade, ele agarrou seu traseiro, puxando-a com força contra seu comprimento. Ele rolou em cima dela, seu joelho profundo entre suas coxas como sua língua sugando e acariciando, empurrando contra a dela em uma dança tão antiga quanto o tempo.

Sarah apertou seu cabelo, puxando-o para perto, aprofundando seu beijo, enquanto ele a varria em um turbilhão de paixão e prazer. Ela gemeu quando ele afastou os lábios, depois estremeceu antecipadamente quando as pontas de seus dedos começaram a rastrear sua clavícula, enviando frisões deliciosas de prazer, cantando ao longo de seus nervos, inchando seus seios, endurecendo seus mamilos e fazendo ela se sentir inchada e úmida entre suas coxas. Ela ofegou de prazer intenso quando sua língua preguiçosa raspava molhada e quente contra seu mamilo, umedecendo-o através do algodão de sua camisola, enviando ondas de sensação emocionante para seu núcleo. Ele olhou diretamente em seus olhos, a pergunta clara.

Ela fechou os olhos, tentando juntar sua inteligência esfarrapada, aturdida pelos sentimentos revoltosos que a atravessavam. Ela não tivera nenhum prazer com seu marido, e se sentiu oprimida pelas sensações selvagens que estava experimentando agora. Era muito poderoso. Estava acontecendo muito rápido. Mudando de posição, empurrou-o para longe, ela o afastou. — É o suficiente, Gabriel, por favor. Nós… eu… eu penso que nós devíamos parar.

— Eu sinto muito, — ele disse, recuando. — Eu pensei. . . Claramente, eu entendi mal.

Atormentada pelo olhar ferido de seus olhos, ela estendeu a mão para puxá-lo de volta, mas ele já estava de pé, preparando-se para sair. — Gabriel, não!

— Não o que? Não beije você? Não toque em você? Eu não posso evitar isto, Sarah. Eu penso sobre isso todo o tempo. Cristo! Eu não posso continuar fazendo isto!

— Por favor, só escute. Tente entender.

— Eu entendo. Eu acabei de lembrar que sou um gigolô cansado e ganancioso. Você tem sido gentil comigo, indulgente, embora eu não possa imaginar por quê, mas há limites. A ideia de ser tocada por mim desse modo, sabendo o que sou, deve ser desagradável.

— Pare com isto! Eu odeio quando falar assim! Isto não é o que eu quis dizer!

— Minhas desculpas, — ele disse, sua voz plana e fria. Ele girou para ir,

mas ela saltou da cama, bloqueando seu caminho.

— Gabriel, espere, por favor! Por todas as vezes que eu o ouvi, não mereço que você me ouça?

O olhar que lhe deu estava ressentido e frio, mas ele cedeu e foi se esparramar desgraçadamente no assento da janela. — Eu estou escutando, *mignonne*, — ele disse, sua voz distante.

— Eu estou tão confusa, Gabriel. Estou tentando fazer a coisa certa, e não sei mais o que é. Não é que eu não queira você. Eu quero! Eu sonho com você. Eu imagino…olhe, você se chama de gigolô, como se isto fosse quem você é…. Como eu posso mostrar a você o quão errado está? Como eu verdadeiramente posso ser sua amiga se eu usar você como todo mundo usou? Maldição, Gabe, você é tão inocente!

— Inocente! — Ele ficou tão chocado que sua boca caiu frouxa e aberta.

— E agora você parece se exatamente com Ross — ela respondeu.

— Como você pode me chamar assim, Sarah? Você me conhece melhor que ninguém. Você é a única que realmente me conhece.

— Mas você é, sabe. Você não sabe nada do amor, Gabriel. Como poderia? Você não teve nenhum modo de se armar ou se proteger. Você sabe como lidar com a dor física, — e seu olhar pisou em direção a seus pulsos, — mas eu estou com tanto medo de lhe machucar, Gabe… eu não quero fazer isso.

— Jesus, — ele disse com uma risada trêmula, — nunca teria adivinhado. Você parecia ficar encantada em me torturar.

— Eu também estou com medo que você possa me machucar.

Ele sentiu como se tivesse sido esmurrado no estômago. Como ela podia pensar isso dele? Ela não o conhecia? — Tem sido uma tolice você me ter sozinha em seu quarto deste modo então, não é, *mignonne*? — Ele disse friamente.

— Oh, silêncio! Você sabe que não é isso o que quero dizer! Mas eu vejo você com Davey e sua tripulação. Você é um deles. Qualquer um pode ver isso. O mar chamará e você responderá. Você vai se aventurar, não vai se contentar em ficar aqui, ainda que ache isso agora; e nem deve. Você vai conhecer outras pessoas. Você não parece perceber ainda, mas poderá ter qualquer mulher que queira.

— Eu tive muitas mulheres, Sarah. A única que já quis é você.

Ela ergueu o olhar para ele, atordoada pelo tormento em seus olhos. A solidão, a incerteza e a necessidade absoluta estavam lá para ela ver, mas o que quebrava seu coração era a esperança tentadora, desesperada. Era

impossível não o amar, impossível não o querer, e magoá-lo era impensável. Ela sabia o que queria. Sua resistência evaporou e um sorriso lento iluminou seu rosto. Ela estendeu sua mão. — Venha, então.

Foi a salvação. Ele era um tolo voraz, um tolo egoísta, de fato um tolo indigno, um tolo, mas não tolo o bastante para recusar. Ela puxou-o para cima, mais forte do que parecia, e levou-o de volta para a cama quente, onde ele tinha passado tantas noites imaginando como seria, nestas últimas três semanas no mar. Ela afastou o cabelo dele com os dedos e arrastando beijos suaves pela mandíbula o empurrou suavemente para sua cama. Seguindo-o, ela se abaixou contra ele, envolvendo-o em suavidade, calor, e Sarah. — Lá, — ela suspirou satisfeita, beijando sua sobrancelha e lhe dando um abraço possessivo, — você está de volta aonde pertence. — Agora me diga, Gabe, você acredita verdadeiramente que eu penso tão pouco de você?

— Eu sei que você se importa, Sarah. Eu não sou bobo. Você podia ter qualquer homem que quisesse, mas você me escolheu. Você me deu sua confiança e amizade. Você me acolheu em sua casa, sua vida, até mesmo em sua cama. — Ele se enrolou ao lado dela, embalando-a em seus braços. — Você respira vida em mim. Eu vou dormir querendo saber o que acontecerá amanhã. Eu olho para o céu e vejo mistério e magia. Eu sinto a dança de espada em minha mão e eu me sinto vivo. É tudo você, Sarah. Quando eu estou com você, eu sinto como se tivesse outra vida, onde eu tenho amigos e um futuro, e uma amada que me deixa bêbado e selvagem, com beijos que ela salva só para mim. Eu me sinto saudável e feliz, e em paz. Eu nunca ousei sonhar tais coisas. Eu reconheço que ajo como um bobo às vezes e tento sua paciência. É só isso, toda vez que eu olho nos seus olhos, posso ver o homem que você vê, e não posso acreditar que ele é realmente eu. Eu estou com tanto medo de desapontar você…

— Oh, Gabe! — Ela murmurou, com lágrimas nos olhos. — Confie em mim. Você é o homem que vejo. Você viveu dentro de si mesmo por tanto tempo que perdeu a perspectiva Eu sei que você não é perfeito, mas eu também não sou. Você pode ser muito arrogante e difícil, particularmente quando está bravo. — Aquecida pelo tópico, ela começou a enumerar com seus dedos. — Às vezes, você beber demais, você mente, ronca com sua boca aberta. É muito pouco atraente. Às vezes você pode ser positivamente uma mocinha.

— Mocinha!

— Oh, sim, você é tão ruim quanto Ross às vezes. Você também pode ser espinhoso, e fica ofendido muito rápido, por qualquer coisa. Às vezes você é muito rude, e o senhor sabe ser temperamental. Você usa muito palavras feias,

muito sujas, e eu juro…

Ele segurou os dedos sobre sua boca para detê-la. — Chega, — disse secamente, — Eu entendi o seu ponto.

— Bem, eu estou certa existem coisas sobre mim que você deve achar irritante.

— Nada me vem à mente.

— Vamos Gabe, não há necessidade de ser diplomático. Eu sobreviverei. Tente. Deve haver algo.

Ele franziu a sobrancelha, honestamente confuso. — Eu juro, Sarah… não… espere… Sim! Sua camisola! Eu odeio essa coisa horrenda, horrível, terrível.

— O que? Mas é muito confortável!

— Parece com algo que uma velha vestiria. Quando eu a vejo nela e me encontro cobiçando você, isso me deixa incrivelmente incômodo, devia ser queimada!

— Hmph!

— Bem, você insistiu. Agora você sabe. — Ele se deitou de volta, olhando o teto, a cabeça dela aconchegada contra seu ombro. Preso em suas próprias preocupações, medos, e desejos, ele não tinha poupado um pensamento de como as mudanças em sua relação a poderiam estar afetando. Ela devia estar tão ansiosa e confusa quanto ele. Ele estava sendo um idiota egoísta, e era afortunado, realmente, que ela fosse uma mulher tão paciente.

— Melhor agora?

Ele lhe deu um sorriso preguiçoso, seus olhos quentes e tenros. — Muito… durma agora, Sarah.

— Mas eu não quero dormir, — ela protestou, os dedos localizando seus lábios.

Ele a puxou para si. — Nada precisa mudar, *mignonne*. Eu sinto muito. Eu me comportei como uma criança, um asno egoísta. Como você disse, arrogante, e rápido a ficar ofendido, e…

— Shhhh! Gabriel, — ela interrompeu. — Beije-me, por favor.

Ele olhou nos olhos cheios de convite, e de quentes promessas. — Sarah, não, amada. Tanto aconteceu… Cristo, eu Sarah se inclinou para frente, respirando suavemente contra sua pele, arrastando beijos esvoaçantes, famintos e doces ao longo de sua mandíbula eriçada, suas maçãs do rosto e o lóbulo de sua orelha. Seus dedos percorreram seu cabelo, desembaraçando-o, e então, enrolando em volta da nuca, atraindo-o para um beijo de busca. — Deixe-me amar você, Gabe, — ela sussurrou.

Ele ofegou quando ela passou os dedos em seu peito, escovando seus mamilos enquanto puxava sua camisa, tirando-a.

— Eu quero tocar você.

Ele gemeu baixo em sua garganta, e mudando desajeitadamente, o coração martelando, enquanto ela puxava a camisa fora de seus ombros.

As mãos dela percorriam seu peito como ela tinha desejado fazer por meses, suave, a pele lisa esticada, tensa sobre bandas de músculos de ferro. — Eu quero saborear você.

Ela beijou seu ombro e correu sua língua junto sua clavícula e garganta enquanto ele estremecia embaixo dela. Eu quero agradar você. — Quando ela escovou seu abdômen, seu corpo inteiro se sacudiu debaixo dela.

— Chega, *mignonne*, — ele disse com a voz rouca, agarrando suas mãos e a colocando ao seu lado. Ele estava furioso com a necessidade, ereto e pulsando, dolorido ao seu toque. — Jesus, amado, tenha clemência. Eu sou só um homem. Nós não podemos jogar este jogo. Eu não posso jogar este jogo.

— Não é um jogo, Gabriel. Eu amo você, quero você, e quero fazer amor com você. Eu pensei que você queria isto, também.

— Eu queria… eu quero… Você não sabe. Você não entende…Jesus, Sarah! Eu nunca fiz amor com uma mulher. Eu somente… Eu faço sexo…Não é o mesmo. Você merece coisa melhor que isto.

— Bem, eu espero que você venha a fazer, isso é muito como beijar. Você acabou sendo maravilhoso nisto.

— Eu não sei se quero fazer isso com você, *mignonne*. — Cristo, que hipócrita ele era! Ele a desejava por meses, sonhando como ela repetidas vezes. Ele praticamente implorou a ela mais cedo, tendo um acesso de birra quando ela hesitou, e agora que o momento estava aqui, ele estava com medo. Todas as suas interações sexuais tinham sido forçadas, ou compradas e pagas. Ele estava com medo de que finalmente ela o visse como o gigolô que realmente era, com medo de se tornar um, bem em frente de seus olhos. — Sarah, eu não sei como.

— Então me deixe mostrar a você, Gabriel. Confie em mim como eu confio você. — Dedos frescos traçaram sua mandíbula, acalmando, acariciando, e o posicionando para o seu beijo. Ele estremeceu quando ela moveu sua boca quente sobre a coluna de sua garganta, sua língua sentindo sua pulsação como seus toques curiosos deslizavam leves como uma pena em seu peito, escovando seus mamilos. Os lábios seguiam os dedos. Usando os mesmos princípios que ela tinha aplicado antes para beijar, Sarah puxou gentilmente

seu mamilo com os dentes, e então o acariciou com a língua Ele foi treinado para dar um prazer primoroso para outros. Ninguém tinha se preocupado em dar prazer a ele, e Sarah o estava apresentando para sensações que não sabia que poderia sentir. Ele lutou para ficar quieto, para não lamentar enquanto sua exploração continuava com dentes e língua, lábios de seda e dedos maus, acariciando e acalmando, brincando gentilmente. Ele assobiou quando seus dedos roçaram contra sua barriga, e quase saiu fora da cama quando, desajeitados e incertos, eles acariciaram sua ereção que se esticava contra suas calças, enquanto ela procurava abrir os fechos.

— *Merde*, mulher, você vai me desmoralizar, — ele estalou, às pressas torcendo e puxando para libertar a si mesmo.

Seus olhos se arregalaram quando seu órgão saltou livre. Era enorme, potente, aconchegado em uma moita de cabelos escuros, venoso e inchando e esticado de modo selvagem. Ela só tinha visto o de seu marido, flácido e insignificante, mas ainda capaz de causar humilhação e dor. Ela estendeu sua mão para tocá-lo, olhando em seus olhos, pedindo permissão. Ela tocou experimentalmente. E sorriu quando saltou para seu toque. Ela correu os dedos ao longo de seu comprimento, para cima e para baixo, acariciando e apertando, o sentindo estremecer sob suas mãos. Ele gemeu como se estivesse sofrendo.

— É tão bonito, — ela sussurrou timidamente, — suave e forte, liso e duro, tudo ao mesmo tempo. — Ela se curvou para beijá-lo.

Gabriel sentiu como se estivesse se quebrando sob seu toque. Emocionou-o com uma intensidade que nunca tinha conhecido. Ele sacudiu sua pelve, desesperado pelo contato, querendo seus lábios e língua, ao mesmo tempo lembrando outras mãos, outras bocas, outras noites. Ele sentiu uma reviravolta acentuada e acre de vergonha antes de se dominar, preparado para executar. Ela não iria vê-lo falhando.

— Tire sua camisola, *mignonne*, — ordenou, com a voz baixa e sedutora, os olhos vidrados de luxúria. Ela olhou para ele, desconfiada de algo em sua voz, mas se abaixou e puxou sua camisola muito maligno sobre sua cabeça, corando enquanto ela se ajoelhava na cama, nua entre suas pernas. Ele capturou sua cabeça entre suas mãos e a puxou para ele, guiando-a para o seu pênis inchado. Desconfortável, sentindo algo diferente sobre ele, ela se afastou.

Deixando-a ir com um sorriso de conhecimento, ele abaixou as mãos, um brilho predatório em seus olhos, e escovou seus mamilos com os dedos. Pegando-os entre os dedos e a palma, começou a rolar suavemente, apertando

e puxando enquanto ela se inclinava para ele, gemendo de prazer. — Você gosta disso, *cheri*, não é? Você está quente e molhada para mim, sim? — Ele moveu uma mão entre suas pernas, acariciando a latejante entrada entre suas coxas com dedos hábeis enquanto ela se contorcia e se contorcia, corando de vergonha e prazer. Ela clamou quando ele agarrou sua protuberância entre seu dedo polegar e o indicador, puxando-o com uma mão enquanto a outra continuada a acariciar o seu mamilo. — Diga-me o que você quer, *cheri* — ele sussurrou. — Diga-me o que fazer. Eu estou aqui para lhe agradar.

Ela sentiu sua ausência, sabia que ele estava longe. Tinha sentido a metamorfose quando mudara, não mais seu Gabriel, mas o outro. Ela queria chegar a ele de alguma forma, encontrá-lo e puxá-lo de volta. Empurrando as mãos para longe, ela prendeu sua mandíbula e inclinou-se para um beijo. Quando seus lábios tocaram os dela, ela agarrou uma mecha de seu cabelo e puxou. — Fique comigo, Gabriel! Eu posso sentir quando você partiu. — Seus olhos se dissiparam e ele a puxou para perto. Ele não fingiu não entender.

— Se você vai fazer amor comigo, tem que ficar comigo, Gabe, — ela disse suavemente.

— Eu não sei se posso, Sarah. Eu disse a você, sei como foder, não como fazer amor.

— Bem, você estava indo muito bem um momento atrás. Se você não gostar do que estou fazendo, apenas me diga para parar. Não me deixe lá sozinha.

— Eu sinto muito, — ele suspirou. — Eu… Eu… Eu ofendi você?

— Não, você estava mal e maravilhoso. Só que sua voz estava estranha, e seus olhos estavam…Bem, você parecia tão distante.

Aliviado, ele afundou de volta nos travesseiros, então agarrou as cobertas, rosto vermelho, quando percebeu que ele estava mais do que meio nu, sem camisa, com seu membro ainda ereto abaulando de seus calções abertos. Ela estendeu a mão rapidamente e arrancou o cobertor para longe dele.

— Veja agora, Gabriel, isto não é justo! Eu estou aqui nua como no dia em que nasci. Se eu estou, você também deveria estar.

— Ou você poderia se vestir, *mignonne*.

— Eu não quero me vestir. — Ela disse fazendo um beicinho brincalhão, arrastando seus dedos de um lado para outro através do seu peito. — Eu estou curiosa. Eu nunca vi um homem completamente nu. Se você realmente se importasse comigo, satisfaria minha curiosidade.

— Nem mesmo seu marido, *cheri*?

— Não, graças a Deus, ele sempre manteve sua roupa na cama. — Ela se

inclinou e beijou sua bochecha. — Mas você é muito querido para mim, Gabriel. Eu amo você, e eu amo seu corpo, também. Eu quero conhecê-lo, não vai me deixar?

Levantando-se nos calcanhares, puxou e saiu de seus calções, sentindo-se tímido e estranhamente vulnerável. Quando fazia sexo, praticava sexo, sempre se lubrificou e se isolava com quantidades generosas de álcool, até poder se distanciar o suficiente até se tornar o autômato sensual que seus clientes exigiam. Não havia álcool relaxando-o esta noite, apenas Sarah, mas com ela se sentia vivo. Ela não queria ficar sozinha. Se ele ia fazer amor com ela, precisava ficar com ela. Ele faria seu melhor.

Ela retomou sua exploração, mapeando seu corpo, frente e costas, com carícias suaves e beijos de mel. Ela beijou suas cicatrizes, uma a uma, escondendo suas lágrimas quando viu quantas haviam em suas costas, suas nádegas, seus braços e pernas, marcas de chicote, lâmina e fogo. Ela beijou cada uma, por sua vez, enquanto ele tremia debaixo dela. Ele estremeceu, os dentes cerrados, violentamente excitado quando suas mãos suaves acariciavam suas costas e nádegas e seus lábios macios beijavam a parte de trás de suas coxas.

Amaldiçoando, ele se virou, puxando-a para cima e segurando-a apertado, a colocou de costas. Ele queria, acima de tudo, ser gentil com ela, mas a sua exploração lenta e profunda, com um toque de veludo e beijos doces, o tinha empurrado. — Sarah, — ele gemeu, — , *mon ange, ma belle amie, mon amour*! Ele procurou, acima de tudo, ser gentil com ela, mas sua exploração lenta e completa, com toque aveludados e beijos doces, o deixaram meio louco de desejo. Dolorido com a necessidade de a possuir e faze-la sua, ele esqueceu da arte e do artifício, e da dança lenta da sedução. Arquejando e gemendo ele moeu contra ela enquanto saqueava sua boca. Sustentando seu peso com um braço, ele abaixou e separou suas coxas. Sentindo-a úmida e quente contra sua palma ele apertou contra ela com seu dedo polegar, pressionando-a com o polegar, tocando-a como antes, enviando ondas de desejo percorrendo seu corpo enquanto esticava as pernas mais largas, empurrando contra ele, choramingando com a necessidade. Ele moveu seus quadris, seu pesado e tenso fardo esfregando, saltando e deslizando contra ela. — Por favor, Sarah, — ele murmurou.

— Oh, Deus, sim! Sim, Gabriel, por favor! — Ela se abaixou para puxá-lo para ela, acariciando seus testículos doloridos, acariciando seu pênis ereto, guiando-o para o seu centro aquecido onde ela esperava por ele.

Com um grito gutural, ele mergulhou em seu calor liso e apertado. *Oh, Cristo*, *ele estava em céu!* Incapaz de conter-se, desesperado por alívio, ele bombeou e empurrou selvagemente enquanto ela o segurava apertado em seus braços e apertado dentro dela. Sua boca frenética buscou a dela, e faminta, sedenta, ele a bebeu, a consumiu, sua língua acariciando e mergulhando de modo selvagem em ritmo com os seus quadris frenéticos, latejantes e retorcidos. Quando seus músculos começaram a contrair, apertando e o lançando repetidamente em onda depois de onda de sensação quente branca, sentiu-a profundamente dentro, através do músculo e tendão, pele e osso, através do nervo arrebatado e cantando sangue, profundamente em seu coração e alma. Gritando seu nome, ele a agarrou enquanto bombeava, uma, duas, três, e se rendeu às ondas de êxtase que o transportaram para além de qualquer coisa que já sentiu, soube, ou imaginou.

Selvagem, exultante, sua cabeça caiu no travesseiro. Isto deve ser o céu pensou preguiçosamente, inundado de paz e prazer, enquanto flutuava em seus braços.

Estendido sobre ela, voltando a si mesmo, para o quarto, ele mudou o peso do seu corpo, com medo de esmagá-la, mas ela o abraçou, mantendo-o perto. Deixou a cabeça cair no ombro, lhe acariciando a orelha com os dedos, e seus lábios exploraram seu rosto, saboreando suas lágrimas, beijando seus olhos, seu nariz e sua boca. Levantando-a e segurando-a pelos ombros e nádegas, ele rolou em um movimento suave, e então ela se deitou em cima dele, seus corpos ainda juntos. Suavemente puxou sua cabeça para o ombro, próximo a seu coração.

— Eu sinto muito, Sarah, — ele murmurou em seu cabelo.

— Por que? — Ela perguntou, confusa.

— Eu saltei sobre você, como um animal no cio.

— Hah! — Ela riu, arrepiando seu cabelo, e beijando seu nariz. — Eu sempre pensei que poderia dirigir um homem selvagem se me importasse em tentar, e agora estou orgulhosa de mim mesma, excessivamente. Oh, Gabe, eu nunca soube! Eu não tinha nenhuma ideia! Eu nunca soube que podia ser tão maravilhoso!

— Nem eu, — ele disse honestamente.

Colocando o rosto em suas mãos, ela sussurrou contra seus lábios, — Obrigada, meu amor.

— Obrigado, *ma cheri*? — Ele estava deitado, saciado e à vontade, de um modo totalmente desconhecido, espantado e maravilhado… Ele agradara a sua

mulher, e seu próprio prazer fora esmagador e, por uma vez, livre de culpa. Apertado, balançou-a em seus braços até o ar exausto e morno se misturar, eles adormeceram em um emaranhado de membros soltos, lençóis de seda e palavras suaves de amor Sarah foi a primeira a acordar. Ela aproveitou a oportunidade para banquetear seus olhos com ele, enquanto estava aninhado, magricelo e desgrenhado, em sua grande cama. Seu rosto estava relaxado, desprotegido e infantil, seus lábios sensuais curvados em um sorriso contente. Ele parecia adorável. Uma mecha de cabelo solta caiu sobre sua testa e ela desejava acariciá-la e dobrá-la para trás, mas ela hesitou. Ela sabia que ele achava o sono esquivo e não queria incomodá-lo quando ele parecia tão calmo. Levantando-se da cama, ela pegou a camisola onde estava caída, descartada, num monte indigno no chão frio. Pegando-a para vestir, ela recordou suas opiniões bastante fortes sobre a mesma na última noite, e com um sorriso brincalhão, reivindicou sua camisa ao invés disso. Era muito grande, chegando ao meio da coxa, pendendo solta e aberta ao redor de seus ombros, mas aqueceu-a, e cheirava a ele. Gelada, ela foi até a lareira para acender o fogo, bloqueando a porta no caminho contra qualquer intrusão matinal indesejável de uma das empregadas. Deixando-os pensar sobre o que fariam. Ela sabia, lá no fundo, que o que acontecera entre ela e Gabriel era certo, inevitável, fadado desde o primeiro encontro, e ela não iria diminuí-lo escondendo isso.

Capítulo 18

Quando Gabriel despertou, estava só na cama. A luz que derrama pela janela sugeria ser já o meio da manhã. Sarah estava sentada no assento da janela, lendo, joelhos enrolados em seu peito, seu cabelo castanho caindo solto, vestindo só uma camisa… Sua camisa. Ele notou o quão bonitos eram os dedos do seu pé, se espantou que nunca o tivesse notado antes. Seu olhar viajou até parar nos tornozelos e finamente nas pernas, flexíveis por longas horas montando e caminhando. Sua respiração ficou presa na garganta quando alcançou a borda entre a camisa e as coxas, mistérios maravilhosos lá, um mundo inteiro para explorar. Ela tinha pernas bonitas, que um homem podia enrolar ao redor de si mesmo e segurar enquanto o mundo explodia.

Endurecendo, respirando forte, ele permitiu que seu olhar vagasse ainda mais alto. A curva de um seio era visível, cremoso, suave e firme. Ele sabia disso desde ontem à noite. Uma ponta saliente escurecida empurrou delicadamente contra o linho de sua camisa. Seu peito lhe lembrava frutas maduras, algo que aplacava a sede de um homem e ainda sua fome. Sua boca molhou quando ele imaginou tomar aquele pico delicado entre os lábios.

— Ei!

Seu olhar voou para o dela. Ruborizado e com os olhos arregalados, ele parecia um estudante malcriado.

— Você está se divertindo?

Seus pensamentos voaram para ontem à noite. — Oh, sim… enormemente! — Ele disse com um sorriso.

Seus olhos escureceram e acenderam enquanto observava as coisas interessantes que ela fazia com sua camisa. Camisa dela agora. Ela a habitou, assim como ela o habitou. O pensamento o agradou tremendamente. Ao chegar à beira da cama, ele estendeu a mão para a bainha e a puxou para ele, puxando-a para mais perto, aberta e para baixo nos cobertores quentes. Eles fizeram amor de novo, e Gabriel usou toda a habilidade e sutileza que lhe escaparam na noite passada, incendiando-a com beijos ferventes e um toque seguro e perverso. Eles surgiram em direção à liberação, juntando-se em um clímax que os deixou, a ambos, abalados e trêmulos.

— Bom Senhor, Gabriel o que foi isso? O que está acontecendo conosco? É tão poderoso que é quase assustador.

— Você está assustada, *mignonne*? — ele perguntou, acariciando mechas úmidas de cabelo de sua testa. Ele sabia que estava. Coisas como essa não eram para ele. Não podia acreditar que duraria.

— Um pouco, — ela admitiu. — Eu não sei para onde nós vamos daqui. É tudo tão opressivo. Tudo mudou, não é?

— Não se você não quiser isto.

Ela recuou, apoiando-se em seus cotovelos, e olhando para ele cuidadosamente. — O que você quer dizer com isto?

— Eu quero dizer que a escolha é sua, se nós continuamos deste modo ou não. Se nós fizermos, eventualmente seu irmão saberá, sua família. Eles não ficarão contentes.

— Você está sugerindo que nós deveríamos fingir que nunca aconteceu? Você está lamentando? — Ela estava começando a ficar aborrecida.

— Deus, não, Sarah! Claro que não. Isto é como estar perto de céu como provavelmente nunca esperei estar. Eu amo você! Eu só não quero ver você machucada ou envergonhada na frente de sua família.

— E eu amo você! Você pensa que o teria recebido em minha cama se não o amasse? Você pensa que eu estaria deitada aqui com você agora, sem isso? Você acha que depois de decidir… estar tão íntima com você, eu iria mudar de ideia porque minha família poderia ficar aborrecida? Que tipo de mulher pensa que sou? — Sarah estava quase em lágrimas, frustrada e magoada que, depois de tudo o que tinham passado, ele se afastaria de novo, quando estava mais vulnerável. Ela se afastou bruscamente e se sentou.

— Eu acho que você deveria ir.

Ignorando sua última declaração, moveu-se apenas até sair do seu lado da cama. Ele apertou suas mãos atrás de sua cabeça e olhou para o teto. Alarmado com a raiva dela e arrependido por ter causado sua angústia, ele tentou se explicar. — Eu acho que é uma boa mulher, Sarah, uma dama no mais verdadeiro sentido da palavra. Esse é o problema. Você é extremamente boa para gente como eu. Você está tão acima de qualquer coisa que eu mereça, qualquer coisa que já ousei sonhar, que tenho dificuldade de acreditar que isso é real. Eu sei que me ama. Eu sei que não estaria aqui agora se isso não fosse verdade. Eu somente…Eu tenho medo que você esteja confusa.

— O que? O que você quer dizer? Confusa como?

— Eu só não entendo como você pode me amar, Sarah, — ele disse com um suspiro. — Não se realmente entendesse as coisas que eu tenho tentado dizer a você. Eu tenho medo que você acorde um dia, talvez amanhã, talvez daqui um

ano, e perceba que eu não sou o que pensava que eu fosse, que cometeu um engano terrível, e você fique horrorizada ao perceber do que desistiu, o que custou para você. Eu tenho medo que você comece a me odiar.

Sua raiva evaporou. — Gabriel, eu nunca poderia odiar você. De forma alguma. E qualquer mulher o amaria se você parasse se criticar e rosnar, e só a deixasse amar você. É inteligente e gentil e me faz dar risadas. Você canta e toca como um anjo. É forte e valente, e sim, é bonito. Quando eu o vi pela primeira na casa de Madame Etienne, você parecia tão desafiante, tão completamente perdido e então estranhamente familiar. Eu senti como se o conhecesse, que sempre o tivesse conhecido. Desde então, quanto mais o conheço, mais o admiro. Eu desejaria que você pudesse se ver como eu o vejo.

— Como você pode dizer isto? Você sabe quem eu sou, Sarah. Você sabe o que eu sou. Você sabe melhor que qualquer um. Eu sou um fodido gigolô, pelo amor de Cristo! Eu vendia o meu corpo para qualquer um que quisesse. Eu me humilho e me degrado por dinheiro. É isso que você quer? Estar fodida como eu estou? Eu pensei que você era diferente. Eu pensei que você era melhor. Você gosta do meu pênis, minha bunda, meu rosto? Eu ainda não mostrei a você tudo que eu posso fazer com eles, Sarah.

Era o que ela tinha medo. Incerto do seu próprio valor, não podendo acreditar que era desejado por si mesmo. Ele pensava que ela confundisse desejo com amor. Ela temia ter cometido um erro terrível.

— Ah, Cristo! Eu sinto muito! Sarah…Amor…Eu sinto muito. Você não merece isso. Mas por favor não minta para mim. Não você. Eu não poderia aguentar isso.

Ela percebeu então que ele não podia entender como ela o amava e valorizava, porque ele nunca tinha aprendido a amar ou a valorizar a si mesmo. Ela precisava explicar isto para ele, cuidadosamente e completamente, para que não houvesse mal-entendidos. Ela lutou para encontrar as palavras certas.

— Eu posso lhe explicar como eu vejo você? Quem é o que, quando eu olho para você?

Houve um longo silêncio, e quando ele falou, sua voz estava cansada. — Como então, Sarah? Como você me vê, verdadeiramente? Eu preciso saber.

— Eu vejo um homem que é forte e gentil, que lutou para permanecer humano sob as circunstâncias mais infernais. Eu olho para você e vejo… um herói ferido, um guerreiro galante e valente vivendo na cova do inferno, protegendo uma criança inocente, colocando-se entre ele e as chamas, não esperando nada

em retorno.

Ele riu amargamente. — Isso foi autopreservação, Sarah. Deu a mim um propósito. Algo que todo mundo precisa para continuar vivendo. Suponha que dissesse a você, que seu herói abnegado valente odiou você, você e seu santo irmão, por ter vindo buscar James?

— Eu sei. Eu sempre soube. Ainda assim você o encorajou para que ele viesse de qualquer maneira. Eu apaixonei-me por você então, naquela noite, naquele quarto, antes mesmo de o ver.

— Então… é gratidão e piedade, — ele murmurou.

Finalmente exasperada com ele, estendeu a mão e puxou o seu cabelo, fazendo-o estremecer, então bateu nele com um travesseiro.

— Ai! *Merde*! Pare com isto, Sarah!

— Escute aqui, seu maldito, seu grande tolo! Você fez uma pergunta. Agora me deixe dar a resposta. Por que eu amo você? Eu amo porque, naquele lugar terrível, apesar de tudo que aconteceu com você, você teve compaixão para com uma criança. Você aprendeu a fazer música bonita, e aprendeu sozinho a ler e escrever, abriu sua mente para os livros, e quando olho para você — seus olhos estavam brilhantes com lágrimas — quando olho para você, eu vejo alguém bonito e precioso, e muito querido para mim. — Ela fechou sua boca com seus dedos, antes dele poder protestar. — Shhhh, quieto. Eu não acabei. — Sorridente, ela arrepiou seu cabelo, o beijou forte na boca, e então sussurrou em sua orelha, — eu ouvi o que você tem dito a mim, Gabriel, e eu entendo, e sei quem você é. Você é o melhor homem que conheço. Agora me escute. Você não é as coisas que foram feitas com você. — Sentindo-o endurecer, começando a se retirar, ela suavemente o sacudiu. — Olhe para mim. — Ele fez. — Você era uma criança, impotente e só, não existia ninguém para ajudá-lo do modo que ajudou Jamie. Você fez o que precisou fazer para sobreviver, e não existe nenhuma culpa nisto, nenhuma vergonha.

— Você não é o que era feito para você, Gabe, — ela suavemente repetiu. — Você não pode ver? Se você fosse, seria igual a eles. Você usaria pessoas e as machucaria sem pensar. Você teria prazer na dor de outras pessoas, deixaria sua raiva fazer de você um monstro, e nunca iria proteger ou cuidar do meu irmão. Não por qualquer razão. Você o teria usado, o abusado e então jogaria fora, só como eles fizeram com você.

Ele ofegou em protesto, chocado e indignado.

— Shhhh, eu sei. Eu sei que você iria nunca, nunca faria tal coisa. É isso que estou tentando dizer a você, Gabriel. Você é um homem decente. Um bom

homem. Deixe-me terminar. Isto precisa ser dito. Eu não sei por que estas coisas lhe aconteceram, Gabe. Por que esta criança, e não aquela? Quem pode dizer? Eu sei que não foi sua culpa, e você não mereceu isso. Não mais do que Jamie teria se você não tivesse estado lá para impedir. — As lágrimas estavam começando a cair por suas bochechas agora. Ela tinha medo de continuar, medo de parar, medo que esta chance nunca mais acontecesse novamente.

Ela acariciou sua bochecha com ternura. — Você não é como eles, Gabriel. Por todas as coisas que aconteceram com você, você lutou com eles. Eles tocaram o seu corpo — Ele gemeu ao lado dela, desejando que ela parasse, temendo vomitar por toda a cama.

— Você não podia parar isso, Gabriel, mais que Jamie poderia ter se você não tivesse estado lá para o proteger, mas você lutou com eles, não obstante, e nunca os deixou roubar sua alma.

— Eu podia ter partido, Sarah. Eu devia ter ido embora.

— Você tentou, *De Sevigny*. Antes disso, era muito jovem para sobreviver, e depois, não podia abandonar Jamie. Não é?

Ele não respondeu. Ele tremia, impotente, enquanto seus dedos gentis circundavam seus pulsos, desabotoando os protetores de pulso e ternamente localizando a tela complicada de cicatrizes, testamento de tudo o que sobreviveu. — Não, não se afaste. — Ela se curvou e as beijou. — Estas são cicatrizes de batalha, Gabriel, feridas de guerra, nada para se envergonhar — agora ele estava chorando. — Shhhh, meu amor, — ela disse, puxando-o para perto e embalando-o. — Grite, meu anjo doce, — ela murmurou, suavemente, em sua orelha. — Está tudo bem, acabou agora. Você está aqui comigo e eu nunca o deixarei. — Passando os dedos por seu cabelo, ela o puxou em sua direção para beijá-lo. Lágrimas quentes se derramaram contra sua bochecha, as dele, as dela, ela não sabia; não importava.

— Eu sei quem você é, Gabriel, e eu amo você por isto, — ela disse, o abraçando firme. Não tenho pena de você, eu admiro você, e sim, existe gratidão e luxúria e amizade, tudo misturado, e às vezes não posso dizer onde um acaba e o outro começa, mas é isso que é o amor. Eu estou orgulhosa por amar você, e orgulhosa que você me ama, e não lamento isto, não esconderei isto, e eu nunca poderia me envergonhar por isto.

Tanta coisa acontecera em tão pouco tempo. Gabriel sentiu-se golpeado por forças além de seu controle. Seu mundo, seus preconceitos, concepções e modo habitual de ver as coisas, acabavam de ser derrubados. Sentia-se desorientado e desesperado por ficar sozinho. Ele precisava pensar. — Eu

sinto muito, *mignonne*, por todo esse drama. Sua paciência é…surpreendente. Eu… eu preciso de tempo, Sarah. Eu preciso pensar.

— Você precisa ficar sozinho.

— Sim.

— Você estará bem, Gabe?

— Sim, *mignonne*, eu penso que estarei.

— Você promete?

— Eu prometo, Sarah.

— Eu posso manter a camisa? — Ele sorriu, e ela soube que estaria tudo certo.

Sem camisa, Gabriel partiu, dirigindo-se até a praia. Ele caminhou ao longo da areia, perdido em seus pensamentos, inconsciente para os gritos agudos das aves marinhas que voavam acima dele, e do rugido enfadonho das ondas, batendo na costa. Ele fez amor duas vezes, sem álcool ou culpa, com uma mulher que amava apaixonadamente, que o amava em troca. Ele nunca soube que o sexo podia ser tão recompensador. Tão inocente, saudável e doce. Ele desafiou o amor dela por ele, e ela respondeu desnudando-o, alcançando paredes que levaram anos para ser erguidas. Ele não podia duvidar mais de sua compreensão, ou sua aceitação. Ela claramente o via, de uma luz diferente da qual se via.

Ele questionou sua própria experiência pela primeira vez. Tivera força e coragem para sobreviver, suportar e proteger Jamie. Além disso, realizou coisas, coisas das quais se orgulhava. Ele se educou, aprendeu a tocar música, e ensinou Jamie, também. Quando tentou se ver pelos olhos do Sarah, percebeu, que pelo menos em parte, ele era o homem que ela descreveu.

O dia foi extraordinariamente quente para abril, e ele se encontrou numa angra abrigada. Deitando feliz ao sol, sentindo-o acariciando seu corpo, imaginou que podia sentir a Terra se movendo embaixo dele. Perdido nos sons da rebentação, das aves marinhas, e das vozes distantes de homens, ele sentiu remorso por não estar cumprindo seu dever para com Ross, com a propriedade, ou com sua irmã. Ele faria as coisas certas, de alguma maneira. Ele frequentemente pensava em si mesmo como desafortunado, mas isso estava começando a mudar. Parecia que lhe foi oferecido uma chance de fazer uma vida, e dada uma oportunidade para provar a si mesmo. O que um cavalheiro faria neste tipo de situação? Casaria com a menina, claro!

Sobressaltado com uma súbita emoção de alarme, percebeu que não tinha tomado precauções com Sarah, e que ele estava tão bêbado de amor e luxúria,

que não pensou em se retirar. Ela era uma dama. Não se podia esperar que ela soubesse dessas coisas. Ele poderia tê-la deixado com um filho! Voltou correndo para a mansão, subiu as escadas para o quarto de dois em dois e bateu na porta. — Sarah! Abra a porta.

Ela abriu a porta, surpresa. Ele parecia extremamente agitado. — Entre, Gabriel. O que está errado?

— Eu… Sarah, eu devo lhe dizer que com toda aquela excitação, ontem à noite, esta manhã… eu falhei em tomar quaisquer precauções. Eu temo que posso ter deixado você com criança.

Ela ficou rubra. — Você não precisa se preocupar, Gabriel. Isto é mais improvável. Eu acabei de ter o meu período. — Ele olhou para ela, perplexo. — Está no tempo errado do mês, — ela explicou.

— Ah, — ele disse, compreendendo a explicação, — mas se nós quisermos, quer dizer, se acontecer de fazer isto novamente, eu tentarei lembrar e você deve me lembrar para usar mais precaução. — Ele pensou por um momento. — Você disse que era improvável, Sarah, mas é ainda possível, não é? E se você estiver com uma criança? Minha criança?

— Bem, então eu suponho que você teria que se casar comigo, — ela disse com um sorriso provocante.

Ele deu um sorriso juvenil. — A ideia tem muito charme, *mignonne*. Não é? E se eu perguntasse?

— Se eu em encontrasse com criança, quer dizer?

— Não, se eu perguntasse a você agora, hoje, se casaria comigo?

— Se você perguntasse a mim hoje, eu diria que perguntasse a mim novamente em um mês, quando você não estivesse tão alarmado com o pensamento de um pequeno Gabriel, ou Gabrielle, cambaleando sobre os corredores.

— E suponha que não existia nenhuma criança, daqui um mês, e ainda assim eu perguntar?

— Então eu diria a você que sim, — disse sem vacilação.

Elevado, ele a pegou e a girou em torno do quarto antes de depositá-la, rindo, na cama. Ele tinha algumas dúvidas. Era pouco provável que Huntington concedesse a sua permissão, e ele não tinha nenhuma ideia de como a sustentaria. Ele tinha dinheiro, mas era o dinheiro que Ross lhe deu. Dificilmente poderia usá-lo quando praticamente estava roubando a irmã do homem. Sarah tinha dinheiro, mas não poderia aceitar.

Mas havia Davey. Sua parte dos lucros de suas aventuras com Davey foi o

primeiro dinheiro que ganhou fazendo algo de que se orgulhava. Davey estava ficando entediado ultimamente. Ele estava preso pelo desejo de viajar por toda a primavera, e já era tempo de estar a caminho. O comércio se tornara tão onipresente que todo homem na Cornualha, do pregador para baixo, estava envolvido até certo ponto. Davey falava frequentemente em se aventurar em busca de embarcações mercantes francesas gordas e suculentas, transbordando de recompensas do Egito e do Oriente. Alguns desses prêmios e Gabriel seria capaz de sustentar Sarah confortavelmente. Resolutamente, empurrando todos esses pensamentos para o lado, ele caiu sobre a cama e a envolveu nos braços.

Ele parou de lutar depois disso. Estava claro que Sarah não só o aceitou, como também o recebeu em sua cama. Ela tinha visto suas cicatrizes, sabia melhor do que a maioria quem e o que ele era, e decidiu que era o que ela queria. Ele quase tinha proposto, e ela quase aceitou, e ele tinha todos os motivos para esperar que daqui a um mês, quando seu orgulho lhe assegurasse que não agia sob nenhuma restrição, concordaria em se tornar sua esposa. Fizeram amor muitas vezes durante as suaves noites de primavera, às vezes quentes e fechadas em sua cama à medida que a brisa agitava as cortinas, às vezes rindo e ofegantes em enseadas ocultas, e às vezes em sua varanda, balançando em seu balanço, mãos, lábios e quadris que se juntavam numa dança de acasalamento de luxúria e de amor.

O mês seguinte foi idílico. O administrador de Ross tinha as coisas bem à mão, e não existia nenhum assunto urgente com a propriedade. Liberado das restrições da rotina e dever, para desfrutar o clima extraordinariamente quente, livre para aproveitar um do outro, eles eram inseparáveis. Sarah observava Gabriel praticar, nu até a cintura, exceto por seus protetores de pulso, admirando sua graça tonificada e leve, enquanto usava a espada, cutelo ou aço espanhol. Eles iam a piqueniques, trovejavam pela praia a cavalo, tocavam música e cantavam.

Gabriel dormiu em sua cama, profundamente e sem sonhos, pela primeira vez que em anos, oito, às vezes dez horas por noite, como se compensando o tempo perdido. Quando Davey retornou, eles foram vê-lo, dançando e brincando em torno da fogueira no acampamento na costa, com ele e sua tripulação, dançando, girando e cambaleando debaixo das estrelas, como crianças felizes. Eles não anunciaram seus planos futuros para Davey, tendo decidido esperar e dizer a Ross primeiro, como era adequado, mas sua intimidade e excitação eram óbvias, e se Davey teve quaisquer pressentimentos, ele não divulgou.

Capítulo 19

Vestindo a camisa que reivindicou de Gabriel, Sarah se sentou em sua escrivaninha, tentando reunir seus pensamentos. Era quase junho, e a noite estava perfumada e sensual. Ross estaria em casa logo, trazendo Jamie com ele. Gabriel parecia ter se livrado de suas assombrações passadas, e as últimas semanas tinham sido um tempo despreocupado em que se apreciaram, exploraram, e se encantaram um com outro. Eles teriam que lidar com a dura realidade em breve. Ela amava os dois irmãos afetuosamente, e não queria vê-los chateados, mas Gabriel era o seu futuro, e ela não estava preparada para desistir dele.

Ela foi procurá-lo tarde na manhã seguinte, para perguntar se queria acompanhá-la em um piquenique em uma ruína local. Encontrou-o na biblioteca, sentado e descalço, com a camisa aberta e os pés sobre a mesa. Ele a cumprimentou com um sorriso deslumbrante. Bronzeado e em forma, os cabelos escuros emaranhados em torno de seus ombros, ele parecia cada vez mais com um pirata de má reputação. Seu pirata, ela pensou com um sorriso de satisfação.

Ele estendeu seus braços e ela foi até ele, permitindo que a puxasse para seu colo. Ela estava vestindo uma saia e anáguas hoje. Ela descobriu que havia vantagens inesperadas para tal traje quando se tem um amante vigoroso. Ela se ajustou até achar uma posição mais confortável, fazendo-o gemer e endurecer sob suas saias. Enquanto ele envolveu seus braços ao redor dela, ela dobrou o seu sobre seu pescoço, e eles se juntaram em um beijo lânguido. Ela esqueceu por que ela tinha vindo, enquanto ele aprofundou seu beijo, desenhando sua língua em sua boca. Ela o beijou de volta entusiasticamente, fazendo sons suaves de satisfação enquanto suas mãos vagavam felizes através de seu peito largo.

— Que diabo!

Oh, Cristo, não gostei disto! Gabriel pensou, enquanto Huntington entrava na biblioteca, rígido e eriçado, frio de fúria.

— Saia de minha cadeira. Afaste-se da minha escrivaninha. Tire as suas mãos da minha irmã! AGORA, *St. Croix*!

Gabriel se esforçava para se levantar, antes de se erguer, tomando o tempo para enfiar a camisa e dar um aperto reconfortante no ombro dela. Ele pisou na

frente dela, dando-lhe um pouco de privacidade para reorganizar seus cabelos e roupas. — Me desculpe, Huntington. Eu não queria que você descobrisse deste modo. — Seus olhos, cautelosos e na defensiva, encaravam Ross.

— Você se desculpa por que, *St. Croix*? — O conde tremendo de raiva. — Por abusar da minha confiança? Mentir para mim? Desrespeitar minha casa e minha família e tratar minha irmã como uma prostituta? Você me deu a sua palavra!

— Ross! Isto não é justo! Não é o que você pensa.

— Quieta, Sarah! Eu lidarei com você mais tarde.

— Eu não mentia para você, Huntington, o que eu disse a você era verdade naquele momento, e é você quem desrespeita sua irmã falando assim. Se você fosse qualquer outro homem, eu o mataria por isso.

— E se você não tiver deixado minha casa dentro de uma hora, eu posso matá-lo.

Avançando, Sarah pegou o braço de Gabriel e puxou-o de volta antes que as coisas fossem longe demais. — Basta, Ross! Gabriel é meu noivo, estamos apaixonados, desejamos nos casar, e posso garantir que iremos, então é melhor você se acostumar. Eu o vou lembrar que sou maior de idade, uma viúva e uma condessa em meu próprio direito, e eu não preciso de sua permissão, ou de qualquer outra pessoa! Se Gabriel sair daqui dentro de uma hora, tenha a certeza de que vou com ele.

O quarto diminuiu em um silêncio atordoado. Gabriel estava tão chocado quanto qualquer um, mas também satisfeito. Ela tinha saltado instantaneamente em sua defesa, lançando seu dote na frente de seu irmão, desafiando-o a fazer o que ele faria. Seus problemas poderiam estar longe de terminar, mas ele não estava mais sozinho.

Ross falou primeiro. — Você está sendo ridícula, Sarah! Como ele pode casar com você? Ele é… Bem, você sabe o que ele é. Ele não tem nenhuma família e nenhuma fortuna a não ser a que dei a ele, e acredite em mim, que pode ser tomada de volta. Ele nem sequer tem um nome verdadeiro. Ele é nomeado em homenagem à rua que abriga o bordel em que ele cresceu, pelo amor de Deus, lembre-se de seu passado, Sarah, você não vê que ele a está cozinhando? Perderá sua fortuna e seu auto respeito.

Gabriel ouviu o suficiente. Ele entendia a raiva do homem mais velho, mas ele tinha um temperamento próprio e se ele escutasse o abuso de Huntington por muito mais tempo, ele provavelmente diria, ou faria algo de que mais tarde se arrependeria. Com os lábios cerrados e em silêncio, ele se libertou do

aperto de Sarah e caminhou até a porta. Sobressaltada, Sarah observou-o partir. As coisas estavam indo tão bem entre eles, e agora isso! Ela virou para o irmão com fúria.

— Ross, você é um homem poderoso, eu nunca soube que você era preconceituoso antes, como pode jogar seus antecedentes, sua falta de família ou dinheiro, em seu rosto assim? É terrível! Essas coisas medem o valor de um homem Eu estou profundamente envergonhada de você Eu vou encontrá-lo agora e vou me desculpar em nome da minha família, e se você deseja que nós saiamos daqui, diga a Simmons para preparar a minha carruagem. É minha carruagem, você sabe. — Dito isto, ela saiu do quarto.

Sarah tinha uma boa ideia de onde encontrar Gabriel. Ela selou seu cavalo e tomou o caminho da a praia, seguindo a trilha para o norte. Estava sentado, curvado numa rocha, olhando para o mar. Andando por trás dele, ela apertou seu ombro e correu seus dedos através de seu cabelo. Ele inclinou sua cabeça para o lado. — Isso foi bem, você não acha? — Ele disse, levantando os olhos com um sorriso.

Rindo, ela o beijou, aliviada e surpresa que ele estivesse levando tão bem. — Ross não quis dizer o que disse, Gabe. Ele só precisa de algum tempo para se ajustar.

— Oh, sim, ele quis, — Gabriel disse, com uma risada. — Ele quis dizer cada palavra.

— Eu confesso, pensei que você estaria mais chateado. — Ela estava pasma com seu humor brincalhão. Era inesperado, dadas as circunstâncias. Inclinando a cabeça para trás para descansar contra seu quadril, ele fechou os olhos e virou o rosto para o sol.

— Mmm, eu suponho que fiquei chateado por um momento ou dois, mas me encontro em uma caridade muito grande com o mundo para sustentar isto. Afinal — ele abriu os olhos brilhantes de carinho e riso, e a arrastou para o colo — não é todo dia que um homem consegue uma proposta de casamento de uma moça desesperada, apaixonada e jovem.

Ela deu uma risadinha e afastou seu rosto. — Ack! Você precisa se barbear.

Ele esfregou o nariz entre seus seios, absorvendo seu perfume. Abraçando-a com força, ele beijou sua garganta e sussurrou com urgência em seu ouvido, — Diga-me que você quis dizer isso, amor.

Um sorriso enorme iluminou seu rosto. — Sim, eu quis dizer isso. — Ela beijou seu nariz. — Eu quis dizer isso. — Os olhos. — Eu quis dizer isso. — Os lábios.

— Eu não deixarei você mudar de ideia, *mignonne*.

— Eu entendo, então, que sua resposta é sim?

— Eu a amo muito, Sarah. Eu só quero o que é melhor para você, e eu não tenho certeza de que seja eu, mas sou um maldito bastardo egoísta para estar preocupado; e se você me quer, vou mover céu e terra para ser o homem que você merece..

Ela riu com alegria. — Bem, eu me sinto certa de que mereço manter você depois de tolerar seu temperamento sujo, e sua linguagem mais suja, — ela disse rindo, enquanto lhe fazia cócegas com a áspera barba no queixo. — E com a sua areia e migalhas na minha cama e… mmphhh… — ele a beijou profundamente — roubando meu telescópio e não o guardando no lugar. — Ele deslizou para baixo na areia, puxando-a, tropeçando-a, e pegando-a em seus braços, enquanto eles submergiram em um emaranhado de anáguas e beijos. — Oh, Gabriel, eu amo você. Eu amo você tanto.

— *Je t 'aime, je t 'ador*e, *ma vie, mon amour, mon coeur*, tudo ao som de aves marinhas e as rochas que se rompiam contra a costa. Com o mar levantando as saias e puxando as calças, ele entrou nela, gentilmente, amorosamente, movendo-se com o movimento do inchaço enquanto o balançava e os levantava. Nada existia senão o sol, a rebentação, e um ao outro.

Muito mais tarde, eles se sentaram ao sol quente, tentando secar suas roupas. Gabriel apoiou-se contra a grande rocha, suas pernas apertando a cintura de Sarah, seu peito apoiando suas costas, seus braços apertados ao redor dela. Eles atrasaram seu retorno, desfrutando da paz e da tranquilidade um pouco mais, mas ambos sabiam que, eventualmente, tinham de enfrentar o futuro. Descansando o queixo na cabeça, Gabriel finalmente falou.

— Tem estado bem ao longo de uma hora, *mignonne*. Como acha que seu irmão vai me matar? Com uma pistola, eu espero. Eu imagino que você ficaria terrivelmente irritada se eu o matasse.

— Isso não é engraçado, Gabriel.

— Não, *cheri*, mas é um problema. Você não pode dizer que ele aceitou muito bem. Eu acho que terei que partir, e logo.

— Então eu irei com você. Londres, Paris, para qualquer lugar, não importa.

Ele beijou o topo de sua cabeça e a abraçou. — Eu não posso imaginar o que fiz para merecer você, Sarah. Você faz tudo valer a pena. Mas Ross está certo, sabe…

— Sobre que?

— Eu não tenho nenhum nome para dar a você, e nenhuma fortuna além da que ele me deu.

— Pegue um dos meus nomes, tenho vários.

Ele sorriu. — Ah, bem, eu não recusarei você por falta de um nome apropriado, mas eu não quero que me sustente.

— Você está soando como uma donzela novamente, Gabriel. Não me importa. Por que deveria?

— Importa para mim, Sarah. Eu quero sustentar você, não quero que sua vida seja diminuída de qualquer maneira, juntando-se à minha. Ela achou que era uma vaidade particularmente irracional e peculiarmente masculina, mas era comum a todos os homens, que ela soubesse.

— Então o que você tem em mente, Gabe?

— Eu tenho conversado com Davey, Sarah. Ele tem estado inquieto ultimamente. Ele diz que os lucros que está tendo não valem os riscos que está correndo agora, com todos os agentes de alfândega vigiando. Ele pretende corsear. Ele tem falado em levantar vela para o Mediterrâneo.

A excitação em sua voz era inconfundível, e seu coração pulou e gaguejou, em seu peito. Pirateando no Mediterrâneo! Era perigoso e ele estaria fora muito tempo… se conseguisse voltar. Maldito Davey, para inferno e de volta!

— Ele ofereceu para eu ser seu imediato, Sarah, e ter parte saudável de qualquer prêmio que tomarmos. Alguns bons prêmios, e poderei cuidar de você corretamente, amor. Eu posso construir para você uma casa com um bom observatório, devolver para seu irmão o dinheiro dele, e talvez, começar um negócio pequeno do transporte próprio.

— É um negócio perigoso, Gabe, — ela disse, sabendo que já o perdera.

— Não, não é, *cheri*. Estes grandes navios mercantes são mal armados e lentos para manobrar. Eles raramente se armam para uma briga.

— E eles raramente viajam sem escolta, — ela secamente observou.

— Você sabe o quão Davey cuidadoso é, e você viajou a bordo do *L'Esperance*. Nada pode pegá-lo.

— Há quanto tempo você sabe disso, Gabriel, por que você não me contou antes?

— Eu não estou falando a você sobre isto, eu estou discutindo isto com você, — ele disse cuidadosamente. — Eu não tomei nenhuma decisão. Davey mencionou isto para mim semanas atrás e eu recusei, mas as coisas estão diferentes agora, *mignonne*.

— Quando você partirá? — Ela perguntou devagar.

— Sarah, por favor… eu não quero chatear você. Esta é apenas uma solução possível para nossos problemas… Se isso a aflige tanto, eu não irei… Pensaremos em outra maneira.

Ela reconheceu que era algo que ele tinha que fazer. Foi a independência e a força que o ajudaram a sobreviver à sua infância abismal, e agora eram as mesmas qualidades que se recusavam a permitir que ele dependesse de qualquer outra pessoa para seu sustento. — Eu sinto muito, Gabriel. Você está certo, claro. É uma solução. Você se estabelecerá, e Ross terá tempo de se acalmar. Se você precisa ir, eu prefiro que seja com Davey do que em qualquer outro. Eu só odeio perder você logo depois… Eu sentirei sua falta. Quando você irá?

— Davey vai esta semana, Sarah. Eu irei vê-lo esta noite e pedir para viver no navio até lá Seu irmão vai atirar em mim se ele me pegar subindo para seu quarto novamente. Isto é algo de que agora eu tenho medo.

Ela sabia que estava certo. Seu idílio muito breve estaria acabado e nada jamais seria o mesmo. Lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto ele a balançava em seus braços — Shhhh, *mignonne*, não chore. Nós ficaremos juntos, você verá. Seu irmão irá aceitar isto, e nós casaremos e teremos muitos anos felizes juntos. Eu prometo.

— Por quanto tempo você vai embora? — ela entrecortadamente perguntou.

— Eu não sei, amor, — ele sussurrou. — Pelo menos seis meses, mais se tivermos tempo ruim. Não mais do que um ano. Você vai esperar tanto tempo?

— Por mais tempo que demore, por tanto tempo que você queira.

— O que isso quer dizer, *cheri*?

— Será uma aventura principalmente para você, Gabriel. Você teve tão pouca oportunidade para viajar. Você poderá ver coisas que só leu. Se você vai fazer isto, eu quero que se sinta livre para experimentar novas coisas, encontrar novas ... pessoas.

Ele desatou a rir e arrepiou seu cabelo. — Não seja absurda, *mignonne*! Você realmente pensa que escolheria qualquer outra mulher além de você? Eu amo você, Sarah. Eu nunca trataria você desse modo!

— Um ano é muito tempo, entretanto, Gabe. Um homem tem necessidades.

— Então, uma mulher, você é tudo o que eu sempre precisei, Sarah, a única mulher que eu sempre vou querer ou precisar. Eu esperei toda a minha vida por você Eu esperarei o tempo que for preciso, se você for.

— Claro que eu vou.

— Eu queria que você pudesse vir comigo, *cheri*.

— Eu já velejei com Davey antes. Talvez eu devesse ir com você.

— Ele nunca permitiria isto. Ele sabe que Ross nunca o perdoaria.

— Como você sabe isto?

— Porque perguntei a ele, quando ele o mencionou pela primeira vez.

— Obrigada por perguntar. — Ela tentou o seu melhor para dar-lhe um sorriso brilhante enquanto ele iria procurar Davey, e perigo, e um futuro incerto, mas seu lábio inferior tremeu e seus olhos ficaram picados com lágrimas.

***

Davey ficou genuinamente consternado quando Gabriel contou os acontecimentos da tarde. — Você quer dizer que o homem voltou para casa para achar você sentando em seu escritório, em sua cadeira, com os pés em sua escrivaninha enquanto acariciava alegremente sua irmãzinha?

Gabriel estremeceu. — Parece pior do jeito que você diz, Davey, mas sim, basicamente foi isso que aconteceu.

— Você é um sortudo por Ross não matá-lo.

— Ele ameaçou. Eu gostaria de pensar que poderia me defender se a necessidade surgisse.

— Não é uma batalha que um homem quer lutar, meu rapaz, perca, e você perde a vida, vença e perde a garota.

— Estou bem ciente disso, Davey, ele me mandou sair e eu parti.

— E quanto a Sarah?

— Eu a amo, e pretendo me casar com ela.

— Sobre o cadáver de Ross, eu devo pensar.

— Ela concorda nisto, Davey. Ela é uma mulher crescida e não precisa de sua permissão.

— É verdade, rapaz, é verdade, então por que você não está com ela agora?

— Eu dificilmente posso ficar no solar agora, e não a farei escolher entre mim e seus irmãos.

Movimentando a cabeça em aprovação, Davey apontou para uma cadeira, e despejou dois copos de conhaque. — Sente-se, homem.

— Eu posso ficar aqui, Davey? Sua oferta ainda está de pé?

— Você quer ser um corsário então, Gabriel?

— Sim, se você me aceitar.

— Oh, eu ficarei muito feliz por ter você, entretanto Ross quererá meus intestinos para usar como ligas, mas o que a moça pensa sobre isto?

— Ela está machucada e chateada, mas eu não posso pensar em qualquer

outra coisa para fazer. Eu espero ganhar dinheiro suficiente para sustentá-la, e espero que Huntington tenha se acalmado quando eu retornar.

— Ele provável terá. Talvez já o teria, se você tivesse sido um pouco mais discreto em lhe dar as notícias.

Gabriel corou de vergonha.

— Ela tem dinheiro próprio. O que há de errado com isto?

— Eu não sou um sanguessuga, Davey.

— Bem, claramente você não foi educado com os valores certos e aristocráticos. Casar com uma herdeira para que assim você possa viver confortavelmente de sua fortuna é bastante comum nestes dias, meu rapaz. Você tem certeza que não quer reconsiderar?

— Tenho certeza, Davey. Eu pretendo que minha esposa viva confortavelmente com a minha fortuna.

— É justo, mas não tenho a menor intenção de estar com as más graças de Ross por você, então partiremos amanhã antes que ele descubra que você está aqui. Posso terminar de abastecer o navio em Polperro. Ele se levantou e ofereceu a Gabriel sua mão. — Vá alojar seu equipamento agora, rapaz, e bem-vindo a bordo.

Capítulo 20

Ross se sentou com uma bebida forte, finalmente recuperando—se do choque e afronta inicial. O rapaz não ousou se mostrar desde de manhã, uma boa coisa, também. *O que havia acontecido com Sarah? O que ela estava pensado, exibindo-se em abandono desenfreado, em seu escritório, em plena luz do dia, com aquele libertino dissipado? Era infame*! Ele tomou outro gole de sua bebida, depois se inclinou para trás e massageou as têmporas com a ponta dos dedos.

Bem, era muito tarde para se lamentar agora. Ele era pelo menos em parte culpado, deixando-os sem supervisão como ele tinha feito. Suspirando, ele se recostou na cadeira, girando o copo entre os dedos. Era óbvio que tinham fortes sentimentos um pelo outro. O que fazer? Jogar Gabriel para fora de casa? Se o fizesse, Sarah poderia ir com ele, e não estava preparado para perdê-la novamente. Ele mostrou que tinha algo a oferecer, e suas intenções eram adequadas, ainda que seu comportamento não fosse. Se verdadeiramente se amassem, se existia qualquer chance de que eles pudessem ter uma vida feliz juntos, então Deus os abençoe. Era bastante raro neste mundo.

Ele se curvaria diante do inevitável, e salvaria a coisa da melhor maneira possível. Pela manhã, entraria em contato com seu advogado e tomaria providências para o rapaz, uma propriedade, talvez anexando-lhe um nome respeitável e relativamente obscuro. Ele lhe daria a oportunidade de atuar como tenente em um de seus navios mercantes, com vista a torná-lo capitão no tempo. Não haveria mais contrabando. O rapaz faria o que lhe mandassem, se quisesse a permissão de Ross para se casar com sua irmã.

***

Quando amanheceu, o L'Esperance se foi, e Gabriel com ele. Sarah estava com o coração partido. Não esperava que ele partisse tão de repente. Ela pensou que eles teriam um dia ou dois. Ela pensou que ele viria, pelo menos mais uma vez, para dizer adeus. Ela estava sentada na sala de café da manhã, tocando a toalha, quando Ross entrou.

— Bom dia, irmã.

— Bom dia, irmão, — ela disse, acenando em um gesto cansado. — Como você pode ver, estou ainda aqui. Você não ordenou a carruagem, então eu assumi que poderia ficar.

— Por favor, não seja ridícula logo no início da manhã, Sarah, isso me dá dor de cabeça, onde está seu… noivo?

— Ele partiu, com nosso primo, para o Mediterrâneo, — ela disse entrecortadamente, lágrimas brilhando em seus olhos.

— O diabo, você diz! O que diabos ele pensou? Oh, Sarah, eu sinto muito. — Ele alcançou através da mesa para apertar sua mão. — Eu achei que ele tinha intenção de casar com você.

— Ele tinha. Ele tem.

— Bem, eu devo dizer que ele parece estar bastante indiferente sobre isto, se pula fora no primeiro sinal de dificuldade.

— Por que você persiste em pensar o pior dele, Ross?

— Se eu pensasse o pior dele, eu nunca o teria trazido para perto de você, ou James. Certamente você não pensou de fato que eu o machucaria, ou forçaria você a ir embora?

— Eu não sabia no que acreditar, Ross. Eu nunca vi você tão bravo, e se achei que poderia, você pode estar certo que Gabriel, também. Ele não podia permanecer, dadas às circunstâncias. Ele sabia o quanto isso me abalaria, se você ou ele se machucassem, e ele não queria que eu tivesse que escolher entre vocês.

— Inferno e danação! Sarah, eu sinto muito, mas sou apenas humano. Eu tenho um temperamento e o sujeito o tentou severamente. Ele estava no meu escritório, com seus pés em minha escrivaninha, acariciando você! Claro, eu estava bravo. Se vocês tivessem me dado um tempo para me acalma, nós teríamos chegado a algum tipo de acomodação. É por isso que lhe procurei esta manhã. Eu estou preparado para aceitá-lo se você o quiser mas com certas condições, claro. Venha, menina, pare de chorar, — ele disse suavemente. — Não é muito tarde. Eles saíram só esta manhã. Eu enviarei um cortador atrás deles e o irei buscar de volta para você.

Sorrindo apesar das suas lágrimas, Sarah o alcançou e bateu levemente em sua mão. — Obrigada, Ross. Eu amo muito você, é o melhor irmão do mundo, mas eu tenho medo que isto não nos trará qualquer bem. Ele não aceitará suas condições. Ele quer me ter em seus próprios termos. Ele está bastante decidido.

— E como ele se propõe fazer isso, minha querida?

— Ele não deseja dever obrigações para você, ou a mim, ou a qualquer outro para seu sustento. Ele espera fazer sua fortuna com Davey, para que possa nos sustentar. Ele espera que você acabe aceitando a situação durante sua ausência,

e quando ele retornar, pretende que nós casemos, com ou sem sua permissão.

Ross acenou com a cabeça, sentindo um respeito relutante. Ele tinha subestimado Gabriel, parecia. O rapaz pretendia provar a si mesmo. Era uma noção estranha, mas uma que ele aprovou profundamente, e fez da ideia dele casando com Sarah uma maldita visão mais agradável. — Bem, bom para ele!

Sarah suspirou, e se endireitou. — Suponho que não posso deixar de desejar que ele tenha posto seu amor por mim antes de seu orgulho.

Capítulo 21

—— Não, minha querida. Você entende mal as coisas, como mulheres frequentemente fazem. É porque ele ama você que deseja provar seu valor. Eu o admiro por isto.

— Bem, eu não exijo isto dele, — ela estalou. — Eu sei o valor que tem. Eu não entendo por que ele não pode aceitar isto.

— Talvez ele não esteja querendo provar isso a você, mas a ele mesmo.

Ela soube no momento em que ele disse isso que estava certo.

— Em todo caso, minha querida, eu o respeito por isso. Não duvide que ele escreverá para você assim que puder, e pode dizer que se ele se apresentar, com capital suficiente e de uma maneira apropriada em algum momento no futuro, pode esperar minha aprovação.

— Obrigada, Ross, — ela disse, dando-lhe um abraço. — Isso significa muito.

— Sim, muito, — Ross disse, se sentindo decididamente incomodado, — e você não deve se preocupar demais, minha querida. Davey tomará bem conta dele e ele voltará antes que você perceba.

Davey observou seu mais novo tenente por olhos estreitados. Eles estavam a menos de meio dia de Falmouth, e o comportamento aborrecido de Gabriel, o discurso grosseiro, e olhares severos já estavam amargurando o seu humor. Onde estava o espírito de aventura do rapaz? Ele esperava que não tivesse que suportar o mau humor e temperamento ruim do companheiro pela viagem inteira. — Gabriel! Aqui! Uma palavra com você, homem.

— Sim, Davey, o que é?

— É um belo dia, nós temos um vento soprando em nosso rabo, e os rapazes estão preparados para a aventura. Quanto tempo você pretende se lastimar como um filhote de cachorro apaixonado?

Endurecendo, Gabriel ergueu-se a toda a altura. — Se eu tiver sendo negligente ou lento em meus deveres, me desculpo.

— Claro, quanto a isso, não, mas você está sendo ruim para o moral! Meu moral, de qualquer modo. A menina disse que o ama. Ela concordou em casar com você. Você está fora para buscar fama e fortuna, e voltará para ela… Er… Estará em seus braços antes que perceba. Você não tem nenhuma razão para

ficar mal humorado.

— Você está certo, Davey. Eu me desculpo. Eu só queria ter feito um trabalho melhor ontem. Não foi certo, o modo que a deixei. Ela estava tão magoada e infeliz. Eu nem sequer disse adeus.

— O que? Você não disse adeus para Sarah?

— Não… Eu… Eu pensei que teríamos mais tempo. Eu não pensei que íamos sair tão cedo.

— Hmm, isto é provável que a incomode, garoto, e não quer uma mulher irritada com você por meses a fio, especialmente quando não vai estar por perto para lembrá-la de todas as suas boas qualidades.

Gabriel suspirou. — Você não está fazendo isso ficar melhor, Davey.

— Bem… é bastante fácil de reparar. Eu sou parcial para comigo mesmo, Gabriel. Eu odeio imaginar ela desnecessariamente magoada, e eu diria que ela também está muito brava comigo para levar você assim. Nós voltaremos se quiser. Nós podemos ancorar perto da praia hoje à noite e você pode deslizar, entrar e dizer adeus.

— Você faria isto, Davey?

— Eu não acabei de dizer? Eu prefiro perder um dia agora do que ter que tolerar seu mau humor durante o resto desta viagem. Só me prometa que isso trará de volta seu bom humor.

— Eu prometerei a você qualquer coisa. Deus ama você, homem!

— Oh, Ele ama, rapaz, nenhuma dúvida de que ama. Todo mundo ama. Agora vamos virar este navio.

— Você é um capitão de navio, Davey? Um real?

— Não, Gabriel, eu sou um garoto de cabana. Que tipo de pergunta é essa?

— Você pode nos casar? Como capitão do navio?

— Em? O que?

— Sarah estava tão infeliz. Eu pensei que poderia fazê-la se sentir melhor sobre minha partida.

— Bem, eu não sei nada sobre isto, rapaz. Eu poderia fazer, mas duvido que seja legal. Mas meu cozinheiro agora, Mestre Aubrey, ele age como capelão quando preciso. Ele é um de vigários de Cristo se me recordo. Ele poderia fazer o truque, mas eu não estou certo se é uma boa ideia, Gabriel. As damas tendem a gostar de flores e convidados e imaginar vestidos extravagante e coisa e tal. Ela não teve isso no seu primeiro casamento. Seria uma pena que ela também sentisse falta agora.

— Nós podemos fazer tudo isso quando eu retornar.

— Então… Um casamento secreto, — Davey meditou. — Um caso particular que ninguém mais precisa saber. Você viu através de mim, rapaz. É um romance que alimenta a minha alma. Eu espero que nós possamos organizar algo. Mas nunca deixará este navio e você o fará adequado e oficial quando nós voltarmos. Concorda?

— Concordo!

— Então me deixe ser o primeiro a felicitar você por sua grande e boa fortuna! — Davey disse, apertando a mão de Gabriel vigorosamente. — E vamos esperar que ela não esteja tão aborrecida com sua partida precipitada para o desprezar.

***

Inquieta em seu sono, Sarah gemeu, rolando sobre si mesma, e abriu os olhos. Ele estava sentando no assento da janela apoiado nos cotovelos. Ela sorriu, encantada ao vê-lo. Ele parecia quase real. — Você virá para me ver toda noite em meus sonhos?

— Eu farei o meu melhor, *mignonne*.

O som de sua voz, rouca de desejo, afastou os últimos vestígios de sono. — Meu Deus, é você! Você está aqui! Como que pode ser? — Ela voou da cama e se lançou em seus braços.

Ele a pegou em seu abraço e com fome, sua garganta, suas bochechas, sua sobrancelha, seus lábios. — Deus, Sarah, eu não sei como vou sobreviver sem você. Eu preciso de você mais do que comida, ou água, ou ar.

— Como é que você está aqui, Gabriel? Eu pensei que você tinha partido com Davey — ela perguntou entre beijos febris.

— Eu não podia partir sem dizer adeus, sem dizer a você o quanto eu a amo.

— Você pode ficar?

— Não, *mignonne*, não posso. Davey espera por mim perto da praia.

— Quanto tempo nós temos? — Existe um barco, Sarah, esperando por mim agora. — Ela recuou e tocou sua bochecha. — Nenhum tempo então.

— Eu vim para perguntar se casará comigo, Sarah.

— Eu já disse a você que iria. Você tem alguma dúvida?

— Eu quero dizer agora, *cheri*. Esta noite. Existe um homem a bordo do *L'Esperance* que nos casará, se concordar, e Davey nós dará a sua cabine pela noite. Eu sei que não é o que estaria esperando, e prometo a você, nós depois faremos direito, com sua família, quando eu…

— Sim, sim, sim! — Ela cobriu seu rosto com beijos ardentes. — Eu casarei com você, esta noite! Eu mal posso acreditar que realmente vamos fazer isto! —

Ela o abraçou com alegria. — Tive tanto medo de que algo acontecesse para evitar… Gabriel, nada me faria mais feliz!

Ajeitou-a com um sorriso feliz, agradecido por ela ter concordado, feliz por pensar que em poucas horas seria sua esposa, e profundamente aliviado que a tristeza que o havia tocado ontem, finalmente tivesse deixado seus olhos.

— Oh, meu Senhor, Gabriel, o que eu devo vestir? Eu não tenho nada apropriado, — ela disse, incomodamente agitada.

— Isso nunca atrapalhou você antes, *mignonne*. Eu poderia sugerir seus calções? Com eles talvez seja mais fácil chegar lá e voltar. Além disso, amada, você realmente quer desperdiçar tempo achando algo para vestir quando nós temos tão pouco, e quando planejo ter você nua assim que seja possível? — Lembrando o que Davey disse, ele acrescentou, — eu prometo a você, Sarah, nós seremos corretamente casados quando eu retornar, com convidados, flores, e música. Você terá um vestido bonito e sua família estará lá. Mas hoje à noite é só para nós.

— Sim, claro, — ela disse com um sorriso feliz, pegando um par de calções e botas. — Você está absolutamente certo. — Virando-se para procurar por uma camisa, ela o encontrou esperando, com a mão estendida, segurando a camisa que lhe tinha roubado tanto tempo atrás.

— Eu ficaria profundamente agradecido se você usasse isto, *mignonne*. Isto. Estou louco para ver você nisto.

Ela estava prestes a objetar, era muito grande para ela, adequada apenas como uma roupa de dormir, mas o pedido implorando em seus olhos sufocou seu protesto. Arrancando-a de seus dedos com um sorriso insolente, ela a colocou e cuidadosamente a dobrou.

— Seus homens pensarão que eu sou uma moça muito atrevida.

— Os meus homens vão pensar que eu sou o homem mais sortudo da terra, e eles certamente terão razão. — Trazendo-a para seus braços, ele a puxou colada a seu corpo e beijou o topo de sua cabeça.

— Você consegue descer o carvalho se eu ajudar?

— Pelo amor de Deus, Gabe — ela zombou. — Eu a tenho escalado sozinha desde que tinha sete anos de idade.

— Eu deveria saber; seu perdão, *ma belle*? Eles correram para a praia, sem fôlego e rindo como crianças malcriadas, e subiram no barco que os esperava. Gabriel a envolveu protetoramente em seu manto e sorriu orgulhosamente para os homens que vieram levá-los de volta ao navio. — Pierre, Antonio… Tenho a honra de apresentar minha noiva e, em breve, esposa, a encantadora, lady

Sarah.

— *Enchantee*, *mademoiselle*, e muito bem-vinda também, — Pierre respondeu com um sorriso bochechudo. — Talvez o rapaz deixe de gritar, se preocupar e nos deixe em paz.

— Já nos conhecemos — disse Antonio com um sorriso caloroso. É um grande prazer vê-la novamente, minha senhora.

— E a você também, Tony, — Sarah disse, saindo de sob o manto de Gabriel.

— Você está fazendo do nosso rapaz um homem muito feliz, minha senhora, estamos todos muito gratos a você, e queria lhe dizer que você poderia ter feito pior.

— De fato, senhores; obrigado pelos seus comentários oportunos. — disse Gabriel secamente, quando Sarah se recostou contra seu peito.

Era uma noite que ela sempre lembraria. Os ventos aquietaram-se logo depois do pôr do sol, e no momento em que o *L'Esperance* ancorou, o oceano estava tão imóvel quanto vidro. A lua era nova, apenas uma lasca, mas o céu pulsava com uma luz brilhante à medida que uma miríade de estrelas brilhou e acendeu, refletida nas águas quietas abaixo. Uma noite de primavera, suave, fresca e sedutora, estava ao seu redor e, ao aproximarem-se do *L'Esperance* ela podia sentir a agitação e a emoção a bordo do pequeno navio. Os homens consideravam Gabriel um dos seus, e eles amavam Sarah desde que tinha navegado com eles há seis anos. Como muitos que vagavam pelo mar, eram românticos, e todos haviam se unido de coração à empreitada, ansiosos por ver o jovem casal reunido.

Davey a cumprimentou com um abraço apertado quando finalmente subiu no convés.

— Pode me perdoar, prima, por roubá-lo?

— Se você o trouxer de volta para mim, a salvo, Davey — disse ela, devolvendo o abraço.

— Eu vou, moça. Ele a ama ferozmente, você sabe.

— Eu sei, Davey, também o amo ferozmente.

Ele a olhou tristemente. Ele a amava desde a primeira vez que a vira, desajeitada e vestida como um menino. Ele estava bravo, magoado e perdido, aflito por seus pais e enfurecido por suas mortes sem sentido, um estranho em um novo mundo estranho. Ela o fizera rir, juntar-se a ele com entusiasmo em suas aventuras, imaginou-o como um grande herói, e fez com que se sentisse bem-vindo quando se achava completamente sozinho. Nunca lhe dissera como

se sentia. Ele esteve esperando o momento certo, e agora ele nunca viria.

— Estou feliz por vocês dois, prima, você sabe o quanto gosto de você. Você escolheu bem, minha menina.

— Obrigada, Davey, eu sei, — ela sussurrou, beijando sua bochecha, — e eu amo você, também.

Gabriel surgiu atrás dela, envolvendo-a em seus braços. — Agora é sua última chance de mudar de ideia, Sarah, — ele sussurrou em sua orelha.

Olhando para trás por cima do ombro, ela sorriu. — Não tem chance, Gabriel. Você está bem e verdadeiramente preso, e eu não vou deixar você se livrar.

— Bem, então, crianças, vamos para a minha cabine?

Sarah e Gabriel ficaram boquiabertos de espanto. A cabine de Davey tinha se transformado. A cama tinha cobertas de seda e estava enfeitada com pétalas de rosa. Flores estavam por toda parte, em profusão selvagem, espalhadas no chão, derramando-se de vasos, alinhando-se nas janelas e enquadrando a porta.

O quarto estava iluminado com dezenas de velas, banhando-o com um brilho mágico, e um banquete tinha sido colocado sobre a mesa, o trabalho orgulhoso do Sr. Aubrey, que estava esperando em sua batina para realizar a cerimônia.

— Oh, Davey, muito obrigada, — Sarah disse, abraçando-o com lágrimas nos olhos.

— Não pense nisso, prima. — Ele apertou-a com força, então a conduziu de volta para Gabriel. Toda a tripulação que pôde ser poupada estava ali, aglomerada na cabine e na entrada e para fora no corredor, enquanto Gabriel e Sarah avançavam para fazer seus votos.

Tomando uma pequena aliança de ouro que conseguiu encontrar em Polperro, Gabriel a colocou no dedo de Sarah enquanto o Sr. Aubrey pronunciava orgulhosamente que eram marido e mulher, para as alegres saudações do capitão e da tripulação. Ele a beijou então, apaixonada e ternamente, sem se importar com a companhia, com os numerosos parabéns, ou com a música selvagem que girava em torno deles, até que Davey a roubou dele, puxando-a para uma dança alegre e movimentada.

O único desconforto foi quando Davey perguntou como ele deveria registrá-los em seu diário de bordo. Gabriel não tinha pensado nisso, nem pensou em discutir com Sarah. Ela pôs uma mão em seu ombro e inclinou-se para ele, sussurrando: — eu prefiro muito mais *St. Croix*, do que Munroe, se

você não se importar. — Ele pensou sobre isso por um momento, e achou que realmente não se importava. Ele não tinha mais vergonha do seu passado. Tinha construído o que ele era, e quem ele era, e era o homem que Sarah amava e tinha escolhido se casar. O *St. Croix* era um nome tão bom quanto qualquer outro, e ele o assinou no registro com um floreio.

A meia hora seguinte foi uma louca mistura de dança, festa e brindes ao casal feliz, até que Davey pediu uma pausa.

— Chega, seus escorbutos, vocês foram convidados para o casamento, não para a lua de mel! É hora de voltar para o convés e deixar o casal feliz resolver as coisas sozinhos. — Este anúncio foi recebido com boas zombarias e brincadeiras, mas em pouco tempo a comemoração foi para o convés inferior, e Gabriel e Sarah finalmente se viram sozinhos.

Gabriel se moveu para trancar a porta antes de se virar para olhá-la. Ela sentou-se de pernas cruzadas na cama, com seus calções e sua grande camisa, uma coroa de flores empoleirada ligeiramente em sua cabeça. Seu coração doía ao vê-la. Não havia nada mais precioso para ele em todo o mundo. — Eu a quero em nada além da minha camisa, Madame Esposa, se você fizer a gentileza.

Ela se recostou nos cotovelos, sacudindo os quadris, enganchando os polegares na calça, puxando-a para os joelhos. Sentando-se, ela a desceu lentamente até os tornozelos, e então, com um pequeno giro de sua perna, pegou-a com os dedos dos pés e jogou descuidadamente no chão.

Ele a observou, hipnotizado. — Assim, marido? — perguntou ela, recostando-se novamente nos cotovelos, as esplêndidas pernas esticadas, no olhar, pura sedução.

— Exatamente assim, esposa, — ele conseguiu dizer roucamente, doente pela visão dela, todo o seu ser vibrando com emoção carnal. Os dedos dela torciam e brincavam com as franjas da camisa, *sua camisa*, levantando-a lentamente pelas coxas, revelando os maravilhosos mistérios. Seus olhos brilharam, inflamando-se com prazer, escurecendo de paixão.

Ele a perseguiu agora, seus lábios grossos e ardentes, querendo seus beijos. As pontas de seus dedos formigavam com o desejo de tocá-la. Seus braços doíam para segurá-la. Sua mulher. A esposa dele. Esticando seu corpo com uma graça felina voluptuosa, ela lhe deu um sorriso perverso. Ele se lançou sobre ela, rosnando, prendendo-a facilmente debaixo dele, seus braços musculosos impedindo-o de esmagá-la. Engolindo-a, ele reclamou seus lábios em um beijo longo, abrasador. — Eu amo você! — Ele disse em seu ouvido,

sua voz rouca de emoção.

— Ainda posso enlouquecer, por amor a você. A ternura em seus olhos e voz a deixaram sem fôlego. — Sarah, eu nunca sonhei… nunca ousei esperar… quando eu a conheci, não imaginava que você seria minha, mas a quis desde o primeiro dia. Eu estava apenas sobrevivendo. Você veio, minha vida começou, eu a amo com cada parte de mim, meu coração e minha mente, meu corpo e minha alma, e eu lhe agradeço com todo o meu coração, por me dar seu amor e por me dar uma vida.

Ele estendeu a mão para tirar a coroa floral de sua cabeça, observando como seus cachos castanhos caíam em cascata por cima de seus ombros e costas, como um riacho desenfreado, penteando seus dedos através dele e prendendo um longo cacho para atrair seus lábios. Seus dedos encontraram seu queixo e aliviaram sua boca com a dele. Ele respirou dentro dela, puxando os lábios sobre os dela, repetidas vezes, tocando e provocando, implorando que ela se abrisse.

Suas mãos formigavam com o desejo de a tocar. Seus braços doíam para a abraçar. Sua mulher. Sua esposa.

— Oh, Gabe, — ela gemeu, quente e atordoada de seus beijos, — eu estava com tanto medo de perder você! Quando você saiu sem dizer adeus, eu…

— Eu sei, *mignonne*. Eu sinto muito.

— Não, não sinta. Você está aqui agora. Eu só quis dizer… eu senti como se perdesse uma parte de mim mesma. Eu estava doente e vazia por dentro. Eu estou tão feliz que você voltou! Mal posso acreditar que fez isso por mim; você é o homem mais doce vivo, Gabriel, eu adoro você, o vou amar até o dia em que morrer, e estou tão feliz e aliviada que estamos casados.

— Isso fez você se sentir melhor, *mignonne*? — Ele disse com um sorriso feliz. — Eu pensei que iria.

— Oh, sim, meu amor, muito melhor. Agora você é meu, e não vou deixar nada tirar você de mim.

Ele deslizou uma perna sobre a dela, e então ela estava debaixo dele, seus cabelos derramando-se sobre o travesseiro, cintilando à luz das velas. Ela o acariciou através da camisa aberta dele, suas mãos deslizando sensualmente para cima e para baixo seus braços enquanto ela beijava seu poderoso peito, sua garganta e, em seguida, seus lábios pálidos e gostosos.

Deitado ali envolvido, ela fechou os olhos e apreciou as sensações enquanto seus lábios roçavam seus cabelos, suas bochechas, sua orelha, e ele colocou beijos em seu nariz e mandíbula virados para cima.

O linho suave de sua camisa estava morna de sua pele, suave contra sua bochecha, e ela deu um suave grito de protesto quando ele se soltou para puxá-la, feliz quando ele voltou, quente e sedoso, para seus braços.

Ela sempre gostara de tocá-lo, e agora se entregava, deixando suas mãos percorrerem sua forma elegante e esculpida, sentindo o músculo tenso dele, a força. Ela acariciou a pele morna de suas costas, sentindo as marcas fracas do tecido cicatricial, os músculos flexíveis sob seu toque. Ela puxou-o para mais perto, de modo que seus seios doloridos se apertaram contra o peito sólido, e a coxa musculosa ficou firme e pesada sobre a sua junção aquecida.

Suas generosas mãos exploraram sua caixa torácica esbelta e o inchaço de seus seios, acariciando-a através do tecido de sua camisa, enviando *frissons* de deleite onde quer que pousassem, esfregando e acariciando, deslizando e apalpando. Ele se empurrou contra ela, grunhindo profundamente, e ela gemeu e arqueou as costas, movendo os quadris e cavando os calcanhares no colchão, moendo contra ele enquanto tentava aliviar o desejo doloroso entre as pernas.

Ele deslizou a mão sob a camisa provocando os mamilos com dedos inteligentes enquanto continuava com os beijos febris sufocando gemidos de prazer com sua boca, enquanto ela se contorcia e se esticava contra ele. Baixando a cabeça, ele deslizou sobre o pico com a língua molhada e sinuosa, fazendo-a gritar com prazer. Pegando os seios com as duas mãos, ele se moveu de um para o outro, sugando suas pontas estriadas e molhadas enquanto gemia de felicidade, seus gritos de paixão famintos, silenciados pelos sons distantes de música e risos do convés abaixo.

— Mais, por favor… Gabe, mais… mais duro. — Ela se empurrou contra ele, querendo mais, e ele a segurou. Jogando a camisa para longe, puxou-a com os dentes, sugando e acariciando com os lábios e a língua enquanto movia sua mão para brincar com os cachos, separando seus lábios inferiores com os dedos, acariciando para frente e para trás em um movimento provocante, até o prazer se estender dentro dela. Balançando e gemendo de necessidade, ela empurrou contra a mão dele, alcançando seus quadris, desesperada por libertação.

— Logo, *mignonne*, — ele prometeu com voz rouca, passando a mão pelas pernas. Ele as cutucou suavemente, beijando o interior de suas coxas, então inclinou a cabeça para provar o sedoso calor com a língua.

— Gabriel, por favor… você está me matando, — ela gemeu, agarrando seus ombros.

— Mas é uma maneira tão doce de morrer, meu amor, — ele murmurou,

olhando para ela, seus olhos esfumaçados de paixão e desejo. Ele a separou com sua língua e começou a beijá-la com fome. Frenética, dolorida, ardendo de desejo ela arrastou e puxou a cabeça dele, fazendo sons primitivos de rendição, incitando-o até que ela estava se afogando em ondas quentes e ondulantes de êxtase, afogando-se no amor, gritando seu nome.

Aproximando-se de seu comprimento, ele capturou os lábios dela. — *Je t'aime, mignonne, je t'adore*, eu amo tanto você, Sarah.

Oh, Deus, eu também amo você, Gabe. — Ela envolveu os braços ao redor dele, trocando seu peso, espalhando suas pernas para acomodá-lo. — Venha, amor, venha até mim.

Sentindo-se perto de estourar, cru de desejo, apertou os dentes, dizendo a si mesmo para ser gentil com ela. Quando ele lentamente entrou, ela apertou as pernas ao redor de seus quadris e puxou-o mais fundo, fechando em torno dele, envolvendo-o enquanto seus corpos se juntaram, queimando um ao outro.

Levantando-a, ele a reivindicou como sua, seu amor, sua vida, sua esposa, empurrando profundamente dentro dela enquanto ela raspava as unhas em suas costas. Seus gemidos e choros ecoavam descontroladamente pela cabine enquanto se consumiam, extasiados, ansiosos e desenfreados. Foi puro êxtase quando os músculos apertados e quentes dela se contraíram ao redor dele, apertando, estimulando-o a atingir sua própria liberação feliz. Sua cabeça bateu para trás e um grunhido profundo rasgou sua garganta enquanto sua semente quente derramou em seu corpo. Sem fôlego, incapazes de falar, com os corpos manchados de suor, ficavam emaranhados entre as roupas desordenadas. Tinham tão pouco tempo, nenhum deles quis desperdiçá-lo, mas a natureza exigiu seu devido tempo, e esgotados, abraçados junto e impotentes, dormiram.

Sarah acordou na metade da noite. O navio tinha se acalmado e o corpo quente de Gabriel estava enrolado ao redor dela, segurando-a pela cintura e coxa, seu peito movendo-se ritmicamente em suas costas. Ela se virou de lado para olhar para ele, apoiando a cabeça no braço. Ele era um amante magnífico, seu marido. Ele parecia tão jovem e vulnerável que seu coração se apertou de dor. Ele gemeu, ansioso em seu sono, murmurando em voz baixa; outro sonho, e ela fez o que já tinha feito tantas vezes antes. Ela o embalou em seus braços e o puxou para descansar, uma última vez, antes que ele partisse. Ela não sabia por que estava chorando, ou por que tal alegria trazia tanta dor.

Davey veio para eles bem antes do amanhecer. — Está na hora, crianças, dois dos rapazes vão levar vocês até a praia, e lá vocês devem dizer adeus.

— Obrigada, Davey, por tudo, você vai cuidar dele, vai trazê-lo de volta para mim?

— Sim, prima, vou fazer o melhor que puder. Apresse-se agora, Gabriel. Nós velejamos com a maré.

O vento havia subido e o barco subia e caía sobre as ondas enquanto ele a embalava no colo, segurando-a contra o frio que permeava o ar e os dois corações. Eles não tinham nada que quisessem dizer na frente dos outros, e fizeram a viagem para a praia em silêncio, as mãos apertadas juntas. Ele insistiu em acompanhá-la pelo caminho até o pé da grande árvore velha, sem saber como dizer adeus. Tomando a mão dela na dele, ele a elevou até a boca, seu hálito aquecendo seus dedos enquanto beijava cada um deles por sua vez. Seus olhos mantinham os dela, brilhantes de amor e ternura. — Por favor, não chore, *mignonne* - murmurou ele, aproximando-se. — Eu não posso suportar quando você faz isso.

— Me desculpe, — ela sussurrou, o abraçando pela cintura e descansando o rosto em seu ombro. — Não estou sendo eu mesma.

— Na verdade, não é, — ele disse, gargalhando em seu peito. Afundando a cabeça em seu pescoço, ele absorveu seu cheiro e beijou suas lágrimas. — Eu sempre te amarei, Sarah, vou te escrever todos os dias, e voltarei para você o mais rápido que puder. Eu sou seu marido agora, e você é minha esposa, e ninguém pode nos manter separados. Você acredita em mim, não é?

— Sim, meu amor, acredito em você. Ela o abraçou no pescoço e saqueou sua boca em um beijo faminto, a alma queimando. — Você vai sentir muito a minha falta.

— Sim, *mignonne*, não sei como vou sobreviver sem você.

— Meus pensamentos estarão com você o tempo todo, Gabriel. Pensarei em você todas as noites. Escolha uma estrela e mostre para mim, e quando você olhar para ela, você saberá que eu estou olhando para ela, também.

Encantado com a ideia, levantou-a do chão e girou-a ao redor. Colocando-a no chão, ele apontou para um brilho cintilante piscando baixo no horizonte. — Essa, Sarah.

— Essa é Vênus.

— O planeta do amor, sim, ela nos ajudará a passar algum tempo juntos, *cheri*. Olhe para ela quando estiver alta no céu, e saiba que eu estou olhando, também, pensando em você, amando você, e tentando chegar em casa para você.

Ela sorriu. — E se o céu estiver nublado?

— Então eu vou até você em sonhos. — Puxando-a para perto, envolveu-a nos braços, abraçando-a tão forte que ela não conseguia respirar. — Tenho que ir agora, esposa, saiba que eu a amo e vivo para estar de volta em seus braços, e quando voltar, nos casaremos na frente de sua família e todo o maldito mundo, e nada mais nos separará. — Ajudando-a a subir nos galhos do carvalho, esperou até que estivesse segura na sacada antes de acenar adeus. Ele se foi um instante depois, sabendo que os homens ficariam ansiosos, e Davey, preocupado em partir.

Sarah observou sua forma alta enquanto ele corria pelo caminho. Ela tinha se deitado para dormir, afogada em tristeza, e ele tinha vindo como uma surpresa maravilhosa, com seu sorriso doce e coração generoso, tirando sua dor, aquecendo-a em seus braços, e tornando-a sua esposa. Ele a amava, e ela estava certa agora que ele pretendia voltar. Era o suficiente. Teria que ser.

Capítulo 22

Dois anos antes, Napoleão Bonaparte acumulou uma força enorme no porto mediterrâneo de Toulon, enviando calafrios ao longo da Europa e do Império Otomano. Inglaterra, Espanha, Sicília, e Portugal, todos os objetivos potenciais, suspiraram aliviados quando ele voltou sua atenção para o leste, fixando a bandeira francesa acima das pirâmides do Egito. Dias mais tarde, os couraçados de guerra que acompanhavam sua frota de transporte foram capturados em âncora pelos britânicos na Baía de Aboukir, e todos menos dois deles foram perdidos na Batalha do Nilo. A queda egípcia tinha dado o controle estratégico aos britânicos do Mediterrâneo, e deram a Napoleão sua primeira derrota, deixando suas tropas encalhadas, cortando a via marítima de salvamento ou reforço.

Navios mercantes franceses ainda entravam e saíam, ávidos para obter lucros de seu país avaro, para saquear as maravilhas do Oriente e o Oriente Médio, mas já não estavam bem protegidos. Foi uma circunstância que apresentou oportunidades interessantes para homens de habilidade e ousadia.

Com o navio e tripulação certa, havia uma fortuna para ser feita. Davey era de nacionalidade indiferente, um pouco oportunista, e tinha feito cartas de marquise de tempos diferentes, de várias nações. Sua família havia sido hostilizada e expulsa da França nos séculos XVI e XVII por motivos religiosos. E ele dava preferência à Inglaterra protestante, que fora uma das primeiras nações a abrigar seus antepassados huguenotes. Por essa razão, por respeito à sensibilidade de Ross, e no interesse de ter um porto seguro, ele sempre evitava caçar navios britânicos. Sua presa agora eram os franceses e espanhóis, tomando a colheita semeada por ambição fracassada e ganância desenfreada.

Eles pararam primeiro em Calais. Um édito de tolerância emitido há pouco mais de uma década, em parte restabeleceu os direitos religiosos e civis dos Huguenotes na França, e era entre esta comunidade que Davey tinha intenção de arranjar apoio financeiro, e provisão para o *L'Esperance*, e o ajustar com um novo fundo de cobre que aumentaria dramaticamente sua velocidade.

Deixando o navio lá, continuaram pelo interior até Paris. Era a intenção de Davey cuidar de alguns negócios pessoais, ver a introdução de seu protegido à sociedade educada, e uma vez que seu navio estivesse pronto, zarpar para a

pilhagem e a aventura. Não lhe causava nenhum desconforto sequer saber que logo seu anfitrião seria a presa. Davey insistiu que Gabriel o acompanhasse enquanto cuidava dos seus próprios negócios, e os dois faziam um par marcante. Gabriel era aceito onde quer que fossem como um nobre menor francês e aventureiro. Sua ânsia de ver as paisagens fazia Davey rir, e compará-lo a um Lorde inglês no Grande Tour. Receberam muita atenção e foram avidamente perseguidos por jovens damas elegíveis, viúvas de má reputação, mulheres casadas e de origens muito menos respeitáveis. Davey se divertia imensamente, caindo de amores pelo menos três vezes ao longo de um mês, e dentro e fora de camas acolhedoras muito mais frequentemente do que isso.

Gabriel achava o interesse cansativo e, embora fosse sempre escrupulosamente educado, não encorajava a intimidade, refutando friamente aqueles que solicitavam sua atenção, inclusive homens de certa variedade. Ele desprezava casualmente todos os que ansiavam por ele, e seu desinteresse só aumentava seu apelo. A única pessoa em que ele tinha algum interesse sexual era Sarah. Ele sentia muita falta dela e escrevia-lhe tantas vezes quanto era capaz.

Sua primeira carta não a alcançou até umas boas três semanas depois de sua partida. Sentada na biblioteca, lendo a sua correspondência, ela estava se debatendo sobre participar de uma conferência científica no Instituto Real. Ela estava precisando desesperadamente de diversão, e uma viagem para Londres poderia ser exatamente que o precisava para levantá-la do marasmo. Embaralhando seus documentos a esmo através da escrivaninha, ela voltou a pensar na última noite com Gabriel. A noite inteira teve a qualidade de conto de fadas para ela, que às vezes a fazia se perguntar se tinha acontecido mesmo. Perdida em devaneio, ela ficou tão surpreendida quando Jamie entrou repentinamente na sala que quase caiu de sua cadeira.

Ele correu para ela, sorrindo de excitação, acenando com um pacote branco espesso em sua mão. — Olhe, Sarah! Um pacote de Gabriel! É da França e é para você. Abra-a, por favor. Leia para mim. Como ele está? — Pulando sobre a escrivaninha, Jamie espiou por cima do ombro enquanto rasgava os barbantes e várias letras se derramavam.. — Talvez um seja para mim, — disse esperançosamente.

— Eu acredito que você está certo, Jamie; parece que dois são para você, — Sarah disse, pegando-os e os dando para ele. — Agora por que você não vai ler o seu, e eu lerei o meu, e quando nós dois terminamos, nós podemos

compartilhar deles o que nós desejamos?

— Ah, sim, é claro, eu compreendo, ele terá escrito coisas íntimas para você, suponho — disse Jamie com um suspiro desapontado.

— Você pode estar certo! — Rindo, rosto corado, ela arrepiou seu cabelo e juntou suas cartas. Seu coração estava batendo tão forte que estava surpresa que Jamie não estivesse ouvindo. — Eu acredito que gostaria de ler estas em meu quarto, Jamie. Você me perdoa?

— Eu penso que ele pode ter escrito para você algumas coisas muito particulares, — Jamie disse com uma risada. Curvando, ele pegou suas cartas e praticamente fugiu pela porta, no momento que ele partiu, Sarah apressou-se para seu quarto, tonta como uma estudante. Jogou-se no assento da janela, abriu um envelope e começou a ler.

Mon amour, Chère Amie, Madame Esposa, Estamos instalados em Paris agora, e finalmente tenho alguma solidão para escrever. Minha cabeça está cheia de você, mignonne, sua voz, sua imagem, seu cheiro. Você aflige meus pensamentos e sonhos, dia e noite, e em vingança eu a atormentarei com cartas. Eu sinto sua falta terrivelmente, e tenho tantas coisas para lhe dizer. O L'Esperance permanece no porto de Calais com a maior parte da tripulação, carregando provisões e preparando-se para vários meses no mar. Davey e eu alugamos um lugar em St. Germaine. Nossos alojamentos estão situados muito perto do ***Jardin du Luxembourg****, que se assemelha a um enorme jardim inglês, mas com estátuas e os homenzinhos dobrados cabeça-a-cabeça, jogando xadrez. Nós ficamos aqui para comprar equipamento de navegação e várias outras necessidades que se encontram melhor em Paris, e para que Davey possa cuidar de algumas questões financeiras, bem como de negócios de natureza pessoal.*

Ele parece conhecer a todos, em todos os lugares, tanto nos altos como nos baixos, incluindo agentes diplomáticos. Ele não teve dificuldade em adquirir papéis de cidadãos franceses para nós dois, e parece não lhe causar nenhum desconforto que logo estejamos fazendo dos navios franceses e espanhóis nossas presas. É curioso como esse homem essencialmente amável, o mais sábio, mais verdadeiro e mais confiável dos amigos, pode ser tão alegremente amoral! Confesso que sinto uma grande dose de admiração por ele a esse respeito. Não tenho certeza de por que ele insistiu que eu o acompanhasse, mas assim ele quer, e assim eu faço, não sem muita inquietação e desconforto.

Inclino a dizer a você e somente a você, que eu não tenho nenhum desejo

de encontrar alguém que possa me lembrar do meu passado, que ainda é muito recente para o meu conforto. Embora eu tenha um pavor dele, ele se enfraquece dia a dia enquanto me torno cada vez mais convencido de que as pessoas veem apenas o que esperam ver. Eu me apresento como St. Croix, e somos em todos os lugares acolhidos como senhores. Sua aceitação de mim como sou, e sua escolha por tomar esse nome como minha esposa, tem servido para me aguilhoar dele. Se é aceitável para você, então como pode ser diferente para mim?

Na verdade, meu amor, estou achando esta experiência inteira estranha. Minha vida tem sido tão circunscrita pelos acontecimentos e circunstâncias de minha juventude, que eu me encontro como um estranho aqui, neste país de meu nascimento, sem sentido de lar ou de pertencer, ou mesmo de reconhecimento. Eu nunca conheci esta cidade além de alguns quarteirões confinantes, nunca senti como sendo meu país, nunca pensei em qualquer lugar como minha casa, até que conheci você, e agora você é meu único país, e meu único lar. Estou vendo muito desta cidade pela primeira vez, como um turista, que parece fornecer o seu primo com muita diversão, à minha custa. Deixe-me dizer-lhe primeiro do humor do lugar. Bonaparte, o Pequeno General, surgiu no mundo. Ele conseguiu ultrapassar os britânicos e suas próprias tropas, e voltou a Paris em glória, abandonando sua frota no Egito para aceitar a grande honra de ser nomeado primeiro conselheiro da França.

Uma sensação de excitação e uma macabra alegria tomaram a cidade. Em todos os lugares, pessoas de todas as classes se juntam à nova moda vinda da Alemanha, a valsa, aos bailes públicos que brotam por toda a cidade, e aqueles aristocratas que conseguiram escapar à fúria da revolução começaram a emergir novamente. Você não pode acreditar, mas muitos dos parentes dos guilhotinados acham inteligente e elegante ostentar uma fina fita vermelho sangue em torno de seus pescoços, de uma forma macabra que eles chamam de la victime.

Mais do que alguns jovens homens viram sua herança disponível a eles mais cedo do que esperado, e possuindo mais dinheiro do que a experiência ou a sagacidade, parecem ter uma pressa muito grande em perdê-la. Somos convidados constantemente a festas e a jogar cartas e, consequentemente, desenvolvi um conhecimento mais do que passageiro com as mesas de jogo, tanto nos antros de jogo em ***Palais Royale****, que Davey gosta de frequentar, como em casas particulares. O hábito do jogo dá uma entrada no beau*

monde; e parece que não há outro requisito para melhor recomendar uma companhia na França. Sinto-me muito intrigado com um jogo chamado Vingt-et-un. Embora a maioria dos jogos parecem não ter nada a ver com habilidade, parece-me que este tem, e uma pessoa que presta muita atenção nas cartas pode melhorar significativamente suas chances de ganhar. Minha pesquisa desta teoria provou ser mais proveitosa até hoje, e apesar, ou por causa de meus sucessos, sou um pouco procurado onde quer que o jogo seja intenso. Davey tinha me pedido para acompanhá-lo a uma reunião esta noite, mas eu assegurou-lhe que seria inútil como companhia ou nas cartas, se eu não posso pensar em nada, só em você.

Em todo lugar, ouço a sua voz, e fico constantemente irritado quando viro a cabeça para ver uma criatura pintada segurando meu braço e falando no meu ouvido. É a sua conversa que eu quero, não a delas. Confesso que o prazer de sua companhia me tornou bastante difícil de agradar. Agora que aliviei a minha consciência ao confessar o meu mais novo vício, oro e confio que me perdoará, embora não tenha intenção de renunciar a este pecado em particular. É muito rentável e pode, por si só, absolver-me da obrigação que tenho para com seu irmão. Peço-lhe que me permita mais, permitindo-me compartilhar algumas observações que fiz como um turista.

É um passatempo solitário, visto que Davey é extremamente desinteressado e muito mais inclinado a visitar amigos do sexo frágil. Ele diz que já viu tudo antes e está muito mais preocupado em investigar os encantos dos moradores locais do que o lugar. Tenho certeza que os que me veem passeando a esmo, muitas vezes devem me tachar de louco, pois estou constantemente olhando por cima do meu ombro para comentar sobre uma vista maravilhosa para você, e, claro, você não está lá.

No entanto, eu prometi a mim mesmo que vou compartilhar essa experiência com você, tanto quanto puder, e por isso me pergunto o que você está fazendo enquanto lê isso agora. Você está quente em sua cama, ou está envolta na minha melhor camisa, com uma vela no assento da janela? Talvez você esteja na varanda, sob as estrelas. Acompanhe-me em espírito, então, meu amor, enquanto ando pelas ruas de Paris. A cidade está em um estado de mudança contínua. Os mendigos estão por toda parte para serem vistos e grande parte da cidade foi vandalizada. Há estátuas sem cabeça, ruas com esgoto correndo a céu aberto, e muita agitação, caos e confusão. A fachada do ***Jardin des Tuileries*** *está cheia de buracos de bala, e a inestimável capela* ***Sainte-Chapelle de Louis IX*** *ostenta um aviso que diz " propriedade*

*nacional a venda." **Notre Dame** foi infelizmente saqueada e negligenciada, e está sendo usada como um armazém de grãos. Ela lembra uma grande dama antiga, destituída, caída em tempos difíceis, mas ainda magnífica e orgulhosa.*

*Não é preciso viajar para a Itália para ver as belas esculturas e obras de arte da Grécia antiga e Roma. Napoleão, o amante da arte, violou os pobres países e trouxe seus tesouros para o **Musée du Louvre**, juntamente com o saque do Egito, do Oriente e da maioria das casas nobres da França. É magnífico ao ponto de ser esmagador, e seria necessário ficar um mês, pelo menos, para lhe fazer qualquer justiça. Há um lugar que eu sei que você gostará particularmente, mignonne. Teremos que visitá-lo juntos um dia. Eu falo do **Observatoire de Paris**, que tem uma vista esplêndida da cidade de seus telhados. Eles afirmam que é o primeiro observatório moderno construído no mundo. Espero que você saiba a verdade. Você ficará satisfeita em saber que possuem um telescópio de refração feito por seu Sr. James Short. Tive a sorte de conhecer o atual diretor, um tal de Monsieur Pierre Mechain, que descobriu pelo menos sete cometas nos últimos vinte anos! Eu tomei a liberdade de dizer-lhe sobre o seu interesse em tais coisas e seu gosto requintado em telescópios.*

O meu novo e erudito amigo não acreditou a princípio, mas, por insistência, ficou muito intrigado e, humildemente, implorou-lhe que se correspondesse com ele, se assim o desejar. Espero que isso lhe agrade. Bem, lá fora, começou a chover. Eu posso ouvir a chuva tamborilando no telhado, batendo na vidraça, e espirrando na rua abaixo. Sozinho aqui, acho que é um som melancólico. Com você ao meu lado seria uma doce canção de paz e contentamento, um prelúdio para o calor e conforto e prazeres secretos. Puxa, mignonne, este negócio de escrita é uma espada de dois gumes! Eu me sinto infinitamente mais perto de você e infinitamente desesperado e distante. Senhor, como sinto sua falta, Sarah! Você permeia todo o meu ser.

Eu sinto falta da sensação de sua cabeça no meu ombro à noite, a suave carícia de sua respiração contra minha bochecha, e o conforto do som do seu coração, batendo forte e firme ao lado do meu. Deixo um espaço para você ao meu lado, mesmo que você esteja longe. Eu vejo o céu noturno, e quando vejo Vênus, imagino que seus braços estão em volta de mim, enquanto você se inclina contra minhas costas. Eu sinto o seu cheiro e desejo o seu toque. Dizem que o tempo e a distância dão perspectiva.

Bem, me ensinou isso. Fortuna, aventura, descoberta, são coisas vazias sem sua presença para trazê-las à vida. Estou determinado a que, quando esta aventura estiver concluída, não me separar de você novamente. Confesso meu amor pelo mar, mas seus encantos são coisas insípidas e pálidas comparadas com os seus. Vou passar minha vida no mar apenas na medida em que você puder me acompanhar. Estou falando sério, mignonne. Espero ganhar o suficiente nesta aventura para ter um navio e uma tripulação própria. Se você quiser, vamos ter uma aventura juntos como homem e mulher. Se você não quiser, então contratarei um capitão e passarei meus dias apaixonado ao seu lado, sob seus pés e tal incômodo que você me satisfará, e correremos para junto do mar. Penso que um observatório maravilhoso poderia virar moda no tombadilho superior à noite. Ah, ma chère amie, você se tornou uma necessidade, muito parecida com a de respirar, é a verdade de Deus, parece tão difícil ficar sem você como ficar sem ar. Se eu estivesse aí com você agora, ou você aqui comigo, eu a puxaria para perto em meus braços, enterraria meu rosto em seus cabelos e lhe daria mil beijos, começando com seus lindos dedos dos pés e o magnífico arco dos seus delicados pés, o que, lhe asseguro, é muito mais bonito e mais inspirador do que qualquer traçado ou arquitetura de todas as catedrais e palácios que vi aqui em Paris. Desejo-lhe uma boa noite agora, amor. Eu vou escorregar entre os lençóis e fechar os olhos para que possa imaginá-la ao meu lado e visitá-la em meus sonhos. Até que eu a possa pegar em meus braços novamente, saiba que t mantenho guardada na minha mente, no meu coração e na minha alma.

Para sempre seu, Gabriel.

Capítulo 23

Era meados de junho quando eles finalmente retornaram para Calais. O recém-reformado *L'Esperance* permanecia ancorado no porto, montando alto na água, flâmulas batendo na brisa. Ele foi capturado dos franceses em 1784. O projeto e a construção do navio de guerra francês eram, de longe, superiores aos dos ingleses, mais lustroso, mais rápido, e mais poderoso do que qualquer coisa que Davey poderia ter comprado de um estaleiro inglês. Esquadrilha naval, estava equipado com doze canhões de nove libras. Davey escolheu sacrificar um pouco do seu poder de fogo original pela manobrabilidade e velocidade. Não era mais um navio de guerra, afinal, mas um corsário, e sua presa eram os navios mercantes, seu objetivo era pegá-los e abordá-los, e não afundá-los. Como era, combinava uma formidável capacidade de ataque e defesa, com agilidade e velocidade relâmpago. Era o primeiro amor de Davey, seu orgulho e alegria.

À medida que remavam para se juntar ao navio, a atividade agitada e frenética, que da costa se assemelhava a um formigueiro, tornou-se mais nítida, distinguindo-se a forma humana. Gabriel podia ver marinheiros ocupados passando barris de carne de porco salgada e carne bovina, queijo e biscoito, cerveja e rum, para o porão dos barcos ao lado. Eles também carregaram pólvora de tiro sólido, para derrubar mastros e esmagar os cascos; tiro da corrente, para fazer exame de velas e equipamentos; e sacos de areia, para atuar como lastro. Quando o cortador bateu contra o lado de estibordo, o marinheiro pegou as correntes principais com um gancho, mantendo-o firme ao lado enquanto subiam, passavam de mão, subiam a escada e subiam ao convés.

Na manhã seguinte, Gabriel estava parado no convés, com a pele agitada de excitação, elevado pelo espírito de aventura e pela emoção do desconhecido. O *L'Esperance* estava rolando um pouco, mas deslizou suavemente, o único som era o gorgolejar das ondas verdes do mar espumando o casco, e o rangido das articulações. À medida que avançava, a costa desvaneceu-se e desapareceu, e apenas o mar azul profundo e o céu azul se estendiam no horizonte. Respirando fundo, ele levantou o rosto para a brisa marinha e gritou o curso para Gibraltar. Eles estavam a caminho.

Davey administrou o navio e tripulação com muito mais organização e disciplina que se veria em um navio pirata, e muito mais liberdade e

flexibilidade do que seria encontrado na Marinha de Sua Majestade. Não existia flagelações nem enforcamentos, nem embriaguez ou deserções a bordo de seu navio. Seus homens eram um grupo conciso de profissionais altamente qualificados e altamente treinados, e ele os tratava como tal. Ele os respeitava e os tornava ricos, e eles o amavam por isso. Levou três semanas para ver Gibraltar. A língua falada nos portos do Mediterrâneo era um derivado do francês, se analisado em conjunto das muitas línguas faladas em toda a região por nativos, comerciantes e cativos de muitas nações. Desde que deixou Calais, Davey insistiu que a tripulação conversasse desse modo, para se acostumar a seu uso. Seus muitos derivados latinos tornaram-no familiar a Gabriel, e com sua facilidade para línguas ele pegou rapidamente.

As manhãs foram tomadas com a broca de artilharia, a colocação e a decolagem da vela. Uma tripulação bem treinada poderia disparar três tiros em dois minutos, e eles praticavam repetidamente até que fosse tão fácil quanto respirar. Eles também foram repetidamente exercitados no uso de armas pequenas, cutelo e piques de embarque. Gabriel era o único membro da tripulação que nunca tinha atravessado esses mares antes, e como era seu hábito, ele compartilhou suas descobertas com Sarah.

Ma cheri, mignonne.

Agora faz setenta dias desde a última vez que eu a segurei em meus braços. De alguma forma, eu sobrevivi, apesar de amaldiçoar cada dia que me leva mais longe de você, e rezar por ventos rápidos para me levar para casa. Com sorte, isso será antes do Natal. Tenho muitas coisas maravilhosas para lhe dizer! Nós fizemos de Gibraltar a nossa base de operações, pois é o maior assentamento inglês na área, o seu forte controla a entrada para o Atlântico, e o seu posto de comércio um canal para e da Península Ibérica para o norte, a África para o sul e o Mediterrâneo e o Oriente ao leste. Eu fiquei muito impressionado quando a avistei. A própria rocha, uma das colunas de Hercules, é uma formação calcária impressionante com as cavernas fortificadas e os túneis que se elevam mil pés acima dos campos circunvizinhos. O forte é dito como sendo inexpugnável. O estreito tem apenas treze quilômetros de diâmetro no seu ponto mais estreito, e navegar por essa passagem pode ser perigoso em qualquer época do ano.

Faremos uma última passagem pelo leste antes de navegarmos para casa. Nossa intenção é sair no início de outubro, logo antes das tempestades, quando até mesmo os corsários da Barbárie colocam seus galeões no porto para o inverno. Tivemos uma caçada muito boa desde a nossa chegada,

Sarah, abordando vários navios franceses e espanhóis, geralmente sem um tiro disparado. Com doze canhões e nosso novo fundo de cobre, somos rápidos o suficiente para pegá-los, suficientemente leves para segui-los até as águas costeiras e formidáveis o suficiente para assustá-los. Eles ficam sempre aliviados ao descobrir que não somos piratas de Barbárie, uma raça de homens que percorrem as águas em busca de saque, na maior parte sob a forma de prisioneiros para resgatar ou tomar como escravos.

Muitos desses piratas são desertores europeus, ou renegados, como são chamados, homens que abandonaram sua religião e aceitaram a fé muçulmana. Muito como Davey, eles se referem a si mesmos como corsários. A Grã-Bretanha tem um tratado com eles e nós temos um passe do Dey argelino, mas Davey os conhece bem e não está inclinado a confiar neles. Ágeis e rápidos, ficamos fora do seu caminho.

Até agora temos "liberado", como Davey gosta de chamar, grandes quantidades de sedas, joias e tapetes de lã. Dois dos navios que tomamos nos deram uma boa batalha, ambos navios militares. Para o nosso deleite, um deles, uma fragata espanhola pequena e bonita que voltava para casa do Caribe e com o montado suspeitosamente baixo na água, provou ser um grande prêmio, levando um valor de sessenta mil libras de ouro e de moedas de prata! Para ser honesto, não tenho certeza de que estamos em guerra com eles, mas Davey diz que faz pouca diferença, já que os espanhóis são um bando sem lei, que penduraram corsários honestos com as suas cartas de marquise amarradas em torno de seus pescoços, em qualquer caso.

Solicitei que a fragata fosse calculada como minha parte em lugar de ouro, e ninguém se opôs, por isso tenho um navio meu e uma maneira de ganhar a vida, esperando por mim em Gibraltar. Eu me considero um homem rico agora, meu amor, em primeiro lugar porque tenho você. Eu também tenho meu próprio navio no porto, e minha parte dos lucros desta aventura muito lucrativa perto de vinte mil libras, Deus abençoe a alma ladra do seu primo! No meu regresso à casa, vou ser capaz de devolver ao seu irmão seu dinheiro e nos manter com conforto. Quando volto a pensar onde estava há dois anos, mal posso acreditar na minha sorte. Você abriu uma porta de um novo mundo para mim, ma chère, e eu nunca poderei agradecer o suficiente. Suas cartas chegaram para mim em Gibraltar, ma belle.

Beijo-as e guardo-as, debaixo do meu travesseiro, sabendo que os seus pensamentos e as suas mãos queridas as tocaram. Eu sei como você gosta de assistir a suas palestras e tal, e os planos que tem para os seus estábulos,

mas você diz que iria agradá-la muito viajar pelo mundo comigo. Eu não gostaria que você sacrificasse seus interesses e prazeres mais do que deseja que eu sacrifique os meus, mas acredito que eles são facilmente reconciliados. Faremos o que Davey faz, querida, desfrutando os prazeres da terra firme durante todo o outono e inverno, e navegando na primavera.

Deixo a você para planejar nossa primeira aventura. Meu único pedido é que seja uma lua de mel. Estou muito aliviado ao saber que seu irmão se suavizou para mim. Além do fato de que ele é seu irmão, e querido para você, eu estou muito consciente de quão bom foi para mim, e por falta e da necessidade por você eu nunca teria escolhido voluntariamente a raiva ou perturbá-lo. Eu o tenho em grande estima, não só por você, mas também por mim. Diga-lhe que me apresentarei a ele no meu regresso, e se lhe agradar, diga-lhe que nos casaremos na primavera. Será um grande alívio para mim fazer isso abertamente e corretamente, pois não estou totalmente convencido de que o nosso casamento realizado pelo cozinheiro de Davey é inteiramente legal aos olhos do mundo. Quanto mais cedo nos juntarmos por meios respeitáveis, na frente de sua família, melhor.

Estou encantado por saber que você começou uma correspondência com Pierre Mechain, e não, eu não sou nem um pouco ciumento. Lembre-se de que eu o vi e você não. Quanto às suas preocupações com Jamie, ele escreveu para me dizer que está muito ansioso para ir à escola em Truro, no outono. Ele parece conhecer sua própria mente e eu não me preocuparia com isso, se fosse você. Ele terá companheiros fieis nos meninos de Sidney, e eu espero que ele vá muito bem.

Eu não sei quando vou ser capaz de escrever novamente antes de voltar, meu amor. Planejamos uma varredura através do Mediterrâneo Oriental até Alexandria, através de território essencialmente hostil. Como tal, não é provável que aportemos novamente até voltarmos a Gibraltar, momento em que provavelmente alcançarei você antes de uma carta. Você vai notar que mantive esta missiva amigável e informativa, tendo evitado qualquer excesso de emoção ou sentimento. Não é por falta de paixão, mas sim por excesso. Acho que nossa separação torna-se cada vez mais insuportável, e se me permitisse a indulgência de expressar plenamente meus sentimentos a você, abriria as comportas, inundando-a com um dilúvio de poesia terrível e divagações egoístas e me deixando dolorido, faminto e insatisfeito.

Partimos pela manhã, nossa última caçada, se Deus quiser, e espero tê-la em meus braços novamente em meados de novembro. Apesar de minhas belas

palavras e intenções nobres, estou agora assombrado por imagens brilhantes de tornozelos elegantes e coxas alvas e lábios gordos e deliciosos. Que idiota eu fui em deixar você. Espere por mim. Só existe você. Gabriel.

***

Com ventos fortes e navegação fácil, eles chegaram em Alexandria em vinte e três dias, parando ao longo do caminho para aliviar dois navios mercantes franceses de sua carga, inchando seus cofres com diamantes africanos, ouro, e coral mediterrâneo. A viagem de retorno foi mais difícil e menos lucrativa, mas ninguém reclamou. Com o porão cheio de riqueza e pilhagem, ninguém estava interessado em arriscar batalha. O tempo estava ficando mais áspero, e parecia um início do outono. Estava na hora de ir para casa.

Saudando vários navios de guerra britânicos, evitando alguns franceses, e mantendo-se afastados de qualquer corsário da Barbárie, eles lutaram contra fortes ventos de cabeça até o fim de setembro, antes de se aproximarem da costa norte da Argélia. Cinco dias fora de Gibraltar, o vigia chamou do poleiro do mastro, tendo avistado uma vela acima do horizonte. Era um grande navio francês de três decks em perseguição feroz de um navio menor, um navio de aparência formidável, com duas fileiras de canhões eriçados dos seus lados, e três mastros que se erguiam perto de duzentos metros no ar. Mantendo uma distância respeitosa, eles vieram a presenciar a perseguição.

— Você está assistindo uma inexperiência alarmante ou uma estupidez bruta, Gabriel, ou talvez apenas o resultado trágico de anos de procriação consanguínea francesa. Diga-me por que, — Davey perguntou, debruçando de volta contra a murada.

— Porque está perseguindo o pequeno navio para baixa profundidade, onde ele não pertence, fazendo uns bons oito nós sob vela cheia, e muito provavelmente encalhará.

— Sim, que ele irá. Não está bem mapeado aqui. O que ele devia estar fazendo?

— Ele devia virar na direção oposta e dirigir-se a mar aberto, — Gabriel disse com um bufar. — Na falta disso, deveria estar com os chefes de proa, gritando a profundidade à medida que avança.

Davey acenou com a cabeça, satisfeito, e então se inclinou para frente, cutucando Gabriel no ombro, de repente alerta, — Olha bem, rapaz. Lá vai ele. — Eles assistiram com interesse como o navio gigante estremeceu e parou, preso sobre um recife inexplorado. O pequeno navio que estava perseguindo

veio e se afastou depressa desaparecendo no horizonte. — Agora eu me pergunto que carga estará levando, primo, — Davey refletiu com um sorriso perverso. — Ele cheira como um navio de pagamento para mim.

Gabriel sorriu, satisfeito e surpreso ao perceber que Davey era seu primo agora, por casamento. O pensamento nunca lhe ocorrera antes. — Eu não acho que seria sensato incomodá-lo, Davey, o navio tem ter mais de sessenta armas.

— Oh, sem dúvida que sim, meu rapaz, nos explodiria para fora da água, mas observe com cuidado, por que você acha que seu capitão, e eu usamos o termo de ânimo leve, até agora?

Gabriel pegou a luneta e examinou a atividade a bordo do navio encalhado por vários momentos. — Ele está se apinhando em vela, esperando para sair do banco de areia, sem dúvida, mas só parece estar dirigindo-se mais para as rochas.

— De fato, de fato, — disse Davey, com um sorriso. — E depois, meu filho, se provar ser verdadeiro, ele tentará aliviar o peso, ordenará que sua água fresca seja bombeada para fora, e se isso não funcionar, ele provavelmente cortará o seu mastro e…

— Soltar suas armas — Gabriel terminou por ele.

— Precisamente, meu caro, e lá ele se sentará, incapaz de lutar ou fugir, vale a pena esperar para ver, não acha?

A manhã seguinte trouxe um vento siroco do deserto líbio ao sudeste. Quente, úmido e opressivo, foi acompanhado por uma névoa tão espessa que não conseguiam ver mais de dois quilômetros. — Há algo mau vindo em nossa direção — Davey disse a seus tenentes. — Veja que tudo está arrumado e se prepare para o mau tempo.

No meio da manhã, o nevoeiro havia se dispersado pelos ventos que sopravam constantemente, revelando um céu cinza ardente. O navio de guerra francês ainda era visível, suspenso no recife, mas tinha mantido os seus canhões, e parecia que o vento e ondas de arrebentação em breve o livrariam. — Bem, rapazes, — Davey gritou. — Foi um pensamento agradável, mas o bom Deus protege bêbados e tolos, e, sem dúvida, seu capitão é ambos. Não haverá esporte para nós aqui, e não estou gostando do que está no vento. Há uma tempestade chegando e vamos precisar de um quarto para velejar, vire, infle a principal e monte as velas secundárias, cavalheiros, é hora de irmos para casa.

Ao final da manhã, o vento se tornara mais forte do lado do porto, e o *L'Esperance* estava balançando e bamboleando entre britadores tremendos,

listando perigosamente para estibordo. Eles estavam fazendo um lento e doloroso progresso contra o vento quando o vigia avistou mais quatro navios ao sul, dirigindo-se rapidamente para o navio aterrado.

— Parecem duas canhoneiras, uma fragata, e uma galera, Davey, — Gabriel disse, lutando para manter o equilíbrio no convés enquanto examinava através da luneta. Ele observou enquanto três dos navios continuavam firmes em direção ao navio de guerra, enquanto a galera se demorava na traseira. Podiam ouvir gritos agora, e o distante trovão de fogo de canhão e o assobio de tiro enquanto as canhoneiras fechavam-se sobre a sitiada embarcação francesa.

Cutucando Davey, Gabriel passou-lhe a luneta, enquanto a galera diminuía a velocidade, parou, e então gradualmente avançou. Ela içou um galhardete (bandeira) preto largo blasonado com um crescente de prata e cimitarra, fora do mastro principal. As velas principais armaram-se, usando suas velas da mezena e dois barcos a remos, estava se movendo pela água em uma velocidade surpreendente, dirigindo em linha reta para eles, o som de bateria constante, fraco, mas discernível através do estrondo.

— Piratas argelinos — anunciou Davey. — Esperemos que o resto fique ocupado com nossos irmãos franceses, e veja se não podemos levantar um pouco mais de vela.

— Estamos em paz com eles, não estamos? — perguntou Willy McMaster, o segundo-tenente. — Nós temos um passe.

— Oh, sim, rapaz, mas a galera não parece amigável, duvido que seu capitão esteja enfrentando a tempestade para tomar chá e conversar. As alianças mudam tão rapidamente quanto o vento nessas partes. Diga se ainda é bom, ou se o seu capitão se importar em lê-lo ou respeitá-lo, especialmente se ele vê o que está no nosso lugar? Eu não gosto de escravidão. Nós vamos correr, e se formos ultrapassados, então nós vamos lutar, e se perdermos e sobrevivermos, então, vamos fazer um grande alarido, agitar nossos papéis, e severamente exigir um pedido de desculpas.

No meio da tarde, eles estavam lutando contra ventos fortes e ondas monstruosas, e mal tinham se movido. Rangendo, gemendo, e levantando como uma coisa viva, o *L'Esperance* afundou sob as longas ondulações só para subir de novo, a espuma branca explodindo, emergindo sobre seu arco, quando o céu se abriu e o vento uivante fez voar chapas de chuva cegante em faixas negras através do convés.

A galera ainda os seguia, lançando-se precariamente, mas ganhando terreno. O navio de guerra francês, maltratado, mancando, e listando mal para um lado,

tinha finalmente quebrado livre. Desajeitada no melhor dos momentos, ela estava perto demais, deixando seu pequeno espaço para manobrar, e os mares estavam agora tão altos que era incapaz de abrir seus portos inferiores. O vigoroso canhão continuava de um lado para o outro, rumorando à distância. Acabara de disparar dois costados de seu convés superior quando o céu foi dilacerado por um rugido ensurdecedor e um flash brilhante de luz.

Ele estremeceu de proa a popa e explodiu, enviando mastros, espadas e madeiras fragmentadas, canhões e corpos em chamas, voando pelo ar. As armas ficaram em silêncio, e o rugido da tempestade desvaneceu-se em insignificância. A quietude sobrenatural que se seguiu foi dividida apenas pelos gritos agonizantes daqueles poucos que sobreviveram à explosão. O que restava do navio de guerra mutilado ainda era visível, chamas e fumaça preta oleosa saindo de seu casco enegrecido, lambendo o céu turbulento como se alimentado pelos ventos e pela chuva. Foi uma cena infernal. — Pobres bastardos — disse Davey. — Eles devem ter perdido sua revista.

— Vamos voltar, procurar por sobreviventes?

— Não existe sentido, Gabriel, mesmo que pudéssemos nos virar com segurança, pois os piratas pescarão quaisquer sobreviventes, valem mais para eles vivos do que mortos. Nossa principal preocupação agora é resistir a esta tempestade e se afastar dessa galera. Reúna os oficiais no convés superior, por favor, temos trabalho a fazer.

Os oficiais se reuniram rapidamente, os rostos sombrios. Muitos da tripulação ainda estavam atordoados, impressionados com a força da explosão e horrorizados com a tremenda perda de vidas. — Temos um problema, cavalheiros — disse Davey, erguendo a voz para ser ouvido acima da tempestade, apontando para a galera que ainda fazia o seu caminho com determinação na direção deles. — Como vocês devem ter notado, a galera tem se aproximado de nós o dia todo Eles têm a vantagem de movimento nesta tremenda tempestade. Eles têm o uso de seus remos e podem remar diretamente. Nós somos obrigados a nos movimentar em zigue zague pelo vento, cada vez que uma rajada forte pode nos fazer cair, seu capitão não se importa se seus remadores se afogarem, eles são escravos e prescindíveis, vai ficar atrás de nós, eles querem a nossa carga, querem a nossa nave, e querem nossos rabos naqueles bancos.

— Eu ouvi que eles têm outros usos para nossos rabos, se nós formos graciosos o suficiente, — um dos homens gritou, iniciando gargalhadas altas e observações lascivas.

— Sim, bem, eu sempre pensei que seu rabo é sua melhor característica, Robbie, meu amor. Você é bem-vindo a lançar ao lado e tentar organizar uma atribuição. Nenhuma dúvida, você teria sorte melhor com eles do que com as senhoras, mas aqui está a coisa, — Davey disse, sério agora, acenando para baixo seu riso. — Como as coisas estão, eu calculo que estarão em cima de nós nas próximas duas horas. Nós seremos atacados por piratas e esta tempestade sangrenta. O canhão não adianta agora. Aquela galera é muito baixa na água para eles fazerem qualquer dano em seu convés. Eu acho que eles nos superam em número, dois a um. As chances não são impossíveis, mas discrição é a melhor parte da coragem, cavalheiros, então aqui está o que nós vamos fazer. Nós vamos iluminar este navio e levantar mais velocidade, e nos preparar para a batalha. Eu quero todos os homens armados e preparados para lutar, com mosquetes, cutelo e piques de embarque prontos, e quero nossos melhores atiradores estacionados no alto e as velas cruzadas, amarradas bem apertadas. Mexam-se, homens. Vamos fazer isso!

Gabriel dirigiu-se para o convés inferior para supervisionar e ajudar com o canhão. Curvando-se e lutando para manter o equilíbrio nas tábuas escorregadias, sua atenção foi capturada por Carlos Estaban, um suboficial português grisalho que se juntou a eles em Calais. Loquaz e afável, ele estava curvado sobre o portside, devolvendo o conteúdo do seu café da manhã. No momento seguinte, o navio, golpeado pela tempestade, se inclinou para a esquerda. Uma onda de água espumante inundou o convés, e Carlos se foi.

Gabriel piscou, cego pelo sal, e então o viu, agarrando-se desesperadamente ao trilho. Deslizando e cambaleando pelo convés inclinado, ele se lançou até o homem aterrorizado, segurando seu colar encharcado, apoiando-se contra o trilho para segurá-lo enquanto a água girava em torno da cintura, sabendo que se o deixasse ir, não haveria maneira de voltar para ele na tempestade. Ele estaria perdido. Enquanto o *L'Esperance* se esforçava para se endireitar, Gabriel agarrou seu companheiro encharcado mais apertado, e começou a levá-lo de volta sobre o trilho, mas o mar não estava prestes a soltar o que havia reivindicado como seu.

À medida que o lastro deslocava-se para a direita nas encostas montanhosas, eles eram atingidos por uma poderosa onda que inundou o convés novamente, soltando um dos canhões dos homens que estavam lutando para controlá-lo. Deslizou no convés inclinado até eles, parando com um aperto doentio, prendendo Gabriel, apertando seu antebraço, esmagando suas costelas, e arrebatando seu casaco, antes de colidir através do trilho nas águas

traiçoeiras abaixo, levando ambos com ele.

Gabriel lutou freneticamente para libertar-se enquanto o canhão despencava nas profundezas escuras. Ignorando a dor, ele se livrou de seu casaco. Escapando da mortal âncora que o estava puxando para a morte, ele rezou para alcançar a superfície, sufocando, vomitando e esforçando para prender a respiração enquanto seus pulmões se rebelaram e luzes dolorosas acenderam e piscaram na borda de sua visão.

Ele quebrou a superfície, desorientado, pulmões arfando, ofegando por ar, dor nojenta sacudindo através dele com cada respiração preciosa. Ele não podia ver nada. Ele estava completamente sozinho, à deriva entre as ondas. Carlos tinha desaparecido, assim como o navio, e o mundo parecia misteriosamente calmo e silencioso. Então ele vislumbrou o navio à distância, subindo de um cocho que jorrava água de todos os lados. Ele temeu que tivesse naufragado e ele sentiu uma onda de alívio quando não desceu. Em seguida sentiu uma punhalada de pânico quando percebeu que eles não sabiam que ele tinha caído, não havia nada que eles poderiam fazer para ajudá-lo.

Agarrando-se a uma dor intensa, ele lutou contra o desespero negro que ameaçava engoli-lo, focando toda a sua concentração em permanecer à tona e sobreviver de um momento até o próximo. Ele avistou *L'Esperance* novamente, a cerca de trezentos metros de distância agora, desaparecendo no horizonte, ainda lutando contra as ondas. Não havia nenhum sinal da galera que o perseguia. Ele continuou a observá-lo; não tinha ideia de quanto tempo ficou mergulhando no abismo e, de alguma forma, subindo, até que finalmente desapareceu de vista.

Ele estava cansado agora, cada movimento, cada respiração, uma tortura requintada com suas costelas quebradas apertando o em seu peito. Seu braço estava dobrado em um ângulo obsceno, o osso dentado exposto, enviando fagulhas agudas de agonia percorrendo-o enquanto tentava ficar à tona. Ele esperava que não houvesse tubarões. Isso seria um maldito caminho desagradável. Há muito tempo ele pensava que estava acostumado com a dor, mas sua arrogância estava sendo estritamente ajustada. Bem, pelo menos, estava mantendo-o acordado. Se ele adormecesse, deslizaria entre as ondas em instantes. O divertiu, um pouco, que depois de lutar a maior parte de sua vida para dormir, gastasse o pouco que restava tentando ficar acordado.

***

Estava completamente escuro, e o frio o tinha agarrado. O céu havia desaparecido e a tempestade sumira sem deixar rastro, assim como o

L'Esperance e seus perseguidores. Os inchaços foram domados agora, balançando-o gentilmente. Ele estava fazendo o possível para se mover o mínimo possível, mas ainda usava suas roupas e botas, e havia duas espadas presas a ele, lhe pesando. Uma lassidão reconfortante o dominara há algum tempo, e a tarefa de removê-los parecia insuportavelmente complicada, mas não duraria muito nesse ritmo. Ele mal conseguia manter a cabeça acima da água como estava. Sufocando um gemido de dor, ele lutou para soltar o cinto da espada quando ele foi puxando para baixo da água por um golpe poderoso em sua cabeça. Cuspindo e tossindo, mal vivo, ele lutou instintivamente para ir a superfície. Era um pedaço carbonizado e quebrado do navio francês. Lutando para se manter consciente, o único som ofegante e lamentoso do ar em seus pulmões, lutou para se agarrar ao destroço. Em uma parte febril do seu cérebro ele imaginou que Carlos estava lá com ele, ajudando a puxá-lo, apertando-o da mesma maneira que Gabriel tinha feito por ele antes que ambos tivessem sido jogados ao mar, como brinquedos quebrados, na tempestade furiosa. Estava vagamente consciente de que o céu se tornava de um violeta profundo, e então, apesar da dor e da sede, e de sua própria determinação, dormiu.

Ele entrou e saiu da consciência. Às vezes ele estava deitado em um prado frondoso, uma mulher de voz suave embalando sua cabeça em seus braços, sussurrando quente em seu ouvido. Outras vezes, imaginava que o mastro quebrado estava lotado com Davey, Carlos, Robbie e outros membros da tripulação, incomodando-o com suas perguntas incessantes, que estava cansado demais para entender ou responder.

A dor excruciante retrocedeu para um rítmico pulsante. Em algum momento, você já não sentirá dor, ele estupidamente pensou, uma lição com que estava familiarizado, e nenhuma causa imediata de alarme. Tentando refletir para fortalecer o aperto, ficou vagamente alarmado quando seu corpo se recusou a responder. Ele sabia então que estava morrendo. Sentia-se em paz. Ele amava o mar. Ele só precisa se deixar escorregar em seu abraço calmante. Ainda… havia alguma coisa irritante nele, insistente, algo que precisava lembrar. Alguém. Sarah! Ele foi inundado com sua memória, seu cheiro, sua doce voz. Ela chamou por ele e não o deixaria ir. Ele conseguiu agarrar com firmeza o pedaço de mastro, puxando-se um pouco mais longe antes de desaparecer na escuridão mais uma vez.

A princípio, as vozes estavam distantes, indistintas, e ele escutou seu murmúrio vago e confusão com sublime indiferença, mas isso rapidamente se

transformou em aborrecimento. Ele queria que fossem embora e o deixassem em paz. Como para ofendê-lo, a conversa aumentou de volume e entusiasmo. Era uma língua estrangeira, que não reconhecia. Não, espere, sim, conhecia. Era… Árabe, e Francês. Mesmo quando percebeu isso, mãos ásperas agarraram-no, o arrastaram, esmagando seu ombro e seu braço contra algo duro e implacável, enviando ondas abrasadoras de dor que atravessaram seu corpo e o enviaram de volta ao abençoado esquecimento.

Capítulo 24

Gabriel despertou tossindo e com ânsia de vômito. Um forte aperto segurou seus ombros, firmando-o e segurando-o quieto. Os fragmentos dentados da dor atacaram cada movimento, cada respiração, e ele lutou para conter um gemido de dor, grato por qualquer força que o contivesse.

— Calma, *mon ami* — uma voz culta o repreendeu enquanto um copo de lata foi pressionado contra seus lábios. — Deve se manter tão quieto quanto puder. Você quebrou algumas costelas, parece. Precisa beber. É bebida fermentada de uma bruxa vil, eu sei, mas você está muito desidratado e nós recebemos muito pouca água. Se você espera sobreviver, precisa tomar o que for oferecido.

Gabriel lutou para se orientar. Sua cabeça estava batendo e um insistente pulsar irradiava para cima e para baixo pelo comprimento de seu braço esquerdo, que parecia estar em algum tipo de tala. Era uma tortura para respirar. Estava úmido, escuro e sufocantemente quente, e o cheiro de suor e medo era esmagador. Levou um momento antes de reconhecer os sons que ouvia, as batidas dos remos à medida que atingiam a água, o ranger e gemidos da madeira, acentuados pelo vento e pelo mar, e o som abafado da lona batido pelo vento.

Ele estava em um navio, e no porão. A memória veio-lhe de repente, num dilúvio de imagens. O navio de guerra atacado suspenso no recife, o céu sangrando com chama e fumaça, o mar raivoso cheio de corpos e detritos, e os olhos de Carlos, mudando de esperança selvagem para o terror e o desespero, quando o canhão os varreu para o mar.

— Você estava a bordo do navio francês, — grunhiu ele.

— Eu estava, realmente, — o estranho concordou. — Você devia estar a bordo daquele pequeno corsário que brincou com a gente por um tempo. Caiu dele então, não é? Bastante desajeitado você, se não se importar com a minha declaração.

Gabriel grunhiu em resposta.

— Por favor permita me apresentar. Eu sou Jacques Louis David, *Chevalier* de Valmont, ao seu serviço. Eu ofereceria a você uma reverência, mas não existe espaço, como você vê, e eu estou atualmente ocupado lutando heroicamente para lhe dar uma bebida. Seja um bom companheiro e faça um esforço para cooperar.

Os lábios de Gabriel estavam rachados e sangrando, sua garganta estava dura e dolorida, e estava precisando desesperadamente de água. Fez o melhor para beber o líquido de cheiro fétido que o francês estava tentando lhe dar, lutando para não vomitar enquanto engolia.

— Veja agora, isso não foi tão ruim, foi?

— Por que está me ajudando? — Gabriel estupidamente perguntou, exausto por esses pequenos esforços — Você me feriu, senhor, somos velhos amigos e companheiros de viagem, não se lembra?

A sobrancelha enrugada de Gabriel, então passou sem tocar como um pensamento o atingiu. — Você estava no mastro que me atingiu.

— Muito involuntariamente, eu lhe asseguro.

— Eu achei que havia outra pessoa.

— Sim, eu sei. Você continuou me chamando de Sarah. Eu fiquei muito afrontado.

— Você me puxou da água. Você salvou minha vida.

— Bem, eu estava chateado, você vê, e eu me senti um pouco obrigado depois de deixar você inconsciente. Você provou ser companhia muito pobre, entretanto.

— Eu não estou certo que você me fez algum favor, — Gabriel disse. Seu suspiro fez suas costelas rangerem dentro de seu peito. Gemeu, virou a cabeça e espiou através da escuridão. Havia uma fraca luz de uma grelha sobre seus olhos que estavam se ajustando à escuridão. O porão estava imundo, cheio de formas encolhidas apertadas, algumas delas chorando e gemendo. Acorrentados, nus ou em trapos, devia ter mais de cinquenta deles, deixando pouco ar para respirar. O calor e o fedor eram subjugadores.

— Bem, você não precisa me agradecer, então, mas há uma crença nessas partes, que se alguém é tão impertinente que interfere com o destino salvando a vida de outro homem, eles se tornam ligados, suas vontades entrelaçadas.

— Você não deve sentir qualquer obrigação, *Chevalier*. Eu asseguro a você que não tenho.

— Não obstante, *monsieur*, estamos acorrentados, dá uma pausa, quem sabe?… Talvez estejamos condenados a passar o resto da vida algemados em um banco, mais perto do que qualquer marido ou esposa… Você poderia pelo menos me dizer seu nome.

— *St. Croix*… Gabriel *St. Croix*.

— Ah, um colega francês!… Como é que você estava servindo num corsário inglês?

— Meu primo era o dono e capitaneava. Como é que você está servindo a República francesa, *Chevalier*?

— Oh, bem, não é mais uma república. Mais uma ditadura agora, realmente. Muito parecido com Ancien Regime, embora fossem as tendências republicanas e a habilidade militar que me viam seguramente através da revolução. Eu faço isto pela aventura, pelo o dinheiro, ofender meu pai, e sobreviver. Estes são tempos interessantes, não são? A fortuna faz estranhos companheiros de cama de todos nós.

Uma escotilha se abriu acima deles, causando uma súbita agitação de maldição e gritos e o barulho das correntes. Homens desesperados saltaram para cima, contorcendo-se, rasgando sua pele contra suas correntes enquanto lutavam para pegar os pequenos pedaços de pão preto que eram lançados em todas as direções, muitos deles aterrissando na lama e sujeira que cobriam o chão. *Chevalier* estendeu uma mão quase negligentemente, e recuperou um pão do ar, chamando de algo os seus captores antes de entregá-lo a Gabriel e pegar outro para si mesmo.

A fraca luz do dia pela escotilha aberta ofereceu a Gabriel sua primeira boa olhada em seu novo companheiro. Ele era fino, alto e bem feito. Os traços refinados estavam marcados por várias contusões e compensados por olhos afiados e penetrantes. Seus cabelos escuros estavam amarrados em uma fileira limpa com um pedaço de material rasgado de sua camisa esfarrapada. Ele parecia surpreendentemente elegante, apesar de suas correntes e trapos imundos.

— Fale-me sobre nossa captura, Valmont, eu perdi a maior parte dela, você sabe para onde estamos indo ou o que está por vir, e como é que você fala árabe como um nativo?

— Você tem sido muito afortunado em sua doença, *St. Croix*. Eu gostaria de ter perdido a maior parte dela. Por onde começar? Tenho a honra de realizar uma comissão como major no exército de Bonaparte. Eu estive em sua campanha egípcia. Nos últimos três anos, aprendi a língua árabe em Alexandria, pode-se passar com o francês, mas também se pode obter com intérpretes, o que se desejar. Pessoas do mais alto nível e mais refinado *status* social falam árabe, e eu pensei que valia a pena aprender… Nunca se sabe quando pode ser útil: o nosso navio carregava um tesouro, e eu estava levando despachos de volta para a França, quando nós encalhamos.

— Realmente? Nós estávamos nos perguntando se vocês valiam o risco, preferíamos esperar que seu capitão jogasse seus canhões sobre o lado para

que pudéssemos descobrir. — Bon Dieu, mas ele quase o fez! — Valmont riu. — No entanto, eu e três de seus tenentes o dissuadimos, mas o canhão não nos ajudou; mas agora, se os lançar pudesse ter feito a diferença… bem… não adianta prosseguir com essa corrente de pensamento. Você e eu fomos transportados a bordo há dois dias, e como disse, você teve sorte de estar inconsciente, eles são escravos, é claro, e o porão já estava cheio quando chegamos, eles resgataram, se é essa a palavra, cerca de trinta do navio que eu estava de uma tripulação de cento e cinquenta. Nós todos fomos examinados para determinar a nossa posição social, profissão e potencial para o resgate, então despojados, roubados de nossas roupas e espancados. Dois dos mais jovens, rapazes graciosos, foram tomados e não foram vistos desde então, — ele terminou sombriamente.

Deslocando-se um pouco, encostou o ombro contra a antepara e continuou, — Quanto a você, estava inconsciente, muito machucado, e meio afogado. Eles decidiram que você não valia a pena e estavam planejando lançar você para os tubarões quando eu tomei a liberdade de dizer a eles que você era um nobre muito rico, queridinho da sua mãe, e certamente daria um resgate bom. Bem, meu amigo, não existia fim de excitação quando eles olharam de mais perto. Uma boa pistola, duas espadas, uma delas uma lâmina de Toledo muito fina, roupas ricas e bonitas para arrancar. Eles concluíram que por suas armas e vestuário eu falei a verdade, e você trará um resgate saudável. Falhando isto, você é jovem e bonito suficiente para fazer muito bem em leilão. Eles tiveram o cirurgião colocando uma tala em seu braço e o deixaram em paz desde então. Eles até deram a mim uma ração extra da água para você, o qual tem sido uma grande operação para descer por sua garganta.

— E o que eles concluíram sobre você, *Chevalier*?

— Oh, quase o mesmo, — ele disse alegremente.

De fato, Jacques Louis David, *Chevalier* de Valmont, era o filho mais moço e dissoluto de um duque francês desse nome, e provavelmente conseguiria um resgate muito fino.

***

Quando abordaram no porto de Algiers, foram empurrados e agrupados sobre o convés com chicote e espancados. Gabriel mal conseguia se levantar. Ele estava magro, pálido, e muito desidratado. A água suja e condições imundas de seu cativeiro, combinado com seu estado debilitado, lhe haviam dado disenteria. Seu braço estava quente e inchado, e pulsando com uma dor enfadonha que explodia em choques abrasadores de agonia, sempre que ele era

empurrado ou tocado.

Cada movimento raspava em seu peito e seu lado, e cada respiração era um tormento. Enquanto se arrastaram de seus trapos, correntes que chacoalhavam e batiam no pulso e no calcanhar, ele foi forçado a se apoiar em *Chevalier*.

O treinamento e a força do hábito o tornavam observador, e apesar de seu estado enfraquecido, examinava a cena diante dele, procurando informações, fraquezas e oportunidades. A cidade foi construída ao lado de uma colina muito alta, afilando-se para cima tão abruptamente, que do mar podia ver quase todos os edifícios. As casas eram caiadas de branco e, à distância, a cidade parecia flutuar e brilhar, lembrando um iceberg do Atlântico Norte intocado, que se desvanecia à deriva.

Estava bem fortificada, cercada por dois muros com cerca de vinte metros de comprimento, e que parecia elevar-se quase cem metros em alguns lugares. A parede externa era defendida por canhões de latão e uma trincheira de quarenta pés de largura. *Agora isso vai ser difícil para um cristão escapar*, ele pensou tristemente.

Eles foram conduzidos pelas docas e passaram pelos portões da cidade para serem exibidos pela rua. A principal avenida estava cheia de pessoas de todas as nações e todos os vestuários imagináveis. Gabriel podia ver turcos observando à distância, sentados em tapetes e carpetes, fumando tabaco. Havia mouros e janízaros em túnicas até os joelhos, berberes em capas encapuzadas e renegados que usavam moda europeia dos últimos cinquenta anos. Havia uma cacofonia de gritos e maldições que eram empurradas e golpeadas por uma multidão, que lançava imprecações, recusas e abusos.

Ocasionalmente, podia ouvir vozes europeias gritando perguntas, implorando notícias de casa. Ele estava tropeçando agora; *Chevalier* teria que levá-lo logo, ou deixá-lo à mercê dos guardas e das multidões. Uma tranquila calma o invadiu. As vozes ao seu redor recuaram para um murmúrio reconfortante. O sol parecia mais brilhante, as cores mais variadas e coloridas, e o tempo parecia suspenso. Os edifícios em volta dele eram impossivelmente adoráveis. Construídos em torno de pátios encantadores, enfeitados com galerias apoiadas por elegantes colunas arqueadas, seus telhados planos e terraços eram unidos por escadas e pontes e cobertos com jardins no terraço, que eram muito como ele os tinha imaginado da varanda de Sarah. Seu devaneio foi interrompido por um pontapé particularmente maligno que o enviou tropeçando de lado, só para ser corrigido por Valmont.

— Cuidado, *mon vieux*, se você cair aqui, pode nunca se levantar.

Apreendido por um espírito de perversidade, Gabriel parou e virou-se para a multidão, curvando-se e dando-lhes uma saudação simulada, seguida por um gesto rude para os homens que o atingiu por trás. A multidão rugiu de indignação. Um chicote rachado, colocou uma listra pungente em suas costas apenas momentos antes de uma clava atingir sua cabeça, enviando-o amassado para o chão.

Capítulo 25

Gabriel estava deitado, seu rosto pressionado contra um pano de linho fresco. O alívio o inundou. Isso tudo tinha sido um sonho terrível. Ele podia ouvir uma voz suave, murmurando perto, e sentiu uma mão fresca contra sua fronte. Sarah! Ele pensou, sorrindo satisfeito, como sempre vindo salvá-lo de seus pesadelos. Ele a agarrou, mas a mão se retirou. Ele pensou que podia ouvir o rugir de bestas selvagens ao longe. Isso era estranho. A cama rangeu e seu peso se deslocou quando alguém sentou ao lado dele.

— *Bienvenue, mon frere*, você retornou dos Campos Elíseos afinal. Sinto-me muito angustiado que leve a tais extremos para me evitar. Eu asseguro, sinceramente, que em alguns lugares sou considerado um companheiro agradável.

Gabriel girou e examinou os olhos cinza preocupados. — Valmont, — ele coaxou.

— Realmente, é, meu amigo. Você tem estado delirando nos últimos dias. Desde que foi rude para nossos anfitriões e eles bateram em sua cabeça muito dura.

Gemendo, Gabriel levantou a cabeça e olhou ao redor. Ele estava deitando em uma cama simples em um quarto limpo e espaçoso. Existiam mesas de trabalho ao longo da parede, e homens ocupados, vestidos como europeus e árabes, conversavam seriamente em voz baixa em um canto. Existiam várias outras camas, mas só três delas estavam ocupadas. Ele ouviu o rugido inconfundível de um leão. Surpreendentemente, ele estava sentindo pouca dor. Certamente suas circunstâncias pareciam ter melhorado. — Onde estamos?

— Nós estamos no *bagnio* do *Dey de Algiers*, junto com seu zoológico, com mais ou menos outros trezentos escravos, e vários habitantes locais do tipo criminoso. Felizmente, nós estamos alojados na enfermaria. Você está aqui porque está doente, eles temem que morra, e você é considerado valioso. Eu estou aqui porque se acredita que eu seja eminentemente resgatável, entretanto minha família e várias senhoras de meu conhecimento podem discordar. O que você estava pensando, provocando a multidão e nossos guardas daquele modo? Eu estava certo que era o seu fim. Eu fiquei pasmo quando eles o levantaram e o trouxeram aqui. Alguém marcou você como um bom investimento.

— Eu não sei, — Gabriel respondeu com tristeza. — Eu acho que sou

tomado por um espírito de perversidade nos momentos mais inconvenientes.

— Ah, sim, conheço esse sentimento bem, — *Chevalier* disse com um sorriso.

— As coisas parecem ter melhorado, entretanto. As acomodações são melhores e eu não estou sentindo dor.

— Eu espero que não! Você foi tratado com suficiente láudano para derrubar um elefante. Você está ainda gravemente doente e pode morrer, e as acomodações além deste quarto são quase tão ruins quanto as do navio. É imundo. Os homens são acorrentados, espancados e chicoteados, e a maioria dorme ao ar livre no chão nu. Aqueles que não foram vendidos em leilão são levados para fazer trabalhos forçados do amanhecer até o crepúsculo, e alimentados um pouco melhor do que quando estávamos no porão. Quando sua saúde melhorar, se nós falharmos em assegurar um resgate rápido e saudável, nós logo estaremos nos juntando a eles.

— Obrigado por suas palavras confortadoras, Valmont.

— Você é mais que bem-vindo, *St. Croix*. Eu confesso, entretanto, que estou um pouco preocupado.

— Verdadeiramente? Há algo que o preocupa nas nossas circunstâncias presentes, *Chevalier*?

— Sim, — ele respondeu, ignorando o sarcasmo. — Considere que nós nunca estivemos no Dey. A prática é para desfilar os novos escravos diante dele, então ele pode escolher aqueles que deseja manter ou permitir o resgate. Se nós fomos vendidos clandestinamente, não seremos listados, e portanto não protegidos ou levado um anúncio a qualquer embaixada europeia. Também significa que o comprador está correndo um muito grande risco e dever estar esperando um retorno digno. Eu sei que não valho a pena um risco tão extraordinário, então deve ser você, *St. Croix*. Quem é você?

— Eu não sou nada, nem ninguém, *Chevalier*, — Gabriel disse, genuinamente perplexo.

— Isto é lamentável. Parece que nosso novo mestre pode ter uma decepção severa, que ele terá se provavelmente nos visitar.

Gabriel moveu-se agitadamente quando os efeitos do láudano começaram a dissipar. Cansado pelo esforço de conversar, sobrecarregado novamente pela dor familiar em seu braço e peito, ele se permitiu ficar à deriva, recuperando e perdendo a consciência. *Sarah, onde está você? Eu estou tão só aqui, tão cansado*, mas não importa o quão duro tentou, não a podia encontrar novamente. A voz de *Chevalier* soava continuamente no fundo, até os enfermeiros chegarem

e o espantaram para longe. Exausto, ele se afastou para dormir.

***

Sofrendo de uma infecção massiva, Gabriel pairou perto da morte por vários dias. Tinha sido prometida ao cirurgião principal uma bolsa robusta de ouro se seu paciente se recuperasse, e ele aplicou todo o seu conhecimento e uma atenção considerável para ganhá-la. A disenteria e desidratação foram tratadas com sais medicinais e grandes quantidades de líquido. Ele era sedado com láudano para reduzir seu movimento e sua dor, e seu peito foi firmemente imobilizado para manter as costelas paradas quando ele tossia. Seu braço quebrado foi reajustado corretamente e o tecido morto foi cortado fora do ferimento antes de ser tratado com sal, costurado, então imobilizado e enfaixado novamente. Felizmente, ele permaneceu alheio a tudo isso. Jovem e forte, lentamente começou a responder.

Quando sua febre enfraqueceu e sua condição melhorou, a dosagem de láudano foi gradualmente reduzida. Quando finalmente despertou, ficou surpreso que mais de duas semanas se passaram. Preocupado por não ver nenhum sinal de *Chevalier*, ele conseguiu alcançar uma mão e pegar a manga de um dos enfermeiros. Quando parou, ele perguntou onde estava o seu companheiro.

— Foi, foi, — o homem respondeu um pouco nervoso. — Seu amigo foi vendido. Ele deixou a cidade.

Exausto pelo esforço, Gabriel fechou os olhos novamente. No pouco tempo em que ele o conheceu, ele veio para confiar na vitalidade e no inexorável bom humor de *Chevalier*. Ele tinha sido um companheiro amável apesar das circunstâncias difíceis, e ele sentiria a sua falta. Ele desejou-lhe bem, onde quer que ele estivesse.

Gabriel ficou novamente à deriva acordando e dormindo ao longo das semanas seguintes enquanto seus ossos lentamente se solidificavam e seu corpo se curava. Cebolas e laranjas, pão branco, passas e figos, tinham sido adicionados a sua dieta. Alguém queria que ele melhorasse, mas depois de mais de dois meses, ele ainda não tinha nenhuma ideia de quem ou por que. Era início de dezembro agora por seus parcos cálculos, e os dias estavam frescos e molhados. Ele estava certo que tinha dinheiro suficiente para comprar sua própria liberdade, mas não tinha permissão para ter caneta ou papel, e não tinha nenhuma oportunidade para escrever.

Sarah e Ross estariam decorando para o Natal, esperando Jamie vir para casa de Truro, esperando que ele e Davey chegassem a qualquer momento.

Davey diria a eles que ele estava morto, afogado, e ele não podia dizer a eles o contrário. Sarah iria… seu coração se apertou com a tristeza e angústia, e ele empurrou todos os pensamentos para longe.

Uma comoção na entrada chamou sua atenção. Vários homens entraram na enfermaria, carregando uma maca e conversando excitadamente em árabe. Do pouco que pode entender, o Dey estava vindo para inspecionar o *bagnio*. O dinheiro mudou de mãos, uma bolsa grande foi recebia pelo cirurgião, e então eles vieram até ele.

— Se apresse, se apresse, — estimulou o cirurgião, — você deve sair imediatamente. — Gabriel resistiu, lutando para ficar em pé, mas o cirurgião o empurrou de volta. — Não, não. Você foi vendido. Você não pode mais ficar aqui. Você deve ir para sua nova casa. Para seu novo mestre. Talvez ele deixe você escrever. Talvez ele vá resgatá-lo. Vá agora. Estes homens estão aqui para levá-lo até ele.

Sentindo os primeiros sinais de esperança desde o início de seu cativeiro, Gabriel não ofereceu nenhuma resistência adicional. Eles foram apressados pelo pátio e saíram para a rua. Gabriel estava se sentido muito melhor nas últimas duas semanas, e com sua força retornada, teve todas as oportunidades para se mover na enfermaria, agarrando-se às mesas e paredes até pode se mover sozinho. Ele tinha sido cuidadoso para parecer perigosamente cansado, fingindo desmoronar em algumas ocasiões, achando isto prudente para parecer o suficientemente doente e fraco, mas também melhorando, para não causar suspeitas. Agora, com eles atravessando a cidade, estava alerta e vigilante. Não era sua intenção escapar. Não ainda. Seria mais sábio esperar e ver se poderia organizar um resgate.

Ele ficou encantado, no entanto, quando sua escolta se dirigiu para o portão ocidental e para fora da cidade. Com as paredes da cidade atrás dele, suas chances de fuga aumentaram dramaticamente. Ele perguntou em seu fraco árabe para onde estavam indo, e foi algemado aumentando suas dificuldades, mas ele recebeu uma resposta ranzinza.

— Nós vamos para Bilda, escravo, doze milhas para o oeste. Nós devemos levar você toda essa distância quando você que devia estar nos levando. Agora feche sua boca antes de eu a feche para você.

Gabriel suprimiu um sorriso. As coisas estavam definitivamente melhorando.

***

Bilda provou ser melhor do que tinha ousado esperar. Aninhada em baixo

das nevadas Montanhas Atlas, pacífica, adorável, e perto de Algiers, se tornou o local preferido de muitos governantes turcos que não precisavam das guarnições e fortificações que muitas outras cidades tinham.

Eles se aproximaram de uma grande casa retangular que incluía um pátio ladrilhado com dois mananciais, um jardim provido de grades bonitas, e um luxuriante pomar de árvores frutíferas. Gabriel notou dois homens bem armados guardando a entrada. Mais dois guardas estavam estacionados no telhado plano. Ao norte ficavam os estábulos, e de relance viu o vislumbre de focinhos delicadamente formados e olhos brilhantes, sem dúvida eram os corcéis árabes que Sarah tanto admirava. Parecia que seu protetor — se recusava a usar a palavra dono — era um homem rico.

— Você está aqui agora, escravo. Caminhe. — A maca foi largada, derramando Gabriel no chão. Ele se levantou depressa, escovando pó de suas mãos, sorrindo perigosamente.

— Você acha que pode me olhar nos olhos, escravo? Você tem muito para aprender. — O guarda o atingiu com um golpe no rosto, dividindo seu lábio e tirando sangue. — O mestre logo terá você implorando e sacudindo seu rabo como o cão que você é.

Incapaz de ajudar a si mesmo, Gabriel o olhou nos olhos novamente, os seus próprios reluzindo duramente, e cuspiu o sangue aos seus pés.

— Você ousa! — O guarda rugiu. Jogando-o no chão, ele puxou o chicote e começou a bater nele os outros se juntando, o chutando, e o esmurrando enquanto estava deitado no chão, joelhos de encontro ao seu peito, tentando proteger suas recentemente curadas costelas. Ele suprimiu um grito quando seu braço enfaixado foi atingido por um pontapé violento.

Combatendo as náuseas, ele refletiu que Davey poderia estar certo quando disse que discrição era a parte melhor da coragem. Sua vista começou a escurecer e ele se rendeu agradavelmente à onda negra que o puxava, quando uma voz brava ao longe estalou comandando.

— O deixe em paz! O que estão fazendo seus tolos? Como ousam! Vocês pagarão por isso. Vocês todos sentirão muito. Agora o ergam e me sigam.

A voz era vagamente familiar e ele lutou para a reconhecer, mas antes de poder, a escuridão o puxou.

Capítulo 26

Gabriel abriu seus olhos e soltou um suspiro longo. Isto estava se tornando um hábito ruim. Ele tinha desfalecido como uma insípida donzela de sociedade, e cada vez que acordava estava machucado, confuso, em algum lugar novo. Ele não precisou mover ou virar sua cabeça para ver que estava trancando em uma cela. O triste quartinho tinha mais ou menos oito pés de largura e continha uma cama, um tamborete, e um jarro para a água, e estava algemado pelo tornozelo na parede. Uma janela minúscula com grades de ferro, perto do teto e muito alta para olhar para fora, oferecia pouca luz. Frustrado, ele sacudiu sua perna, chacoalhando a algema.

— Isso pode ser muito chato, *St. Croix*, quando um companheiro está tentando dormir.

— Valmont! — Gabriel levantou de sua cama, só para cair de volta quando ele alcançou o fim de sua algema. *Chevalier* estava na cela da frente, sentando de pernas cruzadas em sua cama, saudando-o com um sorriso e uma onda. Seu rosto estava contundido e inchado, e ele aparecia ter sido espancando.

Gabriel sorriu também, e deu a ele uma profunda reverência. — Minhas desculpas, *monsieur*. E devo dizer, que verdadeiramente não apreciei a sua companhia agradável, até ser privado dela. É muito bom ver você, *mon ami*.

— Infelizmente, é sempre assim, *St. Croix*. Ninguém parece me apreciar até eu ir embora. Poderia fazer uma pausa mais introspectiva. Eu estou muito contente de ver você, também. Você estava tão mal quando parti, que não esperava que sobrevivesse.

— Eu não sou fácil de matar, *Chevalier*. Você sabe o que estamos fazendo aqui? E o que aconteceu com você? Você parece uma polpa sangrenta!

— Eu tenho uma ideia. As contusões se devem a ter encontrado o nosso mestre, e ele tem tentado me persuadir a me converter, bem, modo de falar, de qualquer maneira. Eu provei não ser cooperativo até agora, e então ele me castiga, — disse com um encolher de ombros.

— Você não me parece um mártir religioso, Valmont.

— Eu não sou, meu rapaz. Não é *este* tipo de conversão que ele busca, — respondeu com um sorriso leve.

— Ah, entendo. Eu esperava que tivesse sido resgatado, Jacques. Há quanto tempo você está aqui? Você já contatou sua família?

— Eu estou aqui há dois meses agora, Gabriel, e sim, escrevi para minha família e recebi uma resposta rápida.

— E então? Eles vão resgatar você?

— Ai, não, eles se recusaram. Meu pai explicou para mim muito sucintamente em sua carta. Parece que minhas opiniões são muito republicanas, meu gosto por mulheres, de muito mal gosto, e meu senso de dever e humildade para com meu pai, inexistente. Ele me renegou por escrito, com muita satisfação. Ele fez muito no passado, claro, mas eu achei isto bastante metafórico, algo para ser resolvido um dia com lágrimas sinceras, et cetera. Eu esqueci como cordialmente ele me detesta. Ele sempre duvidou que eu fosse verdadeiramente seu filho, você vê. Dificilmente o pode culpar. Minha mãe sempre se encantou em agir como uma prostituta, e ele sempre foi um maligno e vingativo bastardo. — Eu fui abandonado ao meu destino, e será mais conveniente e não menos desagradável para ele se nunca encontrar meu caminho para casa. Ele acha que seu segundo filho menos-que-obediente, e menos-que-certo, está sofrendo merecidamente por seus muitos pecados. Suas palavras finais foram, '*que sua escravidão o ensine a submissão e humildade, que você nunca aprenderia comigo. Vai ser bom para sua alma*.'

— *Ma foil*. Ele soa como um pai antinatural e um tirano sádico.

— Ah, você o conhece então. Mas não me dê atenção, entretanto, eu imploro. Tem sido uma semana difícil, mas eu não devia ter sobrecarregado você com tal tolice sentimental. E quanto a você, amigo Gabriel? Você tem alguma notícia de resgate?

— Não, — Gabriel respondeu brevemente. — Não me foi dada a oportunidade para escrever ou contatar alguém.

— Isto é preocupante, ouvi coisas perturbadoras sobre nosso protetor, e depois de encontrá-lo não duvido que sejam verdade. Ele parece ter estabelecido comércio florescente comprando e vendendo para um certo tipo de cliente. Embora não sejam aceitas, tais práticas são difundidas. Sem dúvida ele buscará me vender para algum sodomita fervoroso agora que sou inútil para resgate. Eu não tenho nenhum talento para humildade ou submissão, como meu pai querido já notou. Eu não tenho muito tempo neste mundo, espero. Sem dúvida ele pretende fazer o mesmo com você, uma vez que está completamente recuperado.

— Então nós devemos nos aplicar diligentemente para nosso próprio resgate, *Chevalier*.

***

Eles foram deixados em paz ao longo da semana, enquanto se recuperaram de seus respectivos espancamentos. Sua única visita era um escravo mudo, de idade avançada e origem indeterminada, que nunca os olhava. Ele vinha uma vez por um dia para lhes trazer comida, água fresca, e remover o balde. A comida era passável e abundante, e Gabriel estava se recuperando depressa, exercitando-se da melhor maneira que podia em sua cela, e praticando os mortais passes que Davey ensinou com espada e cutelo imaginários, trabalhando para recuperar suas forças.

Chevalier estava lhe ensinando árabe, e passaram grande parte do seu tempo conversando neste idioma, discutindo o que tinham visto do complexo, e como poderiam planejar uma fuga. Gabriel continuou a exagerar sua debilidade, mesmo que apenas na presença do velho escravo, mas na verdade se sentiu atordoado e desorientado em alguns momentos, e seu sono era como os dos mortos.

***

Era quase Natal, e Jamie voltou para os feriados. Eles festejaram a data e agora ele estava deitado, seu estômago estirado, preguiçosamente olhando *o fogo crepitando alegremente na lareira, afugentando o frio de dezembro. Ele mudou de posição para dar lugar para ela, quando veio se sentar ao lado dele na cama, eles dois hipnotizados pelas chamas. Ele sorriu e ronronou quando ela começou a correr sua mão suavemente de cima abaixo em suas costas, acariciando suas nádegas. Ela se debruçou bem perto de seu ouvido para sussurar.*

— Toque de alvorada, *mon ange*.

Um parafuso de gelo o atravessou, parando seu coração, gelando seu sangue e sua alma. Seus olhos abriram de repente e encontraram Valmont, olhando silenciosamente do outro lado do corredor. Sua respiração ficou áspera e irregular, e ele se transformou em pedra, incapaz de se mover, com aquelas mãos odiosas repousando sobre o fundo de suas costas. Deliberadamente, ele diminuiu a velocidade de sua respiração e se esforçou para se blindar, encontrando aquele espaço frio onde nenhuma salvação podia entrar. Ele sabia o que precisaria fazer para sobreviver. Quando achou isto, ele pôde responder.

— Eu estou acordado, *De Sevigny*.

— Bom, bom! Estou tão contente que se lembre de mim, Gabriel! Eu tive muita dificuldade para adquirir você. Eu suspeitei que era você assim que aquele pirata malvado o descreveu para mim. Ele sempre me deixa saber quando uma beleza chega para que eu o possa comprar primeiro. Você está tão

adorável quanto eu me lembro. Você devia realmente me chamar 'mestre,' entretanto, sabe, e eu devia castigá-lo por seu desrespeito. Mas eu quero que nós sejamos amigos, como fomos no passado. Você lembra? Então no futuro você pode me chamar *'Monsieur le Comte*.' — Ele bateu levemente nas costas de Gabriel antes de partir.

— Eu não quis perturbá-lo, meu querido. Descanse agora. Eu só vim ver como você estava progredindo, e renovar nosso conhecimento. Descanse agora. Eu tive que pôr láudano em sua comida para ajudá-lo a dormir. Eu quero vê-lo melhor. Eu tenho planos para você. — Ele virou para olhar Valmont. — Ele é muito bonito, não é, Gabriel? Ele é seu amante? Não? Bem, não importa, eu tenho planos para ele, também. Eu tenho planos para vocês dois.

Gabriel ficou lá, seus olhos pretos de raiva, seu coração torcido de ódio, sua alma fria e ainda assim, algo há muito dormente se agitou para a vida.

— Como é que você conhece este homem, *St. Croix*? Como é que você o conhece tão bem?

— Eu fui violentamente convertido quando criança, — ele disse categoricamente. E depois disso não havia nada mais a dizer.

***

Monsieur le Comte De Sevigny praticamente saltava os degraus da escada. Ele estava muito contente. Muito contente, realmente! Ele tinha se dado muito bem em Algiers. Ele tinha contatos aqui há muitos anos, e parecia um lugar ideal para ir quando o Terror varreu a França após a revolução. Ele se converteu ao Islã de boa vontade. Aceitar a circuncisão e lembrar em que direção estava Meca pareceu um preço pequeno a pagar pelas vantagens sociais que recebeu. Ele entusiasticamente entrou no comercio de escravos e era agora muito mais rico que do que tinha sido na França. Ele se especializou em fornecer homens e meninos bonitos, bem treinados, para venda privada para compradores exigentes.

Tinha sido sua intenção resgatar Valmont. O sangue dele era um pouco demasiado azul para sumir facilmente, mas surpreendentemente, sua família não o quis. Bem feito e notavelmente bonito, ele iria lhe trazer uma pequena fortuna, uma vez que estivesse corretamente treinado. Gabriel era outro assunto. Ele pensou que nunca o veria novamente. Ele tinha ficado enfurecido quando ele ousou ir embora, castigando-o e devolvendo-o para a fossa em que o achou. Mas existia uma qualidade nele, algo intocável e orgulhoso, uma reserva distante que ele nunca pôde romper. Tinha pensado nele frequentemente ao longo dos anos, e percebeu que nunca realmente possuiria o menino. Mas agora

possuía o homem. Seu corpo, pelo menos. E ele não ficaria satisfeito até possuir sua alma.

***

Gabriel permaneceu trancado dentro de si. Ele não comeu ou bebeu, sabendo que sua comida estava drogada. Ele não disse nada para Valmont, mal estava ciente de sua presença enquanto restabelecia as defesas que Sarah o fez abandonar. Ele relaxou, ficou fraco e imprudente, mas isso acabou agora. Isto era guerra, e para ser o vencedor precisava se focar. Ele precisava se segurar remotamente, isolado, e acima de tudo, se libertar do sentir — e pensar!

Ele passeava por sua cela o dia todo, inquieto, quase ávido para a batalha começar. Quando a chave chacoalhou no topo dos degraus estava preparado. Quando o *Comte* alcançou sua cela com dois guardas ao reboque, ele estava estirado em sua cama parecendo dormir. Ele deixou que Sevigny o sacudisse para acordá-lo, fingindo confusão e medo, olhando para ele com olhos soturnos, enquanto os guardas esperaram, de rostos impassíveis no corredor.

***

— Eu tenho sido muito paciente com você, Gabriel. Eu paguei bem para restabelecer sua saúde, e dei a você tempo para se curar, mas minha paciência está no fim. Não há necessidade de você viver nestas condições. Eu posso mudá-las assim, — *De Sevigny* disse, estalando seus dedos. — Se você se submeter a mim, eu removerei aquelas correntes e você viverá com conforto. — Ele se sentou ao lado dele, serpenteando um braço ao redor sua cintura e se aproximando dele. — Você gostaria, Gabriel, não é? Eu lhe daria ouro, um belo cavalo, roupas bonitas… e um banho. — Ele enrugou seu nariz e o deixou com uma risada. — Sim.

— Sim, o que? Fale mais alto, meu querido.

— Sim, eu gostaria disto. Ter roupas limpas e um banho para… estar livre, — Gabriel disse, a voz uma mistura de súplica e desafio.

De Sevigny sorriu, correndo um dedo por sua bochecha, e então agarrou sua mandíbula, forçando-o a olhar diretamente em seus olhos. — Então eu lhe direi como. Aqui. Agora. Hoje à noite. Você mostrará ao outro como se faz. — Ele olhou intencionalmente em direção a Valmont. — Você se esforçará para me agradar, Gabriel, e você me reconhecerá como seu mestre. Até agora, você está sendo tratado como um escravo. Prove para mim sua devoção, seja merecedor de meu favor, e eu o recompensarei. Eu posso até libertar você. Se falhar, ou se ousar me desafiar, eu não o matarei, nem retornará para o bagnio ou o venderei para o Dey. Eu terei você amarrado, e então farei uma venda privada. Existem muitos aqui que compartilham do meu vício, Gabriel. Eu me assegurarei de que

sua vida se torne um verdadeiro inferno.

***

— Eu não gostaria disso, *Monsieur* le Comte. Eu preferiria ficar com você. Eu posso obedecer.

— Você pode? Você mentiu para mim antes. Eu penso que terá que provar isto, meu querido, — ele disse, puxando a camisa de Gabriel e correndo sua mão através de seu peito. Gabriel estremeceu, se afastando. — Seus homens… minhas costelas… eu preciso de mais tempo. Eu… eu imploro.

— Você implora? Isso é bom, Gabriel. Isso é muito bom! Meus homens machucaram você, eu sei. Eles não deveriam, e foram severamente punidos, eu asseguro. Eu darei a você todo o tempo que precisar. Você vê o quão agradável pode ser quando nós somos bons um para o outro? Mas primeiro você deve me dar um beijo, mostrar para mim como você me ama. Você me ama, não é, Gabriel?

— Não, *Monsieur* le Comte.

De Sevigny explodiu em risos encantados. — Então você deve fingir, como fazia antes. Mostre para mim, Gabriel, e ao seu amigo. Ele precisa aprender. Beije-me, e então eu deixarei você em paz.

Ele não esperava por isso. Nunca tinha sido pedido a ele antes. Seus beijos eram para Sarah. Ninguém mais. Mas aquela vida estava se desvanecendo agora, quase sumido. Começou no momento em que caiu, golpeado e machucado severamente no mar bravo. *Monsieur* precisava ser convencido. Deixe os jogos começarem. Inclinando para frente, ele tomou o rosto *De Sevigny* entre suas palmas e o puxou suavemente para um beijo. Ele tocou em seus lábios, leve como uma pena, fingindo que era Sarah que estava beijando, seu coração se quebrou quando conscientemente sujou a coisa mais pura que eles tinham compartilhado, sabendo que fazendo isso, estava dizendo adeus para ela para sempre. Ele aprofundou o beijo, quase soluçando, e então se afastou. — Assim, Mestre?

Atordoado, *De Sevigny* se levantou. Usando a parede para apoio, ele tropeçou na cela como se estivesse bêbado. Os guardas trancaram a porta atrás dele, e o seguiram escada acima. *Chevalier* tossiu, mas não disse uma palavra.

Gabriel deitou imóvel, olhando fixamente para o teto. Ele queria matar *De Sevigny* quando ousou pôr as mãos nele. Ele quase sufocara de ódio, e suas mãos tinham se fechado em antecipação, agarrando a corrente. Ele a imaginou enrolando ao redor do pescoço e torcendo até quebrar as vértebras de *Monsieur* le *Comte* com rachadura satisfatória. Se ele fizesse isso, estaria

morto. Os guardas o teriam o matado, ou a justiça do Dey teria.

Dois meses atrás ele era um homem rico. Ele tinha uma esposa que amava, que o amou em retorno. Alegre e despreocupado, confiando em si mesmo e no seu futuro, ele se divertiu com isso. Agora, o destino o estava castigando por desafiá-lo, e ousar tomar para si mesmo o que nunca deveria ter querido. Era uma lição severa, cara e dolorosa.

Ele lembrou de algo que Davey lhe tinha dito há muito tempo. Tinha ressoado dentro dele porque sempre soube que era verdade. *Sua melhor armadura, é sua mente*. Ele precisava de si mesmo, para matar cada fraqueza incluindo a esperança. Tudo o que devia restar era a vingança. O destino podia tomar todo o resto dele, cadela maldita, mas ele não o deixaria roubar isso. A semente foi plantada. *De Sevigny* iria morrer.

Capítulo 27

Na noite seguinte, dois guardas vieram tirar Gabriel de sua cela. Valmont se sentou, olhando fixamente e intencionalmente para a parede. Eles não conversaram um com o outro desde a véspera, e não se falaram agora. A porta bateu se fechando e Gabriel foi escoltado corredor abaixo, subiu as escadas, e para fora na noite. Havia três homens postados no corredor, guardando o pátio e o acesso ao segundo andar e porões. Mais dois estavam postados no telhado. Ele observou tudo isso enquanto era levado, sujo e molhado, pela casa. Fontes refrescantes, ricos tapetes, jardins luxuriantes, todos os acessórios que um conhecedor como *De Sevigny* poderia exigir, mas ele não negligenciou a segurança.

Ele foi trazido para uma área com dois quartos ladrilhados luxuosos, uma habitação para um banho fumegante, retangular, e o outro com uma piscina refrescante. Tirando seus trapos infestados de vermes, permitiu que o atendente lava seu cabelo e o barbeasse, enquanto afundava alegremente na água aquecida. Seu calor era um bálsamo bem-vindo, que acalmou seus músculos doloridos e desgastados da pele. Quem teria pensado que uma coisa tão simples podia dar tal prazer? Quando ele terminou o banho, lhe foi dado roupas limpas e ajustada uma corrente ao redor de seu tornozelo preso a um peso de cinco libras (2,27kg) que teria que levar ou arrastar atrás dele. Pareceu não servir a nenhum outro propósito que humilhar e lembrar, mas tinha potencial como uma arma.

Sentindo que estava restabelecido, ele seguiu humildemente, enquanto era levado para outro corredor e parado na frente de uma porta grande, com adornos esculpidos. Mais dois homens estavam postados ali. A porta se abriu para um conjunto de quartos opulentos, flanqueado por uma galeria longa que mostrava toda a ala sul do edifício e ofereceu uma visão dominante do pátio, jardins, e estábulos abaixo. Outro guarda estava postado na frente de uma porta imponente entalhada com uma crista que Gabriel reconheceu de anos atrás. Esta deveria ser a suíte privada *De Sevigny*, e seus quartos de dormir. Até agora, ele contara dez guardas ao todo. O homem bateu na porta e *De Sevigny* abriu, sorrindo em apreço.

— Oh, mas, você se limpou muito bem, meu querido, — ele disse, acariciando ombro e o braço de Gabriel. — Você se tornou um jovem muito bonito. Você se sente melhor, agora que está limpo?

— Sim, *Monsieur Le Compte*, obrigado. Eu estou com fome, entretanto. Não como desde ontem.

— Ah, por causa do láudano. Era para seu próprio bem, sabe. Para aliviar sua dor e ajudar a dormir. Não obstante, se você não quiser, eu ordenarei que pare. Você me agradou, Gabriel, e achará que sou muito generoso quando estou contente. Você dormirá em meu apartamento de agora em diante. Eu tenho um quarto pequeno preparado para você próximo ao meu. Não é luxuoso, mas é uma grande melhoria de onde estava. Quando souber que posso confiar em você, sua situação melhorará. Descanse agora. Eu vou pedir comida, e falaremos novamente amanhã.

Gabriel foi levado para um pequeno quarto junto aos aposentos *De Sevigny*. Estava equipado com um tamborete e um colchão confortável, mas não oferecia nenhuma privacidade. Não tinha porta e era posicionado em plena vista da sentinela. *De Sevigny* o poderia querer, mas não confiava nele. Foi trazida uma refeição de guisado de cordeiro aromático, pão branco macio, sorvete de limão, uvas e vinho. Ele comeu ferozmente e saboreou o vinho. Tinha se passado mais que a metade do ano desde que comeu qualquer coisa tão boa. Limpo, saciado e confortável pela primeira vez em meses, ele se acomodou no pallet macio e caiu em um sono sem sonhos.

Na tarde seguinte o conde mandou trazer Gabriel até sua câmara. Ele estava vestido à moda turca, assim como Gabriel, e usando um magnífico punhal cravejado de joias em sua cintura. O guarda assumiu uma posição na porta aberta. O quarto era suntuoso a ponto de ser excessivo, mas havia várias características interessantes. A parede expunha uma coleção de espadas e outras armas, e os olhos de Gabriel faiscaram quando viu sua própria lâmina de Toledo lá. O conde a devia ter adquirido do pirata que o capturara.

Rapidamente examinou o restante do quarto, rezando para que *De Sevigny* não tivesse notado o seu interesse. Existia um piano que pareceu estranhamente incongruente no canto, uma fonte ornamental espirrando contra azulejos geométricos no centro do quarto, e um assento na janela longa com vista para a galeria e o pátio abaixo. Ele estudou o quarto, estudou o ambiente, e estudou o conde, como um predador estuda sua presa.

Jogaram xadrez, e *De Sevigny* ordenou que tocasse piano. Fez como ele disse, um pouco surpreso que, após algumas notas ásperas, a música voou de seus dedos como luz e sem esforço. Depois, cansado disso, sem pedir permissão, ele se levantou e foi para a sala de estar junto à janela, olhando para o pátio abaixo. Nenhum guarda lá, apenas serviçais e meninos do estábulo,

provavelmente todos escravos.

De Sevigny levantou e veio se juntar a ele, e Gabriel fechou os olhos, se preparando, sofrendo os beijos, as carícias insistentes, permanecendo mudo enquanto seu coração rolava de ódio. Ele não podia tolerar muito mais. Ele precisava matar *Monsieur le Comte* na primeira vez que estivessem a só, e ele precisava conseguir isso logo. Ele aprendeu muito na casa de Madame depois que deixou *De Sevigny*, e usaria isto agora, se afastando com suavidade e olhar encoberto. — Você prometeu me dar um tempo… Mestre. — Sua voz era sedutora, iludindo. — Você prometeu esperar, até eu ficar curado.

— Eu não prometi deixar você me fazer de bobo, entretanto, meu querido. Eu acho que deve ser examinado por meu próprio médico. Se eu achar que você está brincando comigo, eu o castigarei, Gabriel. Você entende?

— Sim, *Monsieur le Compte*. Eu entendo, — ele sussurrou contra os lábios *De Sevigny*, então voltando sua cabeça e sua atenção para o pátio abaixo.

— Deixe-me agora, Gabriel. Vá para seu quarto. Eu vou enviar meu médico para examinar você diretamente.

Gabriel levantou, curvando-se até o chão, e retornado a seu quarto para esperar. Ele reconheceu o olhar de *De Sevigny*. Ele deliberadamente provocava isso. Luxúria, cobiça e desejo. Ele tinha visto milhares de vezes. Anulava a precaução e o bom senso. O médico viria, examinaria Gabriel e o declararia saudável, e o conde se encantaria com a oportunidade para puni-lo por suas mentiras. Ele ia querer privacidade para fazer isso. A armadilha estava montada. Gabriel agora era um homem crescido, poderoso, mortal, treinado para matar, não a criança indefesa que o conde lembrava, mas *De Sevigny* não o podia ver. Cego por hábito e arrogância, se imaginava o todo-poderoso, e Gabriel estava bem treinando na obediência. Sua fome o governava. Não devia demorar agora.

O médico veio e foi, e Gabriel aguardou a convocação. Veio logo antes de meia-noite. Ele caiu em uma luz, dormindo. O guarda andou em sua câmara e chutou em seu pallet.

— O mestre quer você. Seja rápido. — Gabriel entrou na câmara com a mesma mistura de antecipação e medo que sentia antes da batalha. *De Sevigny* estava esperando, vestido com uma longa túnica de seda branca, um cinto de joias apertado ao redor de sua cintura, com um punhal atravessado nele. Ele batia um chicote contra sua bota. — Nos deixe, — ele ordenou ao guarda. Às pressas, o homem se curvou e saiu do quarto, fechando a porta atrás dele. — Eu estou muito desapontado em você, Gabriel. Você mentiu para mim. Meu médico

disse que não existe nada errado com você. Nada. — Ele sacudiu o chicote contra sua bota, fazendo apitar e estalar. — Eu queria tanto que nos déssemos bem. Mas você me força a castigá-lo.

— Eu sinto muito, *Monsieur Le Compte*. Era só um jogo. Eu pensei que o divertiria.

— Venha aqui.

Gabriel se moveu adiante, olhando para o chicote com cautela. — Remova suas roupas.

— Eu disse que sentia muito. Eu não entendi o jogo que estávamos fazendo.

— Faça o que eu digo! — *De Sevigny* surtou. — Eu veria que está desarmado, — ele adicionou uniformemente.

Gabriel removeu sua roupa, abriu seus braços largos, e deu a volta em um círculo. — Eu não carrego nenhuma arma… Mestre.

— Eu não desejo castigar você, Gabriel. Se me mostrar a sua lealdade e sua devoção, eu o pouparei. — *De Sevigny* girou o chicote em suas mãos.

— O que eu devo fazer, Mestre? — Ele murmurou.

— Venha aqui, — disse *De Sevigny*, apontando para o chão na sua frente. — Ajoelhe-se.

Com o coração acelerado, respirando pesadamente, Gabriel se ajoelhou no tapete macio.

— Isso mesmo. Oh, meu Deus, tanto fogo e paixão em seus olhos! — Colocando uma mão em cima da cabeça curvada de Gabriel, o conde abriu sua bata com a outra, e inclinando-se, sussurrou, — Agora, ofereça a mim sua submissão, Gabriel. Mostre para mim que me ama. Você sabe como.

E então ele mostrou. Arrancando o punhal da bainha, ele a mergulhou na parte inferior da barriga do *Monsieur le Comte*, girando e torcendo-a com uma mão enquanto a outra fechava a sua boca, abafando seus gritos angustiados. Levantando-se em um movimento fluído, ele o fatiou do osso púbico até o esterno, o castrando e eviscerando, e o deitando aberto. Soltando o punhal, o segurou, deitou-o na vertical, o deixou olhando seus olhos para assistir seu choque e terror. — Agora você sabe o quanto eu amo você, — ele sussurrou, ferozmente em seu ouvido. Tirando a mão da boca dele, agarrou sua cabeça e o beijou barbaramente, enquanto a vida fugia de seus olhos. — Saiba que dou a você este beijo livremente, *De Sevigny*. É o beijo da morte. Agora vá para inferno! — Ele soltou o corpo, afastando-se, para assistir desapaixonadamente o fim do homem, sem vida, no chão.

Andando calmamente em torno do corpo e da grande poça de sangue, Gabriel

trancou a porta e imergiu na fonte. Ele gastou vários minutos esfregando todos os rastros de *De Sevigny*, seu toque, seu odor, seu sangue. Quando terminou, começou a vasculhar os baús do conde, lançando os tesouros que encontrava lá a esmo, sobre a cama coberta de seda. Um par de botas de couro de montar, uma capa finamente feita, luvas de couro revestidas de cobre. Ele abriu outro baú e sorriu ligeiramente, puxando dele um cinto de espada e uma couraça ornamentada com caligrafia de ouro, feita de correntes e chapas de aço preto.

Recuperando o punhal, ele se sentou na extremidade da cama e começou a trabalhar no ferro ao redor do tornozelo. Folgado e frágil, servia mais para decoração, um sinal de posse, e ele foi capaz de abrir com pouca dificuldade. Ele colocou as luvas, calça comprida, botas, e couraça, e amarrou o albornoz com o cinto de espada, antes de ir examinar as armas que decoravam a parede. Ele não se sentiu nu sem suas roupas, mas sim, sem uma arma, e agora se equipou com uma espada curta e pistola, como também com sua lâmina de Toledo. Desenhando com a lâmina um floreio, girou-a em sequência deslumbrante de manobras antes de a embainhar. Pareceu bom estar armado novamente.

Pegando ouro e joias de um baú ao lado da cama de *De Sevigny*, envolveu tudo em um pano de seda, amarando-o em uma bolsa pequena e colocando sob seu manto. As pessoas veriam o que esperavam ver, e ele não era mais um escravo. Agora ele era um rico *renegado*. Tudo estava quieto. Ele precisava de um momento para planejar e juntar seus pensamentos. Descascando uma laranja, se sentou de volta no assento da janela, uma perna pendurada para baixo, e olhou para fora na noite.

Capítulo 28

Os guardas teriam que ser mortos. Não poderia haver ninguém remanescente para identificá-lo ou disparar um alarme. Sua liberdade e sua vida dependiam disto. Ele tinha conseguiu evitar matar no passado, com exceção do alemão, e *De Sevigny*, claro. Não tinha sido necessário. Agora, ele estava repleto de energia, ainda abastecido por seu ódio, e Davey o treinou bem. Ele supôs que se acostumaria com isto. Ele desenhou o aço espanhol de sua bainha com um ruído metálico, lançando e a examinando, ponderando seu primeiro movimento. A única vantagem real que tinha era a surpresa. Ele precisaria ser silencioso e rápido.

Recuperando a corrente de onde a soltou na cama, a envolveu livremente ao redor do antebraço esquerdo e andou a passos largos até a porta, espada desembainhada. Erguendo a barra, ele chutou a porta e saiu no corredor. O guarda surpreendido hesitou um momento, piscando, surpreendido e confuso, não o reconhecendo no traje de guerreiro. Aquela fração de segundo de indecisão foi a sua última, quando a lâmina de prata azulada fatiou, cortando a artéria e osso. Seus lábios estavam ainda tremendo quando Gabriel espreitava corredor abaixo.

Ele soltava a corrente à medida que andava, esticando o comprimento de três pés e a balançando, dando impulso. As portas da suíte abriam para o exterior. Os guardas postados no outro lado da porta eram condicionados a impedir a entrada, não a saída. Eles estavam sentados em uma mesa jogando dados, quando ele estourou neles. A corrente agitou e voou pegando o primeiro na têmpora. O segundo homem deu um grito de raiva e saltou na sua direção, sua cimitarra cortando para baixo em um golpe mortal. Gabriel também se lançou a espada assobiou em cima dele, cortando o vazio. Dando impulso na corrente, a prendeu em torno da garganta do homem, estrangulando a respiração dele e o derrubando no chão. Amaldiçoando e rezando para ninguém ter ouvido o grito, Gabriel agarrou a corrente com ambas as mãos e as torceu enquanto seu oponente lutava pela vida, chutando e arfando, suas mãos desesperadamente tentando se soltar. Um puxão, um estalo súbito, e ele ficou quieto.

Com a respiração ofegante, Gabriel se inclinou contra a parede e deslizou para o chão. Ele tinha ficado meses sem a prática adequada, suas costelas estavam ainda doloridas, seu braço doía, e ele ainda tinha que recuperar suas

forças. Ele era afortunado por ninguém ouvir. A parte mais difícil estava ainda por vir. Na última contagem, havia pelo menos três homens de guarda no piso abaixo.

Descendo furtivamente pela escadaria, ele se manteve de costas para a parede, espada desembainhada e corrente pronta, e escondido nas sombras inspecionou a área. Um homem estava descansando com os pés em cima de uma escrivaninha danificada, de olhos fechados. Outro estava de costas para Gabriel, encostado contra um pilar fumando um cachimbo turco longo e olhando para o pátio. Ele não podia ver o terceiro.

Entrando no corredor, ele enviou a corrente que serpenteou pelo ar, derrubando rapidamente o guarda que dormia, e que nunca mais acordou. Ele largou a corrente quando o segundo homem saltou para trás, gritando por socorro, quando ele agarrou Gabriel pelo cabelo, levantando sua cabeça para cortar a garganta, mas Gabriel conseguiu agarrar seu pulso antes da lâmina descer. Com um golpe nas pernas o lançou ao o chão, ajoelhando em seu peito para cortar a garganta. Pegando um vislumbre de movimento refletido nos olhos do homem agonizante, ele girou sobre os pés, rodando para atingir o último homem no coração.

Peito arfando, com a respiração áspera, ele tropeçou até a mesa e vasculhou as gavetas, achando dois conjuntos de chaves. Enganchando uma lanterna nos dedos, ele abriu a porta para o porão, e desceu degraus abaixo. — Valmont? *Chevalier*?

Le Chevalier de Valmont se sentou, piscando com surpresa. — *St. Croix*? É você?

— *Oui, c'est moi.*

— *Bon Dieu*! O que aconteceu com você? Você parece com um príncipe do deserto!

— Não importa agora. Eu estou partindo, Valmont. Não há muito tempo, e eu quero estar tão longe daqui quanto possível antes do amanhecer. Você vem comigo?

— Sim. Sim, claro!

— Bom. Tente suas correntes com estas enquanto trabalho na porta. — Gabriel lançou um conjunto de chaves.

— O que… Como… O que aconteceu com os guardas? — *Chevalier* perguntou enquanto trabalhava na fechadura. — Ah, consegui!

— Eles estão mortos.

— Todos eles? — Ele perguntou incrédulo.

— Não, deve haver mais dois no telhado, e dois no portão da frente.

— Qual é o seu plano, e o que é de nosso… protetor?

— *De Sevigny* não existe mais, e meu plano é escapar, — Gabriel grunhiu, dando um empurrão na porta da cela com seu ombro, a forçando a abrir. — Venha, me siga.

— Como você o conhece? Ele era seu amante?

— Eu não chamaria disso, — Gabriel disse amargo. — Eu era um pouco mais que uma criança, Valmont.

— Você não é seu gigolô, então?

— Não! Saia, *Chevalier*, — ele disse perigosamente, — ou permaneça. Não quero discutir isso.

Castigado, mas ainda curioso, *Chevalier* seguiu Gabriel para o andar de cima. Inspecionando a carnificina no corredor, olhou seu companheiro com um novo respeito. Andando cuidadosamente sobre dois dos cadáveres no segundo andar, ele ficou surpreso por ver mais um cadáver quando entraram nos apartamentos luxuosos no fim do corredor.

— *Bon Dieu, mon ami*, você me assusta! Onde você aprendeu a lutar assim? — Meu primo me ensinou.

— O capitão corsário? Quem é este primo?

— Ele é chamado de Gyspsy Davey.

— É ele? Eu ouvi falar dele. Ele é um famoso capitão mercenário. Dizem que ninguém é melhor que ele. Que sorte ter tal homem como seu professor!

— Sim, muita. Vamos sair agora, Valmont?

— Sim, realmente, meu querido.

— Venha, — Gabriel acenou, — você pode se equipar aqui.

Duas coisas chamaram a atenção imediata de *Chevalier* quando entrou nos aposentos. Uma foi a fonte borbulhante espirrando contra os azulejos, e a outra foi o cadáver do seu antigo protetor, deitado no chão em uma poça de sangue. — Você esteve terrivelmente ocupado, eu vejo. É muito… eficiente. Na verdade, *St. Croix*, tenho que dizer que você é um dos homens mais eficientes que já encontrei.

— Se apresse por favor, Valmont. Tome o que você precisa e vamos.

— Sim, claro, depois de tomar um banho.

— Nós não temos tempo.

— *J'y suis, j'y reste*. Vá sem mim se precisar, Gabriel. Você cheira doce como pecado, mas faz seis meses desde que me limpei e estou coberto de sujeira. *Vou* tomar um banho.

— Se apresse, então, — Gabriel disse, pegando roupas para ele.

O *Chevalier* alegremente mergulhou na fonte, esfregando os longos meses de sujeira e porcaria antes de ficar satisfeito e se vestir.

— *Et bien, mon frere*. Qual é o nosso plano agora?

— Remover os sentinelas do telhado, deslizar até os estábulos e tomar alguns cavalos, remover os guardas do portão dianteiro, e tranquilamente sair da cidade como dois ricos *renegado*s. Você fala seu idioma fluentemente, nós dois falamos francês, e se estivermos bem armados e montados, ninguém questionará que nós não somos o que parecemos.

Com ajuda de Valmont, o plano de Gabriel se desenrolou exatamente como esperava. Bem antes do amanhecer, eles escaparam pelo portão e calmamente atravessaram a cidade, e ao amanhecer deixaram Bilda para trás e se aproximaram das Montanhas Atlas. As aventuras da noite tinham aliviado o constrangimento entre eles, e sorriram um para o outro, intoxicados com seu sucesso e o gosto da liberdade. No meio da manhã, viram uma grande caravana à frente deles, e um grupo de cavaleiros se aproximando rápido pelo leste. Gabriel agarrou sua espada, mas Valmont pegou seu braço, o segurando.

— Eles não são de Bilda. Eles vêm da direção errada, *mon vieux*, e há muitos deles para lutarmos. Nós devemos descartá-los, ou fugir.

Rodando para enfrentá-los, Gabriel deixou o cavalo dançar sob seus pés, e jogou sua capa para trás, exibindo suas armas e armadura. *Nós não somos escravos fugitivos. Eu sou um renegado, um homem rico e perigoso, e será como Allah quiser*, pensou com um sorriso diabólico.

Eles surgiram em uma nuvem de poeira, uma coleção heterogênea de turcos, mouros, e europeus, movendo-se ao redor de Gabriel e Valmont, cavalos bufando e empinando, rédeas titilando, cercando-os, se aglomerando juntos. Gabriel os olhou impassível, se equilibrando na montaria, enquanto *Chevalier* lhes dava um sorriso largo. — Bom dia, irmãos, — ele disse em árabe impecável. — Que Allah, lhe dê a paz dele, os guie e os mantenham seguros. Há tão pouco espaço nesta vasta planície para que vocês nos incomodem com o seu pó?

Bom, Gabriel pensou. *Ele sabe como jogar este jogo*.

Aquele que parecia ser o líder, um loiro, de olhos azuis, barba gigante em uma combinação de traje turco e armadura espanhola, acenou de volta para os outros homens atrás. — Seu perdão, amigo. Nós protegemos a caravana e não pudemos deixar de ficar curiosos porque dois estranhos com espadas e pistolas nós seguem de tão perto.

— Por quê? Você nos toma por ladrões? — Valmont disse com indignação crescente, colocando sua mão no cabo da espada, como Gabriel fez.

— Sem ofensa, irmão. Nós meramente estamos fazendo nosso trabalho. Eu simplesmente quero saber quem são vocês, e por que estão aqui.

— Nós somos *renegado*s, da mesma maneira que vocês. Nosso empregador formal irritou o Dey, e nós achamos prudente buscar emprego no Marrocos, pelo menos durante os meses do inverno, enquanto os navios estão no porto.

O homem loiro assentiu com a cabeça, e então se virou para olhar para Gabriel. — E você, irmão. Qual é sua história?

Gabriel encolheu os ombros. — Mohammed paga melhor do que Jesus, amigo.

Todo mundo caiu na risada, aliviando a tensão. — Sigam conosco então, irmãos. As montanhas são perigosas, e percorrem a mesma rota. Vocês podem nos ajudar a proteger a caravana, e estarão mais seguros conosco do que sozinhos. Meu empregador é um homem sábio e generoso. Nós vamos encontrá-lo em Meknes. Ele pagará a vocês. Ele pode até oferecer a vocês um emprego adicional.

Eles tinham pouca escolha além de aceitar. Era uma oferta generosa dada suas supostas circunstâncias, e certamente levantaria suspeitas se recusassem.

***

Treinados para lutar, intrépidos e acostumados à companhia de homens rudes, Gabriel e Valmont se ajustaram facilmente à tropa mercenária, e foram muito cuidadosos nos horários de oração, se prostrando ajoelhados, cabeças em direção a Meca, a cidade santa onde fica a tumba do profeta Maomé, sempre que todos o faziam.

As passagens das montanhas ásperas e desoladas eram o lar de inúmeros bandidos e ladrões, na sua maioria pobres e desesperados membros de tribo de Berber ou Kabyles, e a emboscada era uma ameaça constante. Alguns dias, eles montavam a frente com a vanguarda, verificando cada colina e passagem, expostos, vulneráveis, e alertas para o perigo. Outras vezes viajavam na retaguarda, sacudindo o pó de suas vestes e cuspindo grãos de areia dos dentes, guardando a caravana de ser assaltada por detrás. Em bons dias eles montavam ao longo dos flancos. Existiam várias escaramuças no caminho. Eles perderam dois de seus homens e abateram pelo menos uns vinte bandidos, arcos e flechas não eram páreo para mosquetes. Gabriel supôs que devia ter sentido alguma piedade, mas não sentia mais nada.

Cruzando a fronteira no Marrocos, eles trocaram bandidos desajeitados por

guarnições de soldados, e montanhas cobertas de neve por fortalezas cobertas de picos. Havia estradas bem definidas agora, oliveiras e fazendas, e abutres circulando ociosamente acima deles. O sultão atual, Mulai Slimane, tinha lutado uma guerra civil pelo controle do país com facções de Fez e Marrakech. Isso resultou em uma colheita pobre para um povo simples tentando levantar suas colheitas e famílias, e um abundante número de mercenários e outros agentes de guerra.

Eles chegaram a Meknes ao pôr-do-sol com o melancólico chamado dos muezins se espalhando sobre a cidade, chamando os fiéis para oração. Eles se prostraram vinte vezes na direção de Meca, e entraram na cidade. Gabriel e *Chevalier* decidiram que iriam se despedir aqui, e se dirigir à costa. Eles esperavam se juntar a uma tripulação de corsários para a primavera, de forma que pudessem achar uma maneira de escapar através do mar para a Europa. Infelizmente, *el Inglezi*, seu capitão, tinha outras ideias.

— Eu não posso permitir que vocês partam, irmãos. Vocês têm sido muito úteis, na verdade, mas suas circunstâncias me aborrecem. Dois europeus, deixando Algiers com um pouco de pressa, e agora com uma pressa maior para dirigir-se à costa. Eu seria negligente em meus encargos aduaneiros se não fizesse uma investigação adicional. E se vocês não são quem dizem? E se vocês são escravos, tentando escapar? Eu tenho só sua palavra. Mostre para mim que são circuncidados, e posso acreditar em vocês. — Ele acenou para seus homens. — Segure-os, e nos deixem ver, eh?

Com os olhos relampejando, Gabriel lançou sua capa e desembainhou sua espada tão depressa que faiscou. — Você é bem-vindo para tentar… Irmãos.

Chevalier desembainhou sua cimitarra e permaneceu atrás de Gabriel de forma que ficaram de costas um para o outro. — Isto deve ficar interessante, *mon frère*.

— Calma, calma, — el Inglezi riu, levantando mãos para apaziguar, mandando seus homens para trás com um aceno de cabeça, — não há necessidade disso. Nem todo convertido é circuncidado. É o costume, seguramente, mas não um requisito absoluto. Talvez vocês sejam quem dizem ser. Eu os apresentarei para meu empregador, como nós já concordamos. Ele precisa de bons homens. Há muitas oportunidades. Ele é um homem grande e importante. Se vocês o servirem, ninguém ousará questionar vocês, sim? Eu devo apresentar vocês amanhã. Agora vão e relaxem, cavalheiros. Vocês merecem.

Eles foram escoltados para uma agradável casinha completa com mobília

agradável, três empregados tímidos, e um cozinheiro. Eles não puderam deixar de notar o guarda postado intencionalmente fora da única saída. Depois de um banho, fazerem a barba, e uma excelente refeição com cordeiro, vinho, mel e damascos, Valmont virou preguiçosamente para Gabriel e arrotou. — Perdoe-me, caro amigo. Eu acredito, Gabriel, que nós acabamos de encontrar a versão civilizada da prisão maometana.

— Eu acredito que esteja correto, Jacques. É de longe superior à escravidão ou empalamento, entretanto. Eu proponho que nos curvemos graciosamente ao inevitável agora.

— Eu concordo, meu amigo. Oh, olhe! Que delicioso! — *Chevalier* ficou de pé com mais vivacidade que mostrou na batalha, quando duas jovens, dando risadinhas foram conduzidas à sala. — *Mais c'est charmant!* — Realizando uma reverência elegante e sorrindo de orelha a orelha, ele as escoltou galantemente à pilha de almofadas que serviram como sofá. — Deus do céu, *St. Croix*, mas esses maometanos põem muito mais esforço para recrutar um companheiro que seus amigos britânicos fazem! Eu estou bastante tentado. Você tem alguma preferência, ou nós devemos compartilhar?

— Eu deixo isto para você, *Chevalier*.

— Mas existem duas, *St. Croix*, uma para cada um de nós.

— Eu estou certo que você enfrentará o desafio, — Gabriel disse, juntando seu pallet e retrocedendo para a galeria coberta.

— *A votre santé* — *Chevalier* disse, levantando seu copo em um brinde e assistindo a retirada de Gabriel com perplexidade. *O que estava errado com o seu companheiro*? A compreensão surgiu, e ele deu um leve encolher de ombros. Chacun a son gout. Não estava a seu gosto, mas *St. Croix* foi um companheiro bastante sólido suficiente da mesma categoria de raciocínio rápido e cabeça fresca, e malditamente bom com uma espada. Dieu, mas tinha sido mais de seis meses! Com um grunhido brincalhão, ele levou cada uma de suas companheiras, em cada braço, e eles soltaram juntos uma risadinha, gemendo no meio das almofadas.

Gabriel se sentou na galeria bebendo seu vinho. Não era incomum para *renegado*s beber álcool, apesar da proibição muçulmana. Eles passariam sem porco, aceitariam até circuncidar o prepúcio, mas não passariam sem sua bebida alcoólica. As estrelas estavam brilhantes. Vênus estava subindo acima do horizonte, e por um momento pensou em Sarah e seus últimos momentos debaixo do carvalho antigo. Dor embrenhou em seu coração, pior que qualquer coisa que sofreu com os golpes ou ossos quebrados, e ele estremeceu antes de

respirar fundo e mandar a dor para longe.

Ele não a merecia mais. Talvez ele nunca tivesse. Seus pecados se multiplicaram nesta terra sedutora, estrangeira. Ele matou por dinheiro, assassinou um homem em seu próprio quarto com sua própria faca, vendeu sua alma por vingança com um beijo único, e não se arrependia disto. Ele assustava a si mesmo. Ele prometeu amar, honra, e proteja-la; mas aquela promessa tinha sido feita por outra pessoa. Tudo que ele podia fazer por ela agora era a proteger do homem que se tornou. Ele não podia dispor de qualquer coisa suave, em qualquer lugar dentro dele. Ele a empurrou firmemente de seus pensamentos.

El Inglezi veio a na manhã seguinte para leva-los ante Meshouda Murad Reis, um escocês aventureiro e capitão corsário de algum renome, formalmente conhecido como Peter Lisle.

— Bem, cavalheiros, aqui estão vocês, convertidos os dois, filhos do Profeta, ou então meu capitão me disse, — ele os saudou. — Agora direto ao ponto, ele me diz que vocês podes acabar na ponta de uma espada. Eu não sou nenhum bobo, cavalheiros, mas estou com falta de soldados, e vou precisar de tripulação em Algiers quando voltar na primavera. Então… — Ele disse, estalando seus dedos, — eu posso devolver vocês para seu mestre, para devolver o que é dele. Eu posso entrega-los para as autoridades daqui, que podem ser muito desagradáveis… Ou… Vocês podem me servir e serem bem pagos por isto.

Ele apontou para Valmont. — Você, vou levar. Você parece com um soldado e eu fui informado que é fluente em árabe, mas eu não estou certo sobre o outro. — Murad Reis acenou para Gabriel se adiantar e o examinou cuidadosamente. — Você parece extremamente jovem e pequeno para ser um soldado experimentado. Você parece mais como uma criança bonita. Não importa, estou certo que posso achar outros usos para você. Talvez eu ache seu mestre e o compre dele.

— Eu estive doente, e eu sou mais velho que pareço, — Gabriel respondeu friamente, — e eu não tenho nenhum mestre. Quem pensou que poderia ser chamado disso, agora está morto e eviscerado.

— Realmente? Então você é um homem muito perigoso, suponho. Você deve pensar sim por ousar me ameaçar. Talvez deva demonstrar. — Ele virou para seus homens. — Quem entre vocês gostariam de ensinar a este cão uma lição de bons modos? — Os homens estavam rindo agora, ávidos pelo esporte, e vários avançaram. — Você, — Murad Reis disse, apontando para um turco gigante

brandindo uma lamina longa, perversamente curvada, — e tem minha permissão para matá-lo.

El Inglezi olhou para o *Chevalier* pesarosamente, e encolheu os ombros. Ele sabia que Gabriel era um homem capaz pelo que viu nas montanhas, mas não havia nada que pudesse fazer.

O gigante se levantou, grande e forte, devia pesar uns cem quilos a maior parte músculo. Ele tinha os braços musculosos de um espadachim e o brilho selvagem de quem tem prazer em matar. Ele rugiu e bateu no peito, para o encanto da multidão crescente, então manejou sua lâmina, tecendo padrões complicados no ar, concluindo com um floreado dramático.

Valmont se aproximou de Gabriel e pôs uma mão em seu ombro. — Como você vai lutar contra isto?

— Eu não vou lutar. Só vou mata-lo.

El Inglezi puxou o *Chevalier* de lado antes que fizesse algo tolo e provocasse a raiva de Reis.

Rindo e acenando diante de Gabriel, o gigante arrulhou, — Venha, sem barba. Eu teria algum esporte com você. Eu tomarei suas orelhas primeiro, criança, e então seus braços, depois sua masculinidade, e só então sua cabeça.

— Eu sou muito bem treinado, meu querido, mas você é bem-vindo para tentar. — Estava quente, seu oponente estava melhor protegido e tinha um alcance mais longo, mas também era muito confiante e o calor iria atrasa-lo. Gabriel era muito mais rápido. Melhor atingir rápido e limpo. O gigante segurou sua espada na frente dele com ambas as mãos, em uma posição de ataque teatral, brincando com a multidão. Gabriel esperou, imóvel, até o grande homem avançar. Dando três passos rápidos, ele desembainhou sua espada de sua bainha, girando de volta na mão, e chicoteando ao redor em um arco tão rápido pareceu um borrão.

O gigante ficou imóvel, um olhar de surpresa atordoada em seu rosto. Seus olhos rolaram para cima, a espada deslizou de sua mão com baque, e então tombou para o chão, sua cabeça rolando ao longo do chão até parar, quase nos pés de Murad Reis. O silêncio chocado foi quebrado pelo som do *Chevalier* limpando sua garganta.

— Ahem… Sim… Bem… Como disse isto antes, *St. Croix*. Você é muito eficiente.

Murad Reis avançou com uma risada cordial, dando tapas nas costas de Gabriel. — Bem-vindo ao seu emprego!

E então seu disfarce os consumiu e se tornaram mercenários de verdade. Eles

lutaram durante todo o resto do inverno e na primavera, para Meshouda Murad Reis, que lutou pelo Sultão Mulai Slimane, que lutou por controle do Marrocos, e foram pagos regiamente por isto. Eles retornaram a Algiers no final da primavera como homens de Murad Reis, e ninguém lhes deu um segundo olhar.

Capítulo 29

Gabriel e Chevalier cruzaram a costa ao longo do verão e do outono, alertas para qualquer oportunidade de pegar um barco ou conseguir uma passagem em um navio e fugir, mas Murad Reis os mantinha ocupados e por perto. Eram ambos seus tenentes agora, mas sempre estavam assistidos e cercados por outros homens de Reis. Renegados apanhados tentando escapar podiam esperar punição severa. Na melhor das hipóteses seriam encarcerados e retornariam à escravidão com trabalhos forçados e correntes pesadas. Eles podiam também ser queimados vivos, crucificados, ou empalados. Os azarados eram lançados de uma torre nas ameias. Era equipada com ganchos de ferro para pegá-los no caminho para baixo, segurando-os enquanto se retorciam e gritavam em agonia, lentamente consumidos por pássaros necrófagos enquanto rezavam pela morte. Era um destino que um sujeito preferia evitar.

Reis preferia usar ardil e decepção quando perseguia sua presa. Disfarçando-se como um navio mercante, ele atraía suas vítimas para perto disfarçado como compatriota amigável, usando bandeira de navio de qualquer nação dos perseguidos, e saudando-os em seu próprio idioma. Uma vez que sua incauta presa estava dentro de alcance, os apavoravam com um ataque relâmpago e uma chuva de fogos de mosquete, lutando no navio e fervilhando sobre o convés, uma horda gritando, acenando pistolas, facas, clavas, e espadas, em uma exibição feroz que normalmente resultavam em uma rápida e apavorada rendição.

O verão passou sem qualquer oportunidade viável para fuga, e renunciaram a outra campanha de inverno. Murad Reis manteve seus favoritos ricamente fornecidos de ouro, cavalos e mulheres, e Jacques Valmont, que era particularmente aficionado por mulheres, se aproveitou de todos os três. Ele já esperava que Gabriel não compartilhasse de seu interesse em bisbilhotar, mas ficava um pouco surpreendido porque ele não parecia ter nenhum interesse em fornicar. Achou que poderia ter se enganado com *St. Croix*. Tão atraente quanto poderia parecer para ambos os sexos, ele não parecia atraído por nenhum dos dois. Se não fosse por sua estrutura flexível e muscular, ele poderia ser um eunuco. Estava certo, em o todo caso, que ele era um enigma.

Eles passaram o resto do ano em campanha, protegendo caravanas, castigando os inimigos do Dey, em escaramuças com os inimigos do sultão,

viajando de um lado para o outro, de Algiers até o Marrocos e de uma comissão até a próxima, até que perderam a noção de contra quem eles estavam lutando ou por quê. Mas isso não importava desde que fossem pagos. Gabriel viu tanta brutalidade e morte que já não parecia mais real para ele. Cenas trágicas de mutilação e crueldade, o embaralhamento desarticulado, os gritos maldizendo, pleiteando e agonizando, isso tudo tinha tomado a qualidade de desenho animado, e os mortos e moribundos pareciam nada além de fantoches com seus arames cortados, esparramados, amontoados e desajeitados no chão.

A primavera de 1802 os encontrou nas Montanhas Atlas novamente, lutando por suas vidas. Vários chefes locais, organizados, armados, e liderados por insurgentes marroquinos baseados em Fez, os pegaram em um ataque coordenado, aprisionando-os em um desfiladeiro íngreme sem nenhuma rota de fuga. Seu capitão, culpado de subestimar a ferocidade do seu inimigo, organização, e números, pagou com sua vida. A vanguarda tinha sido emboscada e chacinada, e a retaguarda estava lutando para se juntar à caravana, pagando caro com sangue e morte a cada passo do caminho.

A batalha furiosa, selvagem e desenfreada, por mais de três horas, concentrou-se num corpo a corpo arrasador. Gabriel estava rechaçando dois atacantes, balançando com a lâmina espanhola e aparando com sua espada curta. Um berbere montado, gritando maldições, atacou por trás, dirigindo a espada diretamente para trás do seu pescoço. Valmont balançou para desviá-lo. O som de metal contra metal e faíscas voaram. Recuando a espada, ele cortou *Chevalier* nas pernas. Depois, o berbere balançou a espada para baixo enquanto Valmont empurrava para cima, pegando o inimigo na garganta e o derramando de seu cavalo. Ele flutuou até o chão, seus mantos brancos ondulando, como uma nuvem.

Gabriel gritou uma advertência, e *Chevalier* saltou para trás, evitando um golpe que o teria cortado pela metade. Eles se juntaram, pelas costas, rodeados por um círculo de mutilados, mortos, e moribundos. Ainda continuavam vindo. *Nós morreremos aqui hoje*, Gabriel pensou, quando o sol começou seu rápido e precoce declínio atrás das montanhas. O fluxo e refluxo da batalha os tinham empurrados até os animais de carga, quando ele viu uma abertura. Agarrando *Chevalier* pela manga, o empurrou entre os animais apavorados, e começaram a sacrificar os camelos, formando uma barreira ao redor deles.

Vendo o que ele fazia, os sobreviventes da retaguarda e dos flancos fizeram o seu melhor para se juntar a ele. Reorganizados, eles se reuniram, alguns deles segurando a barricada enquanto outros freneticamente vasculhavam pacotes e

suprimentos, procurando por mais munição, e louvando Allah ao achar. Os mosquetes foram carregados, tiros ecoaram, e homens giraram pelo ar em piruetas preguiçosas, caindo quebrados ao chão.

Um amanhecer sangrento os achou sozinhos em um campo silencioso de cadáveres. Os assaltantes da montanha desapareceram, deixando apenas os seus mortos para trás. As únicas coisas que se moviam eram os abutres desajeitados que pulavam e escoravam, pescoços curvados e trançados, enquanto dilaceravam pano, couro, e carne. De cem homens da caravana, só dezessete mercenários e alguns cavalos saíram vivos.

Pálido, peito arfando, coberto de sangue coagulado, Valmont fez careta enquanto inspecionava a carnificina. Suspirando, ele lançou o braço ao redor dos ombros de Gabriel e lhe deu um abraço leve. — Nós precisamos deixar este lugar miserável, Gabriel, — ele disse rouco. — Logo, antes que não reste nada de humano em qualquer um de nós.

Estava decidido. Não importava o risco, não importavam as consequências, eles fugiriam antes de outro verão passar.

***

Chegando a Algiers no início de abril, foram saudados com a notícia de que um tratado tinha sido assinado em março, em Amiens, entre a França, Inglaterra, Holanda, e a Espanha. Era um assunto indiferente para Gabriel, como eram a maioria das coisas hoje em dia. Seu encontro inesperado com *De Sevigny* o mudou. Isso, e o pesadelo que conheceu nos últimos dezoito meses como mercenário, o tinham forjado do mesmo modo que fogo forja o aço, queimando tudo que fosse estranho à sobrevivência. Tinha sido afiado em algo frio, duro, e mortal. O velho Gabriel, a pessoa que conheceu medo e piedade, amor e tristeza, tinha sido imolada no calor da batalha, ódio, e vingança. Nenhum rastro do jovem, ávido amante, o estudioso curioso, ou o sensível romântico, permaneceu.

O treinamento em combate de Gabriel, velejando e comandando, lhe serviu bem com Murad Reis. Quando eles lançaram a campanha do verão, viu-se promovido a segundo no comando a bordo da capitania de Reis. Início de junho os viu perambulando no Mar Jônio entre a Itália e a Grécia, depois de uma particularmente lucrativa varredura no leste do Mediterrâneo. Eles já tinham enviado duas tripulações de prêmio apressadamente de volta para Algiers, quando por acaso encontraram um pequeno navio comercial espanhol rumo a casa. Muito astuto para ser enganado por cores falsas e saudações cordiais, seu capitão levantou vela e tentou fugir, mas prejudicado por ventos fortes e

sobrecarregado com um porão cheiro, foi pego em uma hora. Uma batalha feroz se seguiu em que uma dúzia de espanhóis e vinte piratas foram mortos, mas inevitavelmente, subjugados em número e poder de fogo superiores, o navio espanhol foi tomado.

Calados e desafiantes, os sobreviventes foram despojados de suas roupas, armas, e arrebanhados para o convés superior onde foram deixados sob guarda, castigados com chicote e espancados se ousassem mover ou falar. Murad Reis conferiu com seus tenentes. O porão do navio pirata estava cheio, não havendo mais lugar para carga ou escravos, e o navio mercante irmão tinha sido visto deslizando para uma enseada ao norte. Reis ordenou a Gabriel para assumir uma tripulação lhe dando três outros renegados, dez argelinos, e ordenando que se apressasse para Algiers. Gabriel olhou para Valmont, sinalizando para juntar-se a eles, e entre o alvoroço de homens e movimento, e a excitação de uma nova perseguição, ninguém pensou em questionar isso.

Uma hora mais tarde Gabriel se sentou à mesa do capitão espanhol, seus pés na escrivaninha, numa postura de arrogância e crueldade. Valmont permaneceu ao lado dele, aparando suas unhas com um punhal afiado, olhando com enfado e desgosto aprazível, quando dois piratas argelinos chutaram a porta, lançando o capitão aos seus pés. Ainda desafiante, o jovem capitão, com mais coragem que juízo, levantou-se do chão e cuspiu na direção de Gabriel, fazendo os piratas rugirem e o segurarem pelo cabelo. Lançando-o de volta ao chão, eles o chicotearam vigorosamente com um chicote pequeno de couro que levavam com eles.

Interrompendo com uma tosse leve, Gabriel acenou mandando os homens se afastarem. — Isso não foi realmente sábio, *signor*. Não serve a nenhum propósito além de incomodar, — ele disse ligeiramente, em perfeito inglês.

O capitão levantou a cabeça, enquanto examinava atentamente Gabriel. Pele bronzeada, cabelo escuro, e os olhos impiedosos de um predador, ele olhou cada polegada do cruel pirata. Estava surpreso ao ouvir uma voz culta e uma língua civilizada saindo de seus lábios.

— Você entende inglês? Bom. Os dois cavalheiros que escoltaram vocês não entendem. Você olhará para baixo como um bom escravo, e falará apenas quando mandarem.

O jovem capitão, culpado de todo o orgulho excessivo pelo qual seus compatriotas eram conhecidos, levantou sua cabeça desafiadoramente. Olhando fixamente para o rosto de Gabriel, ele cuspiu novamente, provocando uma enxurrada de socos e pontapés, enquanto um dos piratas declarava que ele devia

ser severamente encarcerado, o jogando para fora do navio como um exemplo para o resto.

— Não, — Gabriel disse decidido em árabe. — Ele vale ouro vivo, e nada morto, e ele pode nos dar informações sobre o resto da tripulação. Dê-lhe o gosto do chicote, e vou continuar a interrogá-lo. — Já maltratado, o capitão obstinado foi chicoteado até sangrar, então forçado a ficar de joelhos na frente do que costumava ser sua escrivaninha.

— Eu o adverti, — Gabriel disse suavemente. — Você fez isso a si mesmo. Vamos tentar novamente, então? Mantenha sua cabeça e olhos no chão e escute cuidadosamente. Será melhor se não mostrar nada diferente de medo e respeito, embora você possa ficar mal humorado se achar que deve. Eu assumo a propósito de como lutou, e o modo que nos desafia agora, que não está propenso a uma vida de escravidão. Eu estou correto? Responda-me!

— Não, *signor* — o espanhol respondeu, olhando para cima e, em seguida, para baixo novamente, quando a correia do chicote foi baixada estrategicamente em seus ombros. — Eu quero dizer, sim. Você está correto. Eu não desejo ser um escravo. Minha família tem dinheiro. Eles podem pagar um resgate.

— Que bom para você! Mas não estou interessado em resgate. Eu estou interessado em seu navio. Meu bom amigo e eu estamos cansados deste clima e ansiosos para retornar à Europa. — O capitão levantou sua cabeça, surpreso e excitado, um cintilar de esperança em seus olhos. — Recolha-se, signor — Gabriel estalou, acenando com a cabeça para os guardas que aplicaram o chicote novamente. — Realmente, Capitão, — ele suspirou, — a coragem serve melhor quando temperada com bom senso. Eu preciso que você use a cabeça. Existem treze deles, e dois de nós. Para nosso plano ter sucesso, eles não podem suspeitar de nada.

— Você terá trinta e cinco se desejar, — o capitão sussurrou, cabeça curvada submissa e finalmente, se comportando como devia.

— Nós desejamos isto, Capitão. Você seguirá minhas ordens exatamente?

— Eu vou, *signor*.

— Muito bem. Vamos continuar a interrogar seus homens. Alguns deles serão necessários para ajudar a tripulação do navio, e permanecerão convés acima. Diga a eles para serem dóceis e cooperar. O resto, você inclusive, serão trancados no porão e algemados. *Chevalier*, ele é o bonitão a minha esquerda, não olhe para ele, supervisionará. Você será rude com ele, você parece hábil nisso, e no curso de puni-lo ele deixará uma chave com você. Destranque as

correntes, mas mantenha a aparência de que seus homens continuam acorrentados. Quatro homens virão, dois vão alimentar vocês, e dois são guardas. Seus homens começarão uma briga pela comida. Quando os guardas forem restabelecer a ordem, você os subjugará, lutando para abrir caminho até o convés onde meu amigo, seus outros homens e eu, estaremos fazendo a nossa parte para subjugar os outros.

— E quanto às nossas armas, *signor*?

— Não há nenhum modo de levá-las com você sem despertar suspeita. Você terá que contar com a força dos números. Sem dúvida será uma circunstância em que sua coragem finalmente provará ser útil. — Eles continuaram a falar um pouco mais, Gabriel ladrando perguntas e o capitão humildemente respondendo, antes dele acenar e ser levado, aparentemente muito castigado, sendo trancado no porão.

Gabriel terminou os interrogatórios enquanto Valmont inspecionou o navio e o porão, conseguindo puxar de lado os três renegados, um britânico e dois portugueses, e perguntando se estavam propensos a retornar para casa se a oportunidade se apresentasse propriamente. Todos três confirmaram que estariam muito propensos, e Chevalier os encorajou que prestassem atenção quando tal ocasião surgisse.

No final da tarde, Chevalier verificou os prisioneiros, puxando uma corrente aqui e ali, para ter certeza que estavam seguramente apertados. O temperamental capitão espanhol objetou arrastando de volta. Ele foi subjugado pelo cabelo e esmurrado no estômago, afundando de volta para o chão gemendo, e uma chave de ferro presa na banda de suas roupas rotas. O resto do plano se desenrolou mais tarde naquela noite. Foi tão fácil quanto qualquer um podia ter esperado, e acabou dentro de vinte minutos.

A fúria da tripulação resultou nas mortes de quatro dos argelinos. O resto foi trancado em uma despensa. A insistência de Gabriel de que as armas ficassem sob seu controle e de Chevalier, assegurou que os espanhóis não pudessem agir sob quaisquer ressentimentos persistentes que abrigassem por causa do tratamento inicial. Apesar das objeções, eles chegaram perto da costa e deixaram os seis argelinos restantes saltar a murada e nadar até a costa. Quatro deles tinham estado na retaguarda do massacre na montanha, e nem Gabriel nem Valmont iriam tolerar que homens que lutaram ombro a ombro com eles, contra todas as chances possíveis, fossem vendidos como escravos espanhóis, ou pendurados. Eles chegaram a Barcelona, Espanha, no meio de junho, e voltaram para Paris em julho.

Capítulo 30

Sarah caminhou desatenta ao longo da costa. Os dias estavam ficando mais curtos agora, e o crepúsculo chegava mais cedo. O céu carrancudo estava misturado com tufos encharcados. Pilares de chumbo de nuvens se elevavam no horizonte. A água, espessa, gélida, e chicoteada com frenesi pelo vento, cuspia uma espuma invernal quando batia na costa. Havia gelo nela. O tempo combinava com seu humor.

Era novembro. O Natal estava próximo, e Jamie estaria em casa para os feriados em algumas semanas. No próximo ano estaria em Oxford. Devia ser um tempo feliz, mas fazia dois anos agora, quase o dia, em que Davey voltou para casa trazendo as notícias da morte de Gabriel. Afogou-se, ele disse, varrido do convés do *L'Esperance* por um forte vendaval, enquanto tentava puxar outro homem para a segurança. Ela desfaleceu, a primeira vez que sucumbiria para tal debilidade. O mundo se tornou negro, e ela caiu ao chão antes que Ross e Jamie se apressassem a segurá-la. Davey teve que ficar lá, mudo de tristeza e atacado pela culpa.

Era uma tempestade terrível. Pelo menos dois outros navios e um grande número de vidas foram atingidas, Davey disse mais tarde. Gabriel nunca poderia ter sobreviver. Ela se recusou a acreditar nisso a princípio, certa de que se ele estivesse morto ela saberia, sentiria de alguma maneira, profundamente dentro dela. Mas Davey tinha sido minucioso. Ele tinha estado em todas as capitais de venda de escravos no Marrocos, e Túnis, Algiers, e Tripoli ao longo da costa norte. Ele conferiu com todos os seus contatos, falado com mercadores e comerciantes, embaixadas, e até mesmo com representantes do Sultão e do Dey. Depois de dois anos de busca não existia nenhum rastro dele, nenhum registro dele ou de alguém parecido com ele cativo em qualquer lugar na costa da Berbéria.

O mundo pareceu incolor e horrendo desde então. Ela perdeu interesse em tudo ao seu redor, gastando seus dias caminhando ao longo da praia ou sentada em seu quarto, braços em redor dos joelhos, lágrimas correndo pelo rosto, amaldiçoando o oceano que uma vez adorara, por levá-lo. Eles estavam todos preocupados com ela, Ross, Jamie e Davey. Eles realmente não sabiam, qualquer um deles, a profundeza do laço entre ela e Gabriel, o quão íntimo tinham sido, o quanto compartilharam, mas Davey devia ter adivinhado. Ross se

culpava por mandá-lo embora, Davey se culpava por tê-lo levado, e embora ela não culpasse nenhum deles, descobriu que não tinha nada para oferecer como conforto.

Eles eram adultos, mas Jamie estaria vindo em seis semanas, e ela se recusava a abandoná-lo por causa de sua dor. Ela tinha feito uma vez antes, com resultados desastrosos. Suas visitas em casa tinham sido um dos poucos pontos positivos de sua vida, nos últimos dois anos. Eles tinham ficado mais íntimos desde que Gabriel partiu, compartilhando suas cartas e um laço especial, e ela sempre conseguiu manter as aparências, sempre que ele estava com eles.

Entre estes períodos, Ross a continuava encorajando a fazer algo, qualquer coisa, espalhando na mesa do café da manhã e na sua escrivaninha jornais, convites, e artigos de conferências e palestras. Uma vez um astrônomo francês, que anteriormente tinha estado ávida para encontrar, veio a Londres para dar uma conferência na Royal Society. Um amigo solicitara um convite para visitar seu salão, e estava querendo um novo telescópio com uma lente de longo alcance.

Só na última semana, Ross perguntou se não podia visitar um velho conhecido seu em Hampshire, um lorde meio irlandês chamado Killigrew, relacionado com seus parceiros no transporte em Falmouth. Ele estava doente e parecia interessado em vender alguns dos seus cavalos. O conde era altamente bem sucedido como criador de cavalos de corrida, e Ross e Sarah conversaram no passado em cruzar o garanhão de Sarah e suas éguas árabes, com os de raça inglesa de caçadores e corredores. Ross afirmou que não tinha tempo para ir, citando negócios urgentes pelo interesse em transporte, e implorou que Sarah fosse em seu lugar. Ela tinha um olho tão bom para cavalos quanto ele, e era melhor em pechinchar, além disso.

Bem, então, ela pensou, tremendo e puxando seu mantô mais apertado, por que não ir para Londres? Ela estava doente de tristeza e cheia de si mesma. Ela era jovem e viva, e tão difícil quanto era para aceitar, Gabriel se foi, e tinha sido há mais de dois anos. Ela devia a si mesma e sua família seguir em frente. Ela podia viajar até Londres e ficar uma semana ou duas, assistir à conferência de Mr. Doucette e visitar o salão de Mary, e talvez fazer algumas compras de Natal. Se saísse esta semana, teria tempo para visitar o conde irlandês de Ross no caminho, e ainda voltar para o Natal.

Gelada agora, ela acelerou seu passo, se esforçando para se aquecer e ansiosa para falar com Ross. Ele ficou encantado e profundamente aliviado ao

vê-la se interessar por algo afinal. Aquela noite no jantar, ela sentiu a primeira excitação enquanto discutiam os detalhes para a viagem, seus planos em Londres, e os cavalos de Killigrew. Mesmo assim, quando foi para o quarto e olhou para o assento da janela vazio, as lágrimas se formaram nos cantos dos seus olhos. Apesar de suas melhores intenções e todas suas novas resoluções, ela chorou antes de dormir, e sonhou com Gabriel.

Ela partiu dois dias mais tarde, acompanhada por John Wells, o cocheiro, e William Torres, um dos seus cavalariços mais antigo. Ambos os homens eram ex-soldados fortes que serviram com Ross na campanha, e eram tão hábeis com punhos, pistola, ou espada, como eram com cavalos. Ross a assistiu partir com um sorriso satisfeito. Ele tinha enviado uma mensagem para Londres para abrir a casa da cidade para ela, e seus rapazes se certificariam que nenhum dano lhe acontecesse durante a viagem. Ele sorriu enquanto se perguntava o que ela faria de Killigrew.

***

Sarah chegou à propriedade do velho conde antes do pôr-do-sol. Localizada perto de Winchester, a casa era um edifício de pedra impressionante, empoleirado em uma leve subida e cercada por luxuoso parque arborizado que se estendia até um rio sinuoso. A sua esquerda, ela podia ver um grande telhado curvado em cima de um considerável estábulo revestido de pedra e rodeado por cercados brancos. Estava fresco para novembro, e havia um gosto metálico úmido no ar.

O mordomo a saudou com um olhar de desdém. Ela devia ter vestido algo diferente de calça e botas, ela supôs, mas era seu hábito escolher o conforto acima do estilo, particularmente quando estava viajando. Ela estava aqui a negócios e não a prazer e os amigos de Ross não eram normalmente obcecados por etiqueta. Ross certamente não fez nenhuma reclamação relativa a seu traje quando a viu, embora pudesse ter ficado tão aliviado por vê-la ativa novamente, que simplesmente não notou. Se o conde ficasse ofendido, era provável ser uma visita curta, e no momento lhe servia. Ela preferiria estar bem estabelecida na casa da cidade em Londres se uma tempestade a atingisse.

— Que… negócios a senhora tem? — O homem inquiriu, sua voz gotejando desgosto.

— Meus negócios não são problema seu. É com o conde, — ela respondeu decisivamente, olhando pelo saguão de entrada espaçoso. Realmente, se pensaria que ela não era esperada! A maneira limitada do mordomo beirava a hostilidade sincera! Ela esperava poder evitar comida ruim e percevejos, e o

desconforto de dormir em uma pousada, mas isso não estava parecendo muito promissor. Olhando por um arco de moldura dourada, podia só ver a sala de jantar. Parecia estar cheia com uma companhia alegre e turbulenta. Havia altos estouros de riso rouco, e gritos agudos femininos. Sarah piscou surpresa. O velho conde parecia estar se recuperando. Ele certamente pareceu apreciar uma festança.

— Por favor, meu bom homem, simplesmente diga a sua senhoria o Cond…

— Barstow, qual é o problema?

— Esta.. . *Pessoa,* afirma estar sendo esperada, meu senhor.

Sarah olhava de um lado para outro entre as paredes, onde numerosos retratos equestres estavam pendurados, quando um homem emergiu da sala de jantar e estava vindo em sua direção. Ela parecia estar no lugar certo, mas este possivelmente não podia ser o velho conde. Tinha feições cinzeladas, uma boca cheia e cruel, e cabelos louros ondulados em torno de suas orelhas. Seu casaco estava desabotoado em desordem gloriosa, e uma mulher meio nua estava enrolada em torno de sua cintura. Inclinando-se friamente contra sua generosa companheira, com uma mão acariciando distraidamente um peito nu, ele inclinou a cabeça e olhou para ela com desconfiança.

— Bem, minha bela cipriana, que tipo de presente você é? Quem mandou você, meu amor? — Ele a olhou lentamente de cima a baixo com um sorriso apreciativo.

Ela devia se sentir ultrajada, ou pelo menos profundamente ofendida, mas se encontrou respondendo com uma faísca de humor e malícia com os olhos azuis rindo. — Meus pais e minha governanta costumavam dizer que eu era um presente de Deus, meu senhor, mas, claro, pais são notavelmente imparciais com tais fantasias.

— Eles são, não é? Eu não me recordo, assim mesmo. Veio pela graça de nossa companhia, minha querida? Porque acredito que preferiria mantê-la para mim mesmo. Você achará que eu sou proporcionalmente generoso, tanto com a minha bolsa como com as minhas partes, — adicionou com um sorriso mau.

— Que bom para você, meu senhor, e para sua adorável companheira, — Sarah disse com uma risada, olhando intencionalmente para o beicinho da amante. — Mas, de fato, vim para ver seus garanhões. Mas pareço ter vindo em um momento inconveniente porém, e imploro o seu perdão.

Killigrew, se era mesmo ele, sorriu amplamente e acenado em direção a sala de jantar, onde sons da festança continuaram inabaláveis. — Não minha querida, sua precisão é impecável. Eles estão todos juntos aqui para jantar.

Porque não se junta a nós?

— Eu acho que não, meu senhor. Estes não são os garanhões que tenho em mente, — disse com um sorriso leve. — Eu acharei uma pousada na cidade. Seria conveniente que viesse visitá-lo amanhã?

Ele a considerou um pouco perplexo agora. — Eu começo a temer que haja algum mal-entendido. Você não é um dos meus parentes de Falmouth que não são bem vindos, não é? Uma tia ou uma prima, por acaso?

— Não, meu senhor, — ela disse, explodindo em riso. — Eu sou Sarah, Lady Munroe. Meu irmão Ross, o Conde de Huntington, recebeu uma correspondência o convidando para visitar seus estábulos. Ele me pediu para vir em seu lugar. Você não estava me esperando?

— A irmã mais nova de Huntington? Bom Senhor, você é aquela que chamam de a Condessa Cigana! Realmente, não, você é mais que inesperada, — ele disse, se libertando da moça, acenando mal-humorado para ir para longe.

— E você, eu assumo, não é o velho conde.

— Céus não, Condessa. Eu sou o conde notório, de quem todos sussurram sobre.

— Ah! O Killigrew amaldiçoado.

— Você ouviu falar de mim!

— Você é o tema favorito a ser evitado quando visitamos Falmouth.

— O quão divertido é que duas pessoas tão infames devam se encontrar apenas agora. Eu imploro que aceite minhas desculpas mais humildes, Condessa. Barstow, o que deu em você para deixar Lady Munroe de pé aqui? Chame um criado para suas malas, e faça os preparativos para o conforto de seus empregados de uma só vez.

Uma voz subiu acima do estrondo da sala de jantar, enquanto o mordomo agitado apressava-se para se redimir. — Eu digo! Killigrew! O que o diabo está mantendo você aí? — Uma cabeça apareceu no corredor. — Ah, uma nova joaninha! Devia saber. Compartilhe. Traga sua saia chique para a festa, assim todos nós podemos apreciar seu charme.

— Barstow!

— Meu senhor?

— Vá e feche a sala. Imediatamente, por favor.

— Claro, meu senhor, minha senhora. — Ele se curvou para cada um, e por sua vez, caminhou com um propósito corredor abaixo, curvando para os convidados do jantar, antes firmemente fechar as portas.

— Novamente, minhas desculpas, Lady Munroe, — o conde disse, olhando

suas roupas com velada apreciação. — Mas você não era esperada, e não é exatamente o que se esperava.

— Nem você, meu senhor. Você não precisa incomodar o seu homem. Winchester é a apenas quatro milhas de distância.

— Eu não quero mais ouvir falar disso, minha querida! Agora está completamente escuro, e as estradas não são mais seguras. Seu irmão teria minha cabeça se qualquer dano acontecer com você. A companhia desta noite é imprópria para uma senhora, mas por acaso é a última de farra, asseguro a você. Eles estão me ajudando o celebrar o velho bas… a morte do velho e minha nova herança, você vê. — Ele deu um sorriso encantador. — Eles só beberão até dormir e partirão para Londres de manhã. Se você me conceder esta noite, vou ver os meus convidados e Barstow deixará você e seus empregados confortáveis; e assim, terei muito prazer em encontrar você amanhã e mostrar os estábulos.

— Muito bem, — Sarah disse, muito cansada, depois de dez horas viajando para discutir. — Eu agradeço por sua hospitalidade.

— Muito bem, Madame — ele disse, abotoando o casaco, e galantemente oferecendo seu braço.

Ele a escoltou para um conjunto de quartos confortavelmente decorados. Um fogo brilhava alegremente na lareira, e ele esperou com ela enquanto uma empregada preparava o quarto. Eles trocaram cortesias sobre a viagem e o tempo, e ele observou com interesse enquanto ela devorava avidamente a comida que Barstow trouxe. A *Condessa Cigana*! Era verdade que ela se vestia como homem, e que era uma mocinha muito atraente, realmente. O estilo a estava tornando cada vez mais atraente.

O que mais poderia ser verdade? Sua apreciação sensual da comida ocasionou na esperança de que ela fosse sensual com seus outros apetites, também. Ele tinha toda a intenção de descobrir. Entediado e cansado, nenhuma mulher mexia com seu interesse tão intensamente, a bastante tempo. Rindo em apreço, ele lhe deu boa noite, e retornou a seus convidados. O velho bastardo maligno morto, um título e uma propriedade próspera, e uma beleza incomum batendo à sua porta, madura para colheita. As coisas estavam melhorando. Ele devia realmente tentar sua mão nas cartas.

***

Sarah dormiu até tarde, tomou café da manhã, e foi procurar a biblioteca. O novo conde foi uma surpresa. Ela estava esperando alguém como seu avô! Ela ouviu falar de William Killigrew, claro. Um libertino notório, ele era conhecido

como um dedicado voluptuoso, que uma vez enganou a amante, a Condessa de Stratford, com sua irmã e sua tia. Houve rumores de que ele tinha ido para a cama com as três ao mesmo tempo! Bem, ele certamente pareceria estar se divertindo na véspera. Ela teve que admitir, entretanto, que apesar de seu bom senso, ela tinha achado seu sorriso encantador e os olhos travessos bastante atraentes. Procurado como um amante, ele era evitado como marido potencial por suas pobres perspectivas financeiras, e alguma infeliz linhagem irlandesa pelo lado de sua mãe. Com um título e uma fortuna, tudo estava preste a mudar. Ela quase sentiu pena dele.

O conde a achou no final da tarde, enrolada em uma cadeira confortável perto do fogo, lendo. — Eu sinto muito ter feito você esperar, minha querida. Os últimos dos meus convidados acabaram de partir. Foi terrivelmente difícil conseguir que eles partissem. Eu tive que dizer que o cozinheiro adoeceu e o vinho azedou, antes deles se moverem de volta para Londres. O que você está lendo? — Sarah levantou o livro que estava segurando nas mãos.

— Ah, *Robinson Crusoé!* Uma história bastante aventureira para uma senhora, não é? Eu pensava que o sexo frágil geralmente fosse mais propenso a fofocas e diários de moda.

— É, realmente? Talvez seu conhecimento do sexo frágil seja mais limitado do que imaginou, meu senhor.

— *Touché*, minha querida. Por favor me chame de William.

— Como você desejar, William, — disse com um sorriso doce. — E pode me chamar, Lady Munroe.

— Realmente, Lady Munroe, — disse, sorrindo e oferecendo a ela seu braço. — devo mostrar a você os estábulos agora?

Enquanto excursionavam pelos estábulos, Sarah estava pasma com a opulência ao seu redor. As baias eram feitas de teca, com postes de latão polido, e os nomes dos cavalos gravados em placas de mármore.

— Muito impressionante, não é, minha senhora?

— Realmente muito, William, embora pareça um pouco… excessivo. O que fará com tudo isso?

— Eu pretendo perder tudo isso em uma orgia estendida de deboche e dissipação.

— Ah! Entendo. Gostaria de saber se considera vender alguns de seus cavalos, para financiar estes planos futuros, meu senhor.

— Você sabe, minha querida, eu realmente não pensei sobre isto. Os garanhões são a única parte da propriedade que detêm qualquer interesse para

mim, e a única coisa sobre meu falecido avô que eu admirava.

Eles continuaram a conversar enquanto vagavam pelo estábulo e o pasto. Logo ficou claro para Sarah que Killigrew não era nenhum mero diletante. Ele conhecia tudo sobre os cavalos, e sua avaliação de discernimento do velho conde em matéria de criação de cavalos era igual à sua própria. — Você não gostava do seu avô?

— Nossa relação se transformou ao longo dos anos para um ódio cordial. Ele deve estar dando voltas na sepultura agora que herdei. Era para tudo ir meu primo, você vê, mas ele falhou em seu dever e morreu três semanas depois do meu avô, deixando-me como o único herdeiro sobrevivente.

Eles continuaram a turnê pela propriedade, conversando facilmente sobre garanhões, os principais criadores e os méritos relativos aos mais populares cavalos de corrida de Londres e jóqueis. Killigrew estava surpreso com o conhecimento da condessa sobre tais assuntos, e a facilidade com que se encontrou discutindo coisas de natureza mais pessoal. Andando relaxadamente com uma camaradagem fácil, eles perderam a noção de tempo, e foi preciso que o vento aumentasse, o céu escurecesse, e flocos de neve gordos e molhados, batessem contra seus rostos e cabelos, para se apressarem a voltar para a casa.

Sarah sentiu uma sensação de antecipação quando desceu para encontrá-lo para o jantar, às oito. Ela escolheu vestir uma variação de uma sobrecasaca de caçador de veludo verde. O vestido estava fora de moda, mas muito lisonjeiro. Ocorreu a ela que tinha flertado escandalosamente a tarde toda, e que ela estava sem uma acompanhante, sozinha, na casa de um libertino notório. Oh, bem, ela era uma viúva notória, e apesar de sua reputação sensacionalista, ele certamente se comportava como um cavalheiro desde que soube sua identidade. Em todo caso, ela estava se divertindo pela primeira vez em muito tempo. Ela estaria a caminho de Londres de manhã, e não viu nada errado em apreciar a companhia de um homem bonito e encantador à noite.

***

Os olhos de William cintilaram com apreciação através da mesa. Ele ousou esperar que o vestido fosse em sua honra. A cor destacava mais ainda os seus olhos cor de âmbar e tez cor de mel, com perfeição. Seu cabelo castanho caía ao redor de seus ombros e se derramava para baixo de suas costas em uma desordem gloriosa, capturando a chama da luz da vela e lareira, inundando-a com um brilho quente, sedutor. Ele engoliu e apertou sua mão ao redor do copo. Ela era magnífica! Ela tinha uma liberdade corajosa de espírito, e um riso fácil que punha um homem à vontade. Ao final do jantar ele estava abalado. Ele tinha

a intenção de prová-la brevemente e a adicionar a sua lista longa de conquistas, mas seus planos mudaram. A Condessa Cigana iria ser sua amante.

Eles ficaram à mesa conversando, até perto das onze. Lá fora, a neve e o vento batiam contra as janelas, sacudindo as vidraças, e cercando a casa com um cobertor impenetrável de pungentes pelotas brancas. Quentes e confortáveis do lado de dentro, eles foram para a biblioteca muito bem equipada para compartilhar um conhaque, e jogar whist.

— Eu tenho temo que você tenha que abandonar seus planos de viagem para amanhã, minha querida, — o conde disse agradecendo sinceramente à Dama da Fortuna, enquanto tentava fazer o seu melhor para parecer simpático e preocupado. — Parece que estamos prestes a ficar presos pela neve.

— Ah, bem, *C'est la vie*. Eu espero que não me ache uma grande imposição.

— Em verdade, minha querida, sou incapaz de recordar quando apreciei tanto uma companhia.

— Que encantador! Sabe, você não é de maneira alguma como fui levada a esperar.

— Velho e decrépito, quer dizer?

— Isto também, mas estava me referindo à maldição dos Killigrews. O terror e ruína, e ouso dizer, o prazer, de seus parentes em Falmouth.

— Mmm, sim. Eu realmente devo visitá-los algum dia. Disseram-me que nunca falam de mim, a não ser da maneira que se fala do diabo.

— Mas eles falam, meu senhor, com um tremor e um leve rubor, e olhares ávidos ao redor. Você é um choque delicioso para eles, senhor.

— Bastante hipócrita, não diria? Eles parecem ter esquecido que são descendentes de piratas.

— Que pena! Minha família é excessivamente aficionada por suas conexões piratas.

— Bem como já ouvi, Lady Munroe. Realmente dizem que você tem um… conhecimento íntimo com o tipo pirata. É verdade?

— Ouve-se que você tem um conhecimento íntimo com dançarinas, cantoras de ópera, fraudadores, e três gerações da mesma família, — ela respondeu com aspereza. — Ouve-se muitas coisas, meu senhor. Meu primo é um corsário, e meu irmão, Lorde Huntington, é de conhecimento geral que se envolveu em certa ocasião, então sim, suponho que é verdade.

— Eu sinto muito, Sarah… Lady Munroe. Por favor perdoe minha falta de jeito. Você me interessa e me instabiliza, e encontro-me curioso para saber se você tem quaisquer anexos significativos. Fui impertinente e me desculpo. —

Se esperava uma resposta para isso, não conseguiu uma. A senhora parecida ter sido agarrada por uma melancolia súbita, e depois disso, se desculpou para ir para a cama. Sozinha.

Killigrew ficou confuso. Ela era diferente de qualquer fêmea que já encontrara. Ela era, de longe, mais livre em sua maneira de falar e vestir, do que qualquer uma das mulheres respeitáveis que conhecia, mas ela tinha uma autenticidade e graça que desmentia ela ser uma prostituta, aristocrática ou de outra forma. Para adicionar a confusão, sua conversa, educação, e senso de humor era mais como de um homem do que de uma mulher. Para um libertino, ela apresentava um desafio intensamente atraente.

Na manhã seguinte a casa estremeceu com rajadas bravas dos ventos que uivavam e gritavam do lado de fora, como se estivesse furioso por sua entrada ser negada. A neve se amontoava profundamente contra as paredes, enterrando a entrada das carruagens, e Sarah soube que não iria a nenhum lugar.

Durante três dias, Killigrew travou uma campanha incansável de charme e sedução. Eles jogaram xadrez e cartas com conversas amplas e deliciosas, que surpreendeu a ambos com a amplitude dos interesses de cada um, e profundidade do conhecimento. Killigrew se achou rindo mais do que já rira, enquanto Sarah riu pela primeira vez, em longo tempo.

Intento na caça, o conde não percebeu, que quanto mais se esforçava para atrair e capturar, com mais com firmeza era pego. No terceiro dia da tempestade, ele a localizou na biblioteca. Ela estava com de calça novamente. Ele balançou sua cabeça de lado, apreciando a visão e tentando ver seu livro. — Ainda lendo *Robinson Crusoé*? — Ele perguntou, cruzando a sala para se estatelar no canapé ao lado dela.

— Sim, William, quase terminei. O tempo parece estar limpando, e espero terminar isto antes de sair amanhã, — ela disse, marcando a página com seu dedo e fechando o livro em seu colo. — Você já leu?

— Sim, e não devo dizer o fim. A menos que você lindamente me implore, claro.

— Você acha possível um homem desaparecer daquele modo? Estar vivo em algum lugar quando todo mundo desistiu de o procurar achando que ele está morto?

— Eu suponho que sim. O livro parece ser baseado em uma história verdadeira. Um escocês, Alexander Selkirk, se meteu em problemas com piratas, e ficou abandonado por quatro anos e meio.

Sarah acenou pensativamente e inclinou-se contra as almofadas. Ele ergueu

seu braço cuidadosamente, colocando-o ao redor de seus ombros, e quase sem pensar, ela suspirou e se recostou nele. Ela estava triste e sozinha há muito tempo. Passaram dois anos desde que sentiu o calor e a força de um homem apertado contra ela. Ela esqueceu o quão maravilhosa se sentia.

Tirando o livro de seu colo, ele colocou uma mão em seu ombro, ela se aproximou, inclinando-se para frente até seus lábios se encontrarem.

Tinha passado tanto tempo! Inundada com a sensação, Sarah se abandonou completamente em seu abraço, mas quando ele aprofundou o beijo, a memória de outros braços e outros lábios se intrometeu. Bom Deus! *O que está errado comigo*? Ela pensou em desespero, lágrimas voltando a piscar e se afastando.

— Eu não pensei que você fosse modesta, senhora, — Killigrew disse deixando-a ir. — Seguramente não entendi mal seu interesse. — Então vamos jogar este velho e cansativo jogo, ele pensou. Muito desapontador.

— Não, meu senhor, não se confundiu, — ela disse, surpreendendo-o. — Eu somente… Eu realmente sinto muito. Eu pensei que podia… Isto é, eu quis… Oh inferno e danação! Eu estou tão farta disso! — Ela gritou, irrompendo em lágrimas.

Perplexo, ele procurou por um lenço. Suas lágrimas eram claramente genuínas, mas não tinha nenhuma ideia do que fez para provocá-las. — Tome isto, minha querida. Eu me desculpo se causei alguma aflição. Eu assumi que você estava tão disposta quanto eu.

— Não é você, meu senhor, e suponho que pode me chamar Sarah agora que me beijou, — ela disse, secando seus olhos. — Você perguntou a mim alguns dias atrás se tinha quaisquer anexos significantes e eu não respondi. Eu realmente não sabia como. Existe alguém… existia alguém que… eu não sei! Alguém que eu amo muito. Alguém que não vejo há muito tempo. Dois anos atrás ele simplesmente desapareceu, varrido pelo mar.

— Ah. Eu sinto tanto.

— Ele… meu irmão e meu primo dizem que ele está morto, mas acho muito duro de acreditar. Não existe nenhuma prova disso, você vê, e eu prometi que o esperaria por tanto tempo quanto levasse. Ultimamente tenho andado tão confusa. Eu peço que me desculpe, William. Não era meu intento conduzir a isto. Estou tão cansada de estar só e acho você tão divertido e atraente. Eu pensei que talvez…

— Por favor não se desculpe, minha querida, — ele disse, batendo levemente em sua mão e se levantando para buscar um conhaque. — Eu não mereço isto. Eu sou um velhaco sem consciência, disposto à sedução, e mereci

este golpe. Deve ser diabolicamente estranho para você, — ele continuou, retornando com dois copos e se sentando ao lado dela novamente, desta vez mantendo suas mãos para si mesmo. — Se aceitar que ele está morto, você trai sua promessa se ele ainda estiver vivo.

— Sim, exatamente! Ninguém parece entender isto. E eu não sinto que ele está morto. Você vê?

— Eu vejo. Mas e se você está errada? Se você gastar sua vida esperando por um homem morto, você nega a si mesma o futuro e passa a sua vida na tristeza. Ele esperaria isso de você, minha querida? — Ele suavemente perguntou.

— Não, ele não esperaria. Eu estou certa disso. Entretanto ele nunca realmente esperou muito coisa de ninguém.

— Então… Você esperará?

— Eu esperarei. Mas continuarei com minha vida e pararei de ser uma maldita mártir por isso.

— Quanto tempo *de espera* em tais circunstâncias?

— É uma pergunta muito boa, William. Eu não sei a resposta, mas espero que de alguma maneira reconheça, quando tiver passado tempo suficiente.

— E quanto a mim, bela cigana? Eu fui uma diversão puramente medicinal, uma cura para a melancolia, ou gosta de mim, mesmo que só um pouco?

— Que falsa humildade você demonstra, Killigrew. Você está bem ciente de que gosto de você o bastante.

Sorrindo amplamente, ele tomou sua mão e a levou aos lábios. — Então, talvez você permita que eu apele a você, quando meus negócios me levarem para Cornwall no futuro.

— Eu ficaria mais do que encantada, — ela disse com sorriso ao responder.

***

A neve mudou para chuva durante a noite, seguida por ventos aprazíveis, e pela manhã as estradas rapidamente secaram. Sarah gastou parte da manhã negociando uma troca de éguas reprodutoras com o novo conde, e o resto se preparando para retomar sua jornada. Ela estava vestida com calça e botas, e prestes a partir quando duas carruagens chegaram fechando o passeio. Elas pararam em tumulto de cascos, saudações e agitações de anáguas, e lançando um sortimento brilhante de senhores e senhoras no pátio.

— Tem certeza que não pode ficar mais um dia? — Killigrew perguntou, travesso.

— Bastante certa, meu senhor, — disse, subindo em sua carruagem e

oferecendo a mão.

— Pela minha palavra, acredito que é a Condessa Cigana, e vestida como um rapaz! — Um dos cavalheiros observou. — O que será que ela está fazendo aqui?

— Eu penso que é óbvio, — uma loura glacial respondeu, entre risadas divertidas.

— Oh, meu querido! Eu incomodei sua amante, William? — Sarah docemente perguntou.

— O quê? Você quer dizer, Barbara? Lady Wilmont? Você me feriu, menina querida! Eu sou conhecido pelo meu bom gosto e carinho por um desafio.

Os olhos de Sarah ficaram iluminados de diversão enquanto Killigrew beijava sua mão. — Bem, em todo caso, eu estou publicamente contabilizada como uma das suas descartadas agora, meu senhor. O mínimo que você pode fazer é me oferecer uma das suas éguas, como compensação para aceitar minha liberação dignamente.

— E assim farei, Condessa, se prometer não revelar que *você* me rejeitou, — ele disse, caminhando ao lado do seu treinador.

— Bem, minha reputação já está arruinada. Não vejo porque prejudicar a sua. Seu segredo está seguro comigo. Até nós nos encontramos novamente, senhor.

— Até nos encontrarmos novamente, Sarah, — ele disse com uma risada, batendo de leve no lado do treinador e dando um passo atrás. Ele permaneceu no passeio assistindo sua partida, até que suas companhias clamaram por atenção. *Então… Seu rival era um homem morto. Ele teria que ser, para deixar tal joia desacompanhada. Apresenta algumas dificuldades interessantes, mas nada insuperável.* Com um sorriso satisfeito, o Conde de Falmouth retornou a seus convidados.

***

Sarah amava se aproximar de Londres depois de escurecer. Por oito milhas, as estradas eram limitadas por luminárias acesas com bolas de cristal, fornecendo um brilho bonito que transformava o esquálido e mundano, em algo mágico e cheio de promessas. Nunca se sabia que aventura poderia aguardar. A casa era situada no extremo oeste, com vista para uma praça agradável. Uma equipe mínima, prevenida por Ross, conseguiu abrir e arejar a casa e a preencher com um agradável perfume de boas-vindas na forma de rosbife e pão assado. Sarah se refrescou, jantou, e caiu na cama, exausta.

Os próximos dias foram ocupados. Ela visitou a biblioteca circulante na

Bond Street, e comprou os presentes de Natal para Jamie, Ross, e Davey. Quando sua correspondência chegou, encontrou vários convites interessantes. Sua família mantinha uma correspondência animada com muitos dos principais pensadores da época, e embora não fosse acolhida pela melhor sociedade, era calorosamente recebida pela mais interessante.

Ela visitou galerias e museus, e frequentou o salão de Lady Webster, uma semi respeitável amiga de antes do seu casamento, que era agora uma escritora. Sarah achou estas noites na companhia de escritores, cientistas, músicos, e outros do *demimonde*, muito mais interessante que qualquer outra que poderia ter gasto no seio sufocante da Ton. A noite que mais apreciou, porém, foi a com William Herschel, um amigo de astrônomo e professor de música que construiu um telescópio grande com a ajuda do irmão e da irmã, com o qual descobriram dois satélites de Saturno.

Indo para casa, percebeu que viveu mais nas últimas três semanas que nos últimos dois anos. Foi um grande dia. O ar estava fresco, o céu estava claro, e ela estava contente e agradecida por estar viva. Ela realmente só teve um ano com Gabriel, e na primavera faria dois e meio desde que a deixou. Ela pensou sobre o que William Killigrew disse, e sabia que estava certo. Gabriel nunca desejaria que ela o esperasse.

Ela se perguntou como a vida teria sido se ele tivesse retornado para casa com Davey, como esperava fazer. Ela tinha pensado em nunca mais se casar novamente. Sua própria experiência e o que testemunhou entre seus amigos e conhecidos, a tinham convencido que nunca deixaria qualquer homem governar seu corpo, sua fortuna, ou sua vida, mas Gabriel tinha sido diferente. Ela sabia que ele seria fiel a ela, muito contra a moda, e para a grande decepção das empregadas e meninas de aldeia. Ele não teve nenhum pensamento sobre a governar, contente em ser amigo e amante, e tinha estado muito mais preocupado em deixar sua fortuna para o próprio uso dela. Acima de tudo, ele a ensinou a alegria e prazer que um homem podia dar a uma mulher. Seus lábios e dedos do pé enrolados a lembravam de seus beijos aquecidos. Ela não tinha hesitado um momento sequer, quando ele veio naquela noite a pedindo para casar-se com ele, e não lamentava agora. Pelo menos, ela teve aquele tempo com ele.

O problema era que ele a ensinou a apreciar um homem de um modo que nunca pôde antes, e estava sozinha de um modo que nunca imaginou. Ela pensou sobre Killigrew, e perguntou-se pela primeira vez, se Ross não sabia muito bem quem ele era, e não o pôs deliberadamente em seu caminho. O pensamento

devia deixá-la brava, mas não deixou. Ele era um desafio de que qualquer mulher sensata ficaria bem longe. Encantador, bonito, e muito mal, ele era um libertino licencioso, mas ela percebeu algo mais, e seu bom humor cínico se mostrava uma grande atração. Sensata, ou não, ela se achou interessada em alguém, pela primeira vez em anos.

Chegando em casa dois dias antes de Jamie, ela foi imediatamente pega pelo alvoroço dos preparativos do feriado. Seu bom humor se espalhou pelo resto da casa, e embora passassem um Natal tranquilo, foi muito agradável. Quando Davey veio, hesitante e cuidadoso ao seu redor, como ele sempre era atualmente, ela lhe deu um grande abraço, sabendo que ele tinha sofrido em silêncio com a culpa. — Eu sinto tanto, Davey. Eu tenho sido imperdoavelmente egoísta. Eu não o culpo, você sabe. Não foi sua culpa. De forma alguma. Só tem sido tão duro…

Ele a abraçou de volta, aliviado, e grato pelo retorno da camaradagem fácil e afeto profundo que sempre tinha estado entre eles.

Sarah saudou o Ano Novo com excitação. Ela recebeu várias cartas de Londres, inclusive uma de sua velha amiga Lady Webster, convidando-a para ir a uma escalada na Itália com ela e Lady Spenser, na primavera. Havia também uma carta muito encantadora do Conde de Falmouth, agradecendo sua visita e a convidando a visitá-lo em Londres, se estivesse propensa. Ela pensou que poderia começar a estudar o assunto. Talvez escrevesse e o convidasse a visitá-la em Cornwall. Mas não ainda. Ela sentiu como se finalmente tivesse acordado de um sono profundo, e não tinha nenhuma intenção de se perder novamente, mas toda noite sonhava com Gabriel, e ela sentia, embora ele não esperasse isto, que esperaria por mais algum tempo.

***

A chegada da primavera encontrou Sarah nos estábulos ajudando Simmons com um parto. Ela esperava partir para a Itália dentro de um mês, após uma parada rápida em Londres para renovar contatos com velhos conhecidos. O pensamento a fez sorrir. Ross foi para a Holanda a negócios e era esperado de volta a qualquer hora, e quando um empregado veio informá-la de seu retorno, e seu pedido para vê-la imediatamente, se apressou para casa. Ele a saudou com um grande abraço, mas ele estava claramente inquieto, olhando-a com uma mistura de apreensão e solicitude que não mostrava em meses.

— Bom Deus, Ross, qual é o problema? Você está me deixando nervosa.

Suspirando, ele despejou para ambos uma bebida. — Sarah, recentemente tive algumas informações de um sujeito que serviu comigo, quase dez anos

atrás. Não sei o quanto é confiável, e me debati se devia dizer a você. Eu quero que entenda que ponho muito pouca fé nisto, mas sinto que você tem o direito de saber.

— Diga-me o que é, Ross? Que informações? — Sarah perguntou, seu coração batendo.

— Bem, minha querida, o sujeito alega ter sido prisioneiro na costa de Barbéria alguns anos atrás. Ele recentemente escapou do cativeiro, como vê, e veio até mim, como seu antigo comandante, para ver se eu o poderia ajudar a se restabelecer. Ele alega ter servido com um capitão corsário, como um renegado, um sujeito que se transformou em turco, como eles dizem. Ele diz que escapou com dois franceses e alguns outros membros da tripulação, quando foram colocados em um navio de prêmio. Um deles era o segundo no comando. A coisa é, Sarah… parece improvável, mas do modo como ele descreveu esse homem, ele se parece um pouco com Gabriel.

— Oh, meu Deus! — Sarah se lançou em Ross, abraçando-o excitada, rindo e chorando ao mesmo tempo. — Ele está vivo! Eu sabia. Oh, eu sempre soube. Oh, Graças a Deus! Onde está ele, Ross? Seguramente você perguntou ao seu companheiro onde ele está — Calma, Sarah, — Ross disse, suavemente se separando e a guiando para uma cadeira. — Você não deve ficar muito esperançosa. Como eu disse, duvido muito que possa ser ele. Seguramente se fosse, Davey o teria achado antes. O homem com quem falei fugiu dez meses atrás. Ele diz que os franceses foram para Paris, e depois para Londres. Seguramente se um deles fosse Gabriel, ele teria contatado você imediatamente. Eu lhe disse isso, não porque acredito, mas porque simplesmente senti que era algo que você precisava saber.

— Você está com a razão, Ross, — Sarah disse, atordoada e exultante. — Eu certamente precisava saber.

Capítulo 31

Napoleão, em seu retorno triunfal a Paris, tinha proclamado uma anistia geral para a maioria das classes de exilados franceses, e no primeiro ano como Cônsul, mais de quarenta mil famílias tinham sido autorizadas a retornar, os Chevalier entre eles. Quando Gabriel e Jacques chegaram a Paris, a cidade estava prosperando, repleta de soldados, cidadãos, retornando a velha guarda, e turistas britânicos ávidos, que atravessaram o canal logo depois do tratado ser assinado. Era uma cidade cosmopolita, particularmente no verão de 1802. Mesmo assim, eles criavam um pouco de agitação quando andavam a passos largos pelas ruas de Paris bronzeados e armados até os dentes.

— *Il faut d'argent* — Foram as primeiras palavras de Chevalier ao entrar na cidade.

— O que propõe, Jacques? Nós deixamos uma maldita fortuna atrás de nós. Esta é a segunda que perdi até agora. Nós temos isto, porém. — Gabriel disse apontando para as túnicas e retirou a bolsa que surrupiou de *De Sevigny*, lançando-a para o companheiro.

— Mas isso é muito bom, realmente, Gabriel! Eu proponho que nós invistamos isto no ***Palais Royale*.**

— Você está sugerindo que apliquemos o dinheiro no vício, Chevalier?

— Mais assiduamente, sim. Eu tive até agora *une vie manquée*. É dificilmente tempo de parar. Eu lhe asseguro que estou muito bem preparado.

— Eu não duvido. Tive algum pequeno sucesso nas mesas de jogo também. Já observei que com a habilidade adequada e atitude confiante pode-se virar o jogo em benefício próprio.

— Bem, então, meu amigo, — Valmont disse, lançando de volta a bolsa para Gabriel, — eu sugiro que preparemos nossa ofensiva. Nós devemos desviar e distrair. Devemos vislumbrar, ofuscar, brilhar, e acima de tudo, não devemos parecer burgueses.

O ***Palais Royale*** era o centro da política parisiense e intrigas amorosas, e uma das mais célebres casas de jogo do mundo. Foi ali que eles lançaram sua campanha de jogo e galhardia, com atenção a restaurar suas fortunas perdidas. A sociedade de jogadores profissionais que vagava nas grandes cortes e cidades importantes da Europa tinha largamente abandonado as distinções de nascimento, à vontade, habilidade e capacidade de jogar em profundidade, que

era o grande equalizador. Era uma sociedade móvel cínica, de sangue frio, homens e mulheres fortes, que viviam por suas próprias regras, e Gabriel e Valmont se ajustaram bem.

Eles implementaram uma estratégia que depressa os elevou para o topo do ranking entre os predadores em Paris no momento. Eles não enganavam. Não precisavam. Reunindo seus recursos e compartilhando os ganhos, eles jogavam apenas os jogos onde a habilidade, atitude, e uma cabeça fria, lhes dava vantagem acima dos oponentes e probabilidades. Afetando os maneirismos extravagantes e vestidos como o antigo regime, usando veludo, sedas, joias, e sapatos de saltos altos, sendo ambos altos, eles ficavam acima da maioria dos habitantes. Escandalosamente bonitos, reluzindo e usando pó e *Kohl*, eram sempre o centro da atenção.

Gabriel se encontrou como um primo novamente, alegando que Chevalier era um parente não muito distante. Foi amplamente espalhado que deviam ser amantes. Não era nada óbvio, um sorriso do outro lado do salão, um toque no braço, um olhar desprotegido, e um certo *je ne sais quoi* de estilo e maneira. Pederastia e incesto. Até o mais *laissez-faire* dessa sociedade dissoluta ficou encantado com a fofoca, que lhes serviu bem. A família de Chevalier, tentando restabelecer a si mesmos e sua fortuna, ficaram incrivelmente consternados com o retorno do pródigo, e ruidosa e publicamente o renegaram. Ele estava morto para eles, mas a indignação chocada por seu comportamento escandaloso abasteceu alegremente a fofoca maliciosa a que ambos, Chevalier e Gabriel, deram boas-vindas. Chamando a atenção para si mesmos, desviaram a atenção de seus oponentes no jogo.

Um jogador que era perito em identificar situações onde teria a vantagem acima do cassino, podia fazer bastante dinheiro em *vingt-et-un*, e Gabriel ensinou um Valmont encantado, seu sistema para contar as cartas. Escolhendo os jogos, permanecendo implacavelmente sóbrios enquanto aqueles ao seu redor se rendiam ao excesso, eles utilizaram conhecimento e experiência, contra a ignorância e imprudente autoabandono. Em três meses recuperaram toda a fortuna que deixaram para atrás em Algiers, e estavam a caminho de dobrar isto.

O retorno de Gabriel a Paris reavivou sentimentos e memórias que pensava estar há muito mortos e enterrados. Seus pesadelos retornaram como uma vingança. Seu sono era cheio de terríveis horrores de sangue e morte; altas ondas e ossos quebrados, e beijos doces que terminavam em torções de ódio. Acordado, era atormentado com pensamentos sobre Sarah, constantemente ciente de que ela estava agora ao seu alcance, três, talvez quatro dias de

distância. Ele se perguntava como ela enfrentou a notícia sobre sua morte, o que estava fazendo agora, e se sempre pensava nele. Ele se perguntou se ela se casou novamente, corretamente desta vez, com alguém que seu irmão alegremente aceitaria, alguém merecedor dela.

O pensamento dela com outra pessoa torceu nele como uma faca na barriga. Ele já não abrigava quaisquer ilusões entretanto, sobre quem ou o que era. Ele veio a entender o que Sarah tentou dizer que, quando jovem, e até mais tarde, ele nunca realmente teve a chance de escolher por si mesmo. Que o *De Sevigny* fez com ele anos atrás não foi sua escolha, mas que foi forçado, e quando lhe foi dada a chance, foi Sarah que escolheu. Ele até começara a acreditar que talvez estivesse certa. Talvez merecesse amar e ser amado, como qualquer outro fez, mas não podia acreditar mais nisto.

Ele tivera a oportunidade de conhecer algo melhor. Fôra Sarah que lhe dera, e ele a traiu com o presente mais íntimo que tinha para dar. Não tinha sido tomado, ou forçado. Ele deu livremente, deliberadamente, para *De Sevigny*. Um beijo, seguido por outros, para encantar, seduzir, destruir. Ele finalmente se tornaria o gigolô que *De Sevigny* e outros sempre pensaram que ele fosse, não por dinheiro, não por favores, mas por vingança.

Ele a traiu, e traiu a si mesmo, e só por isso teria muita vergonha de a olhar nos olhos, mas havia mais. Nada importou depois disso. Ele matou, frio, mecânico, e impiedoso, negociando a morte e sendo pago por isso. Ainda agora caçava o fraco e o patético. Ele estava familiarizado o suficiente com os rituais de auto destruição e desespero para reconhecê-lo em outros. Ele via isso nos rostos de meninos tolos e homens desesperados que assombravam os cassinos, buscando o consolo pervertido da humilhação e ruína. Ele os conhecia intimamente, e viveu com eles, usando sua debilidade para sua vantagem, os ajudando a traçar seu caminho.

A melhor coisa que podia fazer por Sarah era ficar longe dela, a deixar pensar que estava morto, e deixá-la começar vida novamente. Embora ela estivesse só a algumas milhas longe, alguns dias distantes, era uma distância impossível, uma brecha insuperável para cruzar. Ele não conseguia encontrar o caminho de volta. Ele não sabia como. Ele estava bem e verdadeiramente perdido. Pelo menos De Sevigny lhe havia dado uma lição útil. Ele o ensinou a não sentir. Tudo que precisava era se lembrar disso, e então, ficaria bem.

Pensando que um homem que tinha dinheiro tinha, pelo menos, algum controle do seu destino, ele afogou seu tumulto na perseguição implacável de aperfeiçoar seu jogo, e aumentando os seus ganhos e de Chevalier. Sua

estratégia não foi sem falhas. Chevalier era desordenadamente aficionado por mulheres. Mulheres altas, pequenas, jovens ou velhas, prostitutas ou damas, sentia-se supremamente insatisfeito se não estivesse ao menos encantado, ou sem mais um grande *affair d'amour*. Tendo passado muito tempo fora, utilizou dos serviços discretos de uma cortesã local, até que fez a feliz descoberta de que muitas senhoras eram fascinadas por sua aparência andrógina e sexualidade enigmática. Elas competiram para o seduzir, encantadas por pensar que poderiam ter o poder de o influenciar. Ele se encantou em parecer hesitante, permitindo-lhes tentar.

— *Ma foi,* Gabriel! *C'est un embarras de richesses*! Elas acham que, embora não estou propenso, estou sempre disposto a ser fraco. Elas me procuram impiedosamente, belezas todas e cada uma delas!

— Estou feliz por você, é claro, Valmont.

— Sim, mas como um homem pode escolher? Qual delas devo permitir que me seduza primeiro?

Diferentemente de Chevalier, Gabriel não estava disposto a ser fraco. Bonito e frio como gelo, existiam poucos que ousavam desafiar sua reserva, o que não foi bom para aqueles que tentaram, esfolando-os com um desdém frígido e um humor ácido, que outros tinham medo de se aproximar.

— Realmente importa, Valmont? — Gabriel perguntou cansado. — Elas parecem um pouco intercambiáveis.

— Mas claro que importa, *mon vieux*! A grande honra irá para a Diana, Hecate, ou Artemis que sucede. Mais importante, parece haver grandes apostas no resultado.

Gabriel desatou a rir, e de tão desacostumado, realmente doeu. Ele agradeceu a Deus, não pela primeira vez, por colocar Chevalier em seu caminho. — Você é incorrigível, Jacques! Certamente, deve escolher as probabilidades menores.

No fim foi Madame Mercier, uma Diana com um nariz atrevido, cachos dourados, e fazendo beicinho com os lábios, que venceu. O que lhe faltava em profundidade, a conversa dela mais que compensava em quantidade e volume. Gabriel achou sua companhia irritante ao extremo, mas Chevalier não parecia se importar. Ela o acompanhava em todos lugares, segurando o seu prêmio firmemente pelo braço, envaidecendo na frente de suas rivais e divertindo-se com desgosto óbvio de Gabriel, que entendeu como ciúme.

Inteligência e boa conversa não estavam entre as qualidades que Valmont achou necessário, ou esperou em uma amante, e o que o *fez* preferir era sua

‘ampla abundância’. Foi azar, então, que seu marido, um importante major postado nos arredores de Paris, teve os maus gosto de se opor ao negócio. *Chevalier* logo se viu desafiado para um duelo.

— *Croix de Dieu,* eu não tenho desejo matar um homem por motivos tão insignificantes, Gabriel. Qual é o problema com ele?

— Mmm, talvez ele a ame ou não aprecie você como eu, Jacques.

— Tenho certeza que você se acha muito engraçado, *St. Croix*, mas eu não.

— Peço desculpas, *Chevalier*. É um assunto sério, claro, um caso de honra, afinal. O que diz sua amante? Talvez a pudesse permitir que convencesse você a poupá-lo. *Noblesse oblige*, e tudo mais.

— Infelizmente não, ela está provando ser bastante sanguinária. Ela quer que o mate e me case com ela, ou pelo menos, lhe dar uma casa, uma mesada e uma carruagem. Ela diz que ele tem sido muito cruel, ameaçada a ser lançada na rua sem nada.

— O monstro!

— Se exploda, homem, não é divertido! Ela está ameaçando me processar. E tudo está se tornando muito chato.

— Não estou surpreso. Eu a achei tediosa desde o momento em que você a apresentou. Ela é insípida, superficial, e carente de compreensão de qualquer coisa além de suas próprias necessidades. Eu estou perplexo com o que viu nela.

— Sim, bem, existem coisas que a maioria dos homens apreciam em uma mulher, e asseguro que ela as têm em abundância, e sagacidade e beleza além disso.

— Se ela tem sagacidade, Chevalier, posso assegurar que me tem faltado isso para descobrir nela.

— Você está sendo muito severo, Gabriel! Você espera demais dela. As mulheres não pensam como nós. A maior parte delas é encantadora, criaturas tolas, e querem ser apreciadas como tal. Não se deve culpá-las por coisas que são estranhas a sua natureza, ou estão além de suas habilidades e compreensão.

— Isso é uma arrematada tolice, Valmont. Eu conheço uma mulher cuja compreensão é tão grande quanto a de qualquer homem, e superior à maioria.

— Você conhece realmente? Quem é ela? Eu já a encontrei? — Valmont ficou surpreendido e sutilmente interessado. A única vez que ouviu Gabriel falar de uma mulher era quando esteve delirando.

— Deixe estar, Jacques. Não tem importância.

Havia um tom de finalidade na declaração que disse a Chevalier que o

assunto estava encerrado. Ele conhecia Gabriel bem o suficiente agora, e sabia que não devia pressionar. Ainda assim, estava fascinado pela revelação inadvertida. Aparentemente existia uma mulher no passado do amigo inescrutável.

— Talvez seja hora de deixarmos Paris, — Gabriel aventurou. — Há uma conversa de que a paz não se manterá e tenho em mente tentar Londres, ao invés de nos envolver na loucura mais recente de Napoleão.

— Realmente, meu amigo? Você imagina que abandonaria minha amante? Eu sou tão frio? Meu amor é uma coisa tão receosa e superficial?

— Sim. É.

— Você não acredita que eu a ame?

— Eu acredito que é a aventura que você ama, Jacques, não a mulher.

— Seu perdão, *mon vieux*, mas o que sabe sobre tais coisas? Pelo que vi, você não ama as mulheres de forma alguma.

Gabriel encolheu os ombros. — Fique então, Valmont. Mate o pobre e importante major e case com sua mulher relaxada, se sentir que deve.

***

Dois dias mais tarde tomaram o paquete de Calais até Dover, e alguns dias depois estavam assentados em alojamentos confortáveis de solteiros na St. James Street.

Apesar de décadas de guerra bastante constante, e preocupações recentes sobre acúmulo de forças de Napoleão ao longo da costa, o caso amoroso da aristocracia britânica com o jogo e tudo que fosse francês continuava inabalável. Gabriel e Chevalier encontraram-se acolhidos como apenas mais dois franceses perdidos na multidão que emigrou de Paris durante a última década.

Seus novos alojamentos os colocaram na vizinhança imediata de três dos clubes de homens mais proeminentes de Londres. Estabeleceram-se depressa no Brooks, escolhido por causa seus membros ricos e reputação de um jogo sensacional, aplicaram os mesmos princípios que lhes serviram tão bem na França. Foi até mais efetivo em Londres, visto que os britânicos estavam mais interessados em suas bebidas. Por volta do Ano Novo, eles estavam prontos para comprar uma casa na Rua Chesterfield. Com a casa vieram os convites para jantar, gota a gota no princípio, principalmente de expatriados conhecidos de Chevalier. Mas foram rapidamente seguidos por uma série de outros. Extravagantemente vestidos, boa aparência flagrante, e riqueza descarada os fizeram irresistivelmente atraentes para uma entediada e cansada Ton, ávida

por novidade e fofoca.

***

— Nós fomos aceitos em todos os lugares, *mon vieux*, — Chevalier observou triunfalmente um mês depois da mudança.

— *Veni vidi vici*, — Gabriel disse com um sorriso cansado.

— Talvez eu deva me casar com uma dessas bonitas herdeiras inglesas e me estabelecer por aqui. O que acha, *St. Croix*?

— Eu penso que convidam estrangeiros interessantes para suas festas e bailes como uma forma de entretenimento, Chevalier. Não se casam com eles, particularmente quando são o foco do tipo de rumores anexados a nós dois.

— Eu não sou um arrivista, Gabriel! As linhagens da minha família podem ser rastreadas até Carlos Magno. Eu sou extremamente bem educado e muito rico, como meu primo, então você também. É mais que suficiente para assegurar que qualquer indiscrição juvenil será perdoada, — adicionou com um sorriso.

— Eu não sou extremamente bem criado, Jacques. Minhas linhagens podem ser rastreadas até a sarjeta.

— Que tolice, *mon cher*! O quão divertido você é às vezes. Você é tudo que resta da antiga linhagem dos *St. Croix*, e nossas famílias têm casado entre si por gerações.

Apesar de suas fortunas respeitáveis e linhagens antigas, os descendentes das famílias Valmont e *St. Croix* encontraram-se bem-vindos nos clubes como convidados, mas não como membros. Ao invés de agradar, aplacar, e graciosamente perde-se na esperança de suavizar o caminho para a adesão à sociedade, escolheram começar a promover suas próprias festas informais, convidando os escandalosos, os espirituosos, os ricos e os selvagens.

A casa na Rua Chesterfield era grande, confortável, e decorada com bom gosto, confinada em uma praça elegante. Eles equiparam um quarto de cima com uma mesa de bilhar magnífica, e a sala de visitas e o salão eram decorados no estilo de Louis XIV. A biblioteca e vários pequenos quartos privados eram decorados com poltronas e sofás convidativos para aqueles que preferiam conforto a elegância. Valmont foi capaz de assegurar os serviços de Monsieur Villeneuve, um chefe de cozinha francês soberbo. Quando tudo estava pronto, eles começaram a corte, manipulando seus convidados com comida suntuosa, os melhores vinhos, a conversa mais divertida, e mais ao ponto, o jogo mais particular de toda a Londres.

Ao contrário dos clubes em St. James, mulheres eram bem-vindas, e muitas vieram, algumas acompanhando seus amantes, e outras para apreciar a

companhia e jogar. Embora a maioria era *demi mondaine*, existia mais que uma pitada de senhoras da sociedade no meio da mistura. Era uma multidão dissoluta, cansada, rica, entediada, e viciada em álcool, jogo e sexo. Eles apreciaram sua própria companhia, apreciaram as mulheres, e perderam seu dinheiro. A sagacidade cruel e ríspida, refeições pródigas e álcool abundante, os mantiveram voltando.

Para Gabriel rapidamente se tornou uma farsa oca. Às vezes, podia se separar e assistir tudo com uma curiosidade legal, semelhante à que experimentou em batalha. Sua inteligência estava mais afiada, e então, ácido e corrosivo, esfolando qualquer infeliz que chamasse sua atenção para a diversão encantada do resto. Outras vezes ele era agarrado por um vazio e desespero tão profundo, que dificilmente podia se mover ou falar. Ele se retirava então, normalmente para a biblioteca, e tentava o seu melhor para se perder na bebida.

Jacques estava ficando preocupado. Ao longo de suas aventuras na costa Barbary, escravidão, guerra, fuga, e tudo o que tinha acontecido com *De Sevigny*, Gabriel mostrou pouca ou nenhuma emoção. Parecia antinatural, na época, mas aceitou isso como simplesmente uma parte da natureza do homem. Agora não estava tão certo. Desde sua chegada à Inglaterra, *St. Croix* se tornou cada vez mais mal-humorado e irritado. Ele estava bebendo mais, entretanto nunca quando jogava, e ele o achou em uma ocasião, olhando fixamente para o espaço com um olhar triste e assombrado em seus olhos.

Jacques sabia tudo muito bem, que fez um homem ter bem pouco de bom para refletir no passado, particularmente quando era violento e sangrento. Quando tais humores se apoderavam dele, buscava seu conforto em mulheres ardentes e dispostas, perdendo-se em um êxtase de sexo e prazer. Ele ainda não tinha visto Gabriel fazer isso, e se preocupava. Ele o achou na biblioteca, bebida na mão, olhando vagamente para o fogo. — *Bon soir, mon ami*. Nossos convidados mandaram que o localizasse em sua toca. Um em particular, uma Amaterasu de cabelos dourados, que anseia por você poderosamente.

— Está se referindo a Lady Wilmont? Aquela cadela voraz não me deixa em paz.

— Fruto proibido, temperado com pecado e malícia. Quem pode culpá-la? Você não tem interesse nela, então?

— Nenhum, Valmont. Faça como deseja. Quem mais está conosco hoje à noite?

— Nós somos honrados com o habitual, *mon cher*, vários patifes, prostitutas, mulheres rameiras, e cadelas, e depois há as mulheres. Junta-se a nós?

— Não agora, Jacques, talvez mais tarde.

Era muito mais tarde quando Gabriel finalmente se mexeu. A casa estava quieta afinal, e a luz pálida do amanhecer estava despontando pelas cortinas desenhadas. Ele avançou corredor abaixo para seu quarto, não esperando dormir, mas o ritual iria, pelo menos, fazer passar algum tempo, quando ouviu gemidos de um dos quartos privados. *Droga, já passou muito dos tempos para os convidados partirem! Eles não têm suas próprias casas para ir?* Gabriel seguiu pelo corredor e abriu a porta. Chevalier estava em uma confortável poltrona estofada, uma bebida em uma mão, e a outra descansando no alto da brilhante cabeça de Lady Wilmont enquanto ela estava ajoelhada entre suas coxas, se aplicando ao seu prazer. Os dois o olharam à sua entrada.

— *Pardonnez moi* — ele disse, se curvando e se voltando para ir.

A senhora sorriu provocadora, uma loira gelada com olhos azuis tão frios quanto os seus próprios. — Talvez queira se juntar a nós, *St. Croix*?

— Não, *merci,* madame. *Je suis de trop* — disse, saindo do quarto e fechando a porta.

— O que está errado com ele, Valmont?

— Nada para preocupar sua bonita cabecinha, *mon cher*i, — Jacques sussurrou, gemendo de prazer enquanto a guiava de volta à tarefa em suas mãos.

***

Apesar do desinteresse demonstrado por Gabriel, Lady Wilmont não o deixaria em paz. Surpreendentemente, as mulheres da Ton eram muito mais persistentes do que suas audaciosas contrapartes francesas, se recusando a aceitar um não como resposta. Bonito, frio, e emocionalmente distante, ele era considerado um pouco como um troféu raro. Todas as mulheres que frequentavam seu estabelecimento o queriam, e alguns dos homens, também. Seu desprezo e rejeição só serviam para despertar o interesse, e enquanto ele ficava cada vez mais cansado, mais suas recusas se tornavam cruéis.

Tentado a ter uma amante só para pôr fim a isso, ele cinicamente considerou dizer a Chevalier primeiro, de forma que ele poderia fazer uma aposta sobre quanto tempo levaria e qual o sexo. No fim, escolheu Barbara, com seus olhos gelados, porque ele manteve todos achando, inclusive Valmont, que tinham chegado a um acordo que se adequava a ambos, e porque ambos eram duas prostitutas.

Capítulo 32

Gabriel odiava a chegada da primavera. Era um tempo de esperança e novos começos, e sua fecundidade alegre parecia zombar dele, enfatizando tudo que era estéril, árido, e desintegrando em sua própria vida. Foi quando conheceu Sarah. Se alguém lhe dissesse quatro anos atrás que viajaria o mundo, acumularia riqueza, possuiria uma boa casa, e seria recebido na parte mais alta da sociedade, o teria chamado de lunático ou bobo. Mas aqui estava ele, e nada disso significava alguma coisa. Cheio de sua casa e da companhia da mesma, doente até a morte de sua amante, saiu e foi até o Brooks, na esperança de ler um jornal e tomar um café em paz.

Estava mais lotado que esperado para o início da noite. William Killigrew, agora o Conde de Falmouth, estava novamente na corte. Gabriel retornou o aceno do homem com um lacônico próprio. Notório mulherengo despreocupado com o protocolo e perigo, os vícios do conde não se estendiam ao excesso no jogo ou na bebida. Ele frequentou algumas das suas *soirées*; na verdade, foi quem levou Barbara Wilmont até lá, mas não era um cliente regular. Havia uma inteligência e civilidade no homem que Gabriel gostava.

Olhando para o jornal com desinteresse, se debatia se devia ir para as mesas de jogo quando Lorde Charles Seymour entrou, alto, irritante, e sem fôlego.

— Killigrew! Já faz algum tempo. Ouvi que você está de parabéns!

— Obrigado, Seymour, embora agora seja notícia antiga. O velho bastardo encontrou seu criador há mais de seis meses.

— Oh, sim. Isto, também. Estava aludindo, porém, a sua conquista mais recente. A fofoca na Ton é que conquistou a condessa cigana. Ela está na cidade, sabe.

Gabriel endireitou-se e se levantou. Killigrew riu e acenou para o criado para trazer outra bebida. — Chegou, realmente? Eu devo visitá-la. Quanto ao resto, desejaria que fosse verdade, Seymour. Eu certamente me esforcei bastante. Infelizmente, a dama *é* realmente uma dama, veja você, e embora aprecie sua companhia em alguns aspectos, ela não tem a intenção de me permitir desfrutar de outros. — Todos riram repentinamente, exceto Gabriel, que permaneceu assistindo, atento e ainda parado como uma pedra. Killigrew notou seu interesse e ficou perplexo. Fôra dito que o homem era indiferente a fofoca, mesmo sobre ele ou qualquer outro.

— Tem minha palavra, Killigrew que está enganado; então, você não sabe. Eu tive o uso dela quando passeou por Londres logo antes do Natal, é um pequeno pedaço quente ela é, asseguro.

— Você realmente assegura, Seymour? Permita me dizer que acho isso mais que improvável. Ela me informou que estava esperando alguém a quem prometeu. Eu mal posso acreditar que uma mulher de gosto tão requintado podia estar se referindo a você. — Houve outra explosão de riso e uma sensação exaltada de antecipação. Um duelo parecia provável, e apostas estavam sendo feitas.

— Está me chamando de mentiroso, senhor?

— Realmente, senhor. Eu estou.

Agitado, intensamente envergonhado, e mortalmente com medo, Seymour tentou bufar seu caminho para a saída. — Isto é absurdo, Killigrew! Você está sendo absurdo! Não há necessidade de proteger sua honra. Todo mundo sabe que ela é um pouco melhor que uma prostituta.

O Conde de Falmouth saltou de sua cadeira para emitir um desafio, mas antes que pudesse, o enganosamente lânguido Monsieur St. Croix saltou através do salão e com uma mão, ergueu Seymour fora do chão pela garganta e o bateu contra a parede. Parecia existia uma grande quantidade de força escondida debaixo das roupas e do pó de arroz extravagante.

— Você me ofende, Seymour. Ouse falar isso novamente e o matarei, — disse em um tom agradável, sociável.

Ofegando, lutando para os seus pés acharem o chão, Lorde Seymour desgraçadamente molhou os calções. Gabriel o abaixou no chão e olhou em volta, seus olhos reluzindo com uma promessa mortal. Feroz e letal, cada polegada do mercenário endurecido aparecendo, andou a passos largos no salão, inconsciente ao murmúrio surpreso das vozes, e os olhares pasmos que o seguiram.

O Conde de Falmouth estreitou os olhos e sentou-se pegando o jornal. *Que extraordinário!* St. Croix era conhecido por seu desprendimento e reserva glacial. Certamente não se esperava reações fortes dele, de qualquer tipo, ainda mais a respeito de uma mulher. Também não esperava que possuísse tal força e velocidade. Parecia que havia mais que sua língua perigosa. Valia a pena lembrar. Ele especulou se o homem poderia ser extraviado amante de Lady Munroe. Pareceu improvável que tal sujeito tão frio e distante podia ter sido o amante de uma mulher tão ardente e vibrante quanto Sarah Munroe. Ainda assim, havia claramente alguma profundeza oculta. Ele se perguntou

brevemente se estava moralmente obrigado a escrever e contar suas suspeitas. Ele sacudiu seu jornal e começou a ler, decidindo que não era.

Gabriel caminhou para casa, por fora era um modelo de indiferença tranquila, mas seu coração batia dentro no peito e o sangue rugia nos ouvidos. Ele cruzou a rua ocupada sem olhar, ou evitando friamente aqueles que tentavam saudá-lo. *Ela esteve aqui, em Londres, logo antes do Natal! Ele poderia ter passado por ela na rua. Enquanto ele e Valmont estavam presidindo o deboche na St. James Street, ela tinha feito compras, indo para suas conferências... Esperando... por ele. Ela estava aqui, em Londres, agora!*

Ele tinha se determinado a acreditar que ela devia achar que estava morto, que iria se casar novamente. Não havia nada para impedi-la, nenhum registro de casamento além de uma anotação no diário de bordo de Davey, mas ela disse a Killigrew que estava esperando por alguém, que fez uma promessa. Pareceu que ela o estava aguardado, mesmo depois de três longos anos. *Enquanto for preciso*, ela disse. Ele devia saber. Sarah sempre mantinha sua palavra.

Ele se sentiu um chorão. *Que loucura o possuiu para vir para cá? Era um mundo pequeno e ambos existiam à margem do mesmo. Se ficasse, acabariam se encontrando. Como ele a poderia enfrentar?* O pensamento o encheu de alegria e medo. Ele sabia que se a visse lhe faltariam forças para fazer o que devia. Agitado, foi para a biblioteca e se serviu de uma bebida forte. Ele estava tomando o seu terceiro quando Chevalier o achou.

— *Bon soir, mon vieux*. Você é o assunto da Ton hoje à noite. Dizem que você assustou George Seymour a ponto de fazê-lo se urinar. Literalmente!

— Ele estava me incomodando, Valmont. Qual é o mal? Não fiz nenhum dano permanente.

— Você parece estar no limite nestes últimos dias, meu amigo. Eu esperava que *la belle*, Barbara, acalmasse seus nervos. Existe algum problema? Algo que deseja discutir?

— De fato, existe. Eu tenho pensado em retornar ao continente.

— Mas não, *mon ami*! Eu gosto daqui, muito. Não sobrou nada para mim na França. Eu não tenho nenhum desejo de partir. Como pode considerar isso? Você é rico! Tem uma amante bonita e uma magnífica casa! O que mais possivelmente poderia querer?

— Você não precisa vir. Esta vida não combina comigo. Eu tenho em mente adquirir um navio. Terei muito prazer, claro, em deixar para você a minha parte da casa.

— Você retornaria à pirataria? Perdeu o juízo, Gabriel? Não se recorda do que passamos para escapar de tal vida?

— Não me dê sermão! — Gabriel gritou, e imediatamente lamentou isso. — Perdão, Jacques. Me desculpe por ser tão grosseiro, mas como notou, tenho andado distraído ultimamente. Esta vida está me destruindo. Fico muito mais confortável com o vento em minhas costas. Eu pretendo me tornar um capitão mercante, não um corsário.

— Bem, não tem que decidir isso tudo hoje à noite, não é? Eu o perdoarei se vier e juntar-se a mim para jantar. Nós temos uma casa cheia hoje à noite, e Monsieur Villeneuve se excedeu. Se você estiver cansado de Barbara, existem várias outras para escolher. Depois do heroísmo no Brooks, existem várias mulheres jovens, e um ou dois homens, ávidos para cair aos seus pés. E não precisa se sentir culpado. Farei o meu melhor para a consolar.

— Sim, Jacques, — Gabriel suspirou, — estou certo que irá. — Ele seguiu Valmont para a sala de jantar. Metades do Brooks estava lá, curioso e malicioso, rindo enquanto recontavam a humilhação de Seymour, e ávidos para ver se St. Croix forneceria qualquer entretenimento adicional. Lady Wilmont foi rápida para o reclamar, segurando seu braço e o guardando zelosa, silvando se alguém, homem ou mulher chegasse muito perto. Pela primeira vez estava agradecido pela chata possevidade. Pelo menos manteve todos à distância.

***

Sarah estava do lado de fora da casa magnífica, assistindo as carruagens pararem, com seus ocupantes resplandecentes subindo as escadas e indo para dentro. Sua primeira reação às notícias de Ross tinha sido uma exaltação atordoada. Reconheceu imediatamente que era verdade. De alguma maneira, Gabriel sobreviveu. Nunca tinha sido capaz de aceitar que ele estava morto. Era mais do que a negação típica de quem sofreu muito. Era a conexão que sentiu do primeiro momento que o encontrou na biblioteca da casa de Madame Etienne. Continuou a murmurar e pulsar bem no fundo dela. Não sabia onde ele estava, mas sabia que ele *estava*, e então o procurou, e o esperou.

Sua alegria, porém, era misturada com confusão, dor, e uma crescente raiva. Algumas investigações discretas pelo representante de Ross em Londres, chegaram até um Monsieur St. Croix, novo em Londres desde o último outono, e atualmente residindo em uma opulenta casa na Rua Chesterfield. Tinha que ser. Ele estava em Londres, só alguns quarteirões de distância, enquanto ela fez compras e visitou, completamente desavisada. Antes, tinha estado em Paris. Ele que antes não ficou mais do que alguns dias longe dela por quase um ano, não

foi vê-la nem uma vez depois que voltou, para dizer que a amava, ou deixá-la saber que estava vivo. Ele até não escrevera. A raiva e orgulho lhe diziam para procurar William Killigrew, ou se virar e voltar para casa, mas precisava ver por si mesma. Ela precisava estar certa. Inesperadamente, mesmo sem ser convidada, ela subia as escadas e entrou.

Começou com sussurros e continuou em um farfalhar de sedas e rendas, enquanto os convidados elegantemente vestidos para o jantar, esticavam seus pescoços para ver. Gabriel empalideceu e endureceu, branco com o choque, e se levantou instável de sua cadeira.

Lady Wilmont, sentindo uma rival, levantou com ele, ainda segurando seu braço. — Bom Deus, olhe quem chegou. É a Condessa Cigana! O mais recente descarte de Killigrew.

— Eu gostaria que partisse. Agora! — Gabriel comandou, sua voz cortante e fria.

— Você o ouviu, — a mulher agarrada em seu braço se regozijou. — Esta é uma reunião privada e você não foi convidada.

— Eu quis dizer você, Barbara, — ele disse, removendo seu braço do aperto, ignorando seu suspiro de afronta. Ele encontrou os olhos de Sarah. Não conseguia desviar o olhar. Mal podia suportar. Seu olhar estava avaliando, questionando, cauteloso. Não existia nenhum rastro do sorriso quente que se lembrava em seus sonhos. Precisou de um esforço tremendo para manter sua voz uniforme. — Boa noite, Sarah. Localizou a minha toca. — Ele estirou seus braços largos, um sorriso divertido em seu rosto, mas seus olhos eram duros e perigosos. — Bem, minha querida, me encontrou. É o que veio buscar, não é?

Havia risos silenciosos por toda a sala, mas os dois não estavam cientes de outra coisa exceto um do outro.

O coração de Sarah estava apertado dolorosamente, sua garganta e peito doíam, e lutou para conter as lágrimas. Se sentia alegria, dor, ou desânimo, não sabia dizer. Seu olha estava frio, sem sugestão de boas-vindas. Ele era o desconhecido elegante e desdenhoso que se lembrava de Madame Etienne. Ela se perguntava se o seu Gabriel estava em alguma parte do homem que via agora. *Como podia, e deixá-la sofrer como tinha? Como ele podia ser, e não tomá-la em seus braços? Como podia ser, e estar lá agora, ao lado de sua amante?*

— O que vim buscar, é melhor ser discutido em particular.

Ele era conhecido pela crueldade de sua sagacidade, e seus convidados esperavam, respiração suspensa, para vê-la humilhada por sua audácia. Mas

qualquer falha que tinha, por mais irritado que estivesse com ela por invadir sua fortaleza cuidadosamente construída e forçando esta confrontação, não teria qualquer resposta. Ele nunca iria mostra o menor desrespeito. Nem iria permitir a qualquer outro que o fizesse. Embora um *flash* de amargura se mostrou claramente em seus olhos, sua voz era suave e cortês quando gravemente ofereceu seu braço.

— Como desejar, minha senhora. Venha.

Ela assentiu bruscamente, e descansou mão sem luvas em seu antebraço. Ele fechou seus olhos por um momento, lutando para ficar de pé, para manter a guarda, quando o seu toque afetou cada nervo de seu corpo. Ele a levou para a varanda, longe de olhos curiosos e ouvidos atentos.

O coração de Sarah doía com tanta dor que sentiu que estouraria. Era difícil respirar, muito menos falar. Ela tinha se sentido muito feliz por estar vivo, e devastada por o ver com a amante. Ela queria se jogar em seus braços, o abraçar e beijar, e nunca mais deixá-lo ir. Ela queria lhe dar um bofetão, sacudi-lo e arranhar seu rosto. Ela queria feri-lo, como ele a feriu. *Afinal de contas depois do que foram um para o outro, como ele podia?*

— Por que você está aqui, Sarah? Isto não é nenhum lugar para você.

— Eu estou aqui… eu estou aqui por você. Eu vim aqui para o encontrar e… levá-lo para casa.

Suas palavras quase o derrubaram. Um desejo selvagem perfurou o seu coração, e quase a agarrou, mas os últimos três anos afiaram seu controle. Ele gesticulou friamente para as portas abertas atrás deles, ao invés. — Bem, minha querida, você me achou, e estou em casa, como pode ver. Diga o que tem a dizer, depressa por favor. Eu tenho convidados.

Ele estava tão desligado, tão distante. De alguma maneira, ela se lembrou de como respirar, e quando falou, sua voz estava quase tão fria quanto a dele. — Eu irei diretamente ao ponto então, Gabriel. Onde você estava? Por que não nos contatou? Nós pensamos que estava morto! Como pôde nós deixar acreditando em tal coisa? Como pôde ser tão cruel, Gabriel? Você não tem ideia de como nós sentimos, o que passamos. Davey foi consumido pela culpa. Jamie e eu… nós… não posso entender isso! Por que nos deixaria lamentá-lo? Tudo que precisava era de uma carta.

— Mas estou morto, *cheri* — disse com um sorriso lânguido. — Só não estou enterrado ainda.

Ela deu um passo para mais perto e ele recuou longe. — O que aconteceu com você, Gabe, para fazê-lo agir deste modo? — Ela sussurrou, estendendo a

mão para ele, então deixando-a cair.

— Por favor não me ache ingrato, minha querida, com você, ou com sua família. Mas a missão foi cumprida, o segredo descoberto, e o réu chicoteado no meio-fio. O que mais havia para ficar?

Ela olhou cuidadosamente em seus olhos, procurando pela verdade, algo, qualquer coisa, mas estavam inanimados e vazios, como sua voz. — Não acredito em você, — ela surtou. — Não entendo por que insiste nesta charada. Se você não tem a cortesia ou a coragem para me dizer a verdade, não diga nada.

Ela considerou pela primeira vez que ele estava verdadeiramente perdido, para sempre fora de seu alcance. Ele estava vivo, embora, houvesse um grande conforto nisto. Era hora de ir. Ela o deixaria com sua amante e o lamentaria de um modo diferente. Pelo menos agora podia retomar com sua vida. Moderando seu tom, continuou, — Minha vinda aqui foi um engano. Eu sinto muito ter me intrometido, Gabriel. Por favor não me deixe mantê-lo longe de seus convidados.

Ele nunca quis causar dor a ela. Ele viu o olhar ferido enquanto ficou parado, com Barbara segurando seu braço. Ele nunca teria se exibido propositadamente daquele modo, mas Sarah tinha vindo inesperadamente, o deixando surpreso. A dor e a decepção que viu em seus olhos foi pior do que qualquer coisa que experimentou em toda a sua vida escura. Mas, pela primeira vez, os deuses foram misericordiosos, e nada, não o rosto, ou os olhos, ou a voz, o traiu. — Eu sinto muito ter desapontado você, minha querida, — disse, e se voltando foi embora. Suas palavras de despedida foram levadas para ele na brisa, quase inaudível, quando já estava no limiar, pronto para deixá-la e retornar à alegria cruel.

— Fique seguro, Gabriel, e bem-vindo ao lar.

Gabriel se moveu para o jantar, a cara séria e mudo, saiu, fechando a porta firmemente atrás dele. Chevalier soube onde o achar, e minutos mais tarde, o encurralou na biblioteca. — Você a deixou ir embora? Você está louco? Ela é sua Sarah, não é? De quem falou enquanto nós estávamos nos movemos pelo mediterrâneo. A mulher de quem falou em Paris? Ela é *sans pareille*! Tão adorável, tão fresca, tão magoada!

— Cuide de seus próprios negócios, Jacques! Você não entende nada, e não é de sua conta! Se você coloca qualquer valor em nossa amizade, nunca mais falará disso novamente. — Lançando seu copo no fogo, Gabriel saiu da sala, batendo a porta atrás dele.

Capítulo 33

Sarah retornou para a casa da cidade e ficou acordada na cama, coberta por uma tristeza profunda que era esquisitamente confortante. Ela chorou e só queria ir para casa. O homem a que tinha conhecido bem, porém brevemente, tinha sido cruelmente assassinado, substituído pelo estranho de pedra que permanecia em seu lugar. Não… Ela refletiu, isso não era justo. O guerreiro difícil de olhos duros não era nenhum estranho. Ele sempre tinha sido uma parte de Gabriel. Nunca teria sobrevivido sem ele. Mas onde estava o seu amante jovial, bondoso, o aventureiro apaixonado, seu amigo amado? *Eu estou morto*, disse, e a tinha deixado ir embora, com pouca escolha além de acreditar nisto. *O que aconteceu com ele?* Ela sofria só de pensar sobre isso. Ele sofreu e sobreviveu a tanto em sua curta vida.

— Oh, meu pobre, querido, ferido anjo, pode que a Deusa lhe encontre. Que Ela possa amá-lo, e protegê-lo, e o manter protegido de qualquer dano, — sussurrou na escuridão.

— Ah! Então este tem sido o meu engano, — disse uma voz suave. — Eu tenho rezado para o outro, um insensível bastardo.

Ela gritou e saltou da cama, seu coração batendo. Ele estava sentando no chão, um copo meio vazio de vinho oscilando de seus dedos, luar e sombra emaranhando seu cabelo. Ela gritou novamente, com raiva desta vez, e lançou um travesseiro nele. — Seu bastardo! Me assustou até a morte!

Mudando o copo para sua mão esquerda, habilmente pegou o travesseiro e o colocou atrás de suas costas. — Tsk-tsk, *mignonne*, temperamento.

Ela procurou por uma vela, a acendeu, e subiu de volta para sua cama, puxando as coberturas até o queixo. — Você está bêbado!

— Misericórdia não, não ainda, *ma cheri*. Mas se me aplicar diligentemente…

— Por que você está aqui? O que quer?

Por que estava aqui? Porque ela tinha esperado. Porque tinha ficado perdido em um mundo de pesadelos e ela veio encontrá-lo, como sempre fazia. Porque esperou, fez tudo que podia, e ele sabia que lhe cabia fazer o resto. Tão difícil quanto fosse, tinha que confiar, tinha que esperar, tinha que acreditar. Deus o ajude, tinha que tentar.

— Eu. . . eu vim para me desculpar, Sarah. Devo isso pelo menos. Mais cedo

na casa, não estava preparado para ver você. Me pegou de surpresa. Você merecia algo melhor de mim.

— Então… você está aqui para me dizer que sente muito por me deixar pensar que estava morto? Você sente muito por nunca ter escrito para mim, para me dizer que estava vivo?

— Sim.

— Bem, você está aí, então. Está feito. Agora pode ir.

— Você me fará implorar então, Sarah? Quer que eu rasteje? Eu nunca fiz isso antes, mas eu irei… por você, — disse suavemente.

— Bom Deus, não! O que pensa? Eu estou brava com você como tenho todo o direito de estar! Eu chorei por meses, temendo que você estava perdido em algum lugar, aprisionado ou machucado. Não podia acreditar que estava morto. Eu fiz Davey o continuar procurando mesmo que partisse seu coração. Ele se sentiu tão culpado, Gabriel! E agora! Aqui está você! Olhe para você! Saudável como um cavalo, cercado por seus novos…amigos, e apenas há alguns dias de jornada. Eu não quero que rasteje, ou implore. Eu quero que explique. — Ela parou, dando um grande suspiro. — Eu quero que me diga por quê. Eu não tenho a menor ideia do que você quer, mais. Por que você está aqui, Gabe, e o que você quer de mim?

— Eu quero estar lá ao seu lado Sarah… Aquecendo sua cama, — disse entrecortadamente. — Eu quero conversar, como costumávamos. Eu só queria…

— Bem? — Ela estalou. — Você atravessou toda a cidade e subiu três andares, tudo sem derramar uma gota da bebida, posso acrescentar. Por que parar a três pés de distância de sua meta?

— Você me convida? — Ele perguntou cuidadosamente.

Ela se recusou a responder e ele escolheu fazer o que queria. Não foi o álcool que o deixou instável enquanto se levantava. Andando para a cama, ele se sentou de pernas cruzadas do outro lado. Ambos estavam ofegantes, lembrando-se de outras noites. Seu coração estava martelando. *Graças a Deus, ela ainda vestia sua camisa*! Ele se sentiu um chorão novamente. Só tinha que esticar a sua mão para a tocar, mas a distância entre eles era muito maior do que isso. Ele tomou um gole do vinho, ofereceu o copo, mas ela acenou que não.

— Eu não estou certo de como começar.

Ela se recusou a ajudá-lo.

— Eu podia não a ter contatado a princípio, Sarah. Eu teria, se fosse capaz. Houve uma tempestade no caminho de volta para Gibraltar. Estou certo que

Davey disse a você. Eu estava perdido ao mar. Não sei como sobrevivi. Havia outro homem, Jacques Valmont, cujo navio foi destruído. Ele me puxou para cima de um pedaço de madeira. Não posso lembrar-me de muito sobre isto. Eu quebrei meu braço, e algumas costelas, e levei um golpe na cabeça. Eu fiquei delirante por muito tempo. Por alguma razão, Valmont decidiu cuidar de mim. Eu nunca teria sobrevivido sem ele.

— Ele é o homem que vive com você?

— Sim, ele é o sujeito alto, cabelo escuro que observava você de perto no jantar de hoje à noite. Nós fomos feitos cativos pelos piratas e enviados para uma prisão em Algiers. Fiquei lá várias semanas me recuperando.

— Por que você não fez um pedido de resgate para nós? Por que Davey não pôde achá-lo? Ele procurou em todos estes lugares.

— Eu não tinha permissão para escrever e não era para sermos achados. Nós fomos vendidos a um comprador privado, e ele não tinha nenhuma intenção de me deixar ir.

— Mas pensei que era isso que faziam! Davey disse que soltam qualquer um que tenha dinheiro para pagar.

— Era *De Sevigny*, Sarah.

— Oh, meu Deus! — Ela gemeu. Seu coração congelou, em seguida ficou cheia de pena. Isso explicava tanto!

Seus olhos encontraram com os dela, desesperados e sombrios. — Sim. Ele se lembrou de mim muito bem. — Podia ainda ouvir voz de *De Sevigny*, malévolo, divertido, *toi reveille, mon ange*. Ele supôs que ouviria isso sempre. — Eu era seu escravo, Sarah. Ele me manteve em uma cela, drogado e acorrentado. Ele estava preparado para vender ou resgatar Valmont, mas queria algo mais de mim. Eu… ele… ele veio até mim quando estava adormecido. Ele começou a me tocar. Eu sabia o que queria. Eu fingi querer isso, também. Eu o beijei, Sarah. Para provar isso. Do mesmo modo que beijei você. Cristo! Eu fingi que ele era você. — Ele fechou os olhos, doente pela memória, e perguntou-se se não teria sido melhor ser estuprado. Pelo menos teria sido contra sua vontade.

— Pobre Jacques, não soube o que pensar disso tudo. Ele foi muito bem criado, mas sei que estava confuso. Ele deve estar ainda mais, depois de ver você.

Sarah sentiu uma explosão de ira protetora, lembrando-se do que lhe contara antes do seu primeiro beijo real. Como era algo designado para amantes, extremamente íntimo e pessoal, um presente para alguém. Ele tinha ficado tão

feliz por ter mantido seus beijos para ela, ter algo entre eles que era só seu, imaculado dos horrores do passado. Ela podia imaginar o que lhe devia ter custado. — Eu tive que beijar meu marido, Gabe, e odiei isso, mas ele não afastou qualquer mágica que há nos beijos entre nós. Por algum motivo, fez que ficassem ainda mais preciosos. Se eu soubesse de você então, acredite-me, teria feito meu melhor para fingir que era você que estava beijando.

Ele olhou para ela atentamente, desejando que não tivesse mais nada para dizer, desejando que ela o alcançasse e passasse seus braços ao redor dele e o segurasse perto. Mas sempre existiu honestidade entre eles, e então continuou. — Não é o mesmo, *mignonne*, — quietamente disse. — Eu escolhi, fazer o que fiz. Eu sabia que não pararia. Sabia que não seria suficiente. Ele me mudou para seu apartamento privado, uma recompensa pela minha cooperação. Ele estava começando a confiar em mim e queria tudo. Eu usei tudo que aprendi em Madame Etienne para me certificar disso. Na primeira noite que me levou sozinho para o seu quarto, eu estava pronto. Peguei a faca do seu cinto e o estripei e cortei sua garganta. Olhei em seus olhos à medida que morria, Sarah. Eu quis que soubesse. Eu o beijei, uma última vez, e não senti coisa alguma.

Sarah piscou, surpresa e pega desprevenida.

Ele viu a confusão em seus olhos, o jogo de músculo e pele mexendo em sua garganta, enquanto lutava para achar algo para dizer e finalmente caindo em silêncio. O ruído de cascos e os gritos bêbados dos foliões descendo rua abaixo chegava até eles. Ele olhou fixamente para suas mãos, dobradas com cuidado em seu colo. — Eu fiz tanto em minha vida, que pouco me orgulho, mas eu… nunca deliberadamente prejudiquei ninguém, Sarah. Nem mesmo o alemão. Mas eu quis matar *De Sevigny*. Eu montei uma armadilha. Usei o beijo como isca, e depois o matei. Isto… eu… vendi minha alma. Eu agi como um gigolô para me vingar. Eu me traí e traí você, Sarah, — ele sussurrou, — e faria tudo novamente.

— Não, Gabriel, — ela suavemente disse. — Não houve nenhuma traição. Você não foi atrás dele. Ele veio atrás de você. Ele roubou sua infância, sua vida. Ele degradou e abusou de você, e quando finalmente ficou livre, tentou arrastá-lo de volta.

— Ele me arrastou de volta.

— Não! Ele não fez! Ele tentou e você o matou por isso. — Ela estava ficando brava e suas palavras ficaram mais frenéticas. — Ele o teria destruído! Que outra escolha tinha? Você fez o que precisava fazer para escapar. Não é traição, é autopreservação. Não foi assassinato, foi legítima defesa. Você

pensou que eu o culparia por isso, ou só queria que fosse, de algum modo, diferente? Eu o teria beijado por você, se pudesse. Eu teria matado por você, e feito isso alegremente. Você é só humano, Gabe, não um santo de gesso. E daí que você não lamenta? Eu estou contente de que conseguiu alguma satisfação dele afinal, pelo que fez com você. Mas você tem que encontrar uma maneira de deixar isso acabar agora, pôr isso tudo no passado, ou ele ganha.

— Você realmente pensa que é tão simples, *mignonne*?

— Tem que ser. Que outra escolha existe? Ele levou muito de sua vida já. Não permita que tome mais. Não vale a pena! — Notando o olhar chocado em seu rosto, ela respirou e se acalmou. — Eu sinto muito, Gabriel. Pensar nele… me deixa muito brava. Eu não me importo com o que fez. Tudo o que importa é que sobreviveu, e ele não pode machucá-lo novamente. Eu estou contente, e não me desculparei por isso. Ele teria matado sua alma.

— Ele fez, Sarah. Ou, eu fiz. Eu o deixei.

— Tolice, Gabe! Se isso fosse verdade, não teria vindo aqui hoje à noite.

— Há mais, entretanto, Sarah. Coisas que eu… — Ele estremeceu e passou os braços ao redor dos joelhos, um olhar assombrado nos olhos.

— Diga-me então, Gabriel. Diga o resto.

— Nós nos disfarçamos como mercenários, Jacques e eu. Nós… eu… me tornei um mercenário. Passamos os próximos dezoito meses lutamos por um chefe renegado, antes de achar uma oportunidade para fugir no último verão. Nós matamos por dinheiro, Sarah, por lucro. Eu vi coisas terríveis. Eu fiz coisas terríveis.

— E você apreciou isso, também?

— Não, — ele disse, sua voz destituída de toda emoção, — então, já estava morto. Eu não senti nada.

— Não posso acreditar que matou inocentes, Gabriel. Mulheres ou crianças.

— Não, Deus, não! Nós éramos mercenários, Sarah, não assassinos. Era guerra paga. Mas eles eram homens que não me fizeram nenhum dano.

— Mas o teriam matado se pudessem.

— Eu sou duro de matar, *mignonne*. Davey viu isso.

— E sou profundamente agradecida por isso, Gabe. Por enquanto não posso dizer que aprovo ou entendo, parece com uma boa porção dos machos adultos da Europa lutando e matando um ao outro, pelo comércio, rei, ou país, e sendo pago.

Ele deu uma pequena risada amarga. — Você me absolverá de todos os meus pecados, então? Salve Sarah cheia de graça, mãe, irmã, e amiga mais querida.

— Ele alcançou sua mão para pegá-la, mas ela a tirou do seu alcance.

— Está livre há quase um ano agora, Gabriel. Por que não voltou para mim, ou escreveu quando foi capaz?

— Eu sabia que me acharia… morto, e o homem que era, o homem que amou, estava morto. Eu pensei que o teria lamentado e seguido com sua vida. Nunca imaginei que me esperasse. Eu pensei que estivesse casada. Pensei que era muito tarde, e mesmo que não fosse… não percebi quanto ódio tinha, Sarah, o quão perigoso podia ser; entretanto, Davey me advertiu.

— Depois *De Sevigny*, depois de tudo, me senti sujo. Não sentia que tinha o direito de procurá-la. Eu tinha vergonha, Sarah, e medo da decepção que veria em seus olhos. Eu pensei que não poderia aguentar isso. É como olhou para mim hoje à noite. Eu… foi por todas essas razões. Eu senti que você estaria melhor sem mim. Eu ainda acho, mas depois que a vi hoje à noite, não tive a força necessária para me afastar. Eu não sei mais o que dizer.

— Por que você pensaria que eu voltaria a casar? Eu sou casada! Com você! Quando parou de acreditar em nós, Gabriel? Quando parou de acreditar em mim? Você é o homem que amo. Mesmo com ódio em seu coração e sangue em suas mãos. Como pôde pensar que julgaria você? Como pôde pensar que não o quereria de volta, vivo e seguro comigo?

— Você nunca me julgou severamente, *mignonne*. Você sempre muito gentil, para o seu próprio bem. Eu busquei proteger você. Eu nunca parei de acreditar em você. Eu parei de acreditar em mim. Eu… Eu tinha medo de ter esperanças, Sarah. Eu não podia acreditar que a merecesse. Nós ficamos em Paris, mas eu estava infeliz. Eu pensava em você o dia todo e sonhava com você toda noite. Continuamos nossa sociedade, Valmont e eu, jogando no ***Palais Royale*.** Nós nos saímos muito bem. Você viu a casa. Sou um homem rico agora.

— Eles sussurram sobre vocês. Dizem que são amantes.

Sua risada foi amarga. — Sim, eu sei. Convém a ambos. Ele queria ofender seu pai e eu queria ser deixado só, e quando ele piscar para mim, apatetado, todo mundo olha para ele enquanto olho as cartas. Tem se provado muito lucrativo. Ele se tornou um amigo verdadeiro, Sarah, e esses são raros em minha vida. Você gostaria muito dele. Tenho muitos poucos amigos. Eu espero que ainda nos considerem…eu…

— E quanto a sua amante? Lady Wilmont? Ela o confortou em sua miséria, não foi? Parece que fez muitos novos amigos. Não é de admirar que tenha tido dificuldade achar tempo para os velhos.

Consternado com o súbito poço de lágrimas em seus olhos, estendeu a mão

para oferecer conforto, mas ela se enrijeceu e se afastou para longe. — Ela não é minha amante, Sarah, — disse hesitante. — Ela só parece ser.

— É assim? — Ela respondeu acidamente.

Aliviado, muito mais confortável com sua raiva do que suas lágrimas, tentou explicar. — Sim, Sarah. *É assim*. Barbara é uma rameira nobre. Ela provavelmente foi com todos os homens que estiveram hoje à noite na casa. Não significa nada para mim, nem eu para ela. Sem dúvida, ela está jogando com Valmont à medida que falamos. Eu estava cansado de ser procurado. Estava ficando muito estranho. Mulheres… Homens, eram piores aqui do que em Paris.

— Entendo. Então ficou com pouca escolha.

Ele estremeceu. — Sarah, por favor, deixe-me terminar.

Ela olhou esperançosa.

— Obrigado. Ela me emboscou na biblioteca uma noite. Não me olhe assim! Ela não me deixava em paz, e estava cansado de ser perseguido, então disse que enquanto estava em Algiers que tinha sido convertido, e houve um infeliz acidente durante minha circuncisão.

— Você disse *o que*?

— Que tinha sido mutilado, *mignonne*, — ele suspirou, — que era incapaz de satisfazer suas necessidades. Eu implorei que não dissesse a ninguém. A encantou, como sabia que iria. Ela me queria como um tipo de troféu, e assumiu que me tinha em seu poder. Ela prometeu não dizer a ninguém se fingisse ser seu amante, e concordei. Era um acordo mutuamente satisfatório, que serviu a ambas as partes.

Ele a tinha magoado. Muito mais do que estava disposta a admitir, até para si mesma. Algo bem no fundo dela começou a relaxar. — Ela não é sua amante, então?

— Não, Sarah, — ele suavemente disse. — Ela não é minha amante. Valmont não é meu amante. E não houve ninguém em Paris. Não teve ninguém desde a nossa última noite.

Um sentimento de euforia e esperança selvagem se espalhou nela, a aquecendo como fogo, e se aproximou mais dele na cama. — Você foi cruel com ela na frente de todas aquelas pessoas.

— Ela foi rude com você. Não se irrite, *mignonne*, esse é um pecado do tal não me sinto culpado.

— E agora, Gabriel? O que acontece a seguir? Você não parecia feliz em ver. Você parecia que queria torcer o meu pescoço.

— Meu Deus, mulher! O que esperava? O mundo que construí arrasado no pó

no momento em que colocou a sua bota delicada em Londres. Eles sussurram sobre você, também, meu amor. Eles sussurram que estava aqui, que esperava por alguém. Desde que ouvi isso tenho estado em uma agonizante expectativa.

Ele segurou sua mão novamente, e desta vez deixou que a levasse. Uma sacudida familiar de desejo chiou por seu corpo.

— Eu não podia retornar para você, *mignonne*. Não sabia como. Mas você admitirá, espero, que para um homem que não desejava ser encontrado, fiz um grande espetáculo de mim mesmo. Eu queria que ouvisse falar de mim. Por isto vim da França. Eu não podia parar. Eu esperei, com medo, me perguntando se viria. Eu estava apavorado que viesse, e mortificado se não. Quando vi você hoje à noite quis chorar. Eu estava tão agradecido porque veio, mas odiei você por isso, também, porque me fez ter esperanças novamente, como sempre, como você sempre faz. Teria me matado se… Ah, Cristo, amor! Você estava tão brava, tão desapontada, mas esperou. Eu precisava saber. Eu tive que vir porque sem você não tenho nada para acreditar, nada que esperar, e… oh, Deus, Sarah, quando cheguei aqui e vi que estava vestindo minha camisa… eu pensei em você, doente por sua falta a cada respiração. Tudo que sei amar, ou necessitar começa e termina com você. Eu sinto tanto porque machuquei você e a desapontei. Eu rezo para que possa me perdoar, Sarah. Preciso que me segure. Sem você acho este negócio de viver muito solitário e bastante difícil.

Ela se lançou em seus braços e ele a apertou, soluçando de alívio e necessidade. — Deus, como senti sua falta, Sarah, — ele gemeu, deslizando por sua bochecha de cima abaixo, misturando suas lágrimas. Eu sinto muito… tão arrependido… por favor me perdoe, eu…

— Não, Gabriel, shhh… Pare… Não faça, imploro, — ela o acalmou, tomando seu rosto nas mãos, beijando seus olhos, sentindo suas lágrimas. — Não há nada para perdoar. Não foi sua culpa. Não importa, nada disso. O importante é que está seguro, e bem, e nos meus braços. Não se desculpe, só me abrace e me ame. — Ela o segurou tão apertado que ficou difícil respirar, e ele a segurou mais forte ainda, puxando-a para seu colo e balançando os de um lado ao outro. Eles ficaram assim por um longo tempo, enquanto, murmuravam palavras de amor e alegria, conforto e perdão.

Lentamente, firmemente, a cadência calmante de conforto e alívio, se acelerou em paixão. Deslizando os dedos por seu cabelo, Gabriel curvou a cabeça e lhe deu um beijo. Ele tentou ser gentil, cortês, e cuidadoso, mas seu corpo se enrijeceu com o desejo, subjugando todas as restrições, desesperado para se juntar ao dela, sentir e tocar. Rosnando sua necessidade, ele a empurrou

de costas contra os travesseiros, beijando-a de modo selvagem.

Varrida junto com ele, consumida por um desejo e alegria tão profundos quanto os dele, Sarah beijou seus olhos, seus lábios, sua garganta, retorcendo e se esticando contra ele. Ela puxou freneticamente sua camisa e calções, desesperada por sentir sua pele, seu calor, a batida do coração, sincronizada com a dela. Amaldiçoando suavemente, gemendo, e rindo, eles lutaram com suas roupas enquanto ele murmurou doces carinhos em francês, latim e árabe.

— Perdoe-me, *mignonne*, mas não acho que possa ser gentil. Faz tanto tempo.

Ela não esperava que fosse, ela não precisava que quisesse ser, e era tão bom assim!. Ele a segurou firme, machucando sua pele. Seus beijos eram frenéticos e ásperos, deixando-a dolorida e irritada. Mas quando entrou nela, foi com um cuidado primoroso, e apesar de suas roupas e membros entrelaçados, ela se elevou para o encontrar, e por uma eternidade particular se perderam neles mesmos, apaixonados, em êxtase, um com o outro.

Saciados no momento, profundamente e enormemente contentes consigo mesmos e um com o outro, se deitaram lado a lado, segurando as mãos. — O que disse para mim antes, Gabriel? Era árabe, não era?

— Eu disse que seus olhos eram adoráveis, sensuais, e brilhantes, e suaves como os de uma camela.

— Você não falou isso! — Ela respondeu, rindo, o socando levemente no ombro.

Ele pegou sua mão antes que pudesse bater nele novamente, e segurou-a contra seu coração. — Eu disse que cada parte de mim é sua, *mignonne*, para fazer o que quiser. Eu me coloco livremente, completamente, e com a maior gratidão, sob seu governo. Meu coração, minha alma, meu corpo, minha respiração, e qualquer outra que lhe possa ter uso, — ele terminou com um sorriso.

Ela se enrolou nele, acomodando a cabeça em seu ombro, deslizando os dedos distraída, por seu peito. — Você está brincando comigo. Mas estou certa que posso descobrir por mim mesma.

— Eu não estava brincando, Sarah, — disse, de repente, sério. — Eu quis dizer cada palavra. Pensei que a tinha perdido para sempre. Eu tive que me forçar a continuar, um dia depois do outro. Era um inferno. Escuro, frio, e vazio, se estendendo diante de mim pelo resto da minha vida. Eu mal posso acreditar que esperou por mim, amor, mas estou profundamente agradecido por tê-lo feito. Teria me matado se você casasse novamente, se achasse outra pessoa.

— Eu sei. — Eu senti quase o mesmo. Quando eu vi… Não importa. Você entende agora que nunca poderia ser qualquer outro? Eu queria que houvesse. Machucava tanto que queria esquecer você, mas não podia. Você me arruinou para outros homens. Eu nunca acreditei que você estava morto, sabe. Eu sentia você. Eu sabia que estava vivo. Eu sabia que estava sofrendo, sozinho, e perdido, mas não podia achar você. Quebrou meu coração.

Ele a pegou em seus braços e descansou o queixo no topo de sua cabeça. — Eu suponho que estávamos designados um para o outro, e a ninguém mais.

— Claro que estamos, seu bobo! Você está percebendo isto só agora?

— Perdoe-me, *mignonne*. Eu não sou muito rápido sobre estas coisas como você.

— Bem, agora que já compreendeu isso, veja que não esqueça, — ela disse, aconchegando mais perto.

— Eu prometo que nunca esquecerei novamente, Sarah, — ele disse, sua voz sonolenta e tenra. Quente em seus braços, embalados pelo bater constate dos corações e a respiração suave contra sua bochecha, ele caiu no sono mais doce que teve em anos. Ele dormiu a noite toda até o dia seguinte, ainda abraçado a ela, em paz, de uma maneira que não tinha sido capaz desde que se separaram.

***

Sarah despertou primeiro, fazendo careta quando uma fresta de luz atravessava as bordas das cortinas, machucando seus olhos e a acordando rudemente do seu sono. Desesperada, ela se escondeu debaixo das cobertas, tentando recapturar aquele sonho adorável que acalmou as extremidades rotas do seu pesar. Tinha sido tão real, e por isso doía deixá-lo para trás e enfrentar outro dia sozinha. O colchão se deslocou ao lado dela e ficou completamente acordada.

Ele estava deitado ao seu lado, esticado em toda a sua glória, um braço lançado acima da cabeça, o outro segurando sua cintura. Ele parecia jovem e vulnerável. Seu cabelo estava amarrotado, um sorriso doce em seus lábios, e sua mandíbula áspera tinha a sombra matutina da barba. Ela corou, mas o observou. Ele tinha os ombros largos, peito musculoso, e um abdômen ondulado de um espadachim. Lambendo os lábios, o tocou para ter certeza de que era real, querendo ver o resto. Levantando o lençol, suavemente o puxou, ofegando de surpresa quando ele despertou, e com um movimento fluído, jogou-a de costas.

— Que moça malcriada você é, *mignonne*!

— Eu estava tentando averiguar se era real. Eu temi que pudesse estar

sonhando.

— Se você está, meu amor, então também estou. É um sonho adorável e estamos presos nele, juntos. — Ele a tocou no seio, sentindo o mamilo endurecer na palma da mão, mantendo o movimento leve e gentil, embora estivesse excitado por dentro. — Você é real para mim, — ele murmurou, capturando seus lábios em seguida.

— *Como se fosse inverno, sua ausência tem sido, e congelado me senti; que dias escuros tenho visto, mas, pelo verão os prazeres servem à sua espera.*

Eles fizeram amor novamente, sem pressa, com ternura. Ele empregou toda a arte e graça a seu comando, dedicando-se ao seu deleite, tecendo um feitiço de palavras tenras e uma sensação delicada. Indiferente ao mundo lá fora, aos empregados, ou a passagem do tempo, eles satisfizeram sua fome, alimentando um ao outro com carícias apaixonadas, poesia, e palavras de amor. Depois, seguros nos braços um do outro, compartilharam os momentos que tinham perdido da vida de cada um.

Sarah falou sobre Jamie, quanto cresceu, e o quão íntimo se tornaram. Ela disse a ele sobre Davey e Ross, e Killigrew. Ele falou sobre Chevalier, o que lhe devia, e o quanto ele o amava e o estimava como amigo. Ele descreveu Algiers e o Marrocos para ela, e todas as coisas que viu na África, o fantástico, e o horroroso. Ele descreveu as batalhas, os corpos mortos, e seu próprio estranho distanciamento. Ela não encontrou quaisquer palavras para o ajudar com isso, mas o escutou, seus braços apertados ao redor dele enquanto revivia tudo, e ele não estava mais sozinho. Isso foi três dias antes deles finalmente saírem de seu quarto.

***

— Eu não tenho nenhuma roupa, Sarah.

— Mas é como eu gosto de você, Gabriel. Eu decidi mantê-lo deste modo.

Ele riu e fez cócegas nela, deitado em suas costas e capturando um tornozelo, contentando-se em acariciar sua panturrilha, e brincando com seus dedos do pé enquanto conversavam. — Eu devia voltar, entretanto, recolher alguns pertences e deixar Valmont saber que estou ainda vivo.

— Eu tenho medo de deixar você sair de minha vista. Tenho medo de perder você novamente.

— Não tenha medo, *mignonne*, somos como Castor e Pollux, "*Unidos pelo afeto mais caloroso, e inseparáveis em todos os nossos empreendimentos*." "*Onde caminhares, eu irei, e onde ficares, farei meu pouso"*. Onde quer

viver, Sarah? Aqui em Londres? Nós podemos ficar onde quiser. Eu tenho mais dinheiro do que poderia gastar. Nós somos ricos.

— Nós somos mais ricos do que pensa. Seu navio, o que deixou em Gibraltar, está esperando fundeado no porto de Falmouth. Davey o trouxe, e Ross tem suas ações depositadas no banco, no caso de você ser encontrado algum dia.

— Deus abençoe a ambos! Você o viu, Sarah? — Ele perguntou excitado. — Não é uma coisinha rápida e alegre?

— Ele verdadeiramente é. É lindo, Gabe. Eu prefiro esperar para velejarmos juntos. Na última carta, você me prometeu viagens e aventuras.

— Lhe agradaria, *mignonne*?

— Me agradaria muito, realmente. Eu adoraria viajar pelo mundo com você. Nós podíamos ir para as Sandwich Islands e o Japão, e visitar as Américas, e sempre sonhei em ir para a China.

Rindo, ele beijou os dedos dela, e relutantemente a deixou ir. — Se vamos fazer tudo isso, *mignonne*, realmente preciso estar vestido.

***

Não estando prontos para explicar-se, deixar seu próprio mundo privado, ou conversar com alguém além deles mesmos, saíram tarde da noite, sussurrando, rindo, e agindo como um par de colegiais malcriados. Sarah, vestida de calções e botas, olhava cada centímetro dele. Quaisquer medos, dúvidas, dores, ou mágoas que poderiam ter permanecido entre eles, tinha sido lavado em uma torrente de amor e doce comunhão, e agora eram inseparáveis.

Embora fosse tarde, havia ainda um tráfego dentro e fora da casa na Rua Chesterfield. Entraram como ladrões pelo jardim, e pararam sob uma sacada adjacente aos aposentos privados de Gabriel. — Aqui estamos, minha menina. Para cima você vai. — Apoiando as mãos entrelaçadas, Gabriel impulsionou Sarah facilmente até a grade. Ela subiu, rindo e arquejando.

— Seja cuidadoso, Gabe, — sussurrou, passando para ele. — Você é muito mais pesado do que eu.

— Eu sou um marinheiro, meu amor, — disse, acenando com sua mão desdenhosamente. Saltando para cima, pegou a grade com uma mão, e se puxou facilmente para a sacada ao lado dela. Cheios de excitação das travessuras clandestinas na escuridão da noite, esqueceram seu propósito, e caíram felizmente em sua cama, beijando, apertando, e lutando com suas roupas.

— Você rasgou minha camisa, — ela reclamou, mais tarde.

— Você pode usar uma das minhas, *mignonne*. Você as usa melhor do que eu.

— Ele achou uma camisa em um dos baús, apreciando quando ela a vestiu.

— Deveríamos ver seu amigo agora?

— Não, ele está com seus convidados, e uma mulher depois disso. Amanhã estará bem o suficiente.

— Mmm. Você sabe que este quarto não parece com você, com exceção daquilo, — ela disse, apontando para os vários instrumentos que preenchiam a maior parte da parede.

— Eu não suponho que realmente pensei nele como meu quarto. É só um lugar para dormir, se puder. Aqueles? Eu não sei que… eu pensei que poderia… — Ele encolheu os ombros e fez um gesto impotente.

— Você ainda toca?

— Não, Sarah. Já faz algum tempo agora.

Distraidamente acariciando sua nova camisa, ela andou relaxada ao longo da parede para um olhar mais atento.

***

Chevalier recebia seus convidados, certificando-se que o vinho e a conversa fluíssem suavemente, mas sua mente estava em outro lugar. Tinham passado quatro dias desde que St. Croix saiu da biblioteca. A reação de Gabriel para Lady Munroe o tinha surpreendido. Ele estava bem ciente que o homem não era o insensível libertino que a maioria das pessoas pensava ser, mas sempre o achara fio, beirando o gelo. Ele nunca o vira verdadeiramente chateado, antes. Ele se perguntou se teria partido para a França, se poderia ter feito algum dano a si mesmo, ou o que Lady Munroe poderia saber que o chateou tanto. Cansado, preocupado, e cada vez mais perplexo, afastou as mãos ávidas de Barbara, andou ao redor de uma bonita meretriz de cabelos negros, e partiu para a cama, sozinho. Ele visitaria a viúva Munroe e faria algumas perguntas pela manhã.

De repente parou, voltando-se para olhar o corredor. Havia luz por baixo da porta dos aposentos de Gabriel, e podia ouvir os sons inconfundíveis de comemoração lá dentro. Maldita impertinência! Estes eram aposentos privados e ninguém tinha permissão para entrar sem convite expresso. *Nom de Dieu*, não estavam operando um bordel! Ficou parado fora da porta, ouvindo. Notas dissonantes de piano e violino, risos baixos, o murmúrio de vozes suaves, saíam do quarto para o corredor. Ele estava prestes a entrar quando notas se transformaram em acordes e os acordes se transformaram em música. O piano e o violino persuadiam e acariciavam um ao outro, empenhando e fundindo em uma linda melodia que falava de saudade, emoção, e alegria. Sua raiva evaporou. Ele não conseguia se recordar da última vez que esteve tão

comovido. Curioso, encantado, abriu a porta.

Eles estavam alheios a tudo menos um ao outro. *St. Croix*, descalço e nu curvado sobre o teclado, os dedos tecendo um feitiço primoroso, os olhos quentes e atentos em sua dama. Ela sentada de pernas cruzadas em cima do piano vestindo nada além de uma camisa. Atordoado, Valmont os olhou, completamente cativado. Gabriel era um virtuoso! Sua senhora estava encantadora! Ele esperou até as últimas notas rolar, diminuir a velocidade, e parar, então exclamou para o silêncio, — Oh, lindo, *mes enfants*! Lindo, realmente!

Sarah, surpresa, gritou e deslizou do piano, enquanto Gabriel se levantava, empurrando-a para atrás dele. — Maldição você, Jacques! Não tem modos? Ninguém o ensinou a bater antes de entrar?

— *Je suis désolé, mon vieux*. Seu perdão, *Madame la Comtesse*, — Chevalier disse com uma profunda reverência. — Fiquei tão encantado, transportado, que de fato, esqueci de mim mesmo. Gabriel, querido amigo, você não me apresenta para sua adorável senhora? — Ele perguntou com o sorriso que desarmava a todos.

— Sarah, lhe apresento Jacques Louis David, Chevalier de Valmont.

— É um grande prazer, Chevalier! Gabriel fala muito bem de você, — Sarah disse, sorrindo calorosamente por detrás do ombro de Gabriel.

— Realmente, minha querida? — Chevalier perguntou, encantado. — Eu sempre assumi que o incomodava terrivelmente.

— Você faz! — Gabriel estalou.

— Ele me disse que você é seu amigo mais querido. Eu sou muito grata por seu cuidado com ele.

— Parece-me que poderia dizer o mesmo de você, *mademoiselle* — Ela deve ser chamada *madame*, Valmont! — Gabriel rosnou. Maldito Jacques! Ele estava cobiçando as pernas nuas de Sarah! Estava na hora de colocá-lo no lugar. — Chevalier, permita-me apresentar minha esposa, Sarah St. Croix, *Madame St.Croix* para você. Sarah? Talvez queira se retirar para o quarto de vestir e achar algo um pouco mais quente para vestir.

— Sim, Gabe, — Sarah disse humildemente, beijando seu ombro, ligeiramente envergonhada por apreciar seus ciúmes. Ela deslizou depressa para o quarto adjacente.

— Sua esposa! Eu estou abalado, *mon ami*! Chocado! Eu nunca imaginei!

— Eu sei que não, Jacques, — Gabriel disse com um sorriso mau, relaxando agora que as pernas de Sarah já não estavam mais em exibição. Os dois viraram

quando ela reentrou no quarto um pouco mais tarde, perdida em um dos roupões de Gabriel.

— Madame St. Croix, — Chevalier disse, batendo os calcanhares e fazendo uma reverência formal. — É um grande prazer conhecê-la! Gabriel, *mon ami*, quando você recusou todas as mulheres que se lançaram em você, aqui e em Paris, senti-me certo de… bem, não importa. Claramente, você teve uma *grande paixão*. E pensar que ela é sua esposa! Que incomum! Eu estou muito feliz por vocês dois! Ora, *mes enfants*. Vamos celebrar e compartilhar um pouco de vinho e você me contará sobre o seu *grand amour*.

***

Gabriel e Sarah passaram mais um mês em Londres terminando seus negócios, dividindo-se entre a casa da cidade e a da Rua Chesterfield. Gabriel cedeu sua parte da propriedade para Valmont, recusando qualquer compensação por parte de Chevalier além de vir para ajudar sempre que um deles precisasse, o que ambos sabiam que qualquer um ficaria feliz de fazer, em todo caso.

Dentro de dias, era de conhecimento comum que eram amantes, e que tinha ocorrido uma transformação surpreendente em *St. Croix*. Foi-se o disfarce brilhante. O homem que emergiu era viril, poderoso, e intensamente vivo. Ele adorava sua dama de um modo que era antiquado, completamente inesperado, e invejado por as todas senhoras da Ton. Suas características duramente planejadas tornaram-se gentis e calorosas, sua boca cruel suavizou e ele sorria, e seus olhos brilhavam com uma chama própria sempre que olhava para ela. Eram inseparáveis. Onde quer que um estava o outro também, sempre comovedor, de mãos dadas, apoiados um no outro para falar, e caminhando de braços dados ou com o braço em volta da cintura um do outro. Era infame, mas não se importavam. Eles eram procurados em todos os lugares, recebendo muitos convites, e não aceitando nenhum. Eles se divertiram com Valmont, a quem Sarah rapidamente veio a conhecer e amar, quase tanto quanto Gabriel, e quando seus negócios estavam terminados, foram para casa.

Eles se casaram em junho, na frente da família de Sarah. Havia flores e música, e Sarah vestiu um vestido bonito. Só Davey e Chevalier sabiam que não era a primeira vez. As coisas estavam um pouco estranhas. A família de Sarah se alegrou com sua felicidade óbvia e pelo retorno seguro de Gabriel, mas estavam cautelosos também, incapazes de entender por que se ausentou por tanto tempo. Ele não tentou explicar algo tão particular. Era suficiente que Sarah soubesse e tivesse compreendido. Ele esperava que as coisas melhorassem e se

suavizassem com tempo, mas isso não o preocupava.

Depois da cerimônia, caminharam até as docas, acompanhados por uma multidão alegre de felicitadores. O navio de Gabriel, *La Mignonne*, esticado e puxado em suas cordas, nítido e limpo, recentemente equipado e pintado, bandeiras agitando e estalando na brisa, estava decorado da haste à popa com fitas brilhantes e guirlandas de flores. Eles deram adeus aos amigos e família com abraços e lágrimas. Gabriel surpreendeu Valmont puxando-o para um abraço feroz.

— Não achei que poderei viver sem ela, Jacques. Foi você que me manteve vivo para que eu pudesse achar um meio de retornar para ela novamente. Eu o amo, *mon frère*. Fique seguro.

Chevalier o abraçou de volta. — Eu me lembro que você salvou a minha pele uma ou duas vezes. Eu amo você, também. Você e sua Sarah são a única família que tenho agora. Você é um bastardo sortudo, Gabriel. Eu invejo o que achou.

— Talvez um dia possamos achar o mesmo para você, *mon ami*. Nós veremos você em seis meses.

Voltando-se para Sarah, sorriu, toda a alegria e a esperança que ela lhe deu brilhando em seus olhos, quando estendeu sua mão. — *Vamos meu amor, saia, vamos embora, o inverno é passado, a chuva acabou e estamos ido*.

Epílogo

Sarah se sentou na cabine do capitão, verificando os gráficos. Choveu por quase três dias, e ainda podia ouvir um chuvisco batendo gentil contra a claraboia. Era um camarote quente e confortável, guarnecido com poltronas sólidas, um canapé, e um piano. Um grande e confortável beliche foi embutido na parede. Gabriel lhe tinha dado lições de navegação, ensinando como descobrir a posição do navio, se orientar pelo sol durante o dia, e usar as estrelas à noite.

Empurrando os documentos de lado, ela cruzou para onde ele estava sentado, esticado em uma poltrona, escrevendo em seu diário de bordo. Ela empurrou suas pernas longas afastadas, ajoelhando entre elas, e o abraçando pela cintura, deitando sua cabeça em seu colo e fazendo um carinho nele.

— *Mignonne*, você é uma moça malcriada, — disse, deixando seu trabalho de lado e a puxando para seu colo, beijando-a profundamente.

— O que vai fazer comigo então, senhor meu marido? — sussurrou em sua orelha, mordendo seu lóbulo tenro.

— Eu mostrarei a você, criança má! — Rosnando, a pegou em seus braços e a soltou sem cerimônia no beliche, mergulhando atrás dela.

Muito mais tarde, sonolenta e satisfeita, percebeu que não podia ouvir a chuva mais. — Gabe?

— Mmm?

— Acho que a chuva parou.

— Vamos sair e ver?

Não existia nada que Sarah gostasse mais do que caminhar pelo convés debaixo da lua e estrelas, com os braços de Gabriel ao redor dela. Eles despejaram vinho em copos, e então, descalços e embrulhados em cobertores, saíram para o convés. Eles olharam para cima com reverência. O céu tinha desaparecido, e as estrelas reluziram acima deles, diamantes brilhantes e incrivelmente adoráveis. O ar estava fresco esfriava seus rostos, e brilhantes fios de névoa escorregavam e ondulavam contra a superfície plana do mar.

— Oh, Gabe. É lindo! — Ela sussurrou, inclinando-se de volta para seus braços.

— Sarah, olhe! Ali! — Ela seguiu seu olhar e ofegou de admiração quando uma plumagem laranja de fogo estalou através do céu. Foi seguida por outra, e

então outra. Eles podiam ouvir sussurros excitados e exclamações pasmas dos homens em outras partes do navio parados para assistir ao show. Encantados e ávidos, como pequenas crianças, sentaram-se no convés. Embrulhados juntos em cobertores contra o frio, assistiram em encanto pasmo enquanto trilhas de luz brilhavam sobre suas cabeças, e o céu dançava diante deles.

— Você se lembra, Gabriel?

— Oh, sim, *mignonne*! Nunca esquecerei. Nós estávamos em sua sacada, velejando juntos sob as estrelas. Você compartilhou seu mundo comigo. Foi a primeira vez que segurei sua mão, a primeira vez que a segurei em meus braços, a primeira vez que ousei sonhar. Foi a noite em que minha vida começou.

Só, perdido dentro de um mundo de pesadelo, tudo o que Gabriel já quis era companhia e um lugar para pertencer, mas Sarah deu-lhe muito mais. Ela o ensinou a confiar na amizade e amor, e acreditando nele, o ensinou a acreditar em si mesmo. Ele enfrentou seus demônios, e com sua ajuda, sobreviveu a eles. Ele sempre teria as cicatrizes, mas os ferimentos se curavam e a aventura estava só começando. Eles velejaram juntos, debaixo das estrelas, companheiros de viagem na vida e no amor. Ele era um homem com uma capacidade enorme para amar, e Sarah sabia disso. Esquecendo as estrelas, o navio, e seus homens, a adorou com todo o seu coração. Existia só Sarah, e ele a beijou com todo o ardor de sua alma.

Posfácio

Eu sempre fui atraída por pessoas independentes que se rebelam contra os estereótipos e que desafiam as convenções e normas de seus tempos. Existe uma certa propensão de pensar que tais comportamentos, particularmente no meio das mulheres, são exclusivos da nossa era moderna, mas qualquer um que leu os trabalhos da historiadora Antônia Fraser encontrará relatos de mulheres que lideraram tropas, foram à guerra, dirigiram seus próprios negócios, escreveram livros e peças, vestidas e vivendo como homens, divórcios assegurados, abandonando maridos, e não morreram de vergonha. Embora alguns dos comportamentos de Sarah não sejam convencionais para a época, eles não são de modo algum únicos. Um século antes, Hortense Mancini, Duquesa de Mazarin, tinha o hábito de usar roupas masculinas, e foi amante de um apaixonado Rei Charles II. Trinta anos depois desta história acontecer, a romancista George Sand, uma baronesa francesa que contou entre seus amantes Chopin e Jules Sandeau, viveu sua vida em roupas masculinas e andava por Paris fumando um cachimbo. Dekker e Van de Pol, em seu estudo **A Tradição Transvestisma na Nova Europa Moderna** dá vários exemplos de mulheres que viveram suas vidas disfarçadas como homens. Eles contam que existiam várias circunstâncias em que era considerado aceitável para a mulher se "travestir" dando como exemplos, viagem ou fuga de circunstância perigosa, jogo sexual, e se divertir.

Mulheres também viajaram, frequentemente sozinhas e às vezes juntas, e algumas fizeram o nome como escritoras de viagem. De Brian Dolan, **Senhoras do GrandTour,** dá um relato fascinante dessas senhoras (que incluíam literatas, divorciadas, grandes senhoras, e cortesãs) e suas aventuras nas margens da sociedade e da Europa. Entre elas estava Mary Wollstonecraft, escritora, filósofa, e feminista, que em 1792 escreveu o que é considerado um dos primeiros tratados feministas **Uma Vindicação dos Direitos das Mulheres**.

Ao contrário da crença popular, mulheres também foram para o mar com seus homens. Os navios com mulheres que viviam, em oposição de viajar, neles, eram chamados de fêmeas das Fragatas. O **Seafaring womem** de Cordingly está cheio de histórias do *'número assombroso de mulheres que foram para o mar, algumas como esposas ou amantes de capitães, e algumas delas vestidas*

de homens. — Talvez mais interessantes de tudo, de acordo com a **Vida no Mar na Época de Nelson**, por Steven Pope, são as mulheres que viajaram a bordo de navios de guerra, e estavam presentes em números em todas as batalhas importantes da época, normalmente como assistentes do cirurgião. A maioria era esposas de oficiais, mas as regras que regem os soldados permitiam que cada companhia de fuzileiros viajasse com cinco mulheres. É possível argumentar que as viagens de Sarah com seu primo Davey, e depois com Gabriel, não era terrivelmente incomum para a época.

Essas mulheres não eram estereotipadas e não se ajustavam a norma, mas eram de carne e osso, pessoas reais. Como Sarah, muitas delas, particularmente nas classes altas, pagavam um preço, enfrentando ostracismo e desaprovação social, mas também viveram aventuras e não ficaram para sempre fechadas, como suas irmãs mais tímidas.

Sarah teria de ser não convencional e longe de tímida para se envolver com alguém como Gabriel. Este livro é em grande parte sua história. Bordéis como o de Madame Etienne, frequentados por homens, e até algumas mulheres de qualidade, não eram incomuns na Europa, e meninos e meninas, às vezes tirados das ruas e vendidos para prostituição, uma prática, infelizmente, que persiste até hoje. Embora pudesse chocar alguns leitores, tentei lidar honestamente com os efeitos depois de uma infância abusiva, como também com o trauma de campo de batalha. **A Idade da Ilusão**, por James Laver dá um corajoso, divertido, e às vezes, chocante relato dos maneirismos e moralidade do período, inclusive os aspectos mais escuros.

Com respeito ao idioma, Gabriel nem sempre é apropriado ou cortês, assim como o seu passado, e ele passa grande parte de vida na companhia de mercenários e soldados. Várias palavras que assumimos ser comuns apenas a partir do século XX, na verdade têm uso largo já a bastante tempo. Os escritos do poeta da corte do século XVII, o Conde de Rochester deixaria alguns rappers modernos envegornhados, como a ode que Horace Walpole escreveu para o Conde de Lincoln em 1743. Você pode achá-los no ***The British Abroad*****,** de Jeremy Black.

Bohemia, que agora constitui o núcleo da Tchecoslováquia, foi o lar para populações nômades (ciganos) e também fornecia refúgio para Huguenotes fugindo da França. Kali Sara, também conhecida como a Madonna Negra, é segundo alguns relatos, a Santa Protetora do povo cigano, e foi dito que seria uma empregada egípcia que acompanhou o três Marys quando escaparam da Palestina fugindo para a França, depois da crucificação de Cristo. Diziam que

ela implorou esmola para as Marys e espalhou seu capote acima da água para salvá-las quando seu barco estava afundando. Para outros ela é uma Deusa de Romany, um dos rostos de Kali, cuja adoração antecedeu o Cristianismo e mais tarde foi incorporado pela igreja Cristã. A origem de sua estátua na França está perdida na antiguidade, e a explicação posterior parece mais provável.

Vingt-et-un foi um precursor para o backjack, jogo de cartas, um dos poucos jogos onde os estatísticos e contadores de cartas atentos podem ter uma vantagem acima das chances. Embora existam muitos relatos de contadores de cartas fazendo uma fortuna, é proibido nos cassinos de hoje, eu consegui achar nenhum no final do século XVIII ou inicio do século XIX. Talvez Gabriel fosse o primeiro a reconhecer e lucrar com este método.

Várias famílias de Cornwall proeminentes fizeram fortuna com o contrabando (ou comércio livre, como era chamado), pirataria, e pilhagens, inclusive a família Killigrew que se estabeleceu em Falmouth. Houve um aumento nas pilhagens durante as guerras napoleônicas. Embora a maior parte dos personagens nessa história seja fictícia, o Tenente Gabriel Brey vasculhou a costa de Cornwall na época, contra o contrabandista The Hind, fazendo incursões por terra e mar e em uma instância, pegando seu homem depois de uma perseguição que durou vinte e oito horas. Existia uma pressão para reduzir o comércio livre depois do assassinato de um agente alfandegário na *Lottery* em 1798.

O tumulto e alianças inconstantes na Europa na época, resultaram em um aumento de Europeus sendo levados como cativos, sendo mantidos na escravidão e depois resgatados no Mediterrâneo. A prática estava no seu apogeu nos séculos XVII e XVIII, mas ainda floresceram no XIX; com efeito, as palavras do hino do Corpo Marinho dos Estados Unidos — para as costas de Tripoli — se referem a uma campanha instigada por Thomas Jefferson suprimindo os piratas Barbary e libertando os escravos americanos em 1804. Existiam por volta de 120 escravos europeus no *bagnio* em Algiers, quando os franceses assumiram o comando em 1830. O sultão Mulai Slimane do Marrocos governou de 1792 até 1822 e teve que lutar contra várias rebeliões nos primeiros anos. O escocês *renegado* Peter Lisle, conhecido como Murad Reis, também era ativo nessa época, e eventualmente se tornou almirante da marinha de Tripoli, se casando com uma filha de Yusuf, *the bashaw*. As galeras tinham sido largamente substituídas, em grande parte para o uso na guerra na Europa pelo idos de 1700, mas foram usadas nos mediterrâneos como uma capacidade auxiliar até o advento de propulsão a vapor. A cota de malha era usada nos

estados de Barbary até o século XIX.

As citações e trechos de poesia são emprestadas de Thomas Bullfinch, William Shakespeare, e da Bíblia. Para aqueles que estão interessados, eu incluí um glossário e uma tradução das frases estrangeiras usadas nesta história.

GLOSSÁRIO DE TERMOS ESTRANGEIROS

Palavras e frases francesas (em ordem de aparecimento)

- *Maison de Joie*: Casa da alegria.
- *Não? C 'est bien*: Não? Isto é bom.
- *Au contraire, monsieur*: Pelo contrário, senhor.
- *Les Anglais sontid*: Os ingleses estão aqui.
- *On-dit*: A fofoca, o que todo mundo está discutindo.
- *S 'il vous plait*: Se você por favor.
- *Mon vieux*: Frase francesa mais velha, meu amigo velho, homem velho, menino velho.
- *Mignonne*: Pequeno e bonito, delicado, atraente, um termo de estima.
- *Et bien*: E então, é bom, certo, ok (depende do contexto usado).
- *Au revoir*: Até da próxima vez, até nos encontrarmos novamente, adeus.
- *Ma belle*: Minha beleza, minha bonita.
- *Reveille toi, mon ange*: Acorde meu anjo.
- *Bon Dieu*: Bom Deus!
- *Ma cheri*:
- *Mon cheri*: Meu bem.
- *Mon ange, ma belle amie, mon amour*: Meu anjo, meu amigo bonito, meu amor.
- *Merde*: Cague.
- *Je t'aime,je t'adore, ma vie, mon ame, mon cceur*: Eu amo você, eu Adore você, minha vida, minha alma, meu coração.
- *Salut, mon vieux*: Oi, amigo velho.
- *Enchantee, mademoiselle*: Encantado, senhorita.
- *Mon amour, cheri amie*: Meu amor, amigo querido.
- *A la victime*: No estilo de uma vítima (se refere a aqueles que eram guilhotinados durante a revolução)
- *Entree into the beau monde*: Entrada em sociedade elegante.

- *Vingt-et-un*: Vinte e um (jogo de cartas semelhante a e antedatando vinte-e-um).
- *Mon ami*: Meu amigo (masculino). *Mon amie*: (Feminino).
- *Ancien Regime*: A ordem velha da França pré-revolucionário.
- *Bienvenue, mon frere*: Bem-vindo, meu irmão.
- *Chevalier*: Literalmente um *Chevalier* ou *Chevalier*. Um grau dentro da nobreza francesa inclusive membros de Famílias de nobreza antiga, até quando sem título.
- *Ma fois*: Uma exclamação de grande surpresa. Minha fé!
- *Oui, c 'est moi*: Sim, sou eu.
- *J 'y suis, j 'y reste*: A declaração francesa 'aqui eu sou, aqui eu fico.
- *Et bien, mon frere*: Certo, meu irmão.
- *Mais c'est charmant!:* Mas que encantador!
- *A votre sante*: Para sua saúde (um brinde).
- *Chacun a son gout*: Cada de acordo com seu gosto.
- *De rien, madame*: Não É nada, madame.
- *Touche*: Tocou, um termo de esgrima, reconhecendo um ponto era marcado.
- *C 'est la vie*: É a vida.
- *Conge*: Parta, permissão partir, chame às vezes usado em francês e inglês quando um amante foi descartado e disse que eles não são queridos mais.
- *IL faut d 'argent*: O dinheiro é exigido, deve se ter dinheiro, o dinheiro fala.
- *Une vie manquee*: Uma vida esbanjada.
- *A la bourgeois*: No estilo das classes médias, convencional *etc.*
- *Je ne sais quoi*: Um indescritível algo, eu não sei o que.
- *Laissez faire*: Ida fácil, não interferindo.
- *Sang-froid*: Sangue frio, de sangue frio.
- *Affair d'amour*: Caso amoroso.
- *C 'est un embarras de richesses*: Expressão francesa — é um embarassment de riqueza.
- *Croix de Dieu*: Cruz de Deus! Expressão francesa sacrílega.
- *Affair d 'honneur*: Um assunto de honra.
- *Noblesse oblige*: A expressão significando aquelas em posições altas são obrigadas responsavelmente para agir.

- *Sou*: Um centavo.
- Arriviste: Escalador social, uma pessoa com dinheiro mas nenhum gentility antigo.
- *Demimondaine*: A mulher que vive das franjas de sociedade, umas mulheres de reputação questionável.
- *Bon soir*: Boa noite.
- *Pardonnez moi*: Com licença, perdoe-me.
- *No, merci*: Não obrigado.
- *Je suis de trop*: O significado de expressão francesa eu sou um de sobra, supérfluo, não precisou, às vezes não desejado.
- *Sans pareille*: Sem igual, sem partida, sem paralela.
- *Nom de Dieu*: Em nome do Deus, Nome de Deus.
- *Mes enfants*: Minhas crianças.
- *Je suis desole*: Eu sinto muito, desolado, coração quebrado.
- *Bouleverse*: Subjugou, cambaleante, profundamente moveu, derrubou, *etc*.
- *Grande passion*: Paixão opressiva, todos consumindo caso amoroso. Caso de Grande: Grande amor, (uma pessoa) amor de se é vitalício.

Palavras e frases latinas

- *Veni, vedi, vici*: Eu vim, eu vi, eu conquistei (atribuído para Caesar)

Espanhol

- *Querida*: Minha querida, meu amor.